



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

Vocabulários bilíngues (português - espanhol) das festas de Moros y Cristianos e Cavalhadas: aplicação de princípios da Metalexiconografia e da Tradução Funcionalista

Florianópolis

2022

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

**Vocabulários bilíngues (português - espanhol) das festas de Moros y
Cristianos e Cavalhadas: aplicação de princípios da Metalexicografia e da
Tradução Funcionalista**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de doutora em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Maria Cândida Figueiredo Moura da
Vocabulários bilíngues (português - espanhol) das festas
de Moros y Cristianos e Cavalhadas : aplicação de princípios
da Metalexigrafia e da Tradução Funcionalista / Maria
Cândida Figueiredo Moura da Silva ; orientador, Adja
Balbino de Amorim Barbieri Durão, 2022.
253 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,
2022.

Inclui referências.

1. . 2. Metalexigrafia. 3. Tradução Funcionalista. 4.
Moros y Cristianos. 5. Cavalhadas. I. Durão, Adja Balbino
de Amorim Barbieri. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em . III. Título.

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva

Vocabulários bilíngues (português - espanhol) das festas de Moros y Cristianos e Cavalhadas: aplicação de princípios da Metalexigrafia e da Tradução Funcionalista

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Cláudia Cristina Ferreira

Instituição: Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Prof.^a Dr.^a Camila Teixeira Saldanha

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Orientador(a)

Florianópolis, 2022

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que se empenham em manter viva a cultura popular.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e as forças do universo que me permitiram atravessar esta jornada que foi, por tantas vezes, dura de dar continuidade.

A minha mãe, por ser meu alicerce, minha base e minha inspiração. Apesar de trabalhar com as palavras, eu não tenho léxico suficiente para te dizer o quanto a senhora é importante em minha vida. Por esse motivo, apenas digo: amigas para sempre.

Ao Helton que é o melhor parceiro que alguém pode desejar. Por ter me apoiado desde o começo desta ideia e não ter me deixado cair. Seu companheirismo se fez fundamental ao longo desses quatro anos.

A senhora, Prof^ª. Adja, por sua sabedoria e sua humanidade. Sua orientação ao longo desse período foi fundamental para meu desenvolvimento como pesquisadora. Sua generosidade é capaz de aceitar, orientar e inspirar aqueles que se abrem para seus ensinamentos. Que Deus continue te abençoando imensamente.

Aos professores que fizeram parte da minha vida e me ensinaram que compartilhar o conhecimento é fundamental para a construção de um mundo mais igualitário.

Agradeço também as minhas amigadas que foram cruciais para o enfrentamento dos momentos de dificuldade e para o divertimento quando se fez necessário.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

No se olvide que la fiesta nace del pueblo, lo
hace el pueblo y va a ese mismo pueblo.
(ESPÍ VALDÉS, 1995)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo tecer reflexões acerca da tradução de palavras culturalmente marcadas, observando-as no contexto do folclore. Para tal, servem como base deste estudo duas festividades folclóricas: a festa de *Moros y Cristianos*, que ocorre anualmente em diversas localidades na Espanha, e as Cavalhadas, que são tradicionalmente celebradas no interior de Goiás. Observando-as a partir de seu contexto histórico e analisando as definições de folclore encontradas em estudos acadêmicos, propomos a criação de dois vocabulários bilíngues português – espanhol, o Vocabulário Bilíngue das Festas de Moros y Cristianos (VBMyC) e o Vocabulário Bilíngue das Cavalhadas (VBCav). Cada um destes vocabulários apresenta macro e microestruturas voltadas para o contexto específico das festas e algumas das entradas destes vocabulários contam com notas explicativas que trazem informações complementares. O projeto lexicográfico teve seu embasamento nos conceitos de (Meta)Lexicografia apresentados em Casares (1969), Dubois e Dubois (1971), Zgusta (1971), Haensch et al. (1982), Landau (1989), Martínez de Sousa (1995) e Bugueño Miranda (2007). O conteúdo dos verbetes foi construído com base em obras de referência e páginas da internet que abrangem a temática. Por fim, o projeto de tradução dos verbetes seguiu os pressupostos da Tradução Funcionalista segundo Reiss e Vermeer (1996; 2014), Nord (1997) e Durão (2017), além das teorias acerca da tradução de textos turísticos, a partir das produções de Molina Martínez (2006) e Durán Muñoz (2012).

Palavras-chave: Metalexiconografia. Tradução Funcionalista. Moros y Cristianos. Cavalhadas.

ABSTRACT

The present work aims to reflect on the translation of culturally marked words, observing them in the context of folklore. To this end, two folk festivities are served as a basis of this study: the festival of Moors and Christians, which annually takes place in several locations in Spain, and the *Cavalhadas*, which are traditionally celebrated in the countryside of Goiás. Observing them from their historical context and analyzing the definitions of folklore found in academic studies, we propose the creation of two bilingual vocabularies (Portuguese – Spanish), the Bilingual Vocabulary of the Festivals of Moors and Christians (VBMyc) and the Bilingual Vocabulary of the Cavalhadas (VBCav). Each of these vocabularies presents macro and microstructures focused on the specific context of the festivities, and some of the entries of these vocabularies have explanatory notes that bring complementary information. The lexicographic project was based on the concepts of (Meta)Lexicography presented in Casares (1969), Dubois and Dubois (1971), Zgusta (1971), Haensch et al. (1982), Landau (1989), Martínez de Sousa (1995) and Bugueño Miranda (2007). The content of the entries was built based on reference works and web pages that cover the theme. Finally, the translation project of the entries followed the premise of Functionalist Translation according to Reiss and Vermeer (1996; 2014), Nord (1997), and Durão (2017), in addition to the theories about the translation of tourist texts, from the productions of Molina Martínez (2006) and Durán Muñoz (2012).

Keywords: Metalexigraphy. Functionalist Translation. Moors and Christians. Cavalhadas

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la traducción de palabras culturalmente marcadas, observándolas en el contexto del folclor. Dos fiestas populares sirven como base de este estudio: la fiesta de Moros y Cristianos, que se celebra anualmente en varias localidades de España, y las *Cavalhadas*, que se celebran tradicionalmente en el interior de Goiás. Observándolas desde su contexto histórico y analizando las definiciones de folclor que se encuentran en los estudios académicos, proponemos la creación de dos vocabularios bilingües (portugués – español), el Vocabulario Bilingüe de las Fiestas de Moros y Cristianos (VBMyc) y el Vocabulario Bilingüe de las Cavalhadas (VBCav). Cada uno de estos vocabularios presenta macro y microestructuras centradas en el contexto específico de las festividades, y algunas de las entradas de estos vocabularios tienen notas explicativas que aportan información complementaria. El proyecto lexicográfico se basó en los conceptos de (Meta)Lexicografía presentados en Casares (1969), Dubois y Dubois (1971), Zgusta (1971), Haensch et al. (1982), Landau (1989), Martínez de Sousa (1995) y Bugueño Miranda (2007). El contenido de las entradas se construyó a partir de obras de referencia y páginas web que cubren el tema. Finalmente, el proyecto de traducción de las entradas siguió la premisa de la Traducción Funcionalista según Reiss y Vermeer (1996; 2014), Nord (1997) y Durão (2017), además de las teorías sobre la traducción de textos turísticos, de las producciones de Molina Martínez (2006) y Durán Muñoz (2012).

Palabras clave: Metalexigrafía. Traducción funcionalista. Moros y Cristianos. Cavalhadas.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Imagem de um manequim fantasiado de mascarado encontrado no Museu das Cavalhadas em Pirenópolis – GO | 51 |
| Figura 2 - Momento em que os cavaleiros mouros e cristãos realizam a “defesa da praça” nas cavalhadas de Pirenópolis de 2019 | 52 |
| Figura 3 - Um modelo de uso e dicionários | 95 |
| Figura 4 - Exemplo de lista de equivalentes localizada na apresentação do dicionário | 112 |
| Figura 5 - Exemplo de lista de equivalentes localizada nos apêndices | 113 |
| Figura 6 - Exemplo de equivalente localizado na lista principal de entradas | 111 |
| Figura 7 - Definição da palavra embaixador segundo o dicionário Michaelis Online | 130 |
| Figura 8 - Alférez Cristiano acompanhado por sus favoritas durante la Entrada de Alcoy de 2018 | 134 |
| Figura 9 - Grupo de festeros con un caballo de la celebración | 136 |
| Figura 10 - Camareras en el traslado de la Virgen | 137 |
| Figura 11 - Traje oficial de la comparsa Cides de Ibi | 138 |
| Figura 12 - Ejemplar de las Embajadas de 1872, que se conserva en el Museo de la Fiesta de Ibi | 140 |
| Figura 13 - Embajador cristiano en la fiesta de Ibi | 141 |
| Figura 14 - Trajes oficiais de la filà Cides – Alcoy | 142 |
| Figura 15 - Plato de olleta alicantina | 144 |
| Figura 16 - Portada de la revista de 2021 de Ibi | 145 |
| Figura 17 - Portada de la revista de 2020 de Alcoy | 146 |
| Figura 18 - Cavaleiro cristão retirando a argolinha do arco | 156 |
| Figura 19 - Cavaleiros Mouros e Cristãos em batalha | 159 |
| Figura 20 - Vista dos camarotes localizados no lado mouro do Campo das Cavalhadas | 159 |
| Figura 21 - Cavaleiros em carreira de guerra | 161 |
| Figura 22 - Grupo de Catireiras das Cavalhadas de Pirenópolis | 161 |
| Figura 23 - Embaixador cristão professando a embaixada cristã | 162 |
| Figura 24 - Mandala símbolo da Festa do Divino | 164 |

| | |
|---|-----|
| Figura 25 - Vista frontal da Igreja Matriz de Pirenópolis | 165 |
| Figura 26 - Mascarado de Pirenópolis | 166 |
| Figura 27 - Grupo das Pastorinhas se apresentando nas Cavalhadas de Pirenópolis em 2015 | 167 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Modelo de tabela dos candidatos a lema das festas de Moros y Cristianos | 29 |
| Quadro 2 - Lista das festas de Moros y Cristianos reconhecidas como festa de interesse turístico regional, provincial, nacional ou internacional | 40 |
| Quadro 3 - Representação elaborada que demonstra os atos realizados nas cavalcadas separados por “discursos” e “ação” e pelos “universos simbólicos” | 53 |
| Quadro 4 - Tipos de danças folclóricas e suas descrições | 61 |
| Quadro 5 - Direcionalidade dos dicionários bilíngues segundo seu público-alvo | 108 |
| Quadro 6 - Lemas do VBMyC | 128 |
| Quadro 7 - Lemas do VBCav | 128 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 15 |
| 2 | INTRODUÇÃO | 18 |
| 2.1 | Referencial teórico | 20 |
| 2.2 | Objetivos e metodologia | 27 |
| 3 | MOROS Y CRISTIANOS E CAVALHADAS: DA RECONQUISTA ESPANHOLA À ATUALIDADE | 31 |
| 3.1 | Compreendendo as festas de Moros y Cristianos e as Cavalhadas: duas festas e um folguedo | 31 |
| 3.1.1 | <i>Moros y Cristianos: uma tradição que remonta à época da Reconquista espanhola</i> | 33 |
| 3.1.2 | <i>A religião e Moros y Cristianos</i> | 35 |
| 3.1.3 | <i>As festas de Moros y Cristianos na atualidade</i> | 39 |
| 3.1.4 | <i>O desenvolver das festas de Moros y Cristianos em Alcoy e Ibi</i> | 42 |
| 3.2 | Cavalhadas: uma celebração brasileira remanescente da colonização | 46 |
| 3.2.1 | <i>O desdobramento das Cavalhadas em Pirenópolis</i> | 49 |
| 3.3 | Semelhanças entre as festas de Moros y Cristianos e Cavalhadas | 55 |
| 3.3.1 | <i>Semelhanças práticas entre as festas</i> | 56 |
| 3.4 | Entendendo o folclore através dos folguedos | 58 |
| 4 | A TRADUÇÃO CULTURAL COMO ALTERIDADE | 63 |
| 4.1 | Apontamentos sobre a tradução de culturas | 65 |
| 4.2 | Tradução de itens culturalmente marcados | 68 |
| 4.3 | Tradução funcionalista: possibilidades para a tradução de culturas | 75 |
| 4.4 | A tradução funcionalista para a tradução de tradições | 82 |
| 4.5 | Traduzindo os culturemas em textos turísticos | 83 |
| 5 | FUNDAMENTOS INTRODUTÓRIOS DA LEXICOGRAFIA: A CIÊNCIA DO FAZER DICIONÁRIOS | 92 |
| 5.1.1 | <i>Macroestrutura</i> | 100 |
| 5.1.2 | <i>A microestrutura</i> | 102 |
| 5.2 | As possibilidades de um vocabulário bilíngue português – espanhol | 105 |
| 5.2.1 | <i>O que são e como são organizados os dicionários bilíngues</i> | 105 |
| 5.2.2 | <i>A macro e microestrutura dos dicionários bilíngues</i> | 110 |
| 5.2.3 | <i>O anisomorfismo linguístico</i> | 117 |
| 5.2.4 | <i>O tratamento de elementos culturais nos dicionários bilíngues</i> | 120 |
| 6 | APRESENTAÇÃO DOS VOCABULÁRIOS | 125 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 6.1 | Apresentação da macro e microestrutura dos vocabulários | 126 |
| 6.2 | Vocabulário Bilíngue das Festas de <i>Moros y Cristianos</i> - VBMyC | 134 |
| 6.3 | Vocabulário Bilíngue das Cavalhadas - VBCav | 156 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 178 |
| 8 | REFERÊNCIAS | 182 |
| 9 | REFERÊNCIAS DAS IMAGENS DOS VOCABULÁRIOS | 190 |
| | ANEXO A - LOCAIS QUE CELEBRAM OU JÁ CELEBRARAM A FESTA DE <i>MOROS Y CRISTIANOS</i>⁸¹ | 193 |
| | ANEXO B - EMBAIXADAS DE PIRENÓPOLIS | 217 |
| | ANEXO C - EMBAIXADAS DE ALCOY | 224 |
| | ANEXO D - EMBAIXADAS DE IBI | 235 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho resulta de uma longa reflexão acerca da necessidade de se estudar a cultura popular. Já faz algum tempo que nutro um profundo sentimento de afeto e respeito pelo meu país, embora haja muitos aspectos que não são tão dignos nota, bem como ocorre em outros países, tenho forte interesse em conhecê-lo e vivenciá-lo por meio de diversas experiências. Por esta razão, iniciei, há alguns anos, uma busca prática pelo conhecimento sobre o Brasil e tive a oportunidade de conhecer locais repletos de aspectos históricos de grande relevância e carga cultural.

Nasci e fui criada em Brasília, um local que foi construído por pessoas do país inteiro e que tem grande abertura para as demais culturas. Brasília é espaço cultivado por muitos migrantes de todas as partes do país, que ajudaram a construir essa capital. Ela também está inserida no coração de Goiás, o que permite, de maneira por vezes compulsória, uma integração considerável entre esse estado e o Distrito Federal: por vezes, não se sabe se determinado serviço ou localidade faz parte de um lugar ou de outro.

Devido à proximidade geográfica e cultural entre o estado de Goiás e a capital do Brasil observo hoje que durante toda a minha vida tive forte ligação com o estado de Goiás. Apesar de nunca ter habitado ali, desde criança tive como destino de férias o interior do estado. Pude ver cidades evoluindo e conhecer um pouco da cultura sertaneja, tão religiosa que ali se faz presente com toda a sua força. Assim, ao participar como agente externo, pude conhecer um pouco das tradições folclóricas que permeiam aquele local: da culinária do arroz com pequi, as serestas, as romarias, as cachoeiras e as piscinas termais. Goiás é um estado único e com enorme carga cultural e interesse turístico.

A vivência que tive, até certo ponto, era apenas turística. Contudo, ao ingressar no Programa de Mestrado em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (Postrad – UnB), eu percebi que o meu interesse pela cultura regional era muito mais latente do que podia imaginar inicialmente. A partir deste ponto inicial, tomei a decisão de guiar meus estudos, dentro do contexto dos estudos da tradução, para o folclore popular brasileiro. Desse pontapé inicial, conheci com grande detalhe o *Dicionário do*

Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, obra que se tornou base para minha dissertação de mestrado defendida em 2017¹.

No trabalho supracitado, eu busquei estabelecer uma correlação entre dois assuntos que me despertam grande interesse: a culinária e o folclore. Através da tradução de alguns verbetes relacionados à culinária, tive a oportunidade de pôr em prática o conhecimento adquirido na academia, aprender mais sobre a culinária brasileira e experimentar novas abordagens de tradução que me possibilitaram abandonar a prática de apenas *ver* determinadas manifestações culturais e desenvolver novos *olhares* sobre o texto. Com relação a essa diferenciação entre *ver* e *olhar*, Laplantine (2004, p. 17) explica que o *ver* está relacionado com o sentido da visão, à visão cotidiana não-mediada e desprovida de sistemática. O olhar, por sua vez, requer maior refinamento. Ele é cauteloso, inquieto e questionador e demanda um certo tipo de leitura sobre o que é visto. Por meio da busca de significado nas imagens, o olhar se transforma em um processo de observação e de ensinamento: “Olhar em francês é *regarder*”, palavra forjada na Idade Média e cujo sentido permanece até hoje. *Regarder*, como *olhar*, é guardar de novo, ficar de guarda, tomar conta de manifestar interesse por prestar atenção, consideração, vigiar. O olhar demora no que vê” (LAPLANTINE, 2004 p. 18). Quando vemos, estamos apenas obtendo imagens que são captadas por nosso campo visual: estas poderão ser processadas ou não.

A partir do momento em que as imagens vistas passam por esse armazenamento e processamento elas se transformam em olhares, e estes, por sua vez, me mostram aquilo que a minha cultura me diz para ver. O olhar é mediado e procura observar detalhes daquilo que está diante dos olhos. O olhar também é atento a mudanças, imprevisibilidades e ao desconhecido. Através do olhar, como parte de um sistema ou como uma linguagem, direcionei-o para o incomum, na busca de me colocar em um local de observadora de tais manifestações. Foi assim que encontrei saídas possíveis para a tradução do folclore realizada durante o mestrado.

Naquele primeiro trabalho coloquei em prática as experiências já vividas e passei a observar os textos que tratam do folclore para além dos códigos linguísticos

¹ SILVA, Maria Cândida Figueiredo Moura da. Traduzir bolos do Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo: etnoterminologia e tradução etnográfica. Brasília: Departamento de Língua Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 141 f. Dissertação de mestrado.

da língua portuguesa. Pude observar minha visão a partir de uma perspectiva distante do habitual ao traduzir os verbetes para o espanhol, o francês e o inglês. Apesar de já ter estudado essas línguas há algum tempo, jamais havia podido experimentar traduzir um mesmo texto para cada uma delas. O processo certamente não foi fácil e requereu noites a fio em meio a tentativas, erros e acertos. Não digo que o produto ali gerado seja exímio, porque há sempre possibilidades para melhorias, mas reconheço que foi uma experiência única que me permitiu vivenciar novas práticas e me abriu caminhos para realizar este trabalho que ora apresento.

Nas próximas páginas encontraremos uma revisão teórica a propósito do ato tradutório, os quais servem como embasamento para as propostas de tradução que realizo. Do mesmo modo, estão contidas teorias da Lexicografia, que me têm me permitido desenvolver, com base científica, o vocabulário bilíngue que será elaborado como produto aplicado desta tese. Ao mesmo tempo, será apresentada um pouco da história popular, desta vez de duas localidades específicas: o Brasil e a Espanha, por meio de suas festividades de caráter turístico e religioso: as Cavalhadas e as festas de *Moros y Cristianos*.

É nessa junção de sentimentos próprios da autora que aqui escreve e do interesse pelos Estudos da Tradução e pela Lexicografia que eu convido a minha leitora e o meu leitor a compreenderem um pouco mais sobre esses dois universos. Será um longo caminho a ser trilhado, mas que eu espero contribuir para a sobrevivência e a disseminação da cultura popular do Brasil.

2 INTRODUÇÃO

Ao propor um projeto de pesquisa é necessário considerar fatores como a relevância do tema, a possibilidade de realização e desejo pessoal de levar a pesquisa até o seu desfecho. Essa tarefa, como é sabido por todos aqueles que já passaram por esta situação, não é tão fácil quanto pode aparentar inicialmente. É necessário desdobrar cada minúcia desses fatores a fim de que o êxito seja obtido ao final da pesquisa.

A proposta que aqui será apresentada tem especificidades que serão explicitadas ao longo do tempo e outras que serão apresentadas de antemão a partir dos resultados que encontramos em pesquisas anteriormente feitas e nas leituras realizadas. Para tal, serão apresentadas as justificativas para que este trabalho seja realizado, o embasamento teórico que dará sustentação à pesquisa, a metodologia a ser empregada e os objetivos que se pretendem alcançar ao final do processo.

Partindo para o objeto de pesquisa em si, faremos um cotejo entre as teorias da Tradução e da Lexicografia tomando como ponto inicial os encadeamentos presentes em duas festividades, sendo elas a festa de *Moros y Cristianos*, que acontece anualmente em diversas províncias espanholas, e as Cavalhadas, que transcorrem em alguns estados brasileiros. Minha decisão de trabalhar sobre estas duas festas têm pelo menos três justificativas principais: 1) o interesse da pesquisadora por tradições folclóricas que englobam todos os tipos de manifestações populares, desde a música, os alimentos e pensamentos pertencentes as mais diversas culturas; 2) a grandiosidade e representatividade que elas têm em seus respectivos locais de acontecimentos e 3) a falta de materiais lexicográficos sobre as festas em especial de caráter bilíngue.

A origem da festa de *Moros y Cristianos* não é precisa, no entanto ela remonta à época da Reconquista, quando os muçulmanos foram expulsos da Espanha por parte dos cristãos. Apesar de ocorrer em diversas localidades no país, esta festa é tradicionalmente realizada em cidades que pertencem à comunidade valenciana, localizada ao sudeste da Espanha.

Um ponto de destaque sobre esta festa e sobre as festas folclóricas em geral é que, frequentemente, elas têm algumas especificidades, o que as torna únicas. Sendo

a festa de *Moros y Cristianos* uma celebração com viés religioso, cada cidade onde ela é realizada adotou como parte do festejo o (a) santo (a) padroeiro (a) de cada localidade. Por exemplo, nas cidades de Alcoy e Ibi, os padroeiros são, respectivamente, São Jorge e Nossa Senhora dos Desamparados.

No Brasil, as Cavalhadas compartilham deste mesmo viés religioso, incluindo a representação da mesma batalha travada entre mouros e cristãos. Nesta festividade, bem como na festa espanhola, que ocorre em diversas localidades, cada uma delas homenageia o seu santo padroeiro. Em Pirenópolis, Goiás, onde ocorre uma das mais tradicionais Cavalhadas do Brasil, se celebra o Divino Espírito Santo, por isso as Cavalhadas estão inseridas no contexto da “Festa do Divino”. Esse tipo de festejo é caracterizado como folguedos, isto é, as danças dramáticas que mesclam música, teatro, história e representação, além de interagir com o público, conforme afirma Côrtes (2000, p. 14-15)

[...] Folguedos indicam as brincadeiras, sortes, jogos, danças e representações dramáticas e coreográficas, exercendo determinada função na sociedade que se interessa por sua criação e manutenção. O caráter interativo e abrangente do folclore permite a mistura de diversos folguedos, observando-se numa mesma festa diferentes manifestações, como músicas, danças, teatros, credices, superstições, cujos cenários são sempre os locais públicos.

Cabe estabelecer um paradigma entre os folguedos e as festas folclóricas. O grande elemento diferenciador entre os folguedos e as festas folclóricas se dá no âmbito da sincronicidade dos movimentos e do fato de aflorar, com maior precisão, as influências do colonizador. Sobre este assunto, Frade (1997, p. 36-36) informa que estas festas são:

[...] expressões populares, desenvolvidas em conjunto ou individualmente, que têm na coreografia o elemento definidor. [...] eram manifestações exclusivamente coletivas, com os dançadores organizados em círculo, fazendo todos, simultaneamente, os mesmos movimentos [...] As danças desenvolvidas em pares, sobretudo os “enlaçados”, revelam influência do elemento colonizador.

Percebemos que as festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas se caracterizam por ser uma simulação entre a luta entre ambas as religiões cristã e muçulmana: os cristãos buscavam converter os muçulmanos ao cristianismo e vice-versa. Nesta tentativa, além da busca pelo poder e o domínio por meio da religião se buscava a conquista do território espanhol, que unia ainda mais a Igreja e o Estado. Esses fatores são cruciais para o entendimento das batalhas que são encenadas

nestas duas festas, visto que ambas se propõem a relembrar as batalhas que eram frequentes no século VIII (PIRENÓPOLIS, s/d, on-line).

Analisaremos as duas celebrações anunciadas em busca de compreender suas semelhanças e seus pontos convergentes e suas identidades distintas, assim como as configurações que recebem nos tempos atuais. As festas de *Moros y Cristianos* e *Cavalladas* servirão de base para uma pesquisa histórica, sociológica e linguística das palavras utilizadas no contexto dessas celebrações com o propósito de criar, ao final, dois vocabulários bilíngues português-espanhol que servirão de apoio para turistas e pessoas interessadas na temática das festas, tanto falantes português e/ou de espanhol, que são as línguas oficiais dos locais onde essas festas ocorrem.

2.1 Referencial teórico

Realizar a junção de diversas áreas do conhecimento é sempre desafiador, porém quando isto é bem realizado e fundamentado, pode contribuir para o desenvolvimento das áreas envolvidas. O presente trabalho tem como um de seus propósitos juntar os estudos da Tradução, Lexicografia e do Folclore brasileiro e espanhol. Para tanto, será necessário buscar embasamento teórico em autores do Folclore específicos de cada um desses saberes, a fim de poder realizar, ao final, a junção dos aspectos que resultarão em um objeto único, ou seja, cada um dos vocabulários bilíngues.

A elaboração de dicionários, glossários, vocabulários e repertórios tem seu fundamento nos estudos teóricos da Lexicografia (ou Metalexicografia). No entanto, conforme Boisson, Kirtchuck e Béjoint (1991, p. 262, *apud* WELKER, 2004, p. 61) há registros da existência de protodicionários desde a época dos sumérios na região da antiga Mesopotâmia. O ato de elaborar dicionários era antes tido como arte ou mesmo um trabalho de uma vida inteira. No mundo contemporâneo, essa concepção já não é mais plausível, visto que a arte se transformou em ciência, a (Meta)Lexicografia, e se profissionalizou, fazendo com que o trabalho seja, preferencialmente, desenvolvido por equipes.

Biderman (2001) entende que o léxico pode ser concebido como um sistema aberto e que está em constante expansão. Ele não pode ser estratificado, pois é algo

vivo e em transformação. Ou seja, da mesma maneira que o léxico de uma língua se modifica, os estudos relacionados à língua similarmente se transformam ao longo do tempo. Deste modo, pode-se inferir que os estudos lexicográficos corroboram desta característica e se modificam ao longo do tempo.

Estas modificações dos estudos lexicográficos ocorreram como forma de adaptação à língua na qual se relacionava cada trabalho e às novas tecnologias. Com o advento e a popularização dos sites e aplicativos para celulares, a busca pela informação se tornou mais acessível e prática. Com apenas alguns cliques ou mesmo com um comando de voz, se podem pesquisar diversos tipos de dados, como por exemplo, dúvidas de ortografia, significados e traduções de palavras.

Entre tentativas e erros, muito se tem discutido sobre a relevância e a definição das obras lexicográficas, as quais serão referidas por dicionários a partir de agora. Haensch et al. (1982) defendem que os dicionários são ponto em comum entre tradutores e lexicógrafos, pois ambos necessitam dessa ferramenta para executar seu trabalho, mesmo que, muitas vezes, eles não reconheçam esse fato explicitamente. Talvez pelo fato de o trabalho lexicográfico já ter sido fruto de amadores, o reconhecimento que essa área científica deveria ter não seja tão comum como com relação a outras disciplinas. No entanto, cabe ressaltar que é por meio da Lexicografia que se elaboram obras que, com base científica, podem, sob essa base, abranger diversos assuntos.

Para conceituar o que é a Lexicografia, partimos de Welker (2004, p.11) que afirma que esta parte de dois sentidos, sendo o primeiro a sua versão prática, a qual “designa a ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários”, e a segunda, o “estudo de problemas relacionados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e ainda a tipologia”. Em suma, este autor especifica que a Lexicografia trata da materialização das obras lexicográficas enquanto a Metalexigrafia se ocupa da observação das questões referentes ao estudo, uso e elaboração de dicionários.

No que concerne às tipologias dos dicionários, outro ponto de discussão da Metalexigrafia, destacamos que há um leque de desdobramentos destes tipos de obra. Haensch et al. (1982) destacam que as obras lexicográficas podem partir de uma perspectiva individual ou coletiva, isto é, o conteúdo pode estar baseado tanto na linguagem comum, como na especializada. Martínez de Sousa (1995), por sua vez,

determinou uma série de subclassificações das obras lexicográficas que partem do contexto no qual estão inseridas as línguas envolvidas até os elementos específicos, como casos de dicionários enciclopédicos regionais ou dicionários plurilíngues.

Ainda sobre a tipologia, dentre as diferentes maneiras de considerá-las, há uma que parte do número de línguas, e, a partir disto, compreendemos que existem os dicionários de língua, que são compostos apenas por uma língua, os bilíngues, compostos por duas línguas, e os plurilíngues (ou multilíngues), que apresentem mais de duas línguas, conforme esclarecem Haensch et al. (1982) e Martínez de Sousa (1995). Esses dois últimos tipos de dicionários são utilizados especialmente no aprendizado de uma língua estrangeira ou como auxiliares no processo de tradução.

Especialmente se tratando deste trabalho, teremos enfoque especial nos dicionários bilíngues, visto que um dos objetivos finais é a elaboração de material lexicográfico bilíngue. Para isto, observamos, a partir de Duran e Xatara (2007), a relação que os dicionários bilíngues têm com a tradução e com a linguagem de especialidade. São eles que irão auxiliar o tradutor, além de outros consulentes a desenvolver os mais variados trabalhos que envolvam duas línguas distintas e, em boa parte dos casos, algum campo de especialidade.

Consoante com a variedade de tipologias de dicionários e de diferentes perspectivas sobre essas, atestamos, mais uma vez, que as Ciências da linguagem não são exatas. É crucial compreender que são diversas as teorias existentes e os olhares sobre uma obra ou sobre a elaboração das obras de referência; isto ocorre similarmente no caso dos dicionários. Algo similar ocorre nos Estudos da Tradução, dentre as diversas teorias existentes, devemos escolher aquela que mais se adequa ao propósito escolhido e que poderá auxiliar na resolução de problemas de tradução.

Landau (1989) argumenta que é necessário levar em consideração não apenas o tipo de informação apresentada nas obras lexicográficas bi/multilíngues, como a sua funcionalidade, isto é, definir para que propósito cada obra lexicográfica é/foi elaborada e para quem é/foi elaborada. Dicionários escolares são diferentes de dicionários técnicos que, por sua vez, são diferentes de dicionários especiais. A perspectiva que busca observar a funcionalidade de uma obra de ou um texto para, então, construí-los não é exclusiva das obras lexicográficas. Nos Estudos da Tradução há uma corrente que se dedica à aplicação da teoria funcionalista, tendo como expoentes Reiss e Vermeer (1996) e Nord (2012).

A proposta funcionalista de Reiss e Vermeer (1996) está baseada na teoria do escopo (VERMEER, 1992, *apud* REISS; VERMEER, 1996) e propõe que o texto tenha a sua finalidade e o seu objetivo como princípio norteador. Segundo Reiss e Vermeer (1996, p. 14), o texto a ser traduzido passa a ser tratado como uma “oferta informativa” que é “oferecida de um produtor para um receptor”. Isso faz com que cada tradução seja consoante com o seu objetivo final e que esteja de acordo como o papel ao qual se propõe. Esses conceitos se relacionam diretamente com os modos com os quais as culturas se implicam, isto é, cada ação causa uma reação e será lida de um modo distinto a depender da cultura na qual seja inserida. Deste modo, Reiss e Vermeer (1996, p. 81, tradução nossa²) assinalam que:

Uma ação pode ser concebida como reação (no sentido mais amplo) de uma determinada situação. Os atos que compõe uma ação são considerados recorrentes quando elementos comuns a um conjunto de situações são reconhecidos. As normas são prescrições para condutas (ações) recorrentes em determinados tipos de situações, e são específicas de cada cultura.

Uma ação se fundamentará de acordo com o modo como cada situação representada será lida pelos receptores. Uma ação está condicionada a tais fatores e necessita de elementos em comum com esse conjunto de situações. “Uma ação pode ser considerada conveniente quando de modo específico de uma cultura, é possível considerá-la adequada à situação, e para aquele que pode dar esta explicação”. (REISS; VERMEER, 1996, p. 81, tradução nossa³)

Nord (2012) acredita que existem normas para determinadas situações que serão desempenhadas a depender do contexto cultural em que elas estão inseridas e isto afeta a tradução. Para Nord (2012, p. 26), “o texto é uma interação comunicativa que ocorre através de uma combinação de elementos verbais e não verbais⁴”, portanto, a tradução é uma forma de ação e isto se reflete na relevância a ser dada nos processos tradutórios. Essa mesma autora destaca que a partir do momento em que o tradutor inicia o seu trabalho de tradução ele coloca uma espécie de “filtro cultural” entre o *texto base* e o *texto meta*, pois o tradutor irá gerenciar as variáveis

² Una acción puede concebirse como reacción (en el sentido más amplio) a una situación dada. Los actos que componen una acción se consideran recurrentes cuando se reconocen elementos comunes a un conjunto de situaciones. Las normas son prescripciones para conductas (acciones) recurrentes en determinados tipos de situaciones, y son específicas de cada cultura.

³ Una acción se considera conveniente cuando, de modo específico a una cultura, puede explicarse como adecuada a la situación, y para aquel que pueda dar esta explicación.

⁴ el texto es una interacción comunicativa que se efectúa a través de una combinación de elementos verbales y no verbales.

culturais que poderão aparecer no decorrer do texto de modo que, ao final, esse a interação comunicativa seja exitosa.

O referido filtro irá funcionar como um modo de ver pelos olhos do autor e do(s) leitor(es) do texto, com a finalidade de realizar a interação que se propõe em cada projeto tradutório. “Segundo esta concepção dinâmica de textualidade, um texto pode ter tantas funções quanto receptores⁵” (Nord, 1997, p. 28). Portanto, para Nord, é esta dinâmica de adequação do texto ao seu propósito que caracteriza uma “boa tradução” e resulta na completude da funcionalidade do texto.

Por outro lado, Vermeer (1983 p. 49, *apud* NORD, 1997, p. 11, tradução nossa) observa a interação entre leitor e texto com base na *teoria da ação*. Seguindo seu ponto de vista, a ação humana pode ser definida como “um comportamento intencional com propósitos que ocorrem em dada situação; ele é parte da situação ao mesmo tempo que a modifica⁶”. O que esse estudioso quer dizer é que toda ação ou comportamento que ocorre em determinada situação modifica o cenário no qual ela está envolta. Deste modo, o texto também teria o seu propósito e isto deve ser refletido na tradução.

Para Nord (1997, p. 16), há uma relação próxima entre a teoria da ação e a interação causada pelos processos comunicativos. Ela destaca que “se forem generalizados os casos em que há dois ou mais agentes, a teoria da ação pode se tornar a teoria da *interação*⁷”. Isto é, na medida em que existam dois ou mais agentes na ação, poderá haver interação. Conseqüentemente, esta ação, será analisada a partir do pressuposto de que estão implicados aspectos sociais, comunicativos e culturais, os quais são fatores determinantes para influenciar escolhas e comportamentos.

Partindo deste ponto, Nord (1997, p. 19), apresenta a tradução como uma interação intencional, ou seja, o tradutor precisa ter a pretensão de causar alguma mudança no *status quo*. Quando um texto é traduzido é necessário haver um objetivo por trás da transposição de palavras e significados. Por meio de seu intermediador,

⁵ Según esta concepción dinámica de textualidad, un texto puede tener tantas funciones como receptores.

⁶ As intentional, purposeful behaviour that takes place in a given situation; it is part of the situation at the same time as it modifies the situation.

⁷ If generalized to cases in which there are two or more agents, the theory of action can become a theory of *interaction*.

no caso, o tradutor, deverá acontecer alguma alteração na comunicação inicial, que ultrapassa a mera troca de códigos linguísticos, seja por meio de uma inserção ou de notas e comentários realizados em um texto escrito. A propósito disto, Nord (1997, p. 19, tradução nossa) assinala que:

Quando dizemos que a tradução é uma interação intencional, nós queremos dizer que ela é primeiramente acima de tudo intencionada a mudar um estado das coisas existente (minimamente, a inabilidade de certas pessoas em comunicarem entre si). Pode haver intenções além das estritamente de natureza comunicativa, como por exemplo informar os endereçados-alvo sobre algo que o autor do texto-fonte quis dizer.⁸

Conforme explicitado por Nord (1997, p. 19), muitas vezes, o tradutor realiza uma mediação maior do que a existente no texto base e no texto meta. Ele lida com o que foi passado pelo autor do texto como pelo que vai na mente do receptor da tradução. Deste modo, ocorre uma mediação, muitas vezes cultural, que reflete diretamente no modo como seu papel será desempenhado. Essa mediação cultural se ecoa no modo como o tradutor lida com determinadas situações. Não há modelos ou passos a serem seguidos em uma tradução perfeita que envolva todos os aspectos textuais, culturais e extratextuais de determinado texto. Nord (1997, p.11) acredita que é preciso que se busque amparo em uma teoria de cultura que seja capaz de inter-relacionar tanto os elementos verbais como os não-verbais das situações comunicativas em suas especificidades e relações plurais.

Nós compreendemos que é preciso ampliar o espectro texto-tradutor-leitor e observar as implicações que subjazem às traduções e às escolhas feitas pelo tradutor. Desta maneira, será preciso buscar compreender através da Antropologia conceitos básicos para que possamos dialogar em meio as esferas do folclore e da tradução de cultura.

Em seu livro *Linguistic Anthropology*, Duranti (2008) buscou abordar alguns conceitos de cultura presentes nas teorias ocidentais, fosse a cultura vista, entre outras definições, como prática, como ferramenta, como conhecimento, como comunicação. No capítulo em que Duranti (2008) afirma que ao dizermos que cultura é comunicação, isso significa vê-la como um sistema de signos (DURANTI, 2008, p. 33). Partindo para uma perspectiva semiótica, entende-se que esses signos podem

⁸ When we say translation is an intentional interaction, we mean it is first and foremost *intended* to change an existing state of affairs (minimally, the inability of certain people to communicate with each other). There may be further intentions of a more strictly communicative nature, such as to inform the target addressees about something the source-text sender has to say.

ser verbais ou não-verbais, e, portanto, é possível que eles sejam capazes de explicar algumas situações comunicativas. Esse autor destaca que cultura é comunicação, o que significa que as teorias precisam ser comunicadas para serem vividas (DURANTI, 2008, p. 33). A partir desta afirmação entendemos que é possível encontrar meios para a tradução funcionalista tomando as teorias da Antropologia e a Linguística Antropológica. Certamente, a busca de um funcionalismo que cumpra seus objetivos comunicativos beira à utopia, mas talvez a partir deste ponto de vista seja possível desenvolver uma teoria capaz de explicar as especificidades do texto que será traduzido e a sua carga sociológica, cultural e linguística.

No que tange à sua face linguística, talvez um dos maiores problemas encontrados pelo tradutor seja a “intraduzibilidade” de certas unidades de tradução que não têm equivalentes em outros idiomas. O desejo por encontrar uma equivalência seria talvez uma necessidade mesmo que inconsciente do tradutor que pretende realizar com esmero aquilo que lhe foi encarregado. É no momento em que ele se depara com a impossibilidade de encontrar equivalentes que alguns problemas surgem e novos métodos devem ser identificados na tentativa de solucionar tal problema.

Com relação aos não-equivalentes, compreendemos que isto não chega a ser um empecilho para a tradução. Tudo o que é experienciado é comunicável, ainda que de forma diferente. Acerca disto, Jakobson buscou desfazer o dogma da intraduzibilidade no plano cognitivo, partindo do pressuposto de que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida (*is conveyable*) e classificada em qualquer língua existente”. (JAKOBSON, 2010, p. 84). Deste modo, tomamos como base essa possibilidade de que toda experiência cônica possa ser traduzida e ampliamos o espectro de que as experiências práticas podem ser traduzidas.

Tomamos como base para experiência prática e cognitiva para o presente projeto as palavras culturalmente marcadas que compõem as festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas pretendendo percorrer caminhos os quais, hipoteticamente, nos levarão à uma tradução de parte da experiência vivida por aqueles que celebram essas festividades. Para tanto, tomaremos como base a definição cunhada por Vermeer (1983) e apresentada em Nord (1997), que define culturema como “um fenômeno social de uma cultura X que é considerado relevante pelos membros dessa cultura e, quando comparado com um fenômeno social

correspondente na cultura Y, é acreditado ser específico da cultura X.” (VEERMER apud NORD, 1997, p. 32 e 33, tradução nossa⁹).

Para tanto, por um lado, este projeto se propõe utilizar como embasamento a perspectiva adotada pela tradução funcionalista e por outro, em consonância com aquela, as teorias da Lexicografia antes resenhadas. A interrelação dessas disciplinas se faz fundamental ao trabalhar com áreas que não têm como se construir individualmente. Através de buscas e assimilações entre os campos do conhecimento presente nos estudos humanos, linguísticos e artísticos, desenvolveremos esta pesquisa, buscando preservar aquilo que há de mais rico nas celebrações e, ainda assim, dar a oportunidade de divulgar o conhecimento e as tradições encontradas em cada uma delas.

2.2 Objetivos e metodologia

Como visto na seção anterior, o presente trabalho se propõe a abarcar dois grandes campos dos Estudos Linguísticos, sendo eles, os Estudos da Tradução e a Lexicografia. A junção dessas duas áreas já foi realizada por outros estudiosos que pretendiam elaborar produtos lexicográficos. Além disto, como também foi mencionado no resumo e na introdução, destacamos a seguir o objetivo geral e os objetivos específicos.

Dito isto, delimitamos como objetivo geral, a elaboração de dois vocabulários bilíngues no par linguístico português-espanhol, um para cada festa. A partir do levantamento das palavras culturalmente marcadas relacionadas às festas de *Moros y Cristianos* e às Cavalhadas, serão determinados os quantitativos da pesquisa e, posteriormente, será elaborado o material lexicográfico final.

Como objetivos específicos, delimitamos:

- realizar um levantamento e revisar as referências sobre as festas escolhidas, as teorias da Tradução Funcionalista e da Lexicografia;

⁹ A social phenomenon of a culture X that is regarded as relevant by the members of this culture and, when compared with a corresponding social phenomenon in a culture Y, is found to be to culture X.

- seleccionar, a partir de um *corpus* composto por sites, revistas e folhetos sobre as festas, as palavras que irão compor os materiais lexicográficos;
- elaborar verbetes em língua espanhola para as entradas pertencentes a festa de *Moros y Cristianos* e língua portuguesa para as entradas relacionadas as Cavalhadas;
- traduzir os verbetes em língua espanhola e versar os verbetes de língua portuguesa para o português e o espanhol, respectivamente, e
- formular dois vocabulários bilíngues, um para as festas de *Moros y Cristianos* com as definições em espanhol e tradução para o português e outro com as definições em português e a tradução para o espanhol.

Esta pesquisa é majoritariamente bibliográfica de caráter qualitativo e natureza aplicada. Por ela englobar referências que vão desde acervos históricos sobre as festas até materiais de divulgação das festas, os objetos de estudo e os produtos elaborados têm caráter documental. De modo a poder coletar dados orais e escritos, de folhetos, fotografias, revistas e livros, foi realizada uma visita aos museus oficiais das festas de *Moros y Cristianos* em janeiro de 2019. Foram visitados os museus das cidades de Alcoy, Ibi e Caravaca de la Cruz, todos localizados na Espanha. Nesses museus foi possível averiguar tanto a magnitude e a relevância das festas dentro daquela sociedade, como recolher materiais únicos que, certamente, acrescentaram informação relevante para a pesquisa. Do mesmo modo, foi realizada, em junho de 2019, uma visita ao museu das Cavalhadas de Pirenópolis, assim como o acompanhamento da festa, realizada nesse mesmo mês.

Como parte do projeto inicial deste trabalho, era esperado poder acompanhar as festas espanholas e coletar dados em pesquisa de campo e em bibliotecas espanholas por meio de uma estadia de seis meses de doutorado sanduíche. No entanto, devido à pandemia do Covid-19 que se instaurou no começo de 2020, mesmo sendo selecionada para uma das bolsas PRINT-UFSC, não foi possível usufruir da bolsa que me foi concedida dentro do período, devido ao longo tempo de pandemia e aos prazos do meu doutoramento. Assim, dada a impossibilidade de pesquisa em campo, foi dado um maior empenho na coleta através de meios digitais e bibliográficos.

Os candidatos a lema, isto é, as palavras e expressões que têm relevância nas celebrações, foram retirados de livros, sites, revistas e folhetos sobre as festas. Inicialmente, foi trabalhado o vocabulário das festas de Alcoy e Ibi, além do vocabulário das Cavalhadas de Pirenópolis. A partir desta primeira seleção, foram construídas duas tabelas, uma para cada celebração, nas quais constam, além dos campos para os candidatos a lemas, colunas que indiquem a categoria do lema. As categorias que compõem as tabelas são: as etapas da festa, os objetos e as personagens, grupos e organizações. Podemos ver na tabela modelo a seguir parte dos candidatos a lema para o vocabulário das festas de *Moros y Cristianos*:

Quadro 1 - Modelo de tabela dos candidatos a lema das festas de Moros y Cristianos

| Etapas da festa | Objetos | Personagens, grupos e organizações |
|------------------------|----------------|---|
| La gloria | Estafeta | Moros |
| Procesión | Arcabuz | Cristianos |
| Misa mayor | | Embajador |
| Diana | | Capitán |
| Entrada | | Favorita |

Fonte: Elaboração própria

Depois desta etapa, os modelos de verbetes começaram a serem construídos por categorias de macro e microestrutura, tomando por base ideias devidas a autores como Ullmann (1959), Casares (1969), Dubois e Dubois (1971), Rey-Debove (1971), Zgusta (1971), Mounin (1975), Haensch et al. (1982), Landau (1989), Marelló (1989; 1996), Neubert e Shreve (1992), Svensén e Svensén (1993), Alcaraz Varó (1994), Béjoint (1994), Martínez de Sousa (1995), Szende (1996), Hartmann e James (1998), Bogaards (2003), Gelpí Arroyo (2003), Stekenburg (2003), Welker (2004), Bugueño Miranda (2007), Duran e Xatara (2007). Ao mesmo tempo, em que foram aplicadas as teorias da tradução funcionalista baseadas em Reiss e Vermeer (1996; 2014), Nord (1997), Durão (2017) e da tradução de textos turísticos, por meio de Molina Martínez (2006) e Durán Muñoz (2012).

Por fim, os vocabulários bilíngues foram tomando corpo e se tornando realidade. Esperamos que os produtos finais possam contribuir com os estudos da

área e facilitar o acesso daqueles que têm interesse em conhecer mais sobre as duas festas.

3 MOROS Y CRISTIANOS E CAVALHADAS: DA RECONQUISTA ESPANHOLA À ATUALIDADE

Hay gente que opta por olvidar el pasado, ya que no se puede recuperar ni modificar. Pero, ¿si olvidamos el pasado qué nos queda? Solo quedaría un futuro que aún no existe y un presente que se hace efímero en segundos. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2018)

Nesta seção serão abordados os principais fatores históricos que desencadearam o elemento principal que originou as festas aqui abordadas, isto é, a Reconquista da Península Ibérica. Esperamos poder compreender um pouco mais sobre a história deste acontecimento e poder discutir alguns dos fatores que fazem desse acontecimento algo tão relevante na história mundial. Ademais, realizaremos neste capítulo, uma descrição aprofundada do enredo das festas de *Moros y Cristianos* e das Cavalhadas, a fim de fornecer ao leitor um embasamento histórico sobre os fatos e cultural sobre estas celebrações.

3.1 Compreendendo as festas de Moros y Cristianos e as Cavalhadas: duas festas e um folguedo

O folclore é uma manifestação social que se faz presente em todos os povos e culturas. Independentemente da língua, da história e das tradições locais, o folclore é um elemento sempre presente nas sociedades e é reverberado de distintos modos. Folclore é tradição, é cultura popular e é informação. Ter conhecimento sobre o folclore do seu próprio povo é ter acesso às suas raízes e a elementos que são fundamentais para sua existência. Sendo o folclore um aspecto tão relevante das sociedades e do próprio desenvolvimento do ser humano, torna-se estimulante apresentá-lo, defini-lo e escrever sobre ele. Para realizar esta ação, buscamos separar, por meio de categorias, aquilo que consideramos pertencente ao folclore. Embora, em muitos casos, se fale exclusivamente do folclore de um país, no caso específico deste trabalho, serão abordados dois países: a Espanha e o Brasil, a partir de duas de suas múltiplas festas folclóricas.

As festas folclóricas são uma forma de celebração de tradições que englobam tantas perspectivas quantas podemos abordar. A título de exemplo, para listar algumas dessas diferentes perspectivas, podemos citar: a história, a música, a dança, a alimentação, a religião, o saber popular, a tradição, entre muitas outras. Cada festa se configura mediante a união de vários elementos que a compõe como forma de celebrar e envolver os sentidos dos seres humanos.

Neste capítulo, apresentaremos uma breve história de duas festas folclóricas consideradas de extrema relevância para os povos que a celebram. A primeira, a festa de *Moros y Cristianos* é celebrada especialmente na região sudeste da Espanha, embora não se restrinja a este país. Ela tem aspectos que a preservam como festa folclórica e tem características que permitem diversas interpretações desta celebração.

A segunda, a festa das Cavalhadas, ocorre principalmente na região centro-oeste do Brasil. Ainda que atualmente essa festa não seja celebrada em tantos locais como outrora o foi, esta continua mantendo seus fiéis e suas tradições ao longo dos anos.

Abordamos as consonâncias e dissonâncias entre ambas as festas. Em um primeiro olhar, há uma longa distância geográfica entre os locais de celebração destas festas, dando a pensar que elas pouco têm em comum. No entanto, as características que elas compartilham são várias e existem razões claras para isso. Destacamos pontos em comum e diferenças entre elas de modo dar a compreender a ligação que ambas possuem.

Por fim, ao final do capítulo tratamos sobre o folclore, dando ênfase a essas duas festas folclóricas, desde à gênese. Mais especificamente, destacamos as 'danças dramáticas', também conhecidas como 'folguedos'. Assim, por meio da identificação das características de um folguedo e do seu papel no folclore, buscamos expor como as duas festas em questão se encaixam nesse contexto. Ademais, analisaremos os elementos particulares de cada uma dessas festas, destacando o papel que elas exercem nas culturas das quais fazem parte.

3.1.1 *Moros y Cristianos: uma tradição que remonta à época da Reconquista espanhola*

Para falar das festas de *Moros y Cristianos* podemos partir de uma linha do tempo. Em primeiro lugar, esclareceremos que ela é uma festa religiosa para, depois, desdobrar outros aspectos. De modo a iniciar a contextualização da festa, optamos por esclarecer questões em torno ao nome da festa.

O nome *Moros y Cristianos*, em português Mouros e Cristãos, provém dos dois grandes grupos atores que movimentam a festa e que recebem este mesmo nome, celebrando, em linhas gerais, a batalha entre os mouros e os cristãos na (re) conquista das terras espanholas. Essa festa remonta à época da Reconquista e, mesmo que haja divergências na maneira de como os fatos são interpretados, celebrados e dramatizados, atualmente, o nome da festa se mantém o mesmo em grande parte das localidades.

A propósito do nome da festa, salientamos um ponto relevante sobre a escolha realizada para o presente trabalho. Sabemos que já existe e está documentada a tradução do nome da festa em diversos idiomas, inclusive no português. No entanto, conforme explicitaremos mais adiante, este trabalho se preocupa em manter a identidade de cada uma das celebrações, dos objetos e dos aspectos folclóricos que serão comentados posteriormente, por essa razão optamos por preservar o idioma e a ortografia da língua onde a festa é originalmente celebrada, mantendo assim a grafia *Moros y Cristianos*, em espanhol.

Conforme mencionado anteriormente, as festas de *Moros y Cristianos* teve seu início na época da Reconquista da Península Ibérica. No entanto, este início se deu por fatos que originaram as razões para que tal celebração ocorresse. Os dados históricos desta época não são muito precisos, porém a partir das informações pesquisadas, pode-se estabelecer uma breve linha do tempo dos antecedentes históricos que resultaram na origem desta festa.

Um dos primeiros dados que se tem sobre a sucessão de fatos que originou a festa de *Moros y Cristianos* data do ano 711, quando os árabes adentraram o território espanhol (MACEDO, 2009, p.132). Segundo a crônica da conquista de *Al-Ándaluz*, que foi atribuída a Ibn Qutaiba, foi no ano de 711 que as tropas do governador de

Tânger, Tariq ibn Ziyad, cruzaram o estreito de Gibraltar para tomar as terras pertencentes à *Hispania* (Macedo, 2009, p. 132). Conforme esse autor esclarece (MACEDO, 2009, p. 132), a batalha de Ouadi-Bekkah, da qual Tariq e suas tropas saíram vitoriosos, facilitou o processo de tomada dos principais centros de defesa da península ibérica. Deste modo, com a conquista de Córdoba em 713, Mérida, Sevilha e Toledo, os mouros continuaram conquistando o território espanhol em direção ao norte.

Em 722 a Batalha de Covadonga deu início ao que hoje é conhecido como *Reconquista* (MONTENEGRO VALENTÍN; CASTILLO ÁLVARES, 1990-1991, p. 8). Esta batalha travada entre os exércitos de Don Pelayo e de *Al-Ándalus* é considerada como o marco inicial da Reconquista, visto que os árabes foram derrotados. Naquela região foi estabelecida Cangas de Onis, localizada na província de Astúrias. Apesar de o processo ter se iniciado pouco tempo depois da tomada, ele não foi realizado rapidamente.

Um ponto relevante nesta história está relacionado ao modo como os árabes se impuseram naquela região. Certamente, houve muita indisposição e matanças ao longo no caminho. No entanto, observamos que em meados de 961 ocorreram algumas ações que fortaleceram a preservação dos traços culturais árabes naquela localidade. García Almiñana (2003, p. 232) conta que foi nesse período que o emirado independente de Córdoba tomou proporções maiores como cidade e centro religioso. Durante seu governo, Halhakam II “impulsionou o ensino, formou uma biblioteca riquíssima e fez da Universidade de Córdoba uma das mais importantes do mundo.”, explica García Almiñana (2003, p. 232, tradução nossa¹⁰).

Entre os anos de 722 e 1492 foram desencadeadas sucessivas batalhas e pouco a pouco os monarcas espanhóis foram reconquistando o território. Mais especificamente entre 716 e 756 houve diversos enfrentamentos internos por parte dos líderes de al-Andalus (GARCÍA ALMIÑANA, 2003, p. 238).

Dentre todas as batalhas, a batalha de Las Navas de Tolosa que teve início em 16 de julho de 1212 (GARCÍA FÍTZ, 2014, p. 12) tem destaque. O *Ejército del Señor*, como foi chamado, era formado pelas tropas de Pedro II de Aragão, Sancho VII de

¹⁰ Impulsionó la enseñanza, formó una riquísima biblioteca e hizo de la universidad cordobesa una de las más importantes del mundo.

Navarra, súditos dos reinos de Portugal e de León, além do respaldo espiritual fornecido pelo Papa Inocêncio III. Esse exército marchou em direção ao sul e enfrentou o exército do califa muçulmano Abd Allāh Muhammad al-Nāsir, nas imediações de Sierra Morena, na Espanha (GARCÍA FÍTZ, 2014, p. 12). Em meio a essa batalha foi dado o pontapé inicial para a retomada das terras espanholas e portuguesas e a expulsão dos árabes. Neste momento, a região de al-Andalus foi reduzida a apenas o território de Granada (GARCÍA ALMIÑANA, 2003, p. 244).

Entre diversas rebeliões e dominações que ocorreram, foi entre 1609 e 1613 que outro ponto de destaque aconteceu. Nesta época, boa parte dos árabes já haviam sido expulsos da Espanha, principalmente através do porto de Alicante. Contudo, foi a partir de uma ordem dada pelo monarca Felipe III, que ocorreu a expulsão dos últimos mouros (RIQUELME-QUIÑONERO, 2019, p.4) e a retomada do controle cristão naquela região.

Cabe salientar que, mesmo com as datas documentadas e apresentadas, boa parte dessas informações são ambíguas, pois eram disseminadas pela via oral. Dentre os materiais pesquisados, boa parte da informação só foi realmente documentada do século XVI em diante, embora até os dias atuais se realize esforços e pesquisas para aprofundar a história das festas e manter a memória viva por intermédio da celebração e de registros mais precisos dos dados.

3.1.2 A religião e *Moros y Cristianos*

Bem como diversas outras manifestações folclóricas, as festas de *Moros y Cristianos* têm variações de acordo com a localidade onde são realizadas. São detalhes pequenos, mas eles possibilitam a identificação de cada povoado e das tradições de cada localidade que a comemora. Com relação à essa festa, um dos principais fatores que se destaca é o santo padroeiro ou a santa padroeira da cidade ou município.

As festas de *Moros y Cristianos* carregam esse cunho religioso desde a sua gênese, visto que elas celebram a vitória dos cristãos ao expulsar os muçulmanos que haviam tomado as terras ibéricas. No entanto, outro fator religioso que se destaca na celebração são os santos padroeiros. Os responsáveis por determinar a época em

que a festa ocorre que irão abençoar e reger as celebrações decorrentes são os santos padroeiros.

Um dos exemplos que podemos citar é a festa de *Moros y Cristianos* de Alcoy, considerada uma das maiores da Espanha, que é organizada pela Associação de São Jorge. Segundo informações fornecidas na página dessa associação, São Jorge é o santo padroeiro de Alcoy e da festa, pois São Jorge foi o responsável por interceder pelos cristãos que lutavam contra o muçulmano Al-Azaraq, em 1276 (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line). De acordo com a referida associação, São Jorge era celebrado em Alcoy desde 1096 devido à sua intervenção na batalha de Alcoraz, a qual retirou o controle da região de Huesca dos muçulmanos. À época da Reconquista, gritos de guerra como “*Sant Jordi, firam firam*” eram aclamados pela antiga Coroa de Aragão e pelos reinos que a integravam. Conforme destaca essa associação, São Jorge intercedeu durante a batalha em que o ditador Al-Azraq atacou a região de Alcoy em 1258 como forma de tentar reconquistar o seu antigo território. Segundo conta a tradição, São Jorge percorria a muralha em seu cavalo branco como maneira de dispersar os guerreiros de Al-Azraq, o que facilitou com que o exército cristão vencesse os muçulmanos e matasse o ditador (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

Graças a essa última batalha, a população de Alcoy reconheceu São Jorge como o santo padroeiro do município e prometeu erguer um templo em sua homenagem, além de celebrar essa festa anualmente. A partir disto, um eremitério foi erguido no início do século XIV e, atualmente, depois de diversas reconstruções, se transformou em um templo em homenagem a São Jorge o qual foi inaugurado em 1921 (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

A festa que atualmente é reconhecida como *Fiesta de Moros y Cristianos* teve a sua origem nas festas realizadas em homenagem a São Jorge. O dia de São Jorge é 23 de abril. Nesta data eram celebrados cultos, funções religiosas e profanas em tributo ao padroeiro. Ao longo do tempo foram sendo acrescentados elementos típicos nas populares da região e as *soldadescas* que funcionam como salvas de tiros para os homenageados. Com a implementação de novos elementos como desfiles, procissões, embaixadas, entre outros elementos, a festa que inicialmente era um tributo a São Jorge desde 1741, se configurou como uma trilogia festeira pertencente a celebração de *Moros y Cristianos* (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

Outro exemplo da origem da festa de *Moros y Cristianos* é o do município de Ibi, também localizado na província de Alicante que tem por padroeira a Nossa Senhora dos Desamparados. A história conta que no século XVI se celebrava ‘El Salvador’ com as chamadas *Soldadescas*. O *Libro blanco de la fiesta de Ibi* apresenta as *Soldadescas* como:

Competições de tiro, o ganhador conseguia algum tipo de prêmio: “a joia”, mas, em nosso caso, também se formavam companhias para homenagear o santo padroeiro ou algum santo principal com salvas: fazer a amostra. Para receber algum personagem ilustre, eram feitas demonstrações idênticas, seguindo rituais e evoluções militares. Nas procissões dos distintos santos, se formavam batalhões e eram feitas paradas para realizar salvas em sua honra. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, pp. 61 e 62, tradução nossa¹¹)

Este tipo de festa era realizado como uma maneira de agradecer às bênçãos recebidas pelos santos padroeiros da cidade e os membros que realizavam essas salvas eram devotos desses santos e cidadãos da região. Não se definiu com que frequência os simulacros em homenagem a *El Salvador* eram realizados, ou mesmo em que datas. Apenas em 1731, com a chegada da imagem da Virgem dos Desamparados passou-se a ter datas definidas para a realização das *Soldadescas* (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 79)

Um ponto curioso destacado pela Comissão de Festas 2013-2016 é que um mês após esta chegada, foi proibida por parte das autoridades a realização de festas com disparos de pólvora. Isso aconteceu durante diversos anos até que em 22 de agosto de 1797 a permissão para que as *Soldadescas* pudessem ser retomadas foi novamente liberada (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 64), fato que serviu como precedente direto para a realização das festas de *Moros y Cristianos* de Ibi.

Hoje, juntamente com a celebração do *Día de la Mare de Deu*, que era tradicionalmente comemorado no segundo dia de maio, e que agora é celebrado no dia anterior, se celebra o dia do *Avís*, ou seja, o dia do aviso. Esse dia serve para relembrar o aparecimento da imagem da Virgem dos Desamparados, padroeira de Ibi e marca o início das festas de *Moros y Cristianos* naquela localidade, onde são

¹¹ Competiciones de tiro, el ganador conseguía algún tipo de premio: “la joya”, pero también, en nuestro caso, se formaban compañías para homenajear al Patrón o a algún santo principal con salvas: *fer la mostra*. Para recibir algún personaje ilustre se hacían idénticas demostraciones, siguiendo rituales y evoluciones castrenses. En las Procesiones de los distintos santos formaban batallones y se hacían paradas para efectuar salvas en su honor.

realizados atos tradicionais para exaltar e retomar o dia do aparecimento da imagem da Virgem. O regulamento do festeiro de 1913 atesta que a celebração do *Avís* é condição *sine qua non* para disfrutar da condição de festeiro. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 80)

A celebração do *Avís* se inicia no dia anterior ao grande dia, isto é, na sexta-feira anterior ao segundo sábado de maio, com o traslado da imagem pequena à igreja. Este dia, apesar de ser realizado no mês de maio, faz parte da celebração de *Moros y Cristianos* de Ibi, que comemora os outros três dias de festa no mês de setembro. Isto demarca uma das particularidades da festa de Ibi. No dia do *Avís* são realizados quinze minutos exatos de disparos com arcabuzes, um modelo antigo de arma de fogo, para avisar a todos do grande dia.

No dia do *Avís*, durante quinze minutos, nem um a mais nem um a menos, disparos constantes de arcabuz eram realizados pela comparsa *Almogávares* diretamente do Cerro de Santa Lucía, despertando a população para o grande dia. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 80, tradução nossa¹²)

É neste momento se iniciam quatro grandes atos fundamentais para a celebração do *Avís*. O primeiro é a *Misa del Fester*, isto é, a missa do festeiro. Neste momento, além da missa tradicional, são hasteadas as bandeiras do mesmo modo como estas serão hasteadas futuramente nas festas de *Moros y Cristianos* como forma de demonstrar a submissão das Comparsas à Virgem e a seu filho Jesus Cristo. Este é um dos fatores determinantes para que essas festas sejam consideradas únicas daquela localidade, visto que as outras etapas da celebração são realizadas nas festas que se realizam em outros lugares do mundo.

Logo depois desta missa é realizado o segundo ato, intitulado *El Esmorasaret*, ou seja, o almoço. Neste momento todos os festeiros se reúnem à mesa para compartilhar a comida, os risos e as conversas. O terceiro ato é o *Concurso de Cabos*. Acompanhados com a sua própria banda, cada comparsa revela as suas armas e os seus soldados perfeitamente uniformizados. Este é um momento de respeito pois aqueles que participam dessa encenação são tomados com extremo apreço já que eles são responsáveis por representar os *Moros y Cristianos* e manter viva a celebração. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 81)

¹² El día del *Avís*, durante quince minutos, ni uno más ni uno menos, disparos constantes de arcabuz realizados por la comparsa *Almogávares* desde el Cerro de Santa Lucía, despiertan a la población al grande día.

Por meio dos dados apresentados até o momento, é possível verificar a forte influência religiosa em todos os pontos que circundam a história Espanhola e as festas de *Moros y Cristianos*. Ademais de tratar de temas religiosos, as festas de mouros e cristãos que ocorrem especialmente na região sudeste da Espanha têm muita tradição envolvida, o que desperta o interesse dos habitantes dessa região em manter as tradições. Como poderemos observar a seguir, as festas de *Moros y Cristianos* seguem os preceitos iniciados na antiguidade e são tomadas como patrimônio por parte da sociedade.

3.1.3 As festas de *Moros y Cristianos* na atualidade

As festas de *Moros y Cristianos*, bem como outras festas folclóricas têm origens relativamente desconhecidas. Até o ano de 2010, quando foi realizado o *I Congreso Internacional de Embajadas y Embajadores de la Fiesta de Moros y Cristianos*, no município de Onteniente, em Valencia, não tinha sido possível determinar o ponto de partida das festas de *Moros y Cristianos*. Porém àquela ocasião, foi determinado que a primeira representação festiva de *Moros y Cristianos* na Espanha data de 1150, em Lérida, enquanto a primeira representação festiva de *Moros y Cristianos* na América ocorreu em 1510, na República Dominicana (I CONGRESO INTERNACIONAL DE EMBAJADAS E EMBAJADORES DE LA FIESTA DE MOROS Y CRISTIANOS, 2010, p. 47).

Destacamos, com base no apresentado no *I Congreso Internacional de Embajadas y Embajadores de la Fiesta de Moros y Cristianos*, que as festividades de *Moros y Cristianos* ocorrem majoritariamente na Espanha, no entanto cabe recordar, como afirmamos anteriormente, que essa festa não é celebrada apenas nesse país. Segundo os anais do *I Congreso Internacional de Embajadas e Embajadores de la Fiesta de Moros y Cristianos* (2010, p. 46), estão contabilizados 27 países e mais de 1200 povos que celebram ou já celebraram em alguma época da sua história, as festas de *Moros y Cristianos*. A relação dos povos e das províncias onde a festa é celebrada pode ser conferida no anexo 1.

Atualmente, as regiões que se destacam nas celebrações das festas de *Moros y Cristianos* são as províncias de Alicante, Valência e Murcia, onde se encontram as

maiores e mais representativas celebrações desta festa folclórica. O papel dessas festas atinge tal magnitude que vinte delas foram reconhecidas como Festa de Interesse Turístico Regional, Provincial, Nacional e/ou Internacional¹³. De acordo com TURESPAÑA (2019), que é um organismo vinculado à Secretaria de Estado de Turismo estas são:

Quadro 2 - Lista das festas de Moros y Cristianos reconhecidas como festa de interesse turístico regional, provincial, nacional ou internacional

| Município - Província | Nome da festa |
|------------------------------|--|
| Orihuela – Alicante | <i>Fiestas de la Reconquista de Moros y Cristianos de Orihuela</i> |
| Ciudad Real – Ciudad Real | <i>Fiesta de Moros y Cristianos de Alcázar de San Juan</i> |
| Villena – Alicante | <i>Fiesta Moros y Cristianos de Villena</i> |
| Crevillente – Alicante | <i>Fiestas de Moros y Cristianos, de Crevillente</i> |
| Benamahoma – Cádiz | <i>Fiestas de Moros y Cristianos de Benamahoma</i> |
| Xixona – Alicante | <i>Fiestas de Moros y Cristianos de Xixona</i> |
| Sax – Alicante | <i>Moros y Cristianos de Sax</i> |
| Aspe – Alicante | <i>Moros y Cristianos de Aspe</i> |
| Monforte del Cid – Alicante | <i>Moros y Cristianos de Monforte del Cid</i> |
| Calp – Alicante | <i>Fiestas de Moros y Cristianos de Calp</i> |
| Agullent – Valencia | <i>Moros y Cristianos de Agullent</i> |
| Almoradí – Alicante | <i>Feria y Fiestas de Moros y Cristianos de Almoradí</i> |
| Ibi – Alicante | <i>Fiestas de Moros y Cristianos de Ibi</i> |
| Alcoy – Alicante | <i>Fiesta de Moros y Cristianos de Alcoy</i> |
| Ontinyent – Valencia | <i>Actos de la Bajada del Cristo y las Embajadas de las fiestas de Moros y Cristianos de Ontinyent</i> |
| Murcia – Murcia | <i>Moros y Cristianos de Murcia</i> |
| Villajoyosa – Alicante | <i>Fiestas de Moros y Cristianos de Villajoyosa</i> |
| Caravaca de la Cruz – Murcia | <i>Fiestas de la Santísima y Vera Cruz (Moros, Cristianos y Caballos del Vino)</i> |

Fonte: Elaboração própria com dados retirados de TURESPAÑA (2019, on-line)

As festas de *Moros y Cristianos* compartilham três elementos essenciais que são típicos dessa festividade, os quais são: (i) as Entradas (ou Desfiles), (ii) as

¹³ Segundo a Secretaria de Estado de Turismo da Espanha, uma Festa de Interesse Turístico Nacional ou Internacional é uma denominação em homenagem às festividades e acontecimentos de interesse turístico que ocorrem na Espanha. Para que uma festividade receba essa denominação, são levados em consideração os principais pontos: antiguidade, continuidade ao longo dos anos, participação efetiva da população, originalidade e ações promocionais em torno ao evento. (SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, s/d, online)

Embaixadas e (iii) a Procissão. Esta última costuma estar diretamente ligada ao padroeiro local.

Outro ponto de destaque é a organização da população para a realização das festas. Em diversas destas cidades, a tradição é mantida por ‘sociedades festeiras’, isto é, por organizações de moradores dos municípios que se organizam para celebrar *Moros y Cristianos*. As festas têm seu planejamento iniciado logo após o término da última realizada, à semelhança do que acontece no carnaval brasileiro. Essas organizações preparam todos os elementos que irão compor a festa, tais como as vestimentas, aos participantes, as músicas que serão tocadas e todos os demais tipos de implementações novas na celebração.

É comum elaborar revistas ou folhetos que relatam como foi o decorrer da festa em cada ano. No município de Ibi, por exemplo, todos os anos são elaboradas revistas que contam através de imagens e textos escritos como a festa foi celebrada, como foram elaborados os trajes e quais membros da sociedade que fizeram parte da organização. Do mesmo, desde 1981 em Alcoy, são documentados, por meio de revistas, os principais elementos da festa.

Outro ponto que chama a atenção com relação às festas de *Moros y Cristianos* nos dias de hoje é o engajamento de todas as populações envolvidas. Boa parte das localidades onde essas festas são celebradas são cidades e municípios pequenos, muitas vezes localizados no interior, o que implica uma mobilização coletiva de boa parte dos moradores para a realização da festa. Assim como em outros países, nestas regiões é comum a migração de jovens que saem do interior e vão para as grandes metrópoles em busca de trabalho, o que vem reduzindo a população que vive nas pequenas cidades e municípios da região. No entanto, apesar de a população estar em franca diminuição, as festas de *Moros y Cristianos* continuam sendo celebradas com grande número de participantes, o que demonstra e atesta a importância que o evento tem nestas localidades e o interesse da população em preservar a identidade e as tradições festeiras, conforme atestou Raúl Perales Giraldo, responsável pelo *Museo de Fiestas de Ibi* e participante ativo das festividades (informação verbal)¹⁴. Vale reportar que este é um dos principais elementos que movem as festas folclóricas

¹⁴ Informação fornecida por Raúl Perales Giraldo, representante do Museo de Fiestas de Ibi e Embaixador Mouro nas festas de *Moros y Cristianos* de Ibi, em janeiro de 2019.

mundo afora, o interesse em exaltar a cultura local e preservar as tradições folclóricas da região.

3.1.4 O desenvolver das festas de *Moros y Cristianos* em Alcoy e Ibi

Conforme argumentam Catalá Pérez (2012, p. 413) e a Comissão de Festas 2013-2016 (2015, p. 60), ademais de seu aspecto religioso, as celebrações de *Moros y Cristianos* são marcadas pela constituição de grupos festeiros e das etapas que compõe as festividades. Em todas as celebrações desta festa existem, notoriamente, os mouros e os cristãos, no entanto o que difere de uma localidade para a outra é a maneira como estes dois grupos são constituídos. Nesta parte do presente trabalho, apresentamos a composição dos grupos de duas festas de *Moros y Cristianos*, a de Alcoy e a de Ibi.

Segundo a Associação de São Jorge, que é a responsável pela organização do evento em Alcoy, a festa de *Moros y Cristianos* tem seu início na manhã do Domingo de Páscoa com a *Gloria*, que é a etapa conhecida como a promulgação da festa. Neste dia, além da tradicional missa, são realizados um desfile composto por um festeiro de cada *Filà*, que são os subgrupos da encenação, que são separados em dois bandos: o bando mouro e o cristão; o Sargento mais velho de cada bando, os mensageiros da cidade e os músicos da Associação. Assim como os adultos, as crianças participam do evento, com o desfile chamado *Gloria infantil*, que é precedido pela *Missa de Glorierets* (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

Depois este ato, no mês de abril, à véspera da trilogia festeira, é celebrado o dia dos músicos. Neste dia, à tarde, ocorre a *Fiesta del Pasodoble*, um desfile em que as bandas que irão tocar na festa se apresentam e interpretam o hino da festa. À noite, um jantar típico alcoyano é realizado para os festeiros e músicos, cada um juntamente com seu respectivo *filà*. É este jantar é chamado de *Nit de l'Olla* (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

No dia seguinte, é dado início à trilogia festeira. Em Alcoy, esta trilogia é constituída pelas *Entradas*, o dia do Santo Padroeiro e o *Alardo*. No primeiro dia é celebrada uma missa para os festeiros na Paróquia de Santa Maria. Logo depois, ainda pela manhã, é realizada a primeira Diana, onde é rezada a Ave Maria e quando

é içada a bandeira cristã no castelo. Neste dia desfilam as *filaes*, plural de *filà*, que são os grupos de atores que representam cada subgrupo de mouros e cristãos. Primeiro, desfilam as *filaes* cristãs; depois as mouras. De acordo com a Associação de São Jorge (s/d, on-line), a entrada dos cristãos simboliza a época em que Jaime I chamou suas tropas para defender o terreno de Alcoy. Neste momento são entregues as chaves do castelo ao Capitão do bando cristão. O primeiro dia se encerra à tarde com a entrada dos mouros, que retomam a formação da época do ditador Al-Azraq que batalhou contra os cristãos para manter seu comando na vila de Alcoy (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

O segundo dia de festa é marcado pelo culto a São Jorge. Na parte da manhã é realizada a segunda Diana, que um desfile destinado às crianças, realizado pelas *filaes* mouras e cristãs. Dois itinerários são montados, um para cada bando, e ocorrem alternadamente. Logo após é realizada a *Procesión de la Reliquia*, onde é feito o traslado da imagem de São Jorge ao templo Santa Maria, ato este que é sucedido pela missa maior. À tarde as celebrações são iniciadas pela *Diana Vespertina del Cavallet*, onde as *Filaes Realistes* e *Berberiscos* tomam a frente do desfile. À noite, ocorre a procissão geral, momento quando a imagem de São Jorge montado em seu cavalo percorre a cidade até chegar ao seu templo. O segundo dia é então finalizado com o desfile noturno das *filaes* mouras e cristãs. (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

O terceiro e último dia é conhecido como o dia do *Alardo*. Esse dia marca a luta entre os bandos de mouros e de cristãos que buscam o controle das terras de Alcoy. Segundo a Associação de São Jorge (s/d, on-line), pela manhã é feito o *Contrabando* na Plaza de España, ato organizado pelas *Filaes Andaluces* e *Labradores*. Logo depois, são dramatizadas as batalhas isoladas das *Filaes* em uma disputa realizada com arcabuzes. Após este ato ocorre a *Estafeta*, ato que precede a Embaixada, quando um mensageiro aparece a cavalo para anunciar os acontecimentos. Um dos pontos altos da celebração é o momento quando é declamada a embaixada moura a fim de render o castelo. Após este momento, é realizado um novo *Alardo* onde o bando mouro sai vencedor e conquista a fortaleza. (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

No período da tarde, parte da história se repete, porém desta vez, o enfoque é para o bando cristão, são executadas as *Estafetas* e *Embaixadas Cristãs* em busca

da recuperação do castelo, conforme explica a Associação de São Jorge (s/d, on-line). Sem sucesso, uma nova batalha com arcabuzes é dramatizada e o bando cristão sai vencedor. Uma ação de graças é realizada para comemorar a vitória dos cristãos, este ato é inteiramente dedicado ao santo patrono de Alcoy, São Jorge. Assim, a trilogia é encerrada com a aparição da imagem de São Jorge que é aclamada pelo público como uma forma de agradecimento às bênçãos concedidas e a vitória do bando cristão. (ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE, s/d, on-line).

Em Ibi, o decorrer da festa tem características semelhantes ao que ocorre em Alcoy, resguardando algumas especificidades e nomenclaturas. Conforme esclarece a Comissão de Festas 2013-2016 (2015, p. 462), a festa é igualmente caracterizada por ser uma trilogia festeira e é celebrada durante três dias no mês de setembro, dos quais cada um é responsável por uma série de atos que são apresentados no regimento e serão descritos a seguir. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 235)

O primeiro dia, denominado *Día del passeig*, é iniciado pela manhã com a *Diana festera*, ato que é assistido por todas as Comparsas e cuja esquadra deve conter no mínimo dez membros festeiros completamente uniformizados e com uniforme próprio (Comissão de Festas 2013-2016, 2015, p. 235). A *Diana festera* é seguida da Entrada do bando cristão; esta parte se trata da leitura de um texto escrito por Don Luis Satoca Ricart e que simboliza a entrega das chaves do castelo de Ibi para o Capitão da comparsa cristã. À tarde é realizada a Entrada do bando mouro, a qual possui as mesmas características da Entrada do bando cristão. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 235)

O segundo dia é chamado de *Primer dia de trons*, ou em português, primeiro dia de tronos. Neste dia, conforme explica a Comissão de Festas 2013-2016 (2015, p. 235) é celebrada pela manhã a *Diana despertá*, que desperta a todos para participar da festa. Um detalhe digno de nota é que todos os horários dos atos estão definidos no regulamento, deste modo, todos os anos os eventos ocorrem com um cronograma fechado que só é alterado em razão de força maior. Logo após a *Diana despertá* é iniciada a missa do festeiro que irá abençoar a todos para seguir em mais um dia de festa. Seguido deste ato, ocorre o desfile infantil onde as crianças se vestem de acordo com seus bandos e suas comparsas e desfilam pela cidade. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 235)

A entrada do Contrabando acontece depois do desfile infantil e, de certo modo, esta é uma parte humorística da encenação. Considerando que no segundo dia o castelo está nas mãos dos cristãos pela manhã e à tarde passa ao controle dos mouros, um grupo observa esta situação e se aproxima do horizonte. Conforme conta a Comissão de festas 2013-2016 (2015, p. 300) esses são os Contrabandistas que tentam atacar o forte e conquistar o castelo; porém eles não conquistam o que desejam e fogem covardemente. A manhã se encerra com a visita das Autoridades, Capitães e Abandeiradas ao asilo San Joaquín. Na parte da tarde é dramatizado *Alardo*, ou seja, a batalha entre os dois bandos. Ele é seguido da embaixada moura e a oferenda de flores. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 235)

Conforme conta a Comissão de festas 2013-2016 (2015, p. 304), o terceiro e último dia se inicia com a guerrilha, passando, na sequência, para o julgamento final e para o fuzilamento do mouro traidor e, por fim, a missa maior. Sobre o julgamento final e fuzilamento do mouro traidor, a história conta que em meio as batalhas um mouro se apaixona por uma cristã e que transferiu informação secreta ao banco opositor como podemos ver no excerto a seguir:

No domingo pela manhã os cristãos iniciam a reconquista, ganhando posições aos infiéis árabes; pela tradição, se supõe que haja um mouro traidor que, apaixonado por uma bela cristã, transmitiu informação secreta dos meios de combate do castelo, sendo assim, na madrugada de domingo começa a perseguição do mouro traidor pelo cerro de Santa Lucia; ao alvorecer, o infiel é capturado com um “*AIXEBEGÓ*”.

O mouro traidor é levado até o castelo, uma vez ali, tem lugar o diálogo do Julgamento que é sempre em valenciano, ainda que sem variar a estrutura, seu conteúdo é renovado ano a ano, adequando-o à marcha que estruturou a festa de cada ano.

Uma vez julgado e condenado à morte, o traidor tem a oportunidade de expressar seu último desejo, após deste, o pelotão de fuzilamento dispara sobre o réu.

Depois, depois de ser colocado em um caixão forrado com tela *chumbera* e, acompanhado pelos sons da “Marcha fúnebre de Mozart”, se inicia o cortejo fúnebre até a praça da Igreja. (SANTIAGO CIFUENTES, 2003, *apud* COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 304, tradução nossa¹⁵)

¹⁵ El domingo por la mañana los cristianos inician la reconquista, ganando posiciones a los infieles árabes; por tradición, se supone que hay un moro traidor que, enamorado de una bella cristiana, ha transmitido información secreta de los medios de combate que dispone el castillo, siendo así que en la madrugada del domingo comienza la persecución del moro traidor por el cerro de Santa Lucía; al alba, el infiel es capturado con un “*AIXEBEGÓ*”.

El moro traidor es bajado hasta el castillo, una vez allí, tiene lugar el diálogo del Juicio que siempre es en valenciano, aunque sin variar la estructura, su contenido es renovado año tras año, adecuándolo a la marcha que haya tomado la fiesta de cada año.

Una vez juzgado y condenado a muerte, el traidor tiene la oportunidad de expresar su último deseo, tras lo cual, el pelotón de fusilamiento dispara sobre el reo.

Después, tras ser colocado en un ataúd forrado con tela *chumbera* y, acompañado por los sonos de la “Marcha fúnebre de Mozart”, se iniciará el cortejo fúnebre hasta la plaza de la Iglesia.

Este é um dos momentos mais inquietantes da celebração realizada em Ibi e que não acontece em outras localidades. Esse ato é sempre realizado por um membro representante da *Comparsa de Moros Chumberos*. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 304)

Para encerrar o último dia de festejos, acontece novamente no período da tarde o *Alardo* que representa a retomada do castelo pelo bando cristão e é sucedido pela Embaixada do mesmo bando. Como explica a Comissão de festas 2013-2016 (2015, p. 409), a volta ao castelo é realizada pelos Capitães e Abandeiradas selecionados para o ano seguinte. Ali são realizadas salvas de tiros em honra às comparsas do ano vigente. A festa de *Moros y Cristianos* de Ibi finaliza com uma procissão solene em veneração à Imagem da Santa Virgem dos Desamparados. Nesta parte do ato ocorre o tradicional *Castillo de Fuegos Artificiales*, quando são soltados fogos de artifício do castelo para celebrar o fim de mais uma festa. (COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016, 2015, p. 409).

Vemos até este ponto que as festas de *Moros y Cristianos* funcionam como uma representação dramática popular que complementa os rituais religiosos das celebrações padroeiras. Elas reforçam as doutrinas apregoadas pela tradição católica ao mesmo tempo que estreitam os laços comunitários daquela localidade.

3.2 Cavalhadas: uma celebração brasileira remanescente da colonização

A colonização do Brasil causou diversos questionamentos sobre o modo como ela foi realizada. É fato inegável que a destruição das terras e o extermínio dos povos nativos deixou evidências severas na nossa história. Do mesmo modo, é fato que até hoje os brasileiros sofrem consequências de uma colonização que muito explorou a terra e pouco agregou a ela. Dentre essas marcas que vieram através da colonização, foi implantado o português como língua oficial, e foram agregados nomes de alimentos na nossa culinária e tradições no nosso folclore. E é sobre este último aspecto que discutiremos nesta seção.

O folclore brasileiro, de norte a sul, é conhecido por sua riqueza. Tem marcas distintas e celebrações que ocorrem todos os dias do ano. Cada região tem alguns tipos de festejos, de alimentos e de cultura popular que fazem remeter àquele lugar

sempre que mencionado. Na região centro-oeste, por exemplo, são conhecidas as antigas sertanejas tradicionais, a alimentação caseira e alguns festejos, como é o caso das Cavalhadas.

As festas que celebram mouros e cristãos têm em sua história festividades que já ocorreram em outras cidades dos quatro cantos do Brasil, conforme registro do *Congreso Internacional de Embajadas e Embajadores de la Fiesta de Moros y Cristianos* (2010, p.67). No entanto, é no município de Pirenópolis, localizado no leste goiano, que a festa se faz expoente. Todos os anos, em meio à festa do Divino, são, na atualidade, realizadas as Cavalhadas, como forma de manter uma tradição remanescente de tempos longínquos.

A história conta que durante a dinastia carolíngia, ao final do século VIII, o imperador Carlos Magno iniciou uma batalha contra os sarracenos, nome como os muçulmanos eram conhecidos à época, como forma de evitar a tomada de mais terras europeias. Naquele tempo, havia grande disputa entre os povos de ambas as religiões, cristã e muçulmana, pela conquista de território, o que naturalmente causava rivalidade. Contudo, foi no ano de 778 que ocorreu um fato que reforçou esse antagonismo. Durante a Batalha de Roncesvalles, o Conde Rolando da França foi massacrado por tropas muçulmanas e esse fato foi tão divulgado que se desdobrou em uma canção, intitulada 'A Canção de Rolando', a qual incentivava os cristãos a cultivarem um grande ódio contra os muçulmanos (PIRENÓPOLIS, s/d, on-line).

Como mencionado em seções anteriores, a meados do século VIII, tropas muçulmanas invadiram o território ibérico, mais especificamente no sul da Espanha. Algum tempo depois, já no século XV, essas tropas foram expulsas daquele território, fato que originou a festa de *Moros y Cristianos*.

Em idos do século XIII, em Portugal, a expulsão dos mouros da Península Ibérica passou a ser celebrada como forma de festividade, por meio de uma dramatização (PIRENÓPOLIS, s/d, on-line).

No Brasil, a representação foi instituída pela Coroa Portuguesa quando esta ainda comandava este território. De acordo com Nascimento (1996, p. 157), essa inserção se iniciou como forma de contribuir para catequização dos povos que aqui habitavam. Como se sabe, uma das formas que os portugueses utilizaram para

colonizar os indígenas foi a catequização. Conforme afirmou o folclorista Bráulio Nascimento:

Indígenas, negros e mestiços, transformados em infiéis, experimentaram o contato da redução, tanto pela força da espada, como pela brandura da catequese. O que importava, afinal, era converter a todos numa nação cristã de católicos. (NASCIMENTO, 1996, p. 157)

Não somente na região onde hoje está localizado o estado de Goiás, mas em todo o país passou-se a encenar esta representação da luta entre cristãos e muçulmanos. Um dos primeiros registros dessa celebração data de 1886, e foi descrito folclorista Alexandre Moráis Filho, como vemos no seguinte excerto:

Vinte cavalleiros, com seus pagens, envergam exquisitos costumes symbolizando christãos e mouros. Os cavallos, ajaezados de prata, relinham escarvando a terra, sopeados na arena. Os justadores empunham compridas lanças com fitas na ponta; simulam desafio, traçam largo aceno com espadas e lanças, indicando posições a tomarem, e separam-se. Galopando em volta do circo, confundem-se após, saudam o rei, pronunciam discursos de embaixada, findo o que, o partido dos Christãos toma á direita e o dos Mouros á esquerda. Depois das evoluções mais arriscadas, da corrida da argolinha e das cinco cabeças, da vencida de um délles, Christãos e Mouros vão as varandas implorar ás formosas damas o baptismo de um olhar meigo, ou a confirmação de um sorriso de amor. (MORÁIS FILHO, 1886, p. 33)

No município de Pirenópolis não há o registro de uma data precisa em que a celebração foi instituída. Tudo parece indicar que essa tradição se iniciou em 1819 (HORTA, 2000, p. 198), embora alguns atestem que ela chegou à localidade pelo Padre Manuel Amâncio da Luz, em 1826, quando era intitulada “Batalhão de Carlos Magno” (PIRENÓPOLIS, s/d, on-line) e outros, ainda, reconheçam que a festividade pode ter se iniciado em 1818, 1820 ou 1826 (CÔRTEZ, 2000, p. 119).

Embora não se tenha conseguido estabelecer datas precisas, o relevante é que desde o seu início, as representações ali realizadas encheram os olhos daqueles que habitavam região, fator que foi crucial para sua continuidade até os dias atuais. Apesar de que atualmente a festividade já não possua como motivo principal a infundável rixa entre mouros e cristãos, o prazer pela montaria, a beleza dos trajés e do espetáculo, sua tradição e costumes permanecem e atravessam gerações.

Como explicado por Spinelli (2010, p. 60), as Cavalhadas têm como elementos marcantes a sua característica dramática, da qual os participantes das encenações encarnam personagens como forma de transportar os espectadores a épocas antigas. Outro aspecto fundamental é a dança que acompanha a história contada como forma de expressão dos significados intrínsecos da performance.

O tipo de apresentação que se desencadeia nas Cavalhadas é muito popular em Portugal, conforme menciona Oneyda Alvarenga (1982, p. 62), e, ali, recebe o nome de *Cheganças*, ou mais especificamente tratando das batalhas entre mouros e cristãos, o nome de *Mouriscada* ou *Mouriscas*. Alvarenga (1982, p. 62) conta que estas Mouriscas “ora eram danças puras, ora danças dramáticas, apresentando coreograficamente o mesmo elemento de luta, presente nas nossas Cheganças de Mouros”. Essa autora afirma que ambas, as Cheganças de Mouros e as Cavalhadas, são bastante similares, diferenciando-se, basicamente, na questão das músicas.

“Com exceção das Mouriscas cantadas e bailadas, a música não participava dos brinquedos ibéricos de cristãos e mouros. Justamente na ausência de música reside a diferença que os separa da nossa Chegança de Mouros, que é uma representação cantada. (ALVARENGA, 1982, p. 63)

Encerramos esta seção destacando que as relações entre as Cavalhadas, as festas de *Moros y Cristianos* e, inclusive, as *Cheganças* são muito próximas, o que ajuda a tecer as entrelinhas da história destes países de modo a atestar o impacto dessas festas na história de cada um desses países e a interculturalidade existente entre o Brasil, a Espanha, e, naturalmente, Portugal.

3.2.1 O desdobramento das Cavalhadas em Pirenópolis

Bem como outras festas de *Moros y Cristianos*, as Cavalhadas também são consideradas como “trilogia festeira”. Comumente, elas se realizam de domingo a terça-feira e, como fazem parte das comemorações da Festa do Divino, ocorrem cinquenta dias depois da Páscoa e em meados de Pentecostes (SPINELLI, 2010, p. 61).

De acordo com Brandão (1974, p. 119), a encenação do primeiro dia começa com a descoberta do mouro disfarçado de onça que é descoberto pelo sentinela cristão. No entanto, Côrtes (2000, p. 119) destaca que, em uma versão mais atual do festejo, o primeiro momento se inicia com a entrada dos mascarados, que podem entrar a cavalo ou a pé. Os mascarados adentram o campo e fazem dele o seu local de festa.

A origem exata desse elemento da festa é desconhecida, porém alguns moradores locais dizem que os mascarados eram os negros que não tinham condições para participar das festas, por isso, punham máscaras e adentravam a

celebração. Para estudiosos como Bonetti (2017, p. 145), os mascarados exercem um tipo de função que liga o profano ao sagrado, o que explica, de certo modo, sua função na festa.

As funções rituais dos mascarados parecem revestidas de um caráter profano, resquícios das festividades pagãs a qual se originam, no entanto, alguns laços fazem a intersecção ao sagrado cristão. Por isso, eles gozam de uma força e liberdade quase sem limites, com competência de destruir ou admoestar segundo a sua vontade; possuem o domínio de conectar o natural ao sobrenatural, conjurar os males sociais, prevenir e organizar o devir de toda a comunidade a que pertencem, que os alimenta e que lhes afere legitimidade para a sua existência.

Independentemente de sua origem, os mascarados hoje são parte intrínseca do festejo e se caracterizam por representarem animais. Eles são normalmente moradores locais e pessoas comuns que, ao colocar a máscara, “transformam-se em seres diferentes, superiores, míticos e proféticos, sagrados e profanos.” (BONETTI, 2017, p. 142)

Corroborando com a característica teatral da festa das Cavalhadas, observamos que a presença dos mascarados compõe o cenário mítico e performático do festejo. Durante os dias da Festa do Divino, é possível ver diversos mascarados percorrendo a cidade, como conta Bonetti (2017, p. 142):

a Festa do Divino de Pirenópolis, os mascarados ostentam símbolos apropriados e toda performance teatral para a encenação a eles atribuída, a qual é ancestralmente preparada e transmitida por gerações e ciclicamente vivida. E assim, percorrendo as ruas da cidade ou no Campo das Cavalhadas, ele formula cenas e fantasias extraídas da vida real, transpostas para o ritual paralitúrgico do dia festivo.

É válido observar que, essa permissividade dada aos mascarados ocorre apenas em épocas festivas. Os comportamentos realizados por eles, e pelos demais participantes da festa, são considerados inaceitáveis para as demais épocas do ano, como explica Brandão (1974, p. 50)

A sociedade se permite um consumo fora do comum de bebidas alcoólicas [...]permite ainda e sanciona um comportamento considerado como “arruaceiro”, perigoso e inaceitável nos dias de rotina, por parte de mascarados que galopam a grande velocidade pelas ruas da cidade e no campo das Cavalhadas.

Atualmente, outros elementos também são representados, mesmo que as máscaras de bois continuem sendo as mais comuns, estas, por sua vez, se tornaram símbolo da cidade. Os mascarados com máscaras de bois são encontrados não apenas nas Cavalhadas, mas no cotidiano local. Desde artesanatos a esculturas

postas em bancos, os mascarados com máscaras de bois são símbolo de Pirenópolis e se tornaram elemento marcante do turismo local.

Figura 1 - Imagem de um manequim fantasiado de mascarado encontrado no Museu das Cavalhadas em Pirenópolis – GO



Fonte: Acervo pessoal

A partir desse momento a encenação propriamente dita se inicia. Em um compasso muito bem-organizado e regido pelo dobrado tocado pela banda, os mouros ficam à esquerda e trajam vestes vermelhas; os cristãos, por sua vez, ocupam o lado direito do campo e trajam vestes azuis (CÔRTEZ, 2000, p. 119). Além disso, cada cavaleiro porta três armas que serão utilizadas na encenação: uma espada atada à cinta, uma lança enrolada com fitas em espiral e um par de pistolas (HORTA, 2000, p. 198). Os dois grupos, conforme destaca o mesmo autor, são formados por um rei, um embaixador e dez soldados, cada.

Como Horta (2000, p. 198) explica, a representação é um ritual tradicional: o rei cristão ordena a seu embaixador que vá ao território mouro exigir que seu rei se converta ao cristianismo, determinando que se ele não o fizer, será atacado. O embaixador, então, caminha para o meio do campo, onde se encontra com o embaixador mouro e o faz saber o seu objetivo; então, o embaixador mouro o conduz até o rei mouro. O rei mouro, por sua vez, manda a resposta por seu secretário,

afirmando que se esta não for do agrado do rei cristão, que ele dará sua resposta no campo de batalha.

Horta (2000, p. 198), continua contando que, de volta ao território cristão, ao ouvir o comunicado trazido por seu embaixador o rei se indigna e promete castigar os mouros por tamanha insolência. No entanto, o próprio rei mouro decide ir à fronteira dos dois territórios e diz que o rei cristão deve se converter a Maomé, ou então será vencido no campo de batalha. Neste momento, ocorrem trocas de insultos e ameaças por ambas as partes. O dia termina com a “defesa da praça”, momento em que os cavaleiros de cada reino simulam combates. Este dia é finalizado sem um vencedor.

Figura 2 - Momento em que os cavaleiros mouros e cristãos realizam a “defesa da praça” nas cavalhadas de Pirenópolis de 2019



Fonte: acervo pessoal

Como explica Horta (2000, p. 198), no segundo dia as batalhas continuam. Os combates entre mouros e cristãos continuam até que os cavaleiros mouros começam a demonstrar cansaço, facilitando a entrada do exército cristão em território mouro, fazendo com que os mouros entreguem as suas armas. O rei mouro é relutante na sua conversão, porém ao ver seus soldados feitos escravos, aceita a conversão e é batizado, tornando-se cristão.

Até esse momento, conforme Brandão (1974, p. 119) explica, todos os atos realizados nas Cavalhadas são considerados ritualizados, pois seguem uma ordem exata e podem ser divididos entre ‘discursos’ e ‘ação’. No quadro 3, elaborado por Brandão (1974, p. 119), poderemos perceber as ações que dividem, conflitam e unificam os elementos representados na celebração.

Quadro 3 - Representação elaborada que demonstra os atos realizados nas cavalhadas separados por “discursos” e “ação” e pelos “universos simbólicos”

| | Divisão dos Universos Simbólicos | Confronto dos Universos Simbólicos | Conciliação dos Universos Simbólicos |
|------------------|---|---|--|
| Discursos | 2º Embaixada dos Mouros. Recusa dos Cristãos. 3º) Embaixada dos Cristãos. Recusa dos Mouros. 4º) Encontro dos dois reis. Proposta do Cristão. Recusa do Mouro. Proposta do Mouro. Cristão aceita. | 7º) Proposta de tréguas dos mouros. Aceitação dos cristãos. | 10º) proposta do rei mouro aceitando a crença cristã. 11º Fala do Padre (em voz baixa) batizando os mouros. |
| Ações | 1º) morte do espião mouro por sentinela cristã. 5º) Reconhecimento de Praça (primeira carreira, cada lado em seu campo). | 6º) Carreiras do primeiro dia. 8º) Carreiras do segundo dia. 9º) Prisão dos mouros. | 12º) Batismo dos mouros. 13º) Carreiras de mouros e cristãos juntos. 14º) troca de flores entre mouros e cristãos. 15º) entrega de flores pessoas da assistência |

Fonte: Brandão (1974, p. 119)

Neste quadro, mostramos que em alguns momentos os discursos e as ações ocorrem, por vezes, de forma intercalada e, em outros momentos, por meio de ações consecutivas. Apesar de não estar explícito no quadro, os momentos de fala, isto é, dos discursos, são menores que os momentos de ação. Aqueles que assistem às Cavalhadas percebem que o ato demonstra mais ações, por meio das carreiras e dos desfiles, que momentos de fala dos participantes.

Dando prosseguimento à festividade, no último dia, como esclarece Horta (2000, p. 198), há provas de exibição, algo similar a um jogo. Nesse momento, que não é tão ritualizado como os dias anteriores, são realizadas provas chamadas de ‘tira-cabeça’, que, segundo o mesmo autor, se trata da tentativa do cavaleiro de derrubar cabeças de papelão dispostas em fileiras, utilizando sua lança. Há ainda outras provas chamadas de ‘oito de contas’, ‘foginho’, ‘alcancia’, no entanto, não foi possível encontrar informações acerca delas. Para finalizar este momento mais lúdico do festejo ocorre a prova chamada de ‘argolinha’ (HORTA, 2000, p. 198), que é a de maior destaque. Nela, cada cavaleiro deve atravessar sua lança por uma argolinha que está presa a um poste. O vencedor oferece a argola à uma pessoa da plateia, que pode ser uma autoridade ou alguém a que tenha afeição. Como forma de contribuição, a pessoa que recebeu a argolinha coloca algo na lança do cavaleiro que realiza um

desfile pelo campo mostrando-se vencedor. Brandão (1974, p. 98) conta que, à época, os cavaleiros que conseguiam completar as provas eram presenteados com prendas (na maioria das vezes eram 'cortes de fazenda') e essas prendas eram oferecidas a algum assistente.

Há outros autores que falam sobre outras etapas da encenação, como a passagem do espião mouro que, "disfarçado de onça, penetra em território cristão para observá-los" (CÔRTEZ, 2000, p. 119). Brandão (1974, p. 85) indica que a encenação começa quando o mouro disfarçado de onça e posicionado em uma árvore próxima ao castelo cristão é descoberto por um sentinela cristão e tem início a troca de tiros. Assim como em *Moros y Cristianos*, o espião mouro é descoberto e é morto por ser um infiel (à religião católica). Algo que o diferencia da festa espanhola, porém, é o motivo do infiltrado, já que nas Cavalhadas o espião é movido pelo desejo de obter informações sobre o reino oposto enquanto em *Moros y Cristianos* o traidor se apaixona por uma cristã.

Por outro lado, Brandão (1974, p. 82) relata que, após o almoço de domingo, os mascarados fazem um percurso pela cidade e no campo das Cavalhadas, antes mesmo da encenação dar início.

Logo após o almoço do domingo, vários mascarados a cavalo começam a percorrer as ruas da cidade, sozinhos ou em grupos. Os cavalos são profusamente enfeitados com flores de papel e, em alguns casos, com fitas coloridas. Quase sempre trazem penduradas à frente, algumas latas ou vários pequenos poliques que produzem um "barulho ele mascarados" quando trotam ou galopam. Os mascarados têm todos um atributo comum: usam máscaras que lhes cobrem não só o rosto como toda a cabeça. Usam roupas em geral coloridas, alguns com uma ou outra peça feminina. As roupas lhes cobrem todo o corpo, de modo que é quase impossível reconhecer a um mascarado, a não ser por seu cavalo, quando o dono não o "troca" com algum outro companheiro. (BRANDÃO, 1974, p. 82)

A última etapa da festa, como explicam os autores lidos é a despedida de ambos os bandos por meio de um desfile pelo campo das cavalhadas, rumo à Igreja de Nosso Senhor do Bonfim. Esse desfile é chamado de "Quatro fios de lenço", que, conforme conta Brandão (1974, p. 98), é o momento em que os cavaleiros formam duas filas e com lenços brancos acenam para a plateia, a qual aplaude com entusiasmo.

Os cavaleiros dão uma última volta no Campo das Cavalhadas ao som de uma banda que toca o último dobrado chamado de "A Cavalhada Acabou" (BRANDÃO, 1974, p. 98). Após essa última volta, explica o mesmo autor, os cavaleiros se dirigem

à Igreja do Bonfim onde são realizadas salvas de tiros em agradecimento ao Divino Espírito Santo e que marcam o fim do festejo.

3.3 Semelhanças entre as festas de Moros y Cristianos e Cavalhadas

Como indicado nas seções anteriores, procuramos evidenciar algumas das semelhanças existentes entre as festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas. Essas correspondências se dão principalmente pela proximidade que foi estabelecida entre a Península Ibérica e o Brasil à época da colonização. Naquela etapa, a necessidade de trazer esse aspecto cultural se dava como forma de catolizar os nativos e implantar a cultura europeia em terras brasileiras. Atualmente, as festas perseveram por meio de desdobramentos daquela tradição e pela vontade de reviver o folclore local.

No caso europeu, tem algum papel a desempenhar na reafirmação da identidade nacional e religiosa ao atualizar um fato marcante de sua história, a Reconquista cristã aos muçulmanos. Quanto ao Novo Mundo, sua persistência desempenha dois papéis complementares. A exibição contribui para fortalecer os laços culturais cristãos, funcionando nesse caso como ritual de aproximação e integração. (MACEDO, 2008, p.2)

Os aspectos identitários presentes nas duas celebrações são extremamente marcantes para aqueles que vivenciam as festas. Nos locais onde essas festividades são celebradas a mobilização chega a ser de quase toda a população. Os preparativos se iniciam no ano anterior à cada realização, logo depois da última festa, como forma de determinar os próximos personagens, imperadores, abandeiradas etc.

As celebrações, em ambos os casos, em sua gênese possuem o fator de separação por meio da religião, tomando os cristãos como os bons e os muçulmanos como os maus. Esta questão, porém, ainda que cause certo constrangimento não atrapalha a realização das festas e a celebração dos rituais tal como são conhecidos. Essas questões ideológicas são um ponto de interesse, porém raramente aparecem nos textos que tratam do assunto. É possível encontrar breves comentários sobre isso em portais da Internet, mas nada em concreto que deva ser mencionado.

Não pretendemos defender qualquer tipo de separação quanto à religião, cor, crença ou gênero, mas, questões socioculturais para serem evoluídas devem ser discutidas e, se algo com uma origem nebulosa continua sendo tradição, este deve ser tratado e a história deve ser compreendida para que se saiba aquilo que ocorre

no mundo e mesmo em nosso próprio país. Visto que o presente trabalho não se configura como uma análise histórica, antropológica ou mesmo sociológica das festas, atemo-nos às considerações acerca da discussão que as festas geram e damos prosseguimento à análise das mesmas.

3.3.1 *Semelhanças práticas entre as festas*

Como foi visto, as festas de *Moros y Cristianos* e das Cavalhadas são fundamentalmente as mesmas e podemos atestar que a última se configura como uma derivação da primeira. Mesmo que essas festas tenham nomes diferentes, as Cavalhadas retratam a batalha ocorrida na Península Ibérica entre os mouros e os cristãos e da expulsão daqueles que não quiseram aceitar a Deus como único ser superior.

No que tange às partes práticas das festas, as semelhanças são ainda maiores. Em ambas, a duração da realização é de três dias, porém a data em que se iniciam varia, sendo o dia anterior ao dia do santo patrono, na Espanha, e em meados de Pentecostes, no Brasil.

Ambas as festas realizam ritos que, por vezes, recebem o mesmo nome e ocorrem na mesma ordem. Dentre eles destacamos o desfile inicial, que é chamado de 'Entradas', momento se dá no início do primeiro dia, quando os cavaleiros entram, montados, e se apresentam para o público, como uma forma de demonstrar a suntuosidade das vestes e das armas que eles portam, e dar início aos combates que serão travados.

As Embaixadas são outro aspecto análogo às festas, como pode ser consultado em Brandão (1974), Spinelli (2010), Comissão de Festas 2013-2016 (2015) e na página da Associação de São Jorge. É neste momento que são realizadas trocas de falas e insultos entre os embaixadores, os quais tomam o papel de porta-vozes dos reis, em uma maneira de confrontar o lado opositor. O texto proferido se destaca por ter se mantido ao longo do tempo (SILVA, 2007, p. 218; COMISSÃO DE FESTAS, 2013-2016, 2015, pp. 66 e 67). Tanto nas localidades de Alcoy, Ibi e Pirenópolis as falas ditas no momento das embaixadas são advindas de outras épocas e são mantidas tão como foram faladas em sua época, como tradição. O conteúdo presente

nas Embaixadas tem grande semelhança entre as festas, pois possui traços marcantes em comum, como pode ser conferido nos anexos II, III e IV.

Um detalhe curioso que podemos perceber na parte linguística do texto das Embaixadas na Espanha é que, além dos arcaísmos, há a presença evidente do valenciano na fala dos Embaixadores cristãos de Alcoy e Ibi (COMISSÃO DE FESTAS, 2013-2016, 2015, pp. 263 – 271; ESPÍ VALDÉS, 2006, pp. 153 – 172). Este detalhe, ainda que possa passar despercebido pelos nativos, demarca a importância que as tradições têm naquelas palavras. Os textos proferidos ali datam de outro século, por isso, configuram palavras antigas e palavras em valenciano.

Outro detalhe digno de nota são as Batalhas ou *Alardos* ou *Batallas*, que são as lutas travadas entre os mouros e os cristãos. Nelas podem ser percebidas nuances que demarcam lutas medievais devido a alguns fatores. Nelas a dramatização ocorre em um cavalo e com os cavaleiros vestindo trajes medievais, e portando armas que relembram às usadas naquela época.

Os cavaleiros cristãos usam roupas e chapéus semelhantes aos de milicianos, mas com peças de veludo, de que a mais luxuosa será uma capa usada pelo rei cristão (de forma errada, segundo o Sr. Ataliba, já que apenas os mouros devem usar capas). Os mouros têm sobre as cabeças uma espécie de fino casquete de veludo vermelho com enfeites de prata e ouro. A vestimenta é bastante variada e luxuosa se comparada com os cristãos. Usam calças e vestes de veludo vermelho com muitos enfeites dourados e prateados e plumas brancas. Todos têm capas igualmente vermelhas e com bordados. O rei cristão e seu embaixador usam chapéus de duas e três pontas. O rei mouro tem um capacete dourado de tipo romano. Todos, invariavelmente, possuem três armas: uma lança (a única decorada com cores e fitas), uma espada e uma pistola (que substitui as garruchas de antigamente). (BRANDÃO, 1974, p. 36)

A estrela da nossa festa é a Grande Cena Medieval, que costuma ser celebrada no final do mês de março. Só é possível participar com vestimentas medievais, sejam eles mouros ou cristãos de qualquer localidade, alugados ou adquiridos em lojas especializadas. (COMISSÃO DE FESTAS, 2013-2016, 2015, p. 39, tradução nossa¹⁶)

Ademais, a maneira como eles circulam pelos campos compõe uma espécie de dança ensaiada onde cada um sabe o movimento que deverá fazer. Este movimento orquestrado é o que corrobora para o fato de a festas de *Moros y*

¹⁶ Nuestro acto estrella es la Gran Cena Medieval, se suele celebrar a finales del mes de marzo. Solo se puede acudir con atuendo medieval, ya sean trajes de moros y cristianos de cualquier localidad, alquilados o adquiridos en tiendas especializadas.

Cristianos e as Cavalhadas serem consideradas uma dança dramática, isto é, um 'Folguedo'. Sobre isto, discutiremos mais a fundo na próxima seção.

Por fim, mais uma semelhança entre as duas festividades, são os trajes usados. As vestes, como já mencionado, representam as usadas na época medieval. Detalhes das roupas representam o bando a que cada cavaleiro pertence: azul para os cristãos e vermelho para os mouros (BRANDÃO, 1974, p. 13). No município de Pirenópolis também há dados que registram novos figurinos, porém não há resquícios de com que frequência isso acontece. As bordadeiras da cidade trabalham para que cada traje e cada bandeirola tenha detalhes únicos, conforme vemos em Spinelli (2010, p. 64)

Na cidade que se prepara para os festejos, passam pelas mãos das mulheres: as agulhas e tecidos para confeccionar diferentes tipos de roupas; os papéis que virarão bandeirolas e aqueles que se tornarão flor, enfeite de mascarado e de cavaleiro; os panos que embelezarão a arena das cavalhadas.

Além da confecção das fantasias e dos alimentos que são consumidos, as avós, mães, tias e esposas são as responsáveis por ajudar os cavaleiros a vestirem-se. Não são conhecidas mulheres que participem nas encenações da festa de Pirenópolis, diferentemente do que ocorre em Ibi, onde há as abandeiradas, porém, conforme pode ser visto em Spinelli (2010, p. 65) o papel delas é fundamental para o andamento da festa e é reconhecido por todos, desde os atores até a sociedade pirenopolitana. Nas localidades de Alcoy e Ibi também há relatos orais do papel das mulheres da família na elaboração das fantasias e dos alimentos.

Ao observar os detalhes que as festas de *Moros y Cristianos* e Cavalhadas têm em comum podemos chegar a algumas conclusões. Suas origens derivam de épocas medievais, o que se reflete em toda a encenação; são festas que possuem etapas semelhantes e personagens com papéis próximos ou iguais; são festas que comovem toda a região e exprimem um desejo de reviver as tradições e demarcar a identidade local, o que as faz serem, práticas familiares que se tornam tradições que são passadas através de gerações.

3.4 Entendendo o folclore através dos folguedos

Estudar folclore é estudar a cultura popular de um povo: é chegar às raízes mais profundas de uma sociedade na busca de elementos fundamentais que formam

o pensamento de um lugar. O folclore está para as tradições e para a subsistência da história assim como a água está para o ser humano. São aspectos intrínsecos de um povo: sem eles, não há evolução.

Falar de folclore é enfrentar uma temática difícil, pois trata de aspectos que é preciso desdobrar e pesquisar a fundo para a compreensão do que eles significam de fato. O folclore está presente em todo o mundo, em todas as sociedades em todos os espaços. Ele se adapta a diferentes contextos, ciências e áreas de estudos. Como destacou Câmara Cascudo (1986, p. 7, grifo do autor) destacou, “nenhuma ciência possui como o folclore maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do **geral** no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heroico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo.”

O folclore, isto é, a cultura popular, está presente nos mais variados ambientes, até mesmo nos que, em princípio, pensamos serem possuidores apenas de técnica e de ciência. O folclore não está presente apenas nos contos e nas lendas, mas em nossos ambientes cotidianos. Ele tem o poder de se transportar para diversos locais e se recriar através dos trópicos. Estudar o folclore é estudar a si e ao outro, é pôr em alteridade perspectivas distintas sobre si.

O folclore é criado pelo social e mantido por ele: o folclore é dinâmico, pois se faz e refaz em busca de adaptação e mantém seus elementos específicos como forma de caracterizar aquela tradição.

Os fenômenos folclóricos também são fenômenos da cultura, passíveis portanto de serem estudados individualizadamente. Não são coisas mortas: são uma realidade concreta, dinâmica, numa constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade. (SALLES, 1969, *apud* FRADE, 1991, p. 29,)

É justamente esse poder de adaptação e mudança que gera um encanto e desperta o olhar daqueles que conhecem o seu folclore local. Ele se exprime por meio da cultura e toma formas que perpassam os vários caminhos da construção identitária humana. É inclusive a misticidade presente nas histórias, e o desconhecimento de sua origem exata que o torna mais interessante e desafiador.

Dentro do folclore existe uma gama de assuntos que podem ser discutidos, Frade (1991, p 35) já destacava essa preocupação, assinalando que dentro dos estudos folclóricos poderia separá-lo por temas ou áreas como: “Culinária, Danças Folclóricas, Devoções Populares, Autos ou Folguedos, Jogos de Adulto, Literatura

Oral, Lúdica Infantil, Medicina Caseira, Música Folclórica”. Isto, sem incluir, as lendas, os mitos e rituais diversos que não necessariamente esses encaixam em um dos temas citados acima.

Uma das tarefas da Antropologia é definir e compreender o que é folclore e do que ele é constituído. Esta ciência também estuda as suas manifestações, origens e aspectos etnográficos. Dentro da área das Ciências Sociais há um grande leque de possibilidades para aqueles que desejam se aprofundar nas manifestações folclóricas. Neste trabalho em específico não temos a pretensão de discorrer sobre cada aspecto, mas a tentar compreender um pouco mais sobre o folclore através das danças dramáticas, mais especificamente, os folguedos.

As danças folclóricas, mais conhecidas como folguedos, possuem, em geral, um caráter religioso, seja na sua concepção ou em elementos formadores da dança. Elas são mais uma forma de expressão popular que possui características e formas diversas e que está presente em todas as regiões brasileiras. Frade (1991, pp. 35 e 36) define as danças folclóricas como:

as expressões populares, desenvolvidas em conjunto ou individualmente, que têm na coreografia o elemento definidor. Sobre sua história, sabe-se que originariamente existiram enquanto elemento integrante de rituais religiosos, guerreiros e fúnebres dos chamados ‘povos primitivos’. Na sua transformação. Aos originais movimentos repetitivos, imitativos, mímicos, marcados pelo ritmo, juntaram-se a outros, mais livres e requintados, seguindo sugestão de linha melódica, que também foi se complexificando. De simples marcação rítmica, a dança chega à arte autônoma, liberta e em contínua criação.

Isto é, vemos, a partir do excerto acima que existem algumas delimitações para que uma dança seja considerada folclórica, bem como qualquer outro elemento folclórico. Sua história geralmente possui elementos que datam de épocas remotas e que possuem longa tradição. As danças folclóricas têm como característica o desenvolvimento em grupo, visto que o folclore é uma atividade social. Elas têm características que demonstram fatores de colonização, como cantigas e atos que remontam à época em que os costumes eram impostos e não havia liberdade para práticas culturais locais.

Frade (1991, pp. 36 -38), destaca algumas tentativas de agrupamento das danças folclóricas, as quais apresentaremos no quadro a seguir:

Quadro 4 - Tipos de danças folclóricas e suas descrições

| Tipo | Descrição |
|------------------------|--|
| Coreografia | mímicas, acrobáticas, figuradas; |
| Dançarinos | de roda, par solto, par unido, conjunto, individual; |
| Sexo dos participantes | duplas ou grupos de homens ¹⁷ . |
| Período de celebração | calendário religioso, calendário popular, com realização flexível; |
| Espaço de realização | interior da casa (danças de salão) ou exterior da casa (danças de terreiro); |
| Área geográfica | podem ter localidades específicas determinadas, podem ser regionais ou gerais; |
| Indumentária | danças que exigem caracterização específica, ou que permitem trajes comuns. |

Fonte: Elaboração própria com base em Frade (1991, pp. 36-38)

Estes são alguns dos elementos que demarcam as danças folclóricas que podem nos auxiliar a identificar sua ocorrência. No caso das festas que servem como base para este estudo, percebemos marcantes que provêm dos mencionados no quadro.

Tanto as festas de *Moros y Cristianos* quanto as Cavalhadas de Pirenópolis compartilham dos mesmos aspectos de acordo com as categorias mencionadas acima. Em ambas percebemos a presença de uma coreografia figurada que representa as batalhas vividas na época da Reconquista e trazem elementos históricos nas performances. Os dançarinos são agrupados em conjuntos de cavalheiros, sendo em grupos de 10 ou 12, a depender da localidade da festa. Os participantes principais têm por costume serem homens, porém existem personagens secundários que são femininos.

O período da festa é o mais demarcado das duas celebrações, ele é sempre regido por um caráter religioso e tem como elemento norteador o santo padroeiro da cidade. Outros dois elementos em comum são os referentes ao espaço. As festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas ocorrem sempre em espaços externos, geralmente localizados no meio da região. Em Alcoy e Ibi têm-se por tradição serem realizadas nos espaços próximos ao castelo e à igreja matriz. Já em Pirenópolis, as

¹⁷ A autora informa que danças com presença exclusiva de mulheres possuem números insignificantes.

festividades ocorrem em sua maioria no campo das cavalhadas, que se situa em local relativamente afastado do centro, e na praça próxima à igreja matriz.

Conforme já foi destacado anteriormente, há registros das festividades *de Moros y Cristianos* em 27 países. Segundo estes mesmos registros, estão incluídas nesta contabilidade também as festas de Pirenópolis, como pode ser conferido no anexo I.

No tocante à indumentária, vimos que os trajes utilizados em ambas as festas são confeccionados a partir de elementos que reportam às épocas antigas. Deste modo, eles exigem uma caracterização específica que varia tanto entre os personagens, como os cavalheiros, embaixadores, reis e demais participantes, quanto no decorrer dos anos, visto que a cada ano são confeccionadas novas fantasias.

Como forma de encerrar esta seção e o presente capítulo, esclarecemos que os elementos apresentados corroboram fielmente para que possamos salientar que as festas possuem grande relação. Seja por seu viés religioso como por sua história. As festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas compartilham elementos que não podem ser considerados coincidências. São reminiscências da colonização brasileira e de uma cultura que foi construída e moldada por diversos povos.

As semelhanças e histórias apresentadas assim foram feitas para nos ajudar na reflexão sobre os processos ontológicos e abrangentes. Isto, tomando como fundamento celebrações que movimentam as suas respectivas localidades, revivem a história e movimentam o imaginário e as tradições locais como forma de subsistência e manutenção da identidade local.

4 A TRADUÇÃO CULTURAL COMO ALTERIDADE

Translation is always a shift, not between two languages but between two cultures or two encyclopaedias. A translator must take into account rules that are not strictly linguistic but, broadly speaking, cultural. (ECO, 2013)

A tradução, como prática, vem de épocas distantes, tendo evoluído juntamente com a humanidade de acordo com necessidades de comunicação de diferentes comunidades. Como disciplina, a tradução, isto é, os Estudos da Tradução constituem uma área de estudo recente. Apenas nos anos 1970, os Estudos da Tradução tiveram reconhecido o seu papel como disciplina independente (SNELL-HORNBY, 2006, p. 47), permitindo que correntes teóricas sobre ela pudessem ser desenvolvidas, disseminadas e ampliadas.

Hoje em dia, encontramos grande variedade de livros, métodos e orientações para tradução referentes aos mais diversos tipos e gêneros textuais, sejam técnicos, poéticos, literários ou comerciais. Para cada tipo de tradução há métodos de trabalho que oferecem possíveis alternativas para os problemas encontrados em cada texto. Com relação a esses problemas, percebemos que com o avanço dos estudos tradutológicos as soluções para cada situação comunicativa se tornam diversas, possibilitando além de discussões, a experimentação de cada tradutor.

A tradução, portanto, vem se desenvolvendo e suas possibilidades têm sido ampliadas no tocante aos mais diferentes tipos e gêneros textuais, conforme mencionado. Dentre os marcos propostos por essa disciplina, gostaríamos de recordar a virada cultural dos anos 1980 (*The cultural turn of the 1980s*). A virada cultural ocorreu não somente nos Estudos da Tradução, como também uma década antes, nos anos 1970, nas humanidades, tendo ocorrido como consequência de mudanças vividas pela sociedade e na academia. Na tradução, conforme destaca Snell-Hornby (2006, p. 47), a virada cultural serviu majoritariamente para estabelecer e divulgar um perfil básico de tradução.

A virada cultural ampliou o olhar para aquilo que era traduzido e para o modo como as traduções eram e são realizadas. Um dos grandes marcos desse novo olhar foi a obra intitulada *Translation, History and Culture* (1990), de Bassnett e Lefevere, obra que delimitou a transformação da fase formalista da tradução para uma fase mais

ampla no que concerne ao contexto, à história e às convenções do texto a ser traduzido. Houve uma redefinição na prática da tradução do objeto no confronto com certos signos culturais. Segundo eles:

Agora, as questões mudaram. O objeto de estudo foi redefinido; se estuda o texto incorporado à sua rede de signos culturais tanto de partida quanto de chegada e desta maneira, os Estudos da Tradução têm podido utilizar da abordagem linguística e se mover para além dela. (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, pp. 11 e 12, tradução nossa¹⁸)

Ao observar no excerto anterior que os Estudos da Tradução podem ultrapassar o escopo da abordagem linguística, fizemos algumas leituras a partir desse viés que exploram o fato de que: i) a relação da tradução com outras disciplinas não é apenas unilateral ou focada na terminologia; ii) há a possibilidade de recorrer a teorias advindas de outras áreas das ciências humanas, como a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia, por exemplo, iii) aprimorar o espectro dos Estudos da Tradução, promovendo uma experimentação por meio de distintas abordagens e iv) há a possibilidade de realizar uma tradução de caráter amplo e não mais restrito a regras e técnicas.

Por meio dessas reflexões e das discutidas desencadeadas no capítulo anterior, propomos um espaço para refletir sobre a tradução de textos culturalmente marcados, especialmente textos que tratam do folclore. Sabemos que esse tipo de tradução tem um caráter específico que ultrapassa a decodificação dos tecnicismos. Consideramos algumas perspectivas e teorias, como a Teoria dos Escopos (2014), de Reiss e Vermeer, que parte da função do texto para que se possa fazer uma tradução ou interpretação. Ademais, considerando as abordagens e técnicas sugeridas por Reiss e Vermeer (1996) dentro da Teoria Funcionalista, se observa que a noção de equivalência não é o todo em uma tradução. Do mesmo modo, apresentamos a Teoria Funcionalista da tradução a partir de Nord (2012), que observa a funcionalidade do texto para então estabelecer um projeto de tradução.

Os autores mencionados, a saber Reiss e Vermeer (1996; 2014) e Nord (2012), serão tomados como base de teorias da tradução, servindo para que aprofundemos as questões discutidas neste trabalho.

¹⁸ Now, the questions have changed. The object of study has been redefined; what is studied is the text embedded in its network of both source and target cultural signs and in this way Translation Studies has been able both to utilize the linguistic approach and to move out beyond it.

Partindo do pressuposto de que este trabalho, em linhas gerais, trata da tradução de folclore, observamos a necessidade de estabelecer uma nomenclatura cabível para os itens culturalmente marcados, que aparecem ao longo dos textos a serem traduzidos. Sabemos que existem diferentes modos de designar itens lexicais culturalmente marcados, como por exemplo, *unidades etnoterminológicas*, apresentadas por Barbosa (2005) ou como *realia*, proposto por Leppihalme (2011), por isso, apresentamos esses conceitos. No entanto, considerando a proposta e a afinidade dos autores que serão trabalhados será tomada a designação de *culturemas* proposta por Vermeer (1983). Ademais, elegemos o termo *culturema* para nos referirmos às unidades culturalmente marcadas.

Por se tratar de um trabalho que tem como base dois eventos culturais de caráter turístico, abordamos algumas teorias a propósito da tradução de textos turísticos para apresentar as soluções tradutórias definidas por alguns tradutores para a tradução de *culturemas*. Assim, com o embasamento apresentado por Durán Muñoz (2012) e Soto Almela (2014), apresentamos alguns elementos que demonstram as possibilidades de tradução de *culturemas* presentes em textos turísticos.

4.1 Apontamentos sobre a tradução de culturas

A todo momento buscamos ler, estudar, ouvir e ver o outro como também de saber mais sobre esse outro e sobre a sua cultura. Na tradução isso não é diferente, pois se busca traduzir o outro como forma de conhecer mais sobre cada um de nós mesmos. Considerar que pode existir um único tipo de tradução, a tradução linguística, seria apagar todas as relações ontológicas existentes nas línguas e das culturas. Como Eco (2003, s/p, tradução nossa¹⁹) afirmou: “tradução é sempre uma mudança não entre duas línguas, mas entre duas culturas”. É nessa tradução entre duas culturas que encontramos a gênese do pensamento sobre determinado povo e sobre suas práticas.

A tradução vai além da mera transposição de um idioma a outro; é uma forma de construção cultural, conforme salientam Bassnett e Lefevere (1990, p. 65, tradução

¹⁹ Translation is always a shift not between two languages but between two cultures.

nossa²⁰): “a tradução se mostra como um modo poderoso de construção cultural”. Ou seja, também é uma maneira de estabelecer identidade, estabelecer um papel específico e diferenciado em meio às outras nações.

Na tentativa de estabelecer esse papel, as atitudes tomadas em relação à tradução valem-se de teorias e métodos diversos, desde a tradução etnocêntrica até a tradução estrangeirizante. Diversos autores já trataram deste assunto, como Schleiermacher (1813/2011), que compreende que o tradutor pode seguir dois caminhos: o tradutor “deixa o autor o mais em paz possível e leva o leitor ao seu encontro”; ou o tradutor “deixa o leitor o mais em paz possível e leva o autor ao seu encontro” (SCHLEIERMACHER, 1813/2011, p. 22). Esse movimento de aproximação ou distanciamento do leitor está diretamente relacionado à forma como o texto será traduzido, incluindo elementos da cultura da língua de partida para o leitor, causando estranhamento estrangeirizante, ou adaptando elementos específicos da cultura de partida a elementos correspondentes na cultura de chegada.

Há questionamentos sobre esse movimento de levar o texto para o leitor, que é caracterizado como tradução etnocêntrica. Nesse tipo de tradução, o tradutor busca neutralizar qualquer marca específica da cultura de partida para que o texto traduzido soe como se tivesse sido escrito na língua do leitor. Berman (2007, p. 28) indica que a tradução etnocêntrica “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que está fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”. O ato de neutralizar a cultura da língua de partida e escondê-la na tradução é uma maneira de dizer que o “outro” é ruim ou não merece aparecer no texto traduzido. Esse movimento de “traduzir a obra estrangeira de maneira que não se ‘sinta’ a tradução” (BERMAN, 2007, p. 33) é uma forma de apagar as diferenças culturais existentes entre as línguas e nas vivências dos outros.

Com a disseminação da tradução cultural, muitos autores passaram a entender a tradução como uma forma de reescrita, conforme afirma Marinetti (2011, p. 27, tradução nossa²¹): “outra redefinição articulada, pela primeira vez pela abordagem cultural, é que a tradução é uma forma de reescrita”, ou seja, o tradutor também é

²⁰ Translation is shown to be a powerful mode of cultural construction.

²¹ Another redefinition articulated for the first time by the cultural approach is that of translation as a form of re-writing.

autor para modificar o texto e estabelecer juízo de valor por vezes distintos dos que foram intencionalmente usados pelo autor inicial.

Sabemos que os discursos e os julgamentos de valor são intrínsecos aos textos e que por meio das escolhas ideológicas são passadas cada vez que um texto é escrito e/ou lido. O estar no mundo é por si só um ato político; “optar por a ou por b, pode parecer, à primeira vista, uma escolha simples, mas por detrás desse gesto há uma rede de relações que não são neutras. Um gesto, uma escolha, não é nunca um ato neutro” (BLUME; PETERLE, 2013, p. 9). Dentro de cada escolha há uma motivação, seja esta social, cultural, financeira ou ideológica, e isto ocorre não apenas na tradução cultural, mas na tradução como um todo.

Até o momento, vimos que um dos principais pontos da virada é o fato de se projetar o foco na cultura ao invés de no texto e em suas estruturas, o que faz com que a cultura da língua de partida seja considerada e não apagada. Com relação a esse movimento, Pym (2010, p. 149, tradução nossa²²) afirma que a virada cultural não é tão inovadora e que “ela há tempos é parte da experiência intelectual do paradigma descritivo.” Esta citação indica que a mudança gerada na virada cultural não foi necessariamente uma mudança, haja vista que a preocupação com a cultura intrínseca aos textos já fazia parte das reflexões dos Estudos da Tradução. Quanto a isso entendemos que os movimentos em meio aos Estudos da Tradução de modo geral ocorrem na medida em que se predispõe de interesse para serem estudados. Isto é, existem milhares de opiniões, teorias e reflexões sobre os mais diversos temas, no entanto é a partir da prática de fazer com que todas as ideias tomem forma e se desdobrem em pesquisas concretas. A tradução depende não apenas da vontade de experimentar, mas de produzir um discurso que permita que cada opção por um caminho seja tomada.

Marinetti (2011, p. 29, tradução nossa²³) realça que a tradução não é guiada apenas pela cultura de chegada, mas por todo o espectro que circunda a “literatura mundial”:

a tradução é vista como um fenômeno que não é determinado apenas pela poética dominante e os “fatores de controle” da cultura de chegada, mas

²² Had long been a part of the intellectual background of the descriptive paradigm.

²³ Translation is seen as a phenomenon that is determined not only by the dominant poetics and ‘control factors’ of the target culture but by transnational forces that depend on the dominant discourses underlying the concept of ‘world literature’.

pelas forças transnacionais que dependem dos discursos dominantes que subjazem o conceito de “literatura mundial.

É necessário reconhecer pelo menos alguns dos diferentes fatores que influenciam as pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos da Tradução, mas não de maneira fechada e independente. A virada cultural surgiu como forma de demonstrar ligações que já existiam entre a Tradução e outras disciplinas e, para abrir caminhos para novos olhares e modos de pensar. É a partir disso que entendemos a necessidade de aprofundar a discussão sobre esta questão e buscar alternativas e associações com diferentes áreas das Ciências Humanas.

4.2 Tradução de itens culturalmente marcados

Como esboçado na seção anterior, nas últimas décadas, o enfoque dos Estudos da Tradução foi se ampliando de modo a abarcar novos modos de pensar a tradução. Diferentes tipologias e gêneros textuais, assim como temáticas passaram a ser abordadas e traduzidas. Consequentemente, a maneira de traduzir passou a englobar um maior número de textos, temáticas e modalidades. Novas terminologias foram surgindo no âmbito da pesquisa em tradução e novos conceitos passaram a ser trabalhados para dar conta das necessidades que foram sendo geradas.

A tradução cultural já era um desafio, pois apresentava formas e elementos próprios de culturas e/ou locais específicos. Esses elementos podiam ou não estar vinculados à uma língua, mas certamente eram próprios de povos específicos.

Nas etnografias indígenas que foram foco dos antropólogos nas décadas de 50 e 60, por exemplo, há uma variedade de palavras presentes nos idiomas locais que não tem equivalentes nos idiomas dos etnógrafos. Assim, foram identificadas palavras que se destacam por ser características de culturas específicas e por não terem equivalentes em outros idiomas. Como podemos ver na definição de Payo Peña (2002, p. 36, tradução de DURÃO et al., 2017, p. 165²⁴)

²⁴ Las referencias culturales podrían definirse escuetamente como todo segmento del lenguaje que implica un conocimiento compartido (presuposiciones) por un mismo grupo cultural. En el mundo existen muchos grupos culturales diferentes, cada uno de ellos con sus propios modos de interpretar la realidad, expresada a través del lenguaje. A este respecto, la traducción de las referencias culturales, claros ejemplos de las particularidades culturales de un colectivo, requiere necesariamente una

As referências culturais podem ser definidas de modo resumido como qualquer segmento da linguagem que implica um conhecimento compartilhado (pressuposições) por parte de um mesmo grupo cultural. No mundo existem inúmeros grupos culturais *diferentes*, cada um dos quais tem seus próprios modos de interpretar a realidade, realidade esta que é manifestada mediante a linguagem. A este respeito, a tradução das referências culturais, claros exemplos das particularidades culturais de cada agrupamento de pessoas, requer necessariamente uma intervenção destinada a cobrir as *diferenças* ou lacunas de conhecimento por meio do emprego de estratégias específicas para, no final das contas, ser possível conseguir um processo comunicativo satisfatório.

Para refletir acerca de estratégias específicas de tradução é necessário determinar a terminologia que será empregada para se referir às referências culturais. Deste modo, para tratar desta classe de palavras diversos autores elaboraram termos relacionados à cultura na tentativa de explicar esse fenômeno. Para Newmark (2001, p. 82, tradução nossa²⁵), por exemplo, *cultural terms* (termos culturais) são “palavras *token* que adicionam um toque de cor a qualquer descrição dos seus países de origem, podendo precisar ser explicadas, a depender do leitor ou do tipo do texto”. Para esse autor, os termos culturais aparecem principalmente fora do campo literário, como por exemplo, em textos de história, pois são tipologias textuais que precisam de um toque de “cor local”.

Newmark (2001, p. 82) cita palavras provenientes da vida francesa, como “*pneumatique*” e “*Manelle*” para exemplificar palavras que possuem “cor local”, mas que por falta de perícia de um tradutor desavisado poderiam ser facilmente traduzidas por palavras de sentido geral em outros idiomas, em contos, por exemplo. Esse autor informa que uma possível tradução dessas palavras para o inglês poderiam ser “*express letter*”, “*lawyer*” e “*card-game*”. A compreensão geral do significado dessas palavras poderia esconder detalhes específicos presentes nelas, como por exemplo a palavra *pneumatique* do francês, que foi traduzida para o inglês como *express letter*, e em português carta expressa ou carta urgente. No entanto, a palavra *pneumatique* em francês está relacionada a um sistema de envio de cartas por meio de tubos que foi bastante utilizado nos séculos XIX e XX, sistema esse que permitia que as cartas chegassem com maior rapidez às estações de telégrafos de Paris, explicando assim a tradução sugerida para o inglês *express letter*.

intervención destinada a cubrir dichas diferencias o vacíos de conocimiento mediante el uso de estrategias específicas y consecuentemente, lograr una comunicación satisfactoria.

²⁵ Token-words which first add local color to any description of their countries of origin, and may have to be explained, depending on the readership and the type of text.

Ainda sobre terminologias para palavras culturalmente marcadas, Barbosa (2005) apresenta um conjunto de unidades lexicais provenientes de um discurso etno-literário. Essa autora analisou essas unidades lexicais a partir de textos folclóricos em que determinadas palavras têm significados gerados a partir do contexto local. Para a autora, as unidades lexicais provenientes de discursos etno-literários “têm características muito específicas: de um lado, são vocábulos metassemióticos, [...], de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem à uma linguagem especial/especializada”. (BARBOSA, 2005, p. 105). Vemos que a autora entende essas unidades lexicais como vocábulos metassemióticos ou quase-termos. Essa dubiedade se dá devido ao fato de essas unidades serem encontradas em uma linguagem especial, isto é, a linguagem do folclore, e de possuírem significados diferentes quando localizadas em textos de língua geral e textos de linguagem especial. Barbosa explica que para que haja compreensão dessas unidades lexicais é preciso compreender o universo do discurso etno-literário em que elas estão inseridas. O discurso ali proferido faz parte de uma narrativa própria daquela localidade, de modo que precisa ser conhecida assim para ser bem interpretada.

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etnoliterário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente. (BARBOSA, 2005, p. 105)

Como exemplo dessas unidades lexicais, Barbosa (2006, p. 50) cita o boi dentro do contexto do *Bumba-meu-boi* do Maranhão. Dentro da história contada por meio da dança folclórica, o boi é representado como entidade que perpassa as definições gerais do vocábulo ‘boi’, haja vista que não se trata meramente de um animal de uma fazenda ou da agropecuária. Dentro do folclore, o *Bumba-meu-boi* assume um papel representativo que designa a morte e a ressurreição de Cristo, conforme afirma Barbosa (2006, p. 50)

verifica-se que essa unidade lexical não se refere a um boi, no sentido comum, não se refere ao animal que encontramos nos campos ou nas fazendas; essa unidade não designa, também, o boi da biologia, ou da agropecuária. Ela tem uma significação especial, no universo de discurso desse rito folclórico, em que representa uma entidade mítica, que é morta, para satisfazer o desejo de uma mulher grávida e que, ao final da narrativa, ressuscita, para a felicidade de todos. Uma das interpretações correntes é a de que esse boi representa, nessa história, a morte e ressurreição do Cristo.

Constatamos que para essa autora, as unidades lexicais culturalmente marcadas são caracterizadas a partir de um discurso presente em uma linguagem especial, podendo ser considerados vocábulos metassemióticos ou quase-termos. Para nós, apesar de se aproximar muito do objeto de estudo do presente trabalho, essa definição não envolve todos os aspectos necessários para determinar as unidades culturalmente marcadas e possíveis traduções para traduzi-las. Assim, verificamos a definição de Leppihalme (2011), que introduz o conceito de *realia*. Essa autora se vale da definição de Lefevere (1993, *apud* LEPPihalme, 2011) para apresentar o conceito dessa palavra proveniente do latim, que se refere a “coisas reais”. Segundo Lefevere (1993, p. 122, *apud* LEPPihalme, 2011, p. 126, tradução nossa²⁶) *realia* são “palavras e expressões que estão intimamente ligadas ao universo de referência da cultura original,” isto é, palavras fazem parte do universo cultural de determinada comunidade, e que tratam de elementos reais dentro daquele contexto. Ainda segundo a referida autora, o termo *realia* está diretamente ligado aos “conceitos que são encontrados em determinada cultura de partida, mas não são encontrados em determinada cultura de chegada” (LEPPihalme, 2011, p. 126, tradução nossa²⁷). A partir disto compreendemos que, até o momento, o termo *realia* se encaixa nos parâmetros de palavras culturalmente marcadas e que estão atreladas ao problema da intraduzibilidade.

Aprofundando mais a questão, Leppihalme (2011, p. 126) busca compreender quais elementos da sociedade se encaixam no conceito de *realia*. Segundo ela, esses elementos podem ser caracterizados tanto como itens materiais, como objetos e vestimentas, como “noções atreladas à cultura”, “conceitos religiosos ou educacionais”, tabus e valores, entre outros. No entanto, a própria autora compreende a dificuldade de determinar uma fronteira entre algo que pode ou não ser considerado *realia* ou de palavras que um dia fizeram parte desse grupo, mas que hoje já não fazem mais parte desse universo específico. Segundo Leppihalme (2011, p. 126, tradução nossa²⁸)

²⁶ Words and phrases that are intimately bound up with the universe of reference of the original culture.

²⁷ The term *realia* is used to refer to concepts which are found in a given source culture but not in a given target culture.

²⁸ Concepts may cross linguistic and cultural borders; loanwords or calques are introduced into the target language via for example transmission of international news (*tsunami*, *hijab*). Once such items are absorbed into the target language, they no longer meet the criterion of unfamiliarity in the target culture though they are still characteristic of their original culture.

Conceitos podem cruzar as fronteiras linguísticas e culturais; empréstimos e decalques são, por exemplo, introduzidos na língua de chegada por meio da transmissão de notícias internacionais (*tsunami*, *hijab*). Uma vez que esses itens são absorvidos dentro da língua de chegada, eles não mais se adequam ao critério de não familiaridade da cultura de chegada, porém eles permanecem ainda como uma característica de sua cultura original.

Os parâmetros que delimitam o que é ou não *realia* não estão claramente definidos, haja vista que há um enorme número de palavras na língua portuguesa que são provenientes de culturas outras. Do mesmo modo, muitas vezes, tais palavras são agregadas ao vocabulário português brasileiro por meio de empréstimos ou estrangeirismos e perdem essa noção de pertencimento à uma cultura externa.

Com relação às questões práticas da tradução de *realia*, diversas pesquisas explicam que uma tradução pode reduzir ou apagar as demarcações culturais presentes nos textos de partida ou mesmo buscar maneiras de mediar essa situação sem que a carga identitária ali presente seja considerada (KUJAMÄKI, 1998, p. 276, *apud* LEPPihalme, 2011, p. 128), o que, por sua vez, pode causar falhas na comunicação e tornar uma tradução menos etnocêntrica. As decisões sobre destacar ou mascarar elementos culturalmente marcados é uma decisão que, normalmente, parte do tradutor, embora no mercado editorial e comercial certas decisões são direcionadas a tomar outros rumos ou mesmo não sejam aceitas.

A partir disto e considerando mudanças relacionadas às palavras culturalmente marcadas, além das abordagens propostas para compreendê-las, apresentamos outro conceito referente a esse grupo de palavras, os *culturemas*.

Vermeer (1983) cunhou o termo *culturema* para palavras culturalmente marcadas, definindo-o como “fenômeno social de uma cultura X que é considerado relevante pelos membros dessa cultura e, quando comparado com um fenômeno social correspondente na cultura Y, é tomado como específico da cultura X.” (VERMEER, 1983, p. 8, *apud* NORD, 1997, p. 32, tradução nossa²⁹). Os *culturemas* surgem no momento em que um fenômeno social é posto em comparação com outro. É preciso um contexto situacional para que os *culturemas* sejam caracterizados como pertencentes a uma cultura.

²⁹ A social phenomenon of a culture X that is regarded as relevant by the members of this culture and, when compared with a corresponding social phenomenon in a culture Y, is found to be specific to culture X.

Molina Martínez (2006) apresentou em sua definição de culturemas alguns de seus traços, destacando a sua perspectiva funcional em relação ao texto: “Os culturemas não existem fora de um contexto, mas eles surgem em meio a uma transferência cultural entre duas culturas concretas, e a atuação de um culturema como tal dependerá do contexto no qual ele apareça.” (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, pp. 78 e 79, tradução nossa³⁰). Segundo essa autora, é necessário haver uma situação concreta e uma atuação dentro do contexto situacional para que os culturemas apareçam e sejam notados.

Os culturemas podem desaparecer na medida em que novas palavras são inseridas em uma cultura. Do mesmo modo, quando novos elementos são apresentados em contextos específicos de uma cultura que não a local, novos culturemas são levados à tona e novas representações precisam ser nomeadas. Ou seja, o contexto é determinante para o surgimento de culturemas.

Molina Martínez (2006, pp. 78 e 79, tradução nossa³¹) afirma que os culturemas se caracterizam por apresentarem algumas características em comum, as quais são para ela:

- 1) Os culturemas não existem fora de contexto, mas surgem no seio de uma transferência cultural entre duas culturas concretas. Essa afirmação pretende dar conta de duas situações diferentes:
 - a) Os elementos culturais não devem ser pensados como elementos próprios de uma única cultura, habitualmente a cultural de origem, mas como a consequência de uma transferência cultural.
 - b) Os culturemas não são o marco de duas culturas concretas. A palavra chador que Newmark qualifica como palavra cultural não funcionaria como tal e as línguas em jogo fossem, por exemplo, o farsi e o urdu. Poderíamos dizer que a palavra X funciona como culturema entre as línguas A e B, mas não necessariamente entre as línguas A e C.
- 2) A atuação de um culturema como tal depende do contexto em que ele apareça.

³⁰ Los culturemas no existen fuera de contexto, sino que surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas concretas y la actuación de un culturema como tal depende del contexto en el que aparezca.

³¹ 1) Los culturemas no existen fuera de contexto, sino que surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas concretas. Esta afirmación pretende dar cuenta de dos situaciones diferentes: a) Los elementos culturales no deben plantearse como elementos propios de una única cultura, habitualmente la cultura origen, sino como la consecuencia de un trasvase cultural. b) Los culturemas lo son en el marco de dos culturas concretas. La palabra chador que Newmark califica como palabra cultural no funcionaría como tal si las lenguas en juego fueran por ejemplo el farsi y el urdu. Podríamos decir que la palabra X funciona como culturema entre las lenguas A y B, pero no necesariamente entre las lenguas A y C. 2) La actuación de un culturema como tal depende del contexto en el que aparezca.

Observamos com base neste excerto, que os culturemas são elementos próprios de uma cultura desde que colocados em posição de tensão com outra cultura. Para que eles existam é preciso observar o local onde eles estão inseridos e o papel que exercem em cada contexto. Ademais, os culturemas resultam de uma ação motivada que pretende provocar uma transferência cultural entre duas culturas por meio da língua.

No que tange à tradução de culturemas, observamos que as possibilidades estão baseadas nas teorias base da tradução, como a de Vinay e Darbelnet (2004, p. 85-90), por exemplo, que apresentam sete procedimentos: empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, modulação, equivalência e adaptação.

Para Hurtado Albir (2001, p. 614, tradução nossa³²) não existem “soluções unívocas nem técnicas que sejam características para a tradução dos culturemas, mas uma multiplicidade de soluções e de técnicas”, sendo preciso combinar técnicas já conhecidas com a funcionalidade dos textos e com os objetivos desejados. Hurtado Albir (2001, p. 614 e 615, tradução nossa³³) propõe levar em consideração seis fatores para que a tradução dos culturemas seja realizada por meio de uma perspectiva funcional. Segundo essa autora:

- 1) O tipo de relação entre as duas culturas (de cultura dominante a minoritária, de minoritária a dominante, paridade das duas culturas, aproximação ou distanciamento cultural), que determina o grau de aproximação e da visão que uma cultura tem da outra, assim como a transposição dos elementos culturais. [...]
- 2) O gênero textual no qual está inserido. As características do texto original condicionam a função do culturema no texto. O culturema pode aparecer em qualquer âmbito (literário, técnico, publicitário etc.) e em qualquer gênero textual, produzindo em cada caso problemas de tradução diferentes. [...]
- 3) A função do culturema no texto original, isto é, sua relevância ou não relevância em relação ao conjunto do texto.

³² Soluciones unívocas ni técnicas características para la traducción de los culturemas, sino una multiplicidad de soluciones y de técnicas.

³³ 1) El tipo de relación entre las dos culturas (de cultura dominante a minoritaria, de minoritaria a dominante, paridad de las dos culturas, cercanía o lejanía cultural), que determina el grado de acercamiento y la visión que una cultura tiene de la otra, así como el trasvase de los elementos culturales. [...]

2) El género textual que se inserta. Las características del texto original condicionan la función del culturema en el texto. El culturema puede aparecer en cualquier ámbito (literario, técnico, publicitario, etc.) y en cualquier género textual, produciendo en cada caso problemas de traducción diferentes. [...]

3) La función del culturema en el texto original, es decir, su relevancia, o no relevancia, en relación con el conjunto del texto.

4) La naturaliza del culturema: el registro a que pertenece, su grado de novedad, de universalidad, etc.

5) Las características del destinatario: su motivación, nivel cultural, etcétera.

6) La finalidad de la traducción, que, al determinar la elección del método traductor (traducción interpretativa-comunicativa, adaptación, etc.), llevará al traductor a optar por una solución traductora u otra y a utilizar diferentes técnicas.

- 4) A natureza do culturema: o registro ao qual pertence, seu grau de novidade, de universalidade etc.
- 5) As características do destinatário: sua motivação, nível cultural etcetera.
- 6) A finalidade da tradução, que, ao determinar a eleição do método tradutório (tradução interpretativa-comunicativa, adaptação etc.), levará o tradutor a optar por uma solução tradutória ou outra e a utilizar diferentes técnicas.

A partir do apresentado pela referida autora, observamos que a tradução dos culturemas está intimamente ligada à funcionalidade do texto. Em outras palavras, a perspectiva funcional da tradução apresentada por Nord (2010) se ajusta às peculiaridades da tradução de elementos culturalmente marcados. É por meio dessa perspectiva e do entendimento de que o tradutor pode optar por uma solução tradutória ou outra e valer-se de diferentes técnicas, que apresentaremos a seguir a Tradução Funcionalista como possibilidade de tradução dos culturemas encontrados no vocabulário das festas de *Moros y Cristianos* e *Cavalhadas*.

4.3 Tradução funcionalista: possibilidades para a tradução de culturas

Os anos 1970 serviram como marco para os paradigmas das disciplinas que compõem as Ciências Humanas. Nessa década houve uma mudança no que concerne à visão de cultura e aos métodos que se relacionam a ela, com o que as teorias dos Estudos da Tradução desenvolvidas até a época já não bastavam para suprir as necessidades que começavam a ser identificadas. Havia a necessidade de buscar modelos teóricos que considerassem a língua em uso e que pudessem abarcar tipologias textuais variadas. Sobre isso, Snell-Hornby em Vasconcellos e Pagano (2005, p. 176) destacam que:

Para entender as demandas das complexidades da tradução e do ato de traduzir, tanto na perspectiva do engajamento com a pesquisa quanto na perspectiva do engajamento com o ensino de tradução, faz-se necessário recorrer a abordagens calcadas em modelos que considerem a língua em uso, de tal forma a acolher o estudo de textos (traduzidos ou não) como configurações de significados multidimensionais e não apenas como receptáculos de conteúdos estáveis.

Mediante esse olhar, se busca ver a tradução a partir da língua em uso, desenvolvendo-se uma quebra dos paradigmas que antes norteavam os modelos tradutórios. Até aquele momento a tradução era vista dentro dos preceitos de equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada, sem alguns fatores que hoje são determinantes, como o contexto situacional do texto de partida e os agentes

a ele relacionados (autor-tradutor-leitor). Deste modo, buscou-se quebrar esse arquétipo e desdobrar um novo entendimento sobre a tradução, reconhecendo-a como presente em ambientes bilíngue, como informam Vasconcellos e Pagano (2005, p. 176)

Em tal ambiente teórico, é possível reconhecer a natureza da tradução enquanto uma operação textual entre línguas, contextos e culturas e localizá-la em ambientes bilíngue português - espanhol de construção de realidade(s).

Os paradigmas até então vigentes sobre o conceito de tradução, reduziam a atividade tradutória a um processo limitado de decodificação linguística subjugado ao texto de origem, ou seja, procuravam estabelecer relações de equivalência linguística entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC), desconsiderando, assim, a importância dos contextos situacionais em que os sujeitos como produtores dos textos estão inseridos. Surgiu, então, na Alemanha, a corrente funcionalista dos Estudos da Tradução. Reiss e Vermeer (1996) são os principais expoentes desta teoria, os quais postularam três conceitos fundamentais para a Teoria Funcionalista:

- 1) A translação está em função do seu escopo;
- 2) A translação é uma oferta informativa em uma cultura final em sua língua sobre uma oferta informativa procedente de uma cultura de origem e sua língua;
- 3) A oferta informativa de uma translação se apresenta como transferência que reproduz uma oferta informativa de partida. Essa reprodução não é reversível de um modo unívoco. (REISS; VERMEER, 1996, p. 89, tradução nossa³⁴)

Segundo esses estudiosos, esses três elementos estão organizados de modo hierárquico para compreender o modelo a ser seguido em uma Tradução Funcionalista. Observaremos, na sequência, o que esses conceitos apresentam.

A teoria do escopo (*Skopostheory*) está baseada no objetivo da tradução. De acordo com Reiss e Vermeer (2014, p. 86), a palavra *skopós*, do grego, significa finalidade, objetivo, este que serve de embasamento para toda a Teoria Funcionalista. Vermeer (1992, *apud* REISS; VERMEER, 1996, p. 79) foi quem propôs as primeiras ideias desta teoria. Segundo Reiss e Vermeer (2014, p. 85, tradução nossa³⁵), “uma ação pretende alcançar um objetivo e, então, alterar o estado atual das coisas. A motivação para tal ação é que o objetivo intencionado seja de importância maior que

³⁴ Translação é a nomenclatura utilizada por Reiss e Vermeer (1996) para referir à tradução escrita e à interpretação. Neste trabalho entendemos translação como tradução escrita.

³⁵ An action aims to achieve a goal and thus to alter the current state of affairs. The motivation for such an action is that the intended goal is estimated to be of greater importance than the current state of affairs.

a do estado atual.” Podemos entender a partir desta teoria que os fins justificam os meios, haja vista a afirmação de Reiss e Vermeer (1996, p. 82, tradução nossa³⁶) de que “o que é feito é secundário frente ao objetivo da tradução e sua conquista”. Em outras palavras, o modo como a tradução será concretizada deve se buscar no objetivo a ser alcançado, o sentido para o qual o texto original será passado para a cultura de chegada. A tradução, como ação interativa, se adaptará a um contexto dado; ela poderá ser literal ou não, o que resultará em de múltiplas possibilidades de tradução. Assim, “é mais importante que um *translatum* (uma tradução) alcance determinado objetivo, que o feito de se realizar de um determinado modo” (REISS; VERMEER, 1996, p. 84, tradução e inserção nossa³⁷).

Esses mesmos autores, Reiss e Vermeer (1996, p. 29), defendem que a tradução é uma oferta informativa de uma cultura de origem a qual deverá ser passada para a cultura de chegada, mantendo os mesmos significados da cultura de origem. Para eles, a linguagem deve ser tomada por seus aspectos pragmáticos como prática de interação social, o que acarreta uma análise focada na maneira como cada aquela informação será apresentada, o que significa que o texto meta quando informa o sentido e, por vezes, a forma do texto base, é entendido como uma oferta informativa, isto é, um texto que oferece uma informação específica, sobre outra oferta informativa, ou seja, o texto base. O texto meta, por sua vez, funciona de maneira independente do texto base e será responsável por determinar a adequação (REISS; VERMEER, 1996, p. 119), conseqüentemente haverá uma adaptação daquele texto inicial para o texto final.

Compreendemos a partir disto que a forma do texto em si não é fator determinante para o objetivo da tradução dos culturemas. Ao aplicar determinados modelos de tradução sobre um texto base, este passará por interferências além do intercâmbio linguístico, fazendo com que seu formato possa ser alterado no texto meta.

Com esse novo olhar sob a tradução, os objetivos finais já não priorizavam a equivalência linguística. Não se trata de uma mera transcodificação de significado,

³⁶ Lo que se hace es secundario frente al objetivo de la acción y su consecución.

³⁷ Es más importante que un *translatum* (una *traslación*) alcance un objetivo dado, que el hecho de que se realice de un modo determinado.

como apresentou Vermeer (1972, p. 221, *apud* REISS; VERMEER, 1996, p. 46, tradução nossa³⁸)

Não podemos entender a translação como uma simples transcodificação do/de um significado de um texto. A translação pressupõe a compreensão do texto e, portanto, a interpretação do objeto “texto” em dada situação. Deste modo, a translação não está apenas sujeita ao significado, como também ao sentido, quer dizer, ao sentido do texto-em-situação.

A tradução na visão da teoria funcionalista não tem por objetivo alcançar uma equivalência exata dos códigos linguísticos; ela busca interpretar o texto base e passá-lo para outra língua no texto meta. O texto alvo ou texto meta, segundo Nord (2009, p. 219), não será avaliado por meio da sua equivalência com o texto base, ou texto meta, mas da sua funcionalidade.

Reiss (1968/ 1969, *apud* NORD, 2009, p. 82, tradução nossa³⁹) propõe uma análise a partir da tipologia textual, ou seja, transmitir as mesmas funções do texto base para o texto meta. Para isto, ela utiliza “critérios linguísticos e extralinguísticos que dão acesso ao ‘sentido’ do texto base, que – dentro da estrutura de um conceito de tradução baseado na equivalência – deveria também ser o sentido do texto meta”. Assim, observamos que para realizar a tradução cabe ao tradutor avaliar os elementos linguísticos e extralinguísticos, isto é, interpretar o texto.

Nord (2014, *apud* PONTES; PEREIRA, 2016, p. 349) salienta que os textos não vêm atrelados à uma função comunicativa, mas essa função lhe é dada através do contexto. “um texto não possui uma função comunicativa inerente, mas lhe é atribuída a partir da sua recepção por alguém em uma situação específica, ativando suas experiências receptivas e convenções de funcionamento de certos tipos de texto”. Portanto, os tipos de texto e as experiências receptivas funcionam como fatores determinantes da função comunicativa do texto.

³⁸ No es posible entender la traslación como simple transcodificación del/de un significado de un texto. La traslación presupone ya la comprensión del texto y, por tanto, la interpretación del objeto “texto” en una situación dada. De este modo, la traslación no está solamente sujeta al significado, sino también al sentido, es decir, al sentido del texto-en-situación.

³⁹ Linguistic and extralinguistic criteria allows us to access the 'meaning' of the source text, which - within the framework of an equivalence-based concept of translation - should also be the meaning of the target text.

A interdependência entre as funções comunicativas do texto, o conteúdo e a forma podem ser entendidos a partir da classificação apresentada por Nord (2014, *apud* PONTES; PEREIRA, 2014, p. 349):

- a) função fática: serve para estabelecer, manter ou terminar contato entre os participantes da comunicação;
- b) função referencial, informativa ou descritiva: se à representação, descrição de objetos ou fenômenos do mundo;
- c) função expressiva ou emotiva: trata-se da verbalização das emoções ou opiniões do emissor acerca de objetos ou fenômenos do mundo;
- d) função apelativa: pensada para conseguir um determinado efeito extralinguístico nos seus interlocutores.

Essas funções servem de apoio para a compreensão de que se traduzem as funções comunicativas de um texto, isto é, o seu significado, e não os elementos estruturais de maneira isolada, ou seja, a forma. Com base nisso, presumimos que as alterações na forma do texto podem ou não ter implicação no entendimento do significado do mesmo.

Tomando como base os pressupostos teóricos apresentados, para realizar uma tradução nos moldes da Teoria Funcionalista é passar por etapas que vão desde a preparação do texto, a análise dos culturemas para então chegar na prática em si. Este trabalho pode ser muito bem observado em Durão et al. (2017, p. 166) descreveu o processo de tradução de um folheto turístico do alemão para o português. Sobre esse o processo tradutório, Durão et al. (2017, p. 166) explicaram que:

O *start* do processo tradutório em análise foi a busca de compreensão dos elementos que compõem as mensagens explícitas e subliminares de cada folheto turístico, que são exclusivas dessa língua e, em muitos casos, diferem das correferências existentes na língua/cultura da variante brasileira do português. Reconhecer os referentes culturais de uma língua pode ser uma tarefa difícil até mesmo para leitores proficientes de uma língua que a falam como idioma estrangeiro, razão pela qual é preciso buscar entendê-los nas suas próprias bases culturais.

Saber reconhecer e analisar elementos culturais não é tarefa fácil, podendo ser problemático até mesmo para um tradutor experiente. Saber lidar com esse processo de levar um conhecimento de um lugar para outro, quer dizer, de uma cultura a outra, demanda *expertise* e atenção por parte dos tradutores, que devem empregar corretamente as estratégias de tradução e conduzir o processo de maneira unívoca.

Quanto a isto, destacamos observações feitas por Payo Peña (2002, p. 38, tradução de DURÃO et al., 2017, p. 167⁴⁰)

Conservar o sabor local mediante o emprego de uma palavra na língua de origem tem um objetivo eminentemente estético, diante do objetivo mais prático de “comunicar” na língua meta. Por razões pragmáticas, essa estratégia não pode ser aplicada de qualquer maneira e, a miúdo, será preciso lançar mão de outras estratégias que supram a função comunicativa da qual a transferência carece. Portanto, à transcrição se acrescentará uma tradução explicativa que complemente o processo de compreensão, inclusive com a ampliação de informações descritivas ou com redução de informações, definindo, em cada momento, a relevância da informação que se queira transmitir e o efeito que se queira criar.

Retomando as ideias desenvolvidas por Durão et al. (2017), chama-se a atenção para que o objetivo visado era a tradução de um folheto turístico relacionado à uma festa tradicional alemã chamada de *Rhein in Flammen*. Os destinatários desta tradução seriam turistas brasileiros e a função da tradução seria “divulgar, a título promocional e com finalidade de venda, um pacote turístico relacionado à referida festa popular que acontece na região banhada pelo rio Reno, chamada Reno em Chamas” (DURÃO et al., 2017, p. 168). Esta foi a razão pela qual se buscou empregar, na tradução, estratégias como: 1. inclusão de notas de rodapé com informações adicionais; 2. explicações dos elementos culturais presentes no texto; 3. a substituição de palavras e expressões por palavras da língua alvo que evidenciassem, para os destinatários da tradução, o que seria claro para nativos daquela língua-base; 4. a eliminação de determinados trechos do texto-fonte a fim de que o texto traduzido atingisse a funcionalidade prevista para ele. A título de exemplo, indicamos a seguir um dos casos ocorridos nessa tradução em que foi preciso inserir uma explicação do elemento cultural para que o leitor pudesse inteirar-se de determinada marca cultural.

Entre os serviços oferecidos, no anúncio do folheto em questão aparece, o café da manhã da RED. Um brasileiro que desconheça a empresa RED poderia pensar que se trata de um café da manhã como os que costumam ser servidos nas companhias aéreas que existem no Brasil, ou até mesmo imaginar que se trata de um simples café. No entanto, Durão et al. (2017, p. 177) explicam que este serviço tem

⁴⁰ Mantener el sabor local por medio de la utilización de un término en la lengua de origen persigue un objetivo eminentemente estético, frente al objetivo más práctico de “comunicar” en la lengua término. Por razones pragmáticas, esta estrategia no puede ser aplicada gratuitamente, sino que a menudo necesitará de otras estrategias que suplan la función comunicativa de la que carece la transferencia. Por lo tanto, a la transcripción se le añadirá una traducción explicativa que complete el proceso de comprensión recurriendo incluso a la ampliación de información mediante la descripción o la reducción de información, estudiando en cada caso la importancia de la información que se quiera transmitir y el efecto que se quiera crear.

elementos que são marcas culturais característicos do tipo de serviço normalmente oferecido em situações como a descrita no texto, como podemos ver a seguir

O serviço de bordo comumente oferecido em ônibus de turismo no Brasil se distingue por proporcionar aos seus usuários, seja mediante pagamento, seja de forma gratuita, salgadinhos (batata frita, biscoitos, amendoins, etc.), sanduíches, refrigerantes, sucos industrializados e água, independentemente da hora do dia em que esse serviço acontece. O serviço de bordo oferecido no ônibus de turismo da empresa alemã RED começa, no início da rota, quando a empresa oferece aos excursionistas uma xícara de café, um *Pretzel* e um pequeno pacotinho com manteiga para ser passada no *Pretzel*.

Verificamos que a inclusão desta nota explicativa teve por finalidade mostrar que o serviço oferecido é completamente distinto do tipo de serviço usualmente oferecido por empresas brasileiras. Ademais, foi inserida uma foto deste café da manhã, retirada do próprio catálogo da empresa em questão, como forma de gerar um melhor entendimento para o leitor do texto meta. Considerando que o objetivo da tradução é a oferta de um produto, a inserção das informações incluídas na tradução se fez fundamental para que houvesse uma melhor compreensão de que tipo de serviço o turista poderia usufruir.

Outro exemplo de inserção de explicação na tradução também pode ser verificado neste mesmo trabalho (DURÃO et al. 2017, p. 179). Numa determinada parte do folheto são descritas as cidades inseridas no pacote turístico. Por serem tais cidades pouco conhecidas, principalmente para estrangeiros, no caso, brasileiros, os tradutores optaram por inserir a palavra “cidade” antes do nome de cada localidade além de incluírem uma nota explicativa para melhor identificarem a cidade de *Rüdeshein*:

Declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, a cidade de *Rüdeshein* tem museus, castelos, eventos e atividades culturais diversas. Essa cidade, que faz parte do estado de *Hessen*, é famosa por sua produção de vinhos, e, naturalmente, pela festividade denominada “Reno em Chamas”, que acontece todos os anos nessa localidade.

A partir das propostas explicitadas anteriormente, constatamos que a Tradução Funcionalista se aproxima do objeto de estudo aqui apresentado. Sobre esta, a apresentaremos melhor na seção seguinte.

4.4 A tradução funcionalista para a tradução de tradições

A Tradução Funcionalista ou Teoria do Escopo (*Skopos Theory*) compreende mais aspectos do que a visão reducionista que se tem sobre ela onde a teoria é tida como regida apenas pelas funções da tradução (DURÃO et al., 2017, p. 37). Segundo Reiss e Vermeer (2014, p. 17, tradução nossa⁴¹) “determinado texto é produzido com um propósito mais ou menos específico em mente. É uma ‘ação’ realizada em relação a outra pessoa (ou pessoas) para alcançar um propósito.” Isto significa que o propósito do texto é um dos fatores influenciadores da sua existência, no entanto não é condição exclusiva. Durão et al. (2017, p. 37) salientam que “as funções dos textos fonte compõem a primeira variável a se considerar nos processos tradutórios”, portanto em um texto turístico cuja temática seja o folclore e que descreva uma festividade, a sua primeira função deverá ser descrever a celebração nele envolvida e exemplificar os seus componentes, a fim de contar ao leitor como tais elementos se inserem nos contextos dessa festividade.

A Teoria do Escopo também propõe desenvolver um olhar refinado sobre as características culturais específicas, o que está diretamente ligado à teoria dos processos tradutórios, afinal se a tradução funciona como “uma oferta informativa sobre outra oferta informativa” (REISS; VERMEER, 1996, p. 14) em uma cultura final, ao trazer informações sobre essa cultura de origem, a comunicação será mais claramente efetivada, levando em consideração, entre outros aspectos, os objetivos/finalidades do texto de partida (base) e do texto de chegada (meta). Ademais, para que este objetivo seja alcançado devem ser ponderadas as maneiras pelas quais essas características culturais específicas serão tratadas. Esta observação e consideração sobre o modo como a translação será realizada é fator determinante para o processo de tradução.

É preciso observar que tanto o “texto base” quanto o “texto meta” são interações comunicativas cujo significado têm implicações na maneira como são observados. Destarte, Durão e Durão (2016, p. 34) propõem a lematização desses termos e apresentam a seguinte definição para texto base:

⁴¹ Such a text is produced with a more or less specific purpose in mind. It is an ‘action’ carried out in relation to another person (or other persons) in order to achieve a purpose.

(...) interação comunicativa constituída de elementos verbais ou verbais-visuais que é tomada como objeto de um processo tradutório e que, por seguir os parâmetros de textualidade vigentes no contexto de uma sociedade determinada, está historicamente situada, daí a subjazerem a essa interação questões sociais, históricas, culturais, políticas, religiosas, filosóficas, pragmáticas e discursivas.

E para “texto meta” ou tradução os mencionados estudiosos (DURÃO; DURÃO, 2016, p. 34) definem como:

(...) transposição de uma interação comunicativa originalmente enunciada em uma língua base em outra interação comunicativa enunciada em uma língua meta em resposta a um processo de transladação, processo este que, ao colocar frente a frente a cultura que subjaz á língua em que o texto base foi elaborado e que a subjaz à língua para a qual esse texto será expresso em forma de texto meta é, ao mesmo tempo, interpretativo e comunicativo.

Se concebermos os textos base e texto meta como interações comunicativas entendemos que cada um desses textos também se propõe a servir como “oferta informativa” como foi mencionado, o que gera processos comunicativos que necessitam passar por determinadas adequações quanto às informações neles contidas de modo que, os elementos culturais e textuais sejam levantados e considerados para que se possibilite uma prática tradutória consoante com os objetivos da tradução.

Nord (1991, p.1) apresenta um modelo em três etapas para a análise textual. A primeira etapa consiste em estabelecer a função do texto de partida que está inserido na cultura de partida. Depois, deve ser feita uma comparação da função que o texto de chegada terá na cultura de chegada e, por fim, são considerados e analisados os elementos culturais, culturemas, que poderão ser mantidos ou modificados na tradução.

Compreendemos a tradução como prática experimental que permite tensões entre os textos fonte e meta, que observa o produto final não como um ciclo fechado e não passível de modificações, mas como um projeto aberto, que tem por meta a ampliação dos Estudos da Tradução, mas especificamente, da tradução cultural.

4.5 Traduzindo os culturemas em textos turísticos

O setor turístico, nacional e internacional, tem a responsabilidade de mover diversos setores econômicos e culturais, gerando emprego, exportação e

desenvolvimento (WORLD TOURISM ORGANIZATION - UNWTO, 2018). Todos os dias diversos países recebem visitantes de diferentes partes do mundo. Conforme anunciado pela UNWTO (2018, p. 8), a Espanha foi o segundo país que mais recebeu turistas em 2017, recebendo 81,8 milhões de visitantes apenas neste ano, dado que demonstra uma forte movimentação neste setor. No Brasil, os números são menores se comparados aos da Espanha, porém significativos quando comparados com o restante América Latina. O Ministério do Turismo (2019) demonstra que em 2018 o número de turistas internacionais que chegaram ao Brasil foi de 6,62 milhões de pessoas, registrando aumento em comparação com o ano anterior.

Em meio à acolhida de turistas estrangeiros, a necessidade de prover informações turísticas por meio de folhetos e sites emerge e se torna uma demanda em ascenso. Esses produtos são caracterizados por Reiss (1976, *apud* NOBS, 2006, p. 63) como textos operativos, ou seja, textos que se caracterizam por utilizar linguagem persuasiva e que tem por objetivo fazer com que o leitor responda positivamente à informação publicitada. Essa característica apelativa dos textos turísticos se desdobra no que Nobs (2006, p. 63) chama de estratégia dupla apelativa. Segundo essa estratégia, o autor vale-se de argumentos que mexem com os sentimentos do leitor como forma de persuadi-lo. A mesma autora afirma que esta estratégia se dá a partir de dois vieses: 1) a estratégia argumentativa, baseada em “argumentos que se dirigem ao intelecto dos receptores” (NOBS, 2006, p. 63), e 2) a estratégia emocional, que busca despertar emoções que provocam atitudes e valores esperados.

Se considerarmos que os textos turísticos são textos publicitários e precisam ser apelativos, percebemos que, conseqüentemente, a tradução de textos turísticos surge como necessidade, visto que, muitas vezes, eles são a primeira impressão e o principal contato entre visitantes com a cultura local (KELLY, 1997, p. 34).

Fischer (2000, s/p, tradução nossa⁴²) entende os textos turísticos como “todo material escrito dirigido ao público geral, e, especialmente, não autóctone, que informa sobre as qualidades de um lugar e sugere sua visita”. Similarmente a essa definição,

⁴² Todo escrito dirigido al público general, y al no autóctono en especial, que informa sobre las cualidades de un lugar y sugiere su visita.

Kelly (1997, p. 35, tradução nossa⁴³) apresenta os textos turísticos como “qualquer texto publicado por uma organização pública ou privada de qualquer tipo que tem por intenção a) dar informações gerais para o visitante ou b) anunciar um destino (cidade, hotel, restaurante etc.) e encorajar os visitantes a visitarem aquele lugar”. Tomando como base essas definições, inferimos que os textos turísticos abarcam, entre outros, folhetos, guias turísticos, programas de congressos e guias de comportamento.

Os elementos que compõem os textos turísticos variam de acordo com o modelo como este é apresentado. No entanto, este tipo textual costuma abarcar determinados elementos que auxiliam na caracterização destes como tal. Fischer (2002, s/p, tradução nossa⁴⁴) apresenta os seguintes elementos como partes que normalmente constam nos textos turísticos:

- A capa do tríptico/ folheto etc. com o nome do museu, da cidade a ser visitada ou um *slogan* publicitário;
- O texto propriamente dito (descrições, informação histórica etc.)
- A informação prática (sobre horários, transportes, clima etc.)
- As ilustrações que geralmente vão acompanhadas de texto e chegam, inclusive, a ocupar mais espaço que estes no caso de textos com fins primordialmente publicitários.

Estas especificações correspondem a modelos mais comerciais de textos turísticos. É possível encontrar informações turísticas em materiais como artigos científicos, dicionários, glossários, enciclopédias etc. mesmo que, no geral, estes textos não costumem ser necessariamente classificados como turísticos.

Considerando-se essa demanda de textos turísticos por parte de visitantes estrangeiros em potencial, percebe-se que a tradução assume papel crucial nas relações entre o turista e o setor turístico. Partindo deste ponto, observa-se que textos turísticos caracterizam uma tipologia textual que abrange diversos campos do léxico [comum, especial e/ou especializado], haja englobarem e se relacionarem com os mais diversos setores da economia, como por exemplo, alimentação e lazer.

⁴³ Any text published by a public or private organisation of any kind intended a) to give information to any kind of visitor or b) to advertise a destination (city, hotel, restaurant, etc.) and encourage visitors to go there.

⁴⁴ - La portada del tríptico/folleto etc. con el nombre del museo, de la ciudad a visitar o un eslogan publicitario
 - El texto propriamente dicho (descripciones, información histórica etc.)
 - La información práctica (sobre horarios, transportes, clima etc.)
 - Las ilustraciones que generalmente van acompañando el texto e incluso llegan a ocupar más espacio que este en el caso de textos con fines primordialmente publicitarios

Na tradução de textos turísticos, este tipo de texto, normalmente, está relacionado à alguma área cultural específica do local que descrevem (SOTO ALMELA, 2013, p. 237). Por consequência, o aparecimento de termos específicos destas áreas e elementos culturais se fazem presentes, como apresentado por Soto Almela (2013, p. 237, tradução nossa⁴⁵)

a tradução turística recolhe inúmeros termos específicos e, em muitos casos, referentes à cultura das disciplinas citadas [arquitetura, meteorologia, arte, história, geografia etc.] e é por isso que os *elementos culturais* desempenham um papel fundamental neste tipo de tradução. (grifo do autor)

Observa-se, portanto, que o texto turístico exprime em formato textual a atividade intercultural e interlinguística que é experienciada por turistas os quais, por sua vez, produzem uma transferência de realidades culturais que modificam ambos os agentes. Ademais, essa carga cultural trazida pelos textos turísticos confere a eles um *status* de ferramenta de mediação, pois será um dos principais contatos entre o local e o turista que busca informações sobre este determinado local. Quanto à tradução deste tipo de texto, fator que realmente nos interessa neste trabalho, deve ser atingida de modo a evitar mal-entendidos, omissão de informação e problemas com relação à conduta dos turistas. De acordo com Cohen e Cooper (1986, p. 534, tradução nossa⁴⁶)

As barreiras linguísticas são, como todos sabem, um obstáculo importante na comunicação transcultural. Turistas estão completamente cientes dessa dificuldade, que tem efeitos importantes em sua escolha de destinos possíveis, sua preparação para uma viagem, o escopo e conteúdo de suas interações com os locais e qualidade de sua experiência.

O tradutor de textos turísticos precisa mediar entre esses dois agentes, haja vista que existe interesse por parte das organizações de turismo locais quanto a motivar visitação de turistas nacionais e internacionais ao mesmo tempo que os turistas, especialmente os internacionais, desejam se informar sobre a localidade que irão visitar. No entanto, bem como em outros tipos de tradução, o tradutor precisa estar atento às possíveis soluções a serem tomadas ao se deparar com dificuldades. Essas dificuldades, por sua vez, podem se referir ao nível textual que está relacionado

⁴⁵ La traducción turística recoge innumerables términos específicos y, en muchos casos, referentes a la cultura de las citadas disciplinas y es por ello que los *elementos culturales* desempeñan un papel fundamental en este tipo de traducción.

⁴⁶ Language barriers are, as everyone knows, an important obstacle to transcultural communication. Tourists are strongly aware of this difficulty, which has important effects on their choice of prospective destinations, their preparations for a trip, the scope and content of their interaction with the locals, and the quality of their experience.

às palavras e termos encontrados nos textos e que poderão causar dificuldades ao tradutor; ou ao nível pessoal no tocante ao tradutor, pois o tradutor como mediador entre duas culturas precisará ter conhecimentos sobre ambas (GONZÁLEZ PASTOR, 2012). Durán Muñoz (2012) separa essas dificuldades em dois grupos: 1) os problemas de tradução e 2) as dificuldades de tradução de textos turísticos. A partir dessa separação apresentaremos cada uma e teceremos discussões baseadas na proposta de tradução que sugerimos.

Durán Muñoz (2012, pp. 106-109) apresenta cinco problemas de tradução. O primeiro é categorizado como subordinação da tradução turística e falta de informação. A autora exprime a importância de o tradutor ter conhecimento da função do texto e conhecer o perfil dos destinatários. Como visto anteriormente, estes são preceitos básicos da teoria da Tradução Funcionalista (REISS; VERMEER, 1996), pois para realizar uma tradução é preciso estar ciente do seu objetivo para, então, buscar soluções para os problemas de tradução que surgirão. Sobre esse problema de subordinação da tradução turística e falta de informação, Durán Muñoz (2012, p. 107) ainda menciona a relação das imagens e ícones que compõem o texto, se o tradutor não tiver acesso a eles, este pode ser um fator agravante na tradução.

Outro problema apresentado por Durán Muñoz (2012, p. 107) está relacionado à ambiguidade nas frases ou frases de duplo sentido. Quanto a este problema, a autora relata que quando o tradutor encontra frases ambíguas ou de duplo sentido, ele não consegue manter esse sentido na tradução, acarretando a perda do jogo linguístico intencionado. Ressaltamos que neste caso o problema está geralmente relacionado a um estilo textual, como por exemplo, em um slogan, onde se busca estabelecer uma ligação entre a marca e determinada frase. Cabe ressaltar que isso não necessariamente afeta a compreensão geral do consulente sobre a mensagem, apenas reduzirá as especificidades do jogo linguístico.

O terceiro problema apresentado por Durán Muñoz (2012, p. 108) refere-se aos culturemas. Até o momento, vimos que os culturemas se caracterizam por palavras culturalmente marcadas, as quais não têm equivalente direto em outras línguas. Os

culturemas são um fator característico dos textos turísticos, como afirma Durán Muñoz (2012, p. 108, tradução nossa⁴⁷)

Este feito é muito característico dos textos turísticos promocionais, visto que são os textos que aproximam o turista da cultura original do texto em todos os seus aspectos (gastronômico, musical, de costumes, fauna autóctone etc.) e busca a diferenciação do destino que está oferecendo com a cultura de origem do turista.

Como possíveis soluções para a tradução de culturemas, Durán Muñoz (2012, p. 108) apresenta duas estratégias: 1) uma explicação breve da palavra ou expressão (como por exemplo, “*empanadas*” que poderia receber uma explicação como “tipo de pastel recheado com carne moída, frango, vegetais ou milho” de modo a explicitar brevemente o tipo de alimento que trata. Destacamos que no exemplo dado pela autora a cultura meta seria de língua inglesa, caso que difere do sentido que essa palavra poderia ter no português falado no Brasil, pois as empanadas são conhecidas em boa parte do país. 2) omitir a explicação devido às palavras ou expressões já serem conhecidas na cultura meta. A autora cita como exemplo o vocábulo “*paella*”, partindo do pressuposto de que essa é uma palavra internacional sendo, portanto, conhecida pelo público em geral.

O quarto problema é identificado como a linguagem positiva e poética constante. Em muitos casos uma linguagem poética é utilizada para que o texto soe mais atraente para o turista fazendo com que o leitor sinta alegria pelo que lê e deseje visitar o local em questão, conforme visto na definição de Kelly (1997) mencionada anteriormente. Como possível solução Durán Muñoz (2012, p. 109) afirma que o tradutor precisa manter essas marcações lexicais para oferecer essa linguagem positiva no texto meta de modo a discutir os mesmos efeitos no produto final.

O quinto e último problema apresentado por Durán Muñoz (2012, p. 109) refere-se a textos confusos, isto é, textos mal redigidos com erros ortográficos ou sintáticos, entre outros. Segundo essa autora este tipo de texto dá trabalho ao tradutor, que deverá compreender o texto mal redigido para depois traduzi-lo, causando um duplo trabalho. Para solucionar tal problema, ela sugere que o tradutor entre em contato

⁴⁷ Este hecho es muy característico de los textos turísticos promocionales, puesto que son los textos que acercan al turista a la cultura original del texto en todos sus aspectos (gastronómico, musical, de costumbres, fauna autóctona, etc.) y busca la diferenciación del destino que está ofreciendo con la cultura de origen del turista.

com o cliente que solicitou a tradução para pedir informação mais adequada e proponha mudanças para ajustar o texto às normas.

Dando continuidade aos percalços na tradução de textos turísticos apresentados por Durán Muñoz (2012, p. 109), a autora aborda cinco dificuldades na tradução desse tipo de texto. Estas dificuldades não se caracterizam como problemas, mas como fatores que influenciarão nas escolhas do tradutor. A primeira dificuldade, está relacionada a nomes próprios de pessoas, nomes de museus e instituições. Este tipo de informação aparece com frequência em textos turísticos, pois estes tratam de locais ou pessoas de interesse desse setor. Sobre os nomes próprios a autora afirma que em espanhol estes são traduzidos, como é o caso do quadro “La Gioconda” que em outras culturas, como por exemplo o Brasil, é conhecido por Mona Lisa.

Outro fator relacionado à essa dificuldade é a terminologia encontrada na fauna e na flora que, por vezes, caracteriza uma dificuldade de tradução devido à existência de espécies que são típicas de uma região específica. Sobre esse assunto, Durán Muñoz (2012, p. 110, tradução nossa⁴⁸) apresenta como possível solução a documentação. Segundo a autora, “quanto mais o tradutor se documentar sobre esses nomes e as regras de suas traduções, mais segurança terá ao tomar suas decisões léxicas e menor será o número de erros cometidos”. Com relação à busca e documentação deste tipo de terminologia, observa-se que a sua busca tem sido facilitada, em especial em língua inglesa, haja vista que o interesse de divulgar as pesquisas realizadas em âmbito local gera um aumento no número de traduções de artigos científicos (MARTINS, 2018).

A segunda dificuldade apresentada é a dos topônimos, que são vocábulos que nomeiam lugares. Para solucionar isso a autora apresenta exemplos como o caso de “New York” em inglês que se transforma em “Nueva York” em espanhol, ou mesmo o “Thames River” que aparece como “Río Thames” em espanhol, casos em que ocorre uma adaptação linguística apenas de uma parte do nome. De todos os modos, a autora sugere que o tradutor conheça os mecanismos utilizados nas duas línguas/culturas e se documente para alcançar a qualidade desejada para obter um texto coeso.

⁴⁸ Cuanto más se documente el traductor acerca de estos nombres y de las reglas de sus traducciones, mayor será la certeza en la que basar sus decisiones léxicas y menor será el número de errores cometidos

A terceira dificuldade está relacionada às versões, que consistem em traduções realizadas para um idioma que não é a língua materna do tradutor, como por exemplo, um tradutor brasileiro que traduz do português para o espanhol. Durán Muñoz (2012, p. 110) vê a tradução inversa, como é chamada por ela, como algo negativo e destaca que esse tipo de tradução tem baixa qualidade e não atinge níveis de naturalidade e precisão desejáveis. Como possível solução para essa dificuldade, a autora sugere que os textos turísticos sejam traduzidos apenas por profissionais. Isso certamente seria o ideal não somente para a tradução desse tipo de texto, mas para a tradução comercial como um todo. No entanto, é sabido que a contratação de profissionais nem sempre é a solução buscada por aqueles que necessitam de traduções.

Sobre esse mesmo assunto, Durán Muñoz (2012, p. 110), salienta que autores como Pedersen (2000) e Mackenzie e Vienne (2000) defendem as versões, mas que estas sejam seguidas de uma revisão por um tradutor nativo da língua traduzida. Quanto a esse assunto, entendemos que tradutores capacitados têm capacidade e técnica para realizar versões que independem da revisão específica de tradutores nativos da língua traduzida. As traduções, como um todo, demandam revisões, as quais são usualmente realizadas por outro tradutor, o que consideramos ser suficiente tanto para as versões quanto para as traduções.

Os neologismos são apresentados como a quarta dificuldade. Durán Muñoz (2012, p. 111) usa o exemplo da linguagem relacionada à ecologia. A terminologia deste âmbito é bastante desenvolvida nas línguas inglesas e alemã, e conta com termos como “*eco-tourism, green tourism, eco-escape, eco friendly travel, eco holidays*”. No entanto, a autora afirma que no espanhol não existe equivalentes para todos esses neologismos, visto que o conceito eco, ainda que apresentado naquela região, não é tão proeminente. No meio turístico brasileiro, observamos que é costumeira a realização manutenção dos termos em inglês, pois além de não haver equivalentes estabelecidos, a ocorrência de palavras em inglês causa um apelo diferenciado aos turistas. Como forma de solução para essa dificuldade, Durán Muñoz (2012, p. 111) aponta a criação de neologismos por parte do tradutor como forma de adaptação do texto para a cultura de chegada fazendo com que esse texto turístico se aproxime dos leitores.

Por fim, a quinta e última dificuldade apresentada por Durán Muñoz (2012, p. 111) está relacionada às fontes de referência. A autora informa que os dicionários

especializados, glossários e enciclopédias são materiais básicos para o ofício da tradução. No entanto, ela nota que em se tratando de vocabulário específico do turismo, são escassos os materiais lexicográficos. Para resolver esse problema Durán Muñoz (2012, p. 111) sugere novamente que o tradutor se documente e que busque em traduções já realizadas para consultar a terminologia, fraseologia típica desse discurso e conteúdo semântico a fim de evitar erros terminológicos e/ou conceituais.

Indicamos aqui que outros autores também versaram sobre métodos para a tradução de culturemas. Em um trabalho que relacionado à flora da região de Múrcia (Espanha), Soto Almela (2014, p. 151) apresentou seis estratégias utilizadas por ele na tradução de culturemas: equivalente cunhado, amplificação, criação discursiva, generalização, transposição e empréstimo puro. Dentre essas estratégias, a mais utilizada no referido trabalho foi o emprego de equivalentes cunhados, seguido do uso de amplificações. Destacamos que foi utilizada a descrição do termo no lugar do uso de um vocábulo apenas, algo que se assemelha, em parte à tradução funcionalista, que é o modelo de tradução proposto neste trabalho.

Por fim, observamos que em se tratando de tradução de textos turísticos o tradutor encontra dificuldades e problemas relacionados à tradução. Sejam eles relacionados a questões práticas como a não disponibilidade de materiais de consulta ou mesmo de um texto redigido de maneira adequada até mesmo questões mais intrínsecas à tradução de culturemas. Quanto a esse tipo de tradução verificamos que as estratégias utilizadas se aproximam das retratadas na seção anterior. Por conseguinte, indicamos que maiores detalhamentos sobre o modelo de tradução empregado no presente trabalho serão apresentados mais adiante.

5 FUNDAMENTOS INTRODUTÓRIOS DA LEXICOGRAFIA: A CIÊNCIA DO FAZER DICIONÁRIOS

Definir o que são dicionários⁴⁹ é uma tarefa árdua e desafiadora. Este tipo de obra abarca diversas tipologias, assim sendo, pode-se dizer que cada tipo de dicionário é único, embora todos os tipos tenham algo em comum que os formaliza como tal, pois sua identidade faz com que cada tipo de obra seja singela. É preciso debruçar sobre os mais diversos estudos para compreender as principais características de diferentes tipos de dicionários. Uma das primeiras definições propriamente ditas de dicionários foi proposta por Zgusta (1971, p. 17, tradução nossa⁵⁰) em uma das primeiras obras sobre lexicografia.

Um dicionário é uma lista sistematicamente organizada de formas linguísticas socializadas compiladas a partir dos hábitos de fala de um discurso de determinada comunidade e, comentada pelo autor de um modo que o leitor qualificado entenda o sentido... de cada forma separada, e é informado dos fatos relevantes relacionados à função daquela forma em sua comunidade.

Através dessa definição, observamos que a visão de Zgusta (1971) de dicionários é sistemática e direcionada às formas usuais e socialmente aceitas. Ademais, percebe-se que para o referido autor, a consulta a um dicionário acarreta a necessidade de compreender um tipo de discurso especial, que somente os leitores qualificados têm como realizar bem.

No mesmo ano, foi publicada a obra *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire* de Dubois e Dubois (1971, p. 7, tradução nossa⁵¹), os quais definem os dicionários como “objetos manufaturados cuja produção, importante nas sociedades desenvolvidas, responde às exigências de informação e de comunicação.” Para esses autores, os dicionários têm um aspecto majoritariamente pedagógico, pois tem por objetivo suprir as necessidades do saber sobre a língua e a ciência.

⁴⁹ Informamos que no presente capítulo utilizaremos o vocábulo dicionário em seu sentido *lato*, isto é, os dicionários servirão como hiperônimo de outras tipologias lexicográficas como glossários, repertórios e enciclopédias, salvo nos casos quando explicitamente apresentados, como por exemplo “dicionário bilíngue”.

⁵⁰ A dictionary is a systematically arranged list of socialised linguistic forms compiled from the speech-habits of a given speech community and commented on by the author in such a way that the qualified reader understands the meaning... of each separate form, and is informed of the relevant facts concerning the function of that form in its community.

⁵¹ Objets manufacturés dont la production, importante dans les sociétés développées, répond à des exigences d'information et de communication.

As definições anteriormente apresentadas serviram como abertura para o desenvolvimento de várias propostas de definições acerca termo “dicionário” e favoreceu para que outros autores pudessem discorrer sobre o assunto. Assim, Svensén (1993, p. 3-4, tradução nossa⁵²), muitos anos depois, apresentou a seguinte definição de dicionário:

Um dicionário é um livro que, em primeiro lugar, contém informações sobre o significado das palavras e seu uso em situações comunicativas específicas. Ele difere de outras fontes de informação ao não oferecer a informação em uma ordem coerente, mas dividida em milhares de pequenos capítulos ou seções.

Ressaltamos que mais à frente discorreremos sobre esses pequenos capítulos mencionados neste excerto que se referem aos verbetes. Alguns anos depois da definição acima ter sido publicada, o lexicógrafo espanhol Martínez de Sousa (1995, p. 17, tradução nossa⁵³) elaborou a sua definição de dicionário, apresentando-o como “a recopilação de palavras, locuções, mudanças e sintagmas de uma língua ou, dentro dela, os termos de uma ciência, técnica, arte, especialidade, etcetera, geralmente dispostos em ordem alfabética”. Além dessa definição mais geral de dicionário, o mesmo autor complementa que estes podem aportar equivalências em outras línguas.

Por sua vez, Hartmann e James (1998, p. 41, tradução nossa⁵⁴) em seu *Dictionary of Lexicography*, definem o dicionário, como o “o tipo mais comum de obra de referência”. Conforme apontado pelos autores inicialmente citados, o termo “dicionário” foi utilizado como título para diferentes tipos de obras de referência. Ademais desta brevíssima definição, Hartmann e James (1998, p. 41, tradução nossa⁵⁵) complementam:

Desde o século XVI o título dicionário tem sido usado para uma série ampla de obras de referência alfabéticas (e temáticas), gerais (e especializadas), monolíngues (e bilíngues e multilíngues), do poliglota ao histórico e o dicionário pedagógico.

⁵² A dictionary is a book that in the first place contains information on the meaning of words and their usage in specific communicative situations. It distinguishes itself from other sources of information in that it does not offer information in a coherent order but divided into thousands of short chapters or sections.

⁵³ La recopilación de las palabras, locuciones, giros y sintagmas de una lengua o, dentro de ella, los términos de una ciencia, técnica, arte, especialidad, etcétera, generalmente dispuestos en orden alfabético.

⁵⁴ The most common type of REFERENCE WORK, first used as a TITLE

⁵⁵ Since the sixteenth century the title dictionary has been used for an increasingly wider range of alphabetic (but also thematic), general (but also specialised), monolingual (but also bilingual and multilingual) reference works, from the polyglot to the historical and the pedagogical dictionary.

Martínez de Sousa (1995) e Hartmann e James (1998) apresentam o dicionário como obra múltipla organizada alfabeticamente. Outro autor optou pela cautela e se resguardou de dar uma definição precisa de dicionário e ofereceu uma breve descrição do que seria um dicionário prototípico. Segundo Sterkenburg (2003, p. 3, tradução nossa⁵⁶)

Para nós, buscar uma definição de 'dicionário' é buscar pela definição de um dicionário prototípico. O dicionário prototípico é o dicionário geral, alfabético e monolíngue. Suas características são o uso de uma língua apenas tanto para o objeto quanto para os meios de descrição, a sua natureza supostamente exaustiva da lista de palavras descritas e sua natureza mais linguística que enciclopédica do conhecimento oferecido.

Depois desse breve aparato de definições, sintetizamos que os dicionários assumem características diversas e podem ser observados à luz de múltiplas perspectivas. Uma das características dessas obras que nos chama a atenção é sua funcionalidade. Sobre este assunto, Dubois e Dubois (1971, p. 7) observaram os dicionários a partir de sua funcionalidade e apresentaram quatro objetivos para este tipo de obra, os quais são:

- 1) traduzir mensagens de uma comunidade linguística para a outra (dicionários bilíngues ou plurilíngues);
- 2) transcodificar a linguagem usada dentro de um grupo técnico ou grupo social culturalmente diferenciado (dicionários técnicos e científicos e dos dicionários de gírias, por exemplo);
- 3) dominar os meios de expressão semânticos, sintáticos, morfológicos ou fonéticos de uma língua (dicionários de língua);
- 4) aumentar o alcance do saber dos leitores por meio de informações (dicionários enciclopédicos).

Casares (1969, p. 13) determinou que os dicionários exaustivos são consultados a partir das necessidades dos leitores, isto é, a depender da sua amplitude a procura poderá ocorrer de uma maneira ou de outra.

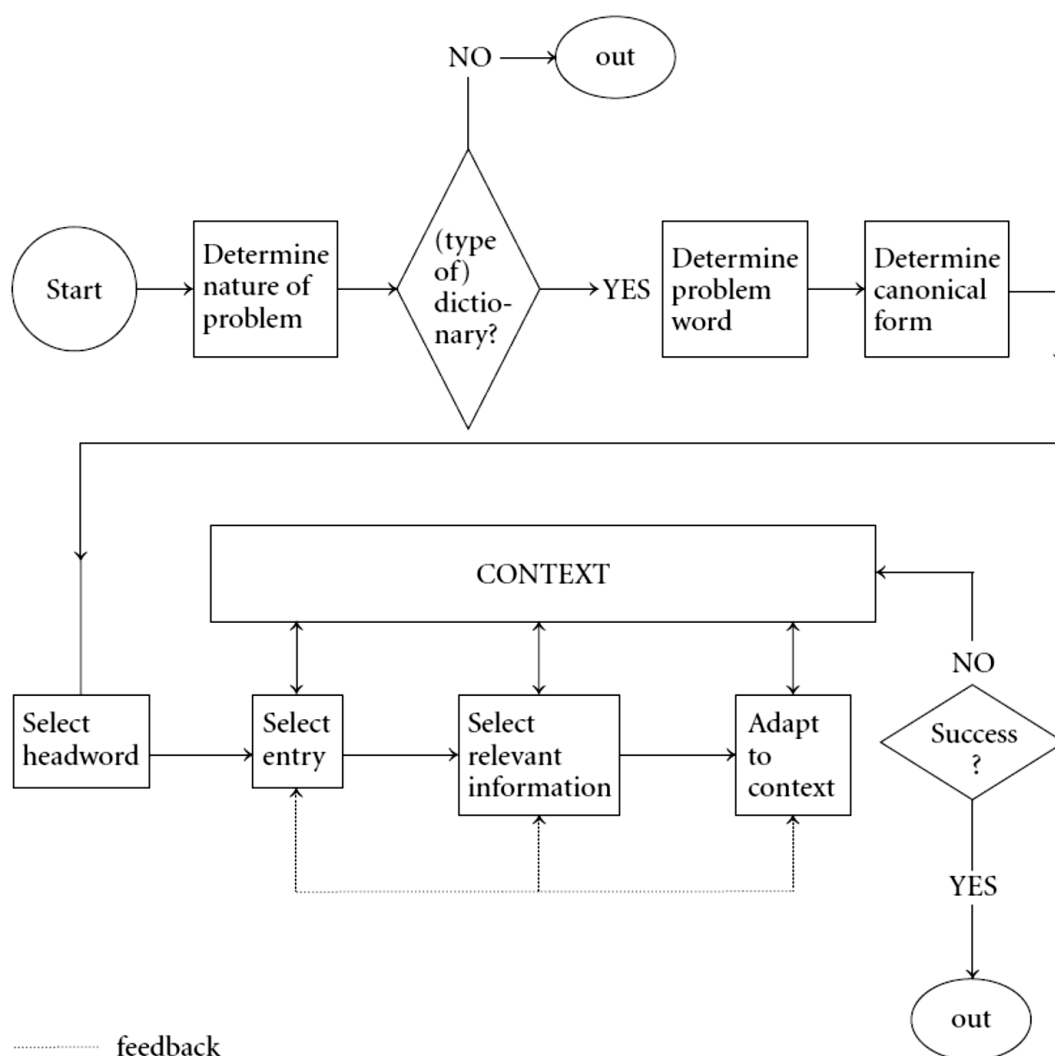
Postos, portanto, na condição dos Dicionários do tipo exaustivo, gozará de maior predicamento o mais bem concebido e realizado, independente de

⁵⁶ For us, looking for a definition of 'dictionary' is looking for a definition of the prototypical dictionary. The prototypical dictionary is the alphabetical monolingual general-purpose dictionary. Its characteristics are the use of one and the same language for both the object and the means of description, the supposed exhaustive nature of the list of described words and the more linguistic than encyclopaedic nature of the knowledge offered.

quem o faça, porque nestas obras não se busca o estudioso ou o que está ou não sancionado por virtude de uma prerrogativa oficial, mas, simplesmente, materiais e informações para tirar suas próprias conclusões. (CASARES, 1969, p. 13, tradução nossa⁵⁷)

No entanto, a busca para a compreensão dos motivos pelos quais um consulente abre este tipo de obra vão além das expostas acima. Muitos estudiosos têm tentado compreender os motivos pelos quais um usuário consulta um dicionário e partir disto vêm elaborando modelos sobre o uso de dicionários. Como exemplo destes modelos, destacamos (Figura 3) o apresentado por Bogaards (2003, p. 29):

Figura 3 - Um modelo de uso e dicionários



⁵⁷ Puestos, por tanto, en competencia dos Dicionarios del tipo exhaustivo, gozará de mayor predicamento el mejor concebido y realizado, hágalo quien lo hiciere, porque en estas obras no va a buscar el estudioso lo que está o no está sancionado por virtud de una prerrogativa oficial, sino sencillamente materiales e informaciones para sacar sus propias conclusiones.

Fonte: Bogaards (2003, p. 29)

Com base neste modelo, observamos que as buscas em um dicionário são necessárias quando um problema linguístico é encontrado, sendo, por isso, preciso determinar a natureza do problema (conceitual, sintático, lexical etc.); depois deste passo é que o tipo de dicionário será determinado para ser feita a consulta.

Sobre este ponto, Bogaards (2003, p. 29) aponta um fator determinante, mas que pode ser problemático: muitas pessoas acreditam haver apenas um tipo de dicionário e buscam encontrar nele a solução para todos os seus questionamentos linguísticos e quando não encontram o que procuram em determinada obra lexicográfica, sua pesquisa costuma ser paralisada ali.

A outra possibilidade é a de o usuário encontrar a palavra desejada e a partir daí ele poderá observar se esta está em sua forma canônica ou não (fato que pode novamente gerar problemas).

Depois deste passo, o usuário poderá buscar no verbete as informações que deseja, fazendo uma seleção da informação relevante: em artigos lexicográficos com muitas acepções este passo pode ser mais demorado, para, enfim, encontrar o contexto desejado e, possivelmente, sanar a dúvida inicial.

Independentemente da problemática em questão, há dois fatores cruciais na elaboração de um dicionário que, cada vez mais, são demandados na sociedade atual:

... [os dicionários] devem ser úteis para resolver determinadas necessidades linguísticas de um grupo mais ou menos estabelecido de usuários. Portanto, qualquer decisão que se refira à quantidade e ao tipo de informação que se inclua em um dicionário deverá levar em conta essas necessidades dos destinatários... (GELPÍ ARROYO, 2003, p. 319-320).

Isto posto, há dois pontos a serem considerados aqui, sendo eles: a finalidade do dicionário e o possível consulente. Cada obra precisa ser alinhada com o público que se deseja alcançar, por exemplo, o caso de dicionários escolares objetivados para aprendizes de língua materna, ou o caso de dicionários contrastivos bilíngues que visam abarcar estudantes de línguas estrangeiras.

Até o momento, nos restringimos a exemplificar os motivos pelos quais a busca por dicionários se justifica por solucionar dúvidas e servir como via de acesso a diferentes inferências. De todos os modos consideramos a relevância de conceber e

produzir dicionários de diversas tipologias, a partir de bases científicas que supram as necessidades esperadas pelo público e alcançar a sua funcionalidade. Como consequência, destacamos, por ora, que para cada tipo de necessidade existe um tipo de dicionário, e que nem sempre é tarefa fácil delimitar como e para quem cada obra é elaborada.

No que concerne às tipologias de dicionários, sabemos que há uma infinidade de autores que já se debruçaram sobre o tema e que é difícil delimitar todas e exemplificá-las. Contudo, tomando como base o trabalho realizado, alguns estudiosos da Metalexigrafia apresentados até o momento, buscaremos demarcar a seguir algumas características de cada tipologia.

Haensch et al. (1982, p. 97, tradução nossa⁵⁸) delimitam, a partir de critérios linguísticos, dois tipos de obras lexicográficas: 1. individuais e 2. coletivas, conforme podemos ver a seguir, são:

codificações lexicográficas cujo objeto é constituído por discursos individuais são – geralmente – os glossários, dicionários ou vocabulários de obras literárias [...]. Codificações lexicográficas do discurso coletivo são chamadas de ‘thesauri’ (ou ‘tesouros da língua’), que registram todas as palavras ou outras unidades léxicas que se apresentam nos textos de certas pessoas [...] representativas da língua de uma coletividade humana em uma época determinada, ou incluso em todos os textos conhecidos de uma língua de humana coletividade humana em uma época determinada.

A partir da determinação do discurso que será incluído no dicionário, pode-se delimitar, inicialmente, se estes serão do discurso individual e, por conseguinte, abarcarão um número mais restrito de vocábulos, ou se serão do discurso coletivo, como os Tesouros, que abarcam de maneira exaustiva os vocábulos que constituem as línguas.

Outro papel relevante para a delimitação das tipologias é o papel do emissor e do receptor. Haensch et al. (1982, p. 98) exemplificam o caso dos dicionários onomasiológicos, cujo papel do emissor se destaca. Esse tipo de dicionário tem por característica partir dos conceitos para chegar às unidades léxicas, como ocorre nos dicionários de ideias. Sua organização difere dos semasiológicos, pois estes, de modo

⁵⁸ Codificaciones lexicográficas cuyo objeto lo constituyen discursos individuales son – por lo general – los glosarios, diccionarios o vocabularios de obras literarias [...]. Codificaciones lexicográficas del discurso colectivo son llamados ‘thesauri’ (o ‘tesoros de la lengua’), que registran todas las palabras u otras unidades léxicas que se presentan en los textos de ciertas personas [...], representativos de la lengua de una colectividad humana en una época determinada, o incluso en todos los textos conocidos de una lengua de una colectividad humana en una época determinada.

geral, não se organizam por ordem alfabética, mas por ideias e conceitos afins, imagens, conceitos, entre outros.

Por outro lado, os dicionários semasiológicos são elaborados com base no receptor. Conforme afirmam Haensch et al. (1982, p. 99, tradução nossa⁵⁹), este tipo de dicionário “parte do significante léxico para indicar os conteúdos realizados [...] ou virtuais [...]”. Para tanto, a ortografia vigente ou a transcrição fonética são tomadas como forma de dar ordem ao seguimento de palavras. Dentre este tipo de dicionários, destacam-se, de acordo com o referido autor, os dicionários de língua geral, dicionários de modismos, de fraseologias etc.

Alguns autores, contudo, defendem a possibilidade de separar os dicionários semasiológicos de acordo com as línguas nele contidas. Existem dicionários monolíngues, que incluem apenas uma língua, e os dicionários plurilíngues, que segundo Haensch et al. (1982, p. 100, tradução nossa⁶⁰) se caracterizam por conterem duas ou mais línguas: “o dicionário plurilíngue, na maioria dos casos, se propõe a indicar não apenas os significantes, como possibilidades de tradução para outras línguas”. Esta última categoria se subdivide em dicionários bilíngues, de duas línguas, e multilíngue, que contam com mais de duas línguas. Conforme Haensch et al. (1982, p. 100, tradução nossa⁶¹), enquanto os dicionários bilíngues normalmente só servem de apoio para a tradução de significantes em uma única direção (e isto até certo ponto), muitos dicionários multilíngues pretendem permitir a tradução de cada uma das demais línguas do dicionário.

É possível encontrar dicionários que buscam organizar sistemas inseridos dentro dos sistemas linguísticos, como é o caso dos dicionários de sinônimos e de antônimos. Haensch et al. (1982, p. 102, tradução nossa⁶²) indicam que este tipo de dicionário costuma ser utilizado como indicações práticas para contextos específicos, como ocorre com dicionários de estilo, que, por sua vez, é uma “mistura de dicionário de sinônimos, dicionário fraseológico e dicionário de colocações”, e permite aos seus consulentes verificarem a norma deste tipo de colocação ou fraseologia.

⁵⁹ Parte del significante léxico para indicar contenidos realizados [...] o virtuales [...].

⁶⁰ El diccionario plurilingüe, en la mayoría de los casos, se propone indicar no solo los contenidos de los significantes, sino también posibilidades de traducción a otras lenguas.

⁶¹ Mientras que los diccionarios bilingües normalmente sólo permiten la traducción de significantes en una dirección (y esto sólo hasta cierto punto), muchos diccionarios multilingües permiten al usuario traducir de cada una de las demás lenguas del diccionario.

⁶² Mezcla de diccionario de sinónimos, diccionario fraseológico y diccionario de colocaciones.

São destacados pelos mesmos autores citados, os dicionários históricos, que têm sua base fundamentada em uma ordem diacrônica de evolução dos sistemas linguísticos, bem como os dicionários etimológicos, que observam e categorizam a evolução formal de um vocábulo ao longo do tempo (HAENSCH et al., 1982, p. 102). Os dicionários enciclopédicos, explicam os referidos estudiosos, fazem a combinação entre a descrição enciclopédica e a linguística para fundamentar definições extensas e ricas em informações do significante.

Por último, apresentamos a classificação de dicionários proposta por Zgusta (1971), que os classifica em: 1) dicionários enciclopédicos e 2) dicionários linguísticos. Dentro desta concepção, Zgusta (1971, tradução nossa⁶³) determina:

- Dicionários linguísticos são diferenciados das enciclopédias (majoritariamente) em termos de status de tipos de lemas (ou entradas) que são incluídos e tipo de informação oferecido neles;
- Dicionários monolíngues e bilíngues são diferenciados tomando como base o número de línguas que são tratadas neles;
- Dicionários sincrônicos e diacrônicos são diferenciados pela oposição do eixo tempo;
- As características distintivas *gerais*, *limitadas*, *compreensivas* e *padrão* se referem ao estrato e/ou escopo do vocabulário que foi selecionado para inclusão e tratamento em um dicionário.

Esse estudioso avalia o tamanho das obras, fator que também influencia nas categorias, identificando-os como dicionários de bolso e escolares, além de abordar questões concernentes a corpora de referência.

No que concerne às tipologias, destacamos que há diferentes pontos de vista a serem analisados que partem de outros autores além dos apresentados até o momento. Deste modo, apresentamos a seguir outro ponto de interesse da Metalexigrafia, parte esta que se ocupa em definir os componentes estruturais dos diferentes tipos de dicionários, isto é, a macroestrutura e a microestrutura. Partindo desse ponto teceremos breves considerações a partir de cada uma delas.

⁶³ - Linguistic dictionaries are discerned from encyclopaedias (mainly) in terms of the status of lemma types (or: entry words) included and the kind of information provided on them;
 – monolingual and multilingual dictionaries are distinguished on the basis of the number of languages treated in them;
 – diachronic and synchronic dictionaries are discerned on an opposition on the time-axis;
 – the distinctive features general, limited, comprehensive and standard refer to the strata and/or scope of the vocabulary that has been selected for inclusion and treatment in a dictionary.

5.1.1 Macroestrutura

Uma das definições que se tem sobre a microestrutura de um dicionário é a apresentada por Rey-Debove (1971, p. 21, tradução nossa⁶⁴), a qual descreve que a macroestrutura de um dicionário corresponde ao “conjunto de entradas ordenadas, sempre submetidas a uma leitura vertical parcial durante a identificação do objeto da mensagem”. Esse conjunto de entradas também é conhecido como “nomenclatura”, que é parte fundamental de qualquer obra lexicográfica. A partir desta definição Haensch et al. (1982, p. 452) ampliaram o conceito inicial de Rey-Debove (1971), inserindo como parte da macroestrutura outros elementos, como a parte introdutória dos dicionários, os possíveis anexos e os suplementos.

Outro ponto de vista sobre a macroestrutura parte de Hartmann e James (1998, p. 91, tradução nossa⁶⁵) os quais definem a macroestrutura como

A estrutura geralmente apresentada em listas que permite ao compilador e ao usuário localizar a informação em uma obra de referência. o formato mais comum nos dicionários ocidentais é o apresentado em listas de palavras (no entanto, existem outras formas de ordenar as entradas, ex. tematicamente, cronologicamente ou por frequência), que constitui o componente principal.

No entanto, apesar de as macroestruturas comumente serem apresentadas em ordem alfabética esta proposta não é aceita por todos os lexicógrafos. Béjoint (1994), por exemplo, sublinha que este modelo de ordem alfabética tem sido criticado por autores desde Vaugelas (1647) até Gold (1979). Segundo Béjoint (1994, p. 15, tradução nossa⁶⁶) “é obviamente uma organização não satisfatória se o dicionário é para ser usado ‘onomasiologicamente’, para encontrar ‘ideias’ em vez de formas [...], ou para qualquer um que pense que o dicionário deva espelhar o mais próximo possível a organização do léxico mental”. O autor menciona apenas o caso dos dicionários de caráter onomasiológico o qual se fundamentam em duas origens: a pedagógica e a ideológica. Sobre este ponto, observa-se que:

⁶⁴ l'ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l'objet du message.

⁶⁵ The overall LIST structure which allows the compiler and the user to locate information in a REFERENCE WORK. The most common format in Western dictionaries is the alphabetical WORD-LIST (although there are other ways of ordering the HEADWORDS, e.g. thematically, chronologically or by frequency), which constitutes the central component.

⁶⁶ It is obviously not a satisfactory arrangement if the dictionary is to be used ‘onomasiologically’, to find ‘ideas’ rather than forms [...], or for anyone who thinks that the dictionary should mirror as closely as possible the organization of the mental lexicon.

A produção de obras de referência onde as palavras são organizadas diferentemente tem duas origens: uma é pedagógica, a saber, a necessidade de fornecer ajuda aqueles usuários que começam com uma ideia e desejam encontrar a palavra correta; e a segunda é ideológica: em muitas sociedades há o desejo de encapsular todas as palavras de um léxico de uma maneira que faça sentido. Estas obras de referência ‘frequentemente esquecem as necessidades de seus leitores’, como se os autores estivessem encantados pela ideia de colocar mundos e palavras em ordem ou de revelar a ordem da natureza que estava escondida. (MARELLO, 1990, p. 1084, *apud* BÉJOINT, 1994, p. 15, tradução nossa⁶⁷)

À parte destas controvérsias, damos continuidade ao entendimento da macroestrutura tomando como ponto seguinte os lemas que correspondem às entradas lexicográficas. Estes elementos, segundo Martínez de Sousa (1995, p. 101, tradução nossa⁶⁸), correspondem à “palavra, locução, frase, sintagma, signo ou conjunto de letras ou signos que encabeçam um artigo de dicionário, vocabulário, glossário, terminologia, índice, ficha, etcetera, e é objeto de definição ou explicação e, eventualmente, de tratamento enciclopédico”. Os lemas ou entradas, configuram a parte da macroestrutura que costuma ser organizada em ordem alfabética e que encabeça o verbete que segue. Os lemas se caracterizam por apresentarem a forma canônica do vocábulo ou termo, isto é: “a maioria das entradas, com exceção das remissivas e nomes, são formas canônicas.” Landau (1989, p. 76, tradução nossa⁶⁹). A adoção das formas canônicas serve como modelo das formas representativas da língua, possibilitando um fácil reconhecimento por parte dos falantes, pois se trata de formas padrão. Landau (1989, p. 77) explica que determinado vocábulo quer tenha grafia ou formas diversas tem de levar uma única forma canônica como entrada do dicionário, embora as formas variantes possam ser apresentadas em um mesmo verbete.

A seleção dos vocábulos que constarão em um dicionário pode ser feita a partir de um corpus construído de textos de uso atual, de diferentes gêneros e tipos textuais, que podem ser transcrições de relatos orais. A este respeito, Landau (1989, p. 80) salienta que os arquivos que compõem o corpus são vastos. Um exemplo disto foi o

⁶⁷ The production of reference works where words are arranged differently has two origins: one is pedagogical, namely the need to provide help for those users who start from an idea and want to find the right word; and the other is ideological: in many societies, there has been a desire to encapsulate all the words of a lexis in a form that makes sense. Such reference works ‘often forget their readers’ needs, as if their authors were enchanted by the idea of putting world and words in order or of revealing the hidden order of nature.

⁶⁸ Palabra, locución, frase, sintagmas, signo o conjunto de letras o signos que encabeza un artículo de dicionario, vocabulario, glosario, terminología, índice, ficha, etcétera, y es objeto de definición o explicación y, eventualmente, de tratamiento enciclopédico.

⁶⁹ Most headwords, with the exception of cross-references and names, are canonical forms.

corpus criado pela Merriam-Webster, que soma mais de 12 milhões de arquivos. Por meio de análise de frequência do aparecimento de determinados vocábulos é possível selecionar os mais relevantes, que poderão ser os que constarão no dicionário.

5.1.2 A microestrutura

Conforme explica Martínez de Sousa (1995, p. 123, tradução nossa⁷⁰), a microestrutura das obras lexicográficas é o “conjunto de informações ordenadas que no artigo lexicográfico seguem a entrada”, correspondendo ao verbete lexicográfico, que é o espaço no qual estão contidas as informações pertinentes relacionadas à entrada lexicográfica.

Hartmann e James (1998, p. 95, tradução nossa⁷¹), por sua vez, apresentam a microestrutura como:

O desenho interno de uma unidade de referência. Em contraste com a lista geral de palavras (macroestrutura), a microestrutura fornece informação detalhada sobre a entrada, com comentários sobre suas propriedades formais e semânticas (ortografia, pronúncia, gramática, definição, uso, etimologia). Se a entrada tem mais de uma acepção, a informação é dada para cada uma delas (sublema). Os dicionários variam de acordo com a quantidade de informação que fornecem, e como eles a apresentam no texto do verbete.

A microestrutura apresenta as informações que subsidiam a composição da entrada, e podem trazer conteúdos sobre ortografia, pronúncia, etimologia, entre outros. Destaca-se que na informação fornecida no excerto citado anteriormente, os autores não indicam a tipologia de dicionário a que se referem, fornecendo apenas as informações referidas. Pelo que foi apresentado nas seções anteriores, vemos que os parâmetros demonstrados não são necessariamente correspondentes a todas as tipologias de dicionários, podendo variar em maior ou menor grau.

Sobre os componentes da microestrutura, Dubois e Dubois (1971, p. 39) explicam que nove tipos de informações podem compor o artigo lexicográfico. A

⁷⁰ Conjunto de informaciones ordenadas que en el artículo lexicográfico siguen a la entrada.

⁷¹ The internal design of a REFERENCE UNIT. In contrast to the overall word-list (MACROSTRUCTURE), the microstructure provides detailed information about the HEADWORD, with comments on its formal and semantic properties (spelling, pronunciation, grammar, definition, usage, etymology). If the headword has more than one SENSE, the information is given for each of these (SUBLEMMA). Dictionaries vary according to the amount of information they provide, and how they present it in the text of the ENTRY.

primeira informação se refere à palavra, que por sua vez representa o tema do qual as informações seguintes serão relacionadas.

A segunda, concerne à pronúncia, ela dá a transcrição fonética por meio de um código específico que permite ao usuário saber como determinado vocábulo é pronunciado.

A terceira é apresentada como a categorização gramatical, que fornece os fundamentos sintáticos do vocábulo, indicando, por exemplo, se este é um substantivo, verbo, adjetivo, ou se está no feminino ou masculino.

A quarta é a etimologia a qual indica a suposta origem do vocábulo, em outras palavras, ela indica o ramo linguístico do qual determinado vocábulo faz parte.

A quinta informação, a definição, é apresentada por Dubois e Dubois (1971, p. 40) como uma série de paráfrases sinônimas do vocábulo. Cada definição tem sentido para este vocábulo ou no caso das obras terminográficas, ela apresenta a acepção de determinado termo.

Os exemplos são a sexta informação apresentada pelos autores supracitados e oferecem ocorrências correntes do vocábulo dentro de um contexto frasal como forma de demonstrar a sua utilização.

A sétima informação são os idiotismos e expressões estereotipadas, que se caracterizam por relações sintáticas fortes entre os morfemas que apresentam informações específicas. Dubois e Dubois (1971, p.40, tradução nossa⁷²) informam que “esses conjuntos de palavras são considerados como termos únicos, que formam as *sub entradas* e são, por sua vez, suscetíveis de receber suas definições na forma de paráfrases sinonímicas”.

A oitava informação se refere ao senso funcional que, como os idiotismos, são “significações particulares do termo dentro de uma determinada linguagem técnica ou científica” (DUBOIS; DUBOIS, 1971, p. 41, tradução nossa), ou seja, o senso funcional se refere aos termos componentes de determinadas áreas de especialidade que possuem acepções distintas em outras áreas.

⁷² Ces suites de mots sont considérés comme des termes uniques, formant des *sous-entées* et susceptibles à leur tour de recevoir des définitions sous la forme de paraphrases synonymiques.

Por fim, a nona informação é concernente às obras lexicográficas enciclopédicas. As enciclopédias aportam informações científicas ou ideológicas do tema, da entrada; essa informação está contida dentro da microestrutura de obras deste tipo.

Para Hausmann e Wiegand (1989, p. 341, *apud* WELKER, 2004, p. 108), os componentes fundamentais do artigo lexicográfico são:

- Informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- Informação que identifica o lema na diacronia (etimologia);
- Marcas de uso;
- Informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- Informação sintagmática (construção, colocações, exemplos);
- Informação paradigmática (sinônimos, antônimos etc.);
- Vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);
- Observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- Ilustrações (desenhos, gráficos);
- Elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- Remissões;
- Símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições).

Destacamos que parte das informações citadas no excerto anterior estão relacionadas ao lema como um todo (ilustrações, remissões, símbolos substitutivos, entre outros) e seus desdobramentos; já outras informações são referentes a uma ou mais acepções apresentadas no verbete, no caso de lemas polissêmicos (informação paradigmática, informações explicativas, observações etc.). Sobre a lista supracitada, Welker (2004, p. 108) informa que “na listagem falta uma menção às expressões idiomáticas, talvez porque, geralmente, elas constituem sublemas, ou porque, às vezes, elas são tratadas, erroneamente, como colocações”.

As informações reunidas são uma parte do que trata a Metalexigrafia. As teorias dispõem explicações para cada elemento que compõe as obras lexicográficas. Na presente seção buscamos realizar um brevíssimo apanhado dos principais elementos que estão contidos nas obras lexicográficas como forma de embasar as escolhas que serão feitas na elaboração do repertório bilíngue português - espanhol das festas de *Moros y Cristianos* e *Cavalladas*. Na próxima seção, trataremos das obras lexicográficas a partir de um viés crítico, identificando-as como gêneros textuais abarcados de discursos.

5.2 As possibilidades de um vocabulário bilíngue português – espanhol

Até o momento, buscamos refletir acerca de algumas teorias e conceitos que permeiam o campo da Lexicografia. Dentre elas, destacamos, uma vez mais, a necessidade de se elaborar materiais que tenham um propósito e um público-alvo específicos. Na prática, isso se traduz como uma organização da macro e microestrutura de materiais lexicográficos anterior à sua execução. Em outras palavras, é necessário ter bem definida as etapas e objetivos antes de dar início a qualquer obra. Gelpí Arroyo (2003) destaca que “... delimitar o grupo de usuários a que o dicionário se destinará não é fácil ... exige partir de uma tipologia ou uma classificação mais ou menos fixa, porque dificilmente esses destinatários terão exatamente as mesmas necessidades.” (GELPÍ ARROYO, 2003, p. 319).

Antes de apresentar o modelo estrutural e o planejamento de elaboração do vocabulário bilíngue português-espanhol fruto deste trabalho, apresentaremos a seguir, um compilado das principais características dos dicionários bilíngues, como forma de exemplificar e esclarecer as escolhas feitas.

5.2.1 O que são e como são organizados os dicionários bilíngues

Para compreender a proposta desse tipo de material, é importante relembrar o que são dicionários bilíngues e quais suas principais características. Sobre isso, observamos a partir da definição proposta por Zgusta (1971, p. 213, tradução nossa⁷³), que os dicionários bilíngues são os que contêm duas ou mais línguas, “o propósito usual de um dicionário bilíngue é ajudar na tradução de uma língua para outra, ou a produzir textos em uma língua diferentemente da língua materna do usuário, ou ambos”. Percebe-se, portanto, que a definição proposta pelo autor estabelece um forte vínculo com o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

⁷³ The usual aim of a bilingual dictionary is to help in translating from one language into another, or in producing texts in language other the user's native one, or both.

Certamente, este é um dos principais usos para esse tipo de dicionário. No entanto, aprofundaremos um pouco mais no assunto, com base na definição proposta por Hartmann (1998, p. 16, tradução e inserção nossa⁷⁴) que diz:

[O dicionário bilíngue] é um tipo de dicionário que relaciona vocabulários de duas línguas juntas por meio dos equivalentes de tradução, ao contrário do dicionário monolíngue, em que as explicações são dadas em uma única língua. Essa é, portanto, sua maior vantagem e desvantagem.

Há uma dualidade na compreensão das (des)vantagens dos dicionários bilíngues. Ora acredita-se que a tradução por meio de equivalentes é uma vantagem, ora acredita-se que ela é uma desvantagem para os aprendizes. Independentemente das indagações que permeiam esse tipo de dicionário, observamos que o consenso está pautado no uso de equivalentes para as entradas em questão. Com base nisso, observamos a definição de dicionários bilíngues proposta por Marelo (1996, p. 31, tradução nossa⁷⁵)

O dicionário bilíngue é um dicionário em que as expressões em uma língua (chamadas de língua-fonte ou língua de partida) são traduzidas para uma outra (chamadas de língua-alvo ou língua de chegada). Mas não é somente a presença de duas línguas que faz com que um dicionário seja bilíngue, é a razão pela qual essas duas línguas são postas em contato, isto é, a comunicação, pela tradução, entre duas comunidades que não compartilham da mesma língua.

Em outras palavras, a autora levanta a questão pela qual aquelas duas línguas estão inseridas em um mesmo contexto, ou seja, ela analisa o uso dos dicionários bilíngues com base na necessidade de comunicação entre dois grupos que não são usuários da mesma língua materna.

Acreditamos que esse ponto de vista abre diversas possibilidades para entender os usos e aplicações dos dicionários bilíngues, haja vista que esses dicionários têm como característica principal a presença de duas línguas que trazem equivalentes umas para as outras, assim sendo sua apresentação e estrutura se diferencia dos demais tipos de dicionários. Como é apresentado por Marelo (1996, p.

⁷⁴ A type of DICTIONARY which relates the vocabularies of two languages together by means of translation EQUIVALENTS, in contrast to the MONOLINGUAL DICTIONARY, in which explanations are provided in one language. This is at once its greatest advantage and disadvantage.

⁷⁵ Le dictionnaire bilingue est un dictionnaire dans lequel des expressions dans une langue (dite langue source ou de départ) sont traduites dans une autre (dite langue cible ou langue d'arrivée). Mais ce n'est pas seulement la présence de deux langues qui fait d'un dictionnaire un bilingue, c'est la raison pour laquelle les deux langues sont mises en contact, c'est-à-dire la communication, par la traduction, entre deux communautés qui ne partagent pas la même langue.

33, tradução nossa⁷⁶), “os dicionários bilíngues são, em geral, constituídos por duas partes: uma parte onde a língua-fonte é, por exemplo, o francês, e a língua-alvo é uma língua estrangeira, e uma parte onde a língua-fonte é a língua estrangeira e a língua-alvo é o francês”.

Duran e Xatara (2007, p. 312) exploram as semelhanças e diferenças entre os dicionários bilíngues e monolíngues. As autoras citam que as categorias gerais de tipologias de dicionários são compartilhadas entre os dois tipos de obra, como por exemplo, a extensão e organização da nomenclatura. Com relação às diferenças, elas elencam três categorias que são distintivas entre os dicionários monolíngues e os bilíngues. As categorias são: a funcionalidade, a reciprocidade e a direcionalidade.

A funcionalidade é demonstrada em duas funções básicas dos dicionários bilíngues: a codificação e a decodificação. Duran e Xatara (2007, pp. 312 e 313) informam que “a função de codificar está associada à direção língua materna – língua estrangeira e a função de decodificar está associada à direção língua estrangeira – língua materna”. Em outras palavras, ambas as funções estão relacionadas ao modo como o dicionário será consultado, seja para buscar um equivalente em língua estrangeira para a palavra em língua-materna ou consultar uma tradução de determinada palavra escrita em língua estrangeira.

A reciprocidade, por sua vez, está relacionada ao público-alvo do dicionário bilíngue. Duran e Xatara (2007, p. 313) explicam que “o dicionário bilíngue recíproco é aquele que tem como público-alvo tanto os falantes da língua-fonte quanto os falantes da língua-alvo”, isso é representado quando ele atinge duas funções “enquanto um público utiliza as informações para decodificar, o outro as utiliza para codificar. O dicionário não-recíproco, ao contrário, é aquele que se destina aos falantes de apenas uma das línguas nele contempladas”. Um possível exemplo de dicionário não-recíproco seria o caso de um dicionário que não possui as mesmas entradas nas duas línguas, abarcando, assim, apenas um dos grupos de possíveis consulentes.

⁷⁶ Les dictionnaires bilingues sont en général constitués de deux parties : une partie où la langue source est par exemple le français et la langue cible une langue étrangère, et une partie où la langue source est la langue étrangère et la langue cible le français.

O terceiro ponto elencado pelas autoras pode ser demarcado como uma das principais particularidades na diferenciação entre os dicionários bilíngues e os monolíngues: a organização. Em um dicionário onde há apenas definições das entradas (ademais das outras informações contidas na microestrutura), para encontrar uma palavra em questão basta procurar por ela seguindo a organização por ordem alfabética. Por outro lado, os dicionários bilíngues normalmente apresentam duas partes, uma na língua-fonte e outra na língua-alvo, fazendo com que o consulente tenha duas opções para encontrar a palavra que deseja, também conhecido como bidirecionalidade (DURAN; XATARA, 2007, p. 313).

A direcionalidade dos dicionários bilíngues é uma das principais características que circundam esse tipo de obra. Para entender um pouco mais sobre essa especificação, partiremos do exemplo apresentado por Duran e Xatara (2007, p. 313) que utilizam o par português-francês como base de exemplificação:

Sendo, por exemplo, A e B as línguas envolvidas, o dicionário bilíngüe monodirecional é aquele que apresenta apenas uma das direções possíveis, ou AB ou BA, enquanto o bidirecional apresenta ambas as direções AB e BA. Ilustrando a relação entre esses três critérios com o português e o francês, por exemplo, teríamos:

Quadro 5 - Direcionalidade dos dicionários bilíngues segundo seu público-alvo

| Dicionários bilíngues | Público-alvo: falantes de francês | Público-alvo: falantes de português |
|------------------------------|--|--|
| Função Codificar | 1 Direção: francês-português | 2 Direção: português-francês |
| Função Decodificar | 3 Direção: português-francês | 4 Direção: francês-português |

Fonte: Duran e Xatara (2007, p. 313)

Com base no quadro acima, percebemos que existem modos de organização quanto à codificação e decodificação que determinam a direcionalidade dos

dicionários bilíngues. Ademais disso, as autoras concluem que “qualquer um dos dicionários acima (1, 2, 3, ou 4), tomado isoladamente, pode ser considerado monodirecional, monofuncional e não-recíproco” (DURAN; XATARA, 2007, p. 313), ou seja, pode-se ter distintas funcionalidades e direcionalidades desde que analisados à parte do outro idioma.

Hartmann (1998, p. 13) aponta os dicionários bidirecionais como um tipo de dicionário bilíngue onde é possível tanto para os falantes de uma das línguas contidas nele, quanto da outra língua, acessarem, igualmente, todo o conteúdo da obra, isto é, há equivalentes para cada uma das entradas nas duas línguas. A título de exemplo, o autor cita um dicionário bilíngue inglês-francês que tenha os equivalentes nas duas línguas:

Assim, um dicionário inglês-francês, que compreende as duas possibilidades, poderia ser usado tanto por falantes de inglês, quanto por falantes de espanhol, porque os equivalentes podem ser consultados em qualquer direção ou volume, o que prova que há uma reversibilidade. (HARTMANN, 1998, p. 13, tradução nossa⁷⁷)

Outro ponto de destaque com relação a essa organização está relacionado à forma como os dicionários bilíngues são divididos. Sabemos que os dicionários de língua geral monolíngues abarcam uma grande quantidade de entradas, o que faz deles obras de referência. Já os dicionários bilíngues, muitas vezes, não buscam ser exaustivos na quantidade de entradas que fornecem. Certamente isto não é uma regra, pois autores como Marelló (1996) informam que os dicionários bilíngues gerais podem atingir duas mil páginas ou mais, além de serem divididos em vários volumes. Ademais disto, os dicionários não dividem as partes igualmente, com relação à quantidade de entradas.

Com relação aos dicionários bilíngues especializados, bem como as demais obras que têm um enfoque para uma determinada área, Marelló (1996, p. 34) informa que eles tendem a ter partes construídas de maneiras diferentes. É comum encontrar obras especializadas em duas partes: uma primeira, na maioria das vezes elaborada na língua-fonte, que traz as entradas e suas definições. É comum que esta parte seja mais completa e que abarque maiores detalhes, visto que é, geralmente, uma língua dominante dentro do contexto especializado em questão. A segunda parte tende a ser

⁷⁷ Thus a two-way English and French dictionary could be used by both English and French speakers because the equivalents can be consulted in either side or volume, provided that there is REVERSIBILITY.

mais reduzida. É nela que se apresentam os equivalentes que se assemelham a um glossário e que normalmente não são considerados artigos lexicográficos.

5.2.2 *A macro e microestrutura dos dicionários bilíngues*

No tocante às estruturas dos dicionários bilíngues, estas são peculiares ao gênero. Se esse tipo de obra tem como objetivo principal trazer entradas e equivalentes em dois idiomas, diferentemente dos dicionários monolíngues, isso significa que a sua macroestrutura e sua microestrutura serão distintas dos modelos que compreendem apenas uma língua. Para dar entendimento dessas estruturas, apresentaremos a seguir detalhamentos acerca dessas estruturas dos dicionários bilíngues.

Marello (1996) delimita quatro subcategorias de dicionários bilíngues, sendo elas: 1. os dicionários gerais ou dicionários reduzidos, 2. os dicionários bilíngues de bolso, 3. Os dicionários bilíngues especializados e 4. Os dicionários semasiológicos e onomasiológicos. Dentre essas quatro categorias, as principais diferenças se encontram na quantidade de páginas, como por exemplo, os dicionários gerais, costumam ter entre 1600 e 2200 páginas e os de bolso têm, em média, entre 400 e 600 páginas, mas cabe ressaltar que esta delimitação numérica varia de autor a autor.

No entanto, quando comparados aos dicionários monolíngues, podemos perceber que a delimitação das entradas tem caráter especial. Segundo Marello (1996, p. 37, tradução nossa⁷⁸):

Com relação à macroestrutura dos dicionários monolíngues gerais, os bilíngues gerais devem conter também uma certa quantidade de nomes próprios de pessoas e lugares, principalmente quando esses nomes próprios são diferentes entre as línguas. Diversos dicionários bilíngues não englobam os nomes próprios na macroestrutura principal do dicionário, mas os apresentam em uma parte separada, em forma de lista, as quais informam a grafia, mas, frequentemente, negligenciam a pronúncia.

⁷⁸ Par rapport à la macrostructure des dictionnaires monolingues généraux, les bilingues généraux devraient contenir aussi un certain nombre de noms propres de personnes et de lieux, surtout quand ces noms propres diffèrent d'une langue à l'autre. Beaucoup de bilingues n'englobent pas les noms propres dans la macrostructure principale du dictionnaire, mais les présentent dans une partie séparée, sous forme de listes, qui en donnent la graphie, mais négligent souvent la prononciation.

Na prática isso significa que os dicionários bilíngues gerais também deveriam oferecer equivalentes relacionados a questões culturais, como é o caso dos nomes de pessoas e de locais, por exemplo. Esses, por sua vez, poderiam aparecer tanto na lista principal de entradas (Figura 4), na apresentação do dicionário (Figura 5), bem como nos apêndices localizados ao final da obra (Figura 6),

Figura 4 - Exemplo de equivalente localizado na lista principal de entradas

feijoada [fej'ʒwada] *f typical Brazilian dish made with black beans, pork, sausage and vegetables.*

Feijoada



A typical Brazilian dish, *feijoada* consists of black beans stewed with pork (dried meat, rib, loin, tail, trotter, ear). It is generally served with chopped cabbage, meal and orange. It is said that the *feijoada* was created by black slaves, who used up those parts of the pig disdained by their masters.

Fonte: Dicionário Larousse inglês/português, português-inglês avançado (2006)

Figura 5 - Exemplo de lista de equivalentes localizada na apresentação do dicionário

• Lista de boxes culturais brasileiros

| | | |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| Afoxé | Esportes | Pantanal |
| Amazônia | Favelas | O Pão de Açúcar |
| Bahia | Feijoada | Parques Nacionais |
| Biodiversidade | Fernando de Noronha | Patrimônios culturais |
| Bossa Nova | Festas juninas | Pau-brasil |
| Brasília | Futebol | Pororoca |
| Cachaça | Genoma | Rio de Janeiro |
| Café | Guaraná | Rodizio |
| Caipirinha | Ilhas | Samba |
| Candomblé | Jeitinho brasileiro | Santos Dumont |
| Capoeira | Língua Portuguesa | São Francisco |
| Carnaval | Literatura brasileira | Seca |
| Cataratas do Iguaçu | Mercosul | Telenovela |
| Choro | Miscigenação | Tropicalismo |
| Cordel | Moeda | Tupi |
| Os Descobrimentos | Música | Vestibular |
| Ditadura militar | Ouro Preto | |

• Lista de boxes culturais ingleses

| | | |
|--------------------|--------------------------|---------------------|
| Albert Hall | Fourth of July | Pantomime |
| A level | Fraternity | Pentagon |
| April Fool's Day | -gate | Pilgrim fathers |
| Bed and Breakfast | GCSE | Poppy Day |
| Beer | Great Britain | Primates |
| Bill of rights | Green Card | Pub |
| Boxing Day | Guy Fawkes Night | Public School |
| Broadsheet | Hallowe'en | Royal family |
| Building Society | Highland Games | Saint Patrick's day |
| Burn's Night | Hollywood | SAT |
| Ceilidh | House of Commons | Scouts |
| Channel Tunnel | House of Lords | Senate |
| Church of England | House of Representatives | Stars and Stripes |
| The City | Houses of Parliament | Supreme court |
| Congress | Jumble Sale | Tabloid |
| Constitution | L | Thanksgiving |
| Diner | Labor Day | Wall Street |
| Downing Street | Licensing hours | Westminster |
| Edinburgh Festival | The Mall | Whisky |
| Election | Manhattan | Whitehall |
| English Breakfast | Medicaid/Medicare | White house |
| Fete | National Park | World Series |
| Fish and chips | Native American | Yankee |
| Fleet Street | New Year | Yellow lines |
| Florida Keys | Oxbridge | |

Fonte: Dicionário Larousse inglês/português, português-inglês avançado (2006)

Figura 6 - Exemplo de lista de equivalentes localizada nos apêndices

| PAÍSES E REGIÕES | | | | |
|--------------------------|---------------------|---------------------|---------------------------|---------------------------------|
| Países e Regiões | | | | |
| país/região em português | nome em inglês | capital em inglês | adjetivo em inglês | gentílico em inglês |
| Afganistão | Afghanistan | Kabul | Afghan | Afghan |
| África | Africa | – | African | African |
| África do Sul | South Africa | Pretoria | South African | South African |
| Albânia | Albania | Tirana | Albanian | Albanian |
| Alemanha | Germany | Berlin | German | German |
| América | America | – | American | American |
| América Central | Central America | – | Central American | Central American |
| América do Norte | North America | – | North American | North American |
| América do Sul | South America | – | South American | South American |
| Andorra | Andorra | Andorra la Vella | Andorran | Andorran |
| Angola | Angola | Luanda | Angolan | Angolan |
| Antigua e Barbuda | Antigua and Barbuda | St John's | from Antigua and Barbuda | person from Antigua and Barbuda |
| Arábia Saudita | Saudi Arabia | Riyadh | Saudi Arabian | Saudi Arabian |
| Argélia | Algeria | Algiers | Algerian | Algerian |
| Argentina | Argentina | Buenos Aires | Argentinian | Argentinian |
| Armênia | Armenia | Yerevan | Armenian | Armenian |
| Austrália | Australia | Canberra | Australian | Australian |
| Áustria | Austria | Vienna | Austrian | Austrian |
| Azerbaijão | Azerbaijan | Baku | Azerbaijani | Azerbaijani |
| Bahamas | The Bahamas | Nassau | Bahamian | Bahamian |
| Bahrein | Bahrain | Al-Manamah | Bahraini | Bahraini |
| Bangladesh | Bangladesh | Dacca | Bangladeshi | Bangladeshi |
| Barbados | Barbados | Bridgetown | Barbadian | Barbadian |
| Belarus | Belarus | Minsk | Belorussian, Byelorussian | Belorussian, Byelorussian |
| Bélgica | Belgium | Brussels | Belgian | Belgian |
| Belize | Belize | Belmopan | Belizean | Belizean |
| Benin | Benin | Porto-Novo | from Benin | person from Benin |
| Birmânia | Burma | Yangon | Birmanian | Birmanian |
| Bolívia | Bolivia | La Paz, Sucre | Bolivian | Bolivian |
| Bósnia-Herzegovina | Bosnia-Herzegovina | Sarajevo | from Bosnia-Herzegovina | person from Bosnia-Herzegovina |
| Botsuana | Botswana | Gaborone | Botswanan | Botswanan |
| Brasil | Brazil | Brasilia | Brazilian | Brazilian |
| Brunei | Brunei | Bandar Seri Begawan | from Brunei | person from Brunei |
| Bulgária | Bulgaria | Sofia | Bulgarian | Bulgarian |
| Burkina Faso | Burkina Faso | Ouagadougou | from Burkina Faso | person from Burkina Faso |
| Burundi | Burundi | Bujumbura | from Burundi | person from Burundi |
| Butão | Bhutan | Thimphu | Bhutanese | Bhutanese |
| Cabo Verde | Cape Verde | Praia | Cape Verdean | Cape Verdean |
| Camargões | Cameroon | Yaoundé | Cameroonian | Cameroonian |
| Camboja | Cambodia | Phnom Penh | Cambodian | Cambodian |

Fonte: Dicionário Larousse inglês/português, português-inglês avançado (2006)

Com relação aos dicionários bilíngues especializados, podemos notar poucas diferenças com relação aos dicionários monolíngues especializados. A começar pelas línguas que costumam fazer parte dos dicionários bilíngues especializados, observa-se uma prevalência da língua dominante da área em questão, como por exemplo, o uso da língua inglesa como referência para a área da informática. Além disso, as

demais partes da microestrutura são similares às dos dicionários monolíngues, como informa Marelo (1996, p. 39, tradução e supressão nossa⁷⁹):

Com relação à macroestrutura de um dicionário geral, a macroestrutura de um dicionário especializado é bastante reduzida [...]. As entradas são frequentemente sintagmas e são, na maior parte do tempo, substantivos. Normalmente não há entradas homônimas.

A macroestrutura dos dicionários bilíngues pode apresentar outras delimitações, como organização alfabetizada ou não, organização por nichos e organização por ideias. Naturalmente, cada lexicógrafo delimita os parâmetros e as informações a serem apresentadas na macroestrutura e na microestrutura do seu dicionário como entende ser mais adequado, como veremos a seguir.

A microestrutura é o corpo do dicionário, isto é, a parte do dicionário que traz os principais elementos da obra e assume distintos papéis de acordo com o propósito de cada obra. Sobre esta parte dos dicionários bilíngues, Marelo (1996, p. 42, tradução nossa⁸⁰) delimita que nos dicionários bilíngues a microestrutura normalmente compreende:

1 a cabeça do artigo. Em um dicionário temático teremos a entrada seguida de sua categoria gramatical e de outras informações gramaticais (como a flexão); em um dicionário de equivalentes, a entrada é frequentemente acompanhada de suas variações gráficas e de sua pronúncia;

2 as traduções ou equivalentes da entrada. Se a entrada corresponde a um elemento polissêmico, os equivalentes serão numerados ou separados por um artefato tipográfico e a entrada conterá os indicadores, as abreviações que indicam o nível da língua ou o campo semântico etc., para auxiliar o usuário a escolher a melhor tradução;

3 os exemplos, as colocações, as combinações fraseológicas, isto é, a parte onde são mostradas a palavra da entrada em contextos de uso.

Similarmente ao encontrado nos dicionários monolíngues, a microestrutura dos dicionários bilíngues apresenta os elementos de acordo com o propósito da obra e com as necessidades do consulente. Observamos que, nesse tipo de obra, muitas vezes, não há necessidade de grandes detalhamentos quanto às informações

⁷⁹ Par rapport à la macrostructure d'un dictionnaire général, la macrostructure d'un dictionnaire spécialisé est beaucoup plus réduite [...]. Les adresses sont plus souvent des syntagmes, et sont la plupart du temps des noms. Il n'y a en général pas d'entrées homonymiques.

⁸⁰ 1 la tête de l'article. Dans un dictionnaire de thème on aura l'adresse suivie de sa catégorie grammaticale et d'autres informations grammaticales (comme la flexion); dans un dictionnaire de version l'adresse est souvent accompagnée de ses variantes graphiques et de sa prononciation;

2 les traductions ou équivalents de l'adresse. Si l'adresse correspond à un élément polysémique, les équivalents sont numérotés ou divisés par un moyen typographique et l'entrée contiendra des indicateurs, des abréviations qui indiquent le niveau de langue ou le champ sémantique, etc., pour aider l'utilisateur à choisir la bonne traduction;

3 les exemples, les collocations, les combinaisons phraséologiques, c'est-à-dire la partie où l'on montre le mot-vedette dans des contextes d'usage.

gramaticais ou definições complexas. No entanto, o que se nota com facilidade é que dados como transcrição fonética e exemplos de uso são cruciais para o entendimento da palavra em questão para que o consulente possa saber como pronunciar a palavra ou mesmo como usá-la em um contexto prático.

Dentre os estudiosos que abordam em detalhes as etapas de construção da microestrutura em dicionários, vemos que Wiegand (*apud* BUGUEÑO MIRANDA, 2007) sugere uma bipartição para os dicionários monolíngues, separando-os em “comentário da forma” e “comentário do significado”. A partir desta ideia, Bugueño Miranda (2007, p.12) também parte dessa divisão em dois segmentos para aplicação para um dicionário bilíngue de falsos amigos português-espanhol.

O que o autor propõe com essa divisão é observar que na microestrutura desse dicionário é possível encontrar informações tanto sobre o significado quanto sobre a forma do lema. Isto é, para Bugueño Miranda (2007, p.12) o “comentário da forma” se apresenta trazendo “todas as indicações da ‘forma’ da palavra”, ao passo que o “comentário semântico” funciona como uma espécie de paráfrase de sinônimos da entrada. No entanto, o autor realça que, para o dicionário bilíngue de falsos amigos português-espanhol que ele propõe, busca-se fugir da forma costumeira que os equivalentes são apresentados e assim ele delimita que as paráfrases serão divididas em três tipos: “no segmento I. serão fornecidas equivalências ou glosas; nos segmentos II. e III. aparecerão somente definições. As equivalências não devem gerar nem polissemia (ou homonímia) nem ser diatopicamente marcadas.” (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p.13). Esses critérios são normalmente aplicados aos dicionários monolíngues, mas para o autor, a aplicação de caráter polissêmico não oferece o arcabouço necessário para que o consulente compreenda de fato a definição.

Sobre essa divisão entre “comentário de forma” e “comentário semântico” trazemos o resumo apresentado por Mattos (2010, p. 104) como forma de clarificar a proposta de Bugueño Miranda (2007):

Comentário de forma: indicações morfológicas da palavra; classe gramatical; transcrição fonética; gênero; valência, entre outras informações gramaticais;

Comentário semântico: marcas de uso; definição; paráfrases; equivalentes; exemplos, informações adicionais quanto ao uso e acepções, entre outras marcas semânticas.

Para nós, a aplicação dos pressupostos de “comentário de forma” e “comentário semântico” apresentados por Bugueño Miranda (2007) são de extrema valia para os

dicionários bilíngues, visto que tomando como ponto de partida que os dicionários bilíngues visam suprir as necessidades de um consulente cuja língua materna não é a única apresentada na obra, faz-se necessário utilizar artifícios para que a compreensão ocorra de maneira satisfatória.

Outro ponto de observação do modo como a microestrutura é formada nos dicionários bilíngues é apresentado por Marelo (1996, p. 43) a qual informa que a lexicografia bilíngue tem forte interesse em reduzir o tamanho dos verbetes, isto é, ela busca torná-los mais enxutos e menos complexos de modo a facilitar a sua leitura. Isto pode ocorrer, por exemplo, através de duas possibilidades, sendo a primeira delas a inclusão de palavras homônimas e palavras compostas e a segunda seria a retomada de todos os equivalentes próximos da entrada de modo a encontrar possibilidades práticas para a organização e descrição das entradas. (MARELLO, 1996, p. 43).

Marelo (1989, p. 43) observa que existem três soluções comuns para a formulação da microestrutura dos dicionários, as quais serão enumeradas e apresentadas a seguir:

- A primeira solução consiste em reunir o maior número de fraseologias para cada equivalente.
- A segunda apresenta apenas uma parte dos contextos e tende a apresentar, no final do verbete, uma seção composta de expressões idiomáticas, provérbios, palavras compostas, entre outros.
- A terceira solução, por sua vez, apresenta um número mínimo de contextos que sejam próximos dos equivalentes, os quais são seguidos de uma seção sintagmática detalha.

Sobre essas soluções, a autora informa que as duas primeiras são as que mais se assemelham aos dicionários monolíngues e, portanto, costumam atender melhor às exigências dos consulentes. Marelo (1996, p. 43, tradução nossa⁸¹) informa que

os estudos experimentais sobre o emprego dos dicionários bilíngues têm mostrado que o consulente médio para de ler o artigo lexicográfico no momento em que ele/ela encontra o equivalente mais próximo e mais

⁸¹ Les études expérimentales sur l'emploi des dictionnaires bilingues ont montré que l'utilisateur moyen arrête de lire l'article dès qu'il/elle trouve un équivalent à peu près convenable et ne poursuit pas sa recherche pour trouver un meilleur équivalent.

conveniente, e assim ele não dá continuidade à sua pesquisa para encontrar um equivalente mais adequado.

De fato, o consulente busca suprir sua necessidade de maneira prática e rápida o que faz com que os equivalentes apresentados precisem ser sucintos e direcionados à ditas necessidades. No caso da primeira e da segunda solução o que pode ocorrer é sua construção ser demasiado longa e acabar por distrair o consulente de sua busca, tornando-a dispersa e insatisfatória.

Considerando que cada obra será direcionada para suprir um tipo de necessidade por parte dos consulentes, entendemos que o processo de busca e encontro das definições e equivalências ocorre de maneira satisfatória na maioria dos casos. No entanto, é preciso ressaltar que a línguas se diferencia não apenas em seu viés lexical, mas também sintático, morfológico, pragmático, cultural, entre outros. Estas diferenciações podem causar problemas de equivalência entre línguas o que, naturalmente, afetará a construção e apresentação dos dicionários bilíngues. No ramo da lexicografia, este problema é chamado de anisomorfismo linguístico e será tratado na seção seguinte.

5.2.3 *O anisomorfismo linguístico*

Apesar de haver uma crença popular de que determinadas línguas são tão próximas que é possível compreendê-las sendo falante de apenas uma delas, como é o caso do português e do espanhol, sabemos que na realidade há diversos fatores que as distanciam e que podem, inclusive, causar transtornos. Por isso, como afirmaram Neubert e Shreve (1992, p. 29, tradução nossa⁸²), “é uma verdade óbvia e antiga quando especialistas e leigos igualmente declaram que as palavras de duas línguas nunca, ou ao menos raramente, são as mesmas”.

No entanto, não é recente o entendimento sobre esse não-paralelismo absoluto entre as línguas, assunto este que foi abordado por Zgusta (1971) e chamado de anisomorfismo linguístico. Segundo o autor, são as “as diferenças na organização dos referentes nas línguas individuais e outras diferenças entre línguas” (ZGUSTA, 1971,

⁸² it is an obvious and age-old truism when experts and laymen alike assert that the words of two languages never or at least rarely ever are the same.

p. 294, tradução nossa⁸³). Por isso, entendemos que cada unidade léxica terá características específicas que poderão ter ou não equivalentes em outras línguas. Cabe ressaltar que, neste momento, não estamos falando diretamente sobre as palavras culturalmente marcadas, mas sim em um sentido mais amplo.

Hartmann e James (1998, p. 6, tradução nossa⁸⁴) também compartilham desse entendimento de não-equivalência entre as línguas e definem o anisomorfismo linguístico como “uma incompatibilidade de um par linguístico devido a suas diferenças semânticas, gramaticais e culturais. Esse contraste acarreta uma falta de equivalentes de tradução diretos para cada palavra”.

Outros autores tratam dessa questão e desenvolvem ainda mais o conceito de anisomorfismo linguístico, como é o exemplo de Mounin (1975) seguindo o viés abordado inicialmente por Ullmann (1959, p. 300) parte de uma visão neo-humboldtiana. Para o autor, não são as línguas que se moldam às experiências, mas a experiência de mundo que ajusta às línguas. Para ele as línguas não são elementos passivos, mas um sistema que age de modo ativo e que estabelece seu conjunto de valores e distinções. Mounin (1975, p. 50, grifo do autor) afirma, portanto, que “*todo sistema lingüístico contém uma análise do mundo exterior, que lhe é peculiar e que difere de outras línguas* ou de outras etapas da mesma língua”. Sendo assim, se cada língua possui sua visão própria do mundo elas, naturalmente, terão entendimentos e construções únicas a ela.

Certamente podemos abordar a questão do anisomorfismo linguístico a partir de diferentes vieses, como por exemplo, da aprendizagem de língua estrangeira e da elaboração de materiais lexicográficos bilíngues. No entanto, gostaríamos de observar este fenômeno através da tradução, haja vista que essa não-equivalência entre os elementos léxicos é um dos pontos centrais da ideia de intraduzibilidade.

Apesar de já termos discutido esse conceito anteriormente, gostaríamos de analisá-lo em relação ao anisomorfismo linguístico. Sobre esse assunto Alcaraz Varó (2004) relembra que desde a época de São Jerônimo que se busca estabelecer equivalências nas traduções. No entanto, o autor salienta que desde a tradução como comunicação faz parte do cotidiano desde os tempos primórdios. E por isso se faz

⁸³ by the differences in the organization of designate in the individual languages and by other differences between languages.

⁸⁴ A mismatch between a pair of languages due to their semantic, grammatical and cultural differences. This leads to a relative absence of direct, one-to-one translation EQUIVALENTS.

necessário compreender que “os estudos teóricos da tradução têm destacado que a transferência linguística de uma língua-fonte para uma língua-alvo está sempre condicionada por uma série de assimetrias e anisomorfismos.” (ALCARAZ VARÓ, 2004, p. 203, tradução nossa⁸⁵) Ou seja, as diferenças entre as línguas são inevitáveis.

A partir desta predisposição acerca do anisomorfismo, o mesmo autor os classifica em quatro tipos: o linguístico, o interpretativo, o genérico e o cultural (ALCARAZ VARÓ, 2004, p. 204). Para apresentar de maneira resumida, o autor informa que o anisomorfismo linguístico diz respeito à assimetria das línguas, como é o caso de determinadas palavras da língua espanhola que são da classe de substantivos e que não possuem um adjetivo derivado delas, mas apenas um adjetivo que advém de outra matiz.

O anisomorfismo interpretativo está diretamente relacionado ao modo como o receptor da mensagem irá interpretar aquilo que lhe foi comunicado. Nas palavras de Alcaraz Varó (2004, p. 204, tradução nossa⁸⁶) “o anisomorfismo interpretativo se atenta para o fato de que toda leitura ou ato de recepção dá lugar a um texto novo e intransferível em sua integridade devido a intervenção dos traços dos idioletos e peculiaridades do destinatário. O genérico, por vezes chamado de pragmático, diz respeito às convenções estabelecidas por determinadas comunidades para cada tipo de texto, isto é, a leitura de um texto ou fala feita por um determinado grupo não irá necessariamente coincidir com o modo que ela foi realizada por uma outra comunidade (ALCARAZ VARÓ, 2004, p. 204).

Por fim temos o anisomorfismo cultural. Este que é considerado o mais difícil de discutir é o que está mais relacionado com o presente trabalho. Sabemos que o entendimento sobre o que é cultura e até o próprio conceito de cultura não é único para todos os grupos e, por isso, as ideologias, os costumes e as crenças irão variar de acordo com o ambiente em que se está inserido. Alcaraz Varó (2004, pp. 204-205) observa esta questão a partir do âmbito jurídico e traz como um de seus exemplos o caso da palavra *hipoteca* do espanhol e a palavra *mortgage* do inglês. Apesar de sua

⁸⁵ Los estudios teóricos de traducción han puesto de relieve que la transferencia lingüística desde la lengua de partida a la de llegada está siempre condicionada por una serie de asimetrías o anisomorfismos.

⁸⁶ El anisomorfismo interpretativo atiende al hecho de que toda lectura o acto de recepción da lugar a un texto nuevo e intransferible en su integridad debido a la intervención de los rasgos idiolectales e idiosincrásicos del destinatario.

tradução ser considerada um equivalente, é preciso considerar que o modo como tal elemento está inserido na sociedade é abordado de maneira distinta.

É curioso perceber a definição de ambas pois, a palavra *hipoteca* em espanhol está relacionada a um direito real que pressupõe como garantia de bens materiais. E a palavra *mortgage* também é tida como um acordo legal de garantia da propriedade e que pode ser prontamente executada como encerrada quando quitado o débito por parte do devedor. Em um primeiro olhar podemos pensar que as duas palavras são equivalentes diretos, já que suas definições estão bem próximas. Contudo, para aqueles que conhecem um pouco mais sobre os costumes de falantes de língua inglesa, mais especificamente o caso dos Estados Unidos, é sabido que as hipotecas (*mortgages*) são extremamente comuns naquele país e que, inclusive, é comum ter mais de uma hipoteca sob um mesmo imóvel, fato este que não é tão corriqueiro na Espanha, por exemplo, ou mesmo no Brasil.

Em suma, podemos dizer que o anisomorfismo linguístico cultural está diretamente relacionado aos costumes e a um conhecimento sociolinguístico de determinada comunidade. Pensando no caso da aplicação em um material lexicográfico é preciso observar o modo como esses equivalentes serão descritos e como, ou se, a informação cultural será apresentada na microestrutura. A seguir, abordaremos um pouco sobre a inserção de elementos culturais em dicionários bilíngues.

5.2.4 O tratamento de elementos culturais nos dicionários bilíngues

Além das diferenças estruturais, interpretativas e genéricas das línguas, há também aquela que seja talvez a mais notável entre estas categorias: a diferença cultural. Conforme foi discutido no Capítulo 2, o entendimento das palavras culturalmente marcadas está baseado em uma problemática, isto é, uma questão ora intraduzível, ora digna de diversas pesquisas para encontrar possibilidades de tradução.

É sabido que este assunto não é exclusivo do campo dos Estudos da Tradução, muito pelo contrário, ele permeia os Estudos Linguísticos, Estudos Antropológicos, Estudos Sociológicos, entre outras áreas do conhecimento. Considerando que ao

colocar duas ou mais línguas em interação em uma obra lexicográfica certamente aparecerão palavras cujos equivalentes não são tão óbvios ou mesmo são inexistentes em uma das línguas, é relevante observar o modo como esse grupo de palavras está inserido neste tipo de material. Deste modo, na presente seção, buscaremos discutir a implicação e a ocorrência das palavras culturalmente marcadas inseridas no contexto dos dicionários bilíngues.

Sobre esse assunto, Zgusta (1971, p. 294) salientou que as *culture-bound words*, isto é, palavras com uma carga cultural, são objetos de curiosidade por parte de pesquisadores e pessoas leigas. Como forma de exemplo deste tipo de palavra, o autor comenta sobre determinadas plantas que existem apenas na localidade de língua-fonte e não fazem parte do contexto e do léxico da língua-alvo. Naturalmente, as lexias que denominam tais plantas não terão equivalentes na língua-alvo, haja vista que elas não fazem parte daquela cultura.

Cabe ressaltar que essas não-equivalências podem ocorrer tanto em línguas próximas como em línguas distantes. Zgusta (1971, p. 294, tradução e inserção nossa⁸⁷) informa que:

Seria um erro pensar que isso [a não-equivalência] pode ocorrer apenas quando duas culturas são muito diferentes, especialmente de alguma delas é 'exótica' ou antiga. Pelo contrário, essa situação pode ocorrer em qualquer par linguístico.

Durão e Sastre Ruano (2020, p. 23) lembram que os significados dessas palavras de caráter cultural que surgiram por meio de sua relevância na sociedade em que aparecerem nem sempre têm um significado óbvio para aqueles que não fazem parte de determinado contexto cultural. As autoras esclarecem que

[...] as palavras culturalmente marcadas refletem uma visão específica de mundo, de modo que a sua incorporação em repertórios lexicográficos bilíngues demanda a necessidade de esclarecimentos sobre seu significado. (DURÃO; SASTRE RUANO, 2020, p. 23)

A título de exemplo, podemos citar o caso da expressão “roda de samba”, pois apesar de o gênero musical samba ser mundialmente conhecido, o conceito sobre o que é uma roda de samba não é algo presente em países de língua inglesa. Há alguns casos em que se busca assemelhar as rodas de samba às *jam sessions* do jazz, no entanto, não só a manifestação física da roda de samba é diferente, como também suas raízes e historicidade que advém desde épocas do Brasil Imperial.

⁸⁷ It would be a mistake to think that this can happen only if the two cultures are vastly different, above all if one of them is “exotic” or old. On the contrary, this situation can occur in any two pairs of languages.

Outro erro comum acerca das *culture-bound words*, segundo Zgusta (1971, pp. 294-295) está relacionado ao *denotatum* (denotativo) das palavras. Pelo contrário, neste ponto é o *designatum* (referente) que assume o papel fundamental. Isso explica-se pois, se observarmos as línguas aglutinativas vemos que é frequente encontrar uma palavra específica para tratar de atividades e elementos complexos. Já em línguas que não têm essa característica, podemos encontrar palavras separadas que irão designar cada segmento daquela palavra, isto é, “desmembrá-la” de modo a se fazer entendível na língua-fonte.

Esse “desmembramento” é resultado da não-equivalência entre as línguas e é, de certo modo, um problema para os dicionários bilíngues, pois eles terão que utilizar de outros artifícios para representar as palavras em questão. Zgusta (1971, p. 295, tradução nossa⁸⁸) explica que quando não há esse equivalente lexical,

o usual é descrever o significado da respectiva unidade lexical da língua-fonte, a qual é composta por uma explicação que não se difere da definição encontrada um dicionário monolíngue, mas neste caso a escrita é feita na língua-alvo.

Essa não-equivalência resulta, primordialmente, da atenção do lexicógrafo ao evitar ao máximo os conflitos linguísticos e sociais que tais equivalências mal colocadas poderiam causar. Sobre isso, Durão e Sastre Ruano (2020, p. 32) comentam que neste ponto é possível observar a diferença entre os dicionários elaborados por lexicógrafos conscientes e aqueles elaborados para suprir as demandas do mercado editorial. No primeiro caso, há uma preocupação em considerar as reais necessidades do consulente, enquanto no segundo, o objetivo é meramente contratual e focado na produção no menor tempo possível.

Como uma forma de exemplificar o exposto até o momento, podemos observar que, dentre as situações relatadas, nós estamos basicamente falando de palavras designativas, isto é, aquelas que dão nome às coisas, aos processos, às ações. No entanto, é preciso considerar as não-designativas e como os lexicógrafos tratam esses casos em suas obras. Para exemplificar esse tipo de ocorrência, utilizaremos o exemplo fornecido por Zgusta (1971, p. 295, tradução nossa⁸⁹) que observa como um elemento gramatical da língua grega é tratado na língua inglesa.

⁸⁸ The usual thing is that the meaning of the respective lexical unit of the source language is described by an explanation which is not dissimilar to the definition of a monolingual dictionary but is worded in the target language.

⁸⁹ For instance a grammatical operator like Greek *an*, the function of which is, in the first place, either to mark the apodosis (second clause) of a conditional sentence, or the iterative aspect of the verb, has no lexical equivalent in English, or in any other language I know, for that matter. In such a situation, the

Tendo como exemplo o operador gramatical do grego *an*, cuja função é, em primeiro lugar, ou marcar a apodose (segunda parte) de uma oração condicional ou o aspecto iterativo do verbo. Esta palavra não tem um equivalente lexical em língua inglesa, ou em qualquer outra língua que eu conheça, na realidade. Nesta situação, o dicionário bilíngue não irá indicar seu equivalente, mas sim explicar sua função gramatical através das palavras da língua-fonte. Qualquer outra palavra não-designativa pode ser tratada da mesma maneira.

Observamos, portanto, que há, na maioria das vezes para não dizer sempre, artifícios que podem ser utilizados para alcançar o objetivo de transpor o significado para a língua-alvo. Essas diferenças culturais são o que tornam cada língua única e especial e, mesmo que haja diferenças dentro de uma mesma língua, é possível buscar soluções plausíveis para elaboração dos verbetes. Para isso, podemos tanto tratá-las de modo mais sucinto, fornecendo apenas a descrição da palavra, bem como apresentar uma definição de caráter enciclopédico que irá não somente defini-la pura e simplesmente, mas ampliar o conhecimento cultural do consulente por meio de exemplos, imagens, descrições, entre outros elementos.

Outro autor que partilha desse mesmo entendimento sobre os elementos culturais no contexto dos dicionários bilíngues é Szende (1996). Além de abordar as palavras que não têm equivalentes na língua-fonte, ele observa as palavras que têm um equivalente lexical, mas que, no entanto, não compartilham do mesmo sentido. Szende (1996, p. 120, tradução nossa⁹⁰) cita o exemplo da palavra vaca e diz: “a palavra vaca tem, sem dúvida alguma, o mesmo significado na Índia e na França (fêmea do touro), mas ela não tem a mesma carga cultural: a vaca é protegida, pois é sagrada na Índia, e explorada, porque é alimento na França.” Aqui temos um exemplo claro de uma palavra que é parte do universo lexical de diferentes culturas ao redor do mundo, mas que tem seu significado atrelado a uma forte marca cultural.

Cabe ressaltar que essas marcas culturais não estão restritas à dicotomia língua-fonte e língua-alvo. É possível encontrar casos em que determinadas palavras terão significados diferentes dentro de um mesmo idioma. A título de exemplo, podemos citar o caso da palavra *passadeira* que em no português falado em Portugal

bilingual dictionary will not indicate its equivalent but will explain its grammatical function in the words of the target language. Any other non-designative words can be dealt with it in the same way.

⁹⁰ Le mot vache a sans doute le même signifié en Inde qu'en France (femelle du taureau), mais il n'a pas la même charge culturelle : la vache est protégée, parce que sacrée en Inde, exploitée, parce que nourricière en France.

designa a faixa de pedestres, ao passo que, a mesma palavra no português do Brasil, dá nome a um tipo de tapete comumente colocado em escadas ou corredores.

Casos como este são comuns nas línguas e ocorrem, inclusive, dentro de um mesmo país. No entanto, cabe ao lexicógrafo pesquisar afundo e saber se essas marcas culturais têm uma conotação coletiva, se são compartilhadas por membros de uma mesma comunidade, ou se são apenas conceitos individuais (SZENDE, 1996).

É devido a casos como esse mencionado acima que não mensuramos a riqueza de um dicionário bilíngue por sua quantidade de entradas ou de equivalentes. Um dicionário bilíngue tem por objetivo apresentar as traduções e/ou definições das entradas e fornecer sinônimos que abarquem a língua de um modo geral, ou aqueles relacionados a uma terminologia específica.

A presença de diversos equivalentes e sinônimos em um dicionário bilíngue permite que o aprendiz de língua estrangeira apreenda mais palavras daquela língua; ele auxilia o tradutor na construção do texto traduzido, pois fornece possibilidades de escolhas que serão feitas por esse tradutor. Para nós, os dicionários bilíngues abrem caminhos para aqueles que desejam se inteirar mais acerca de uma cultura, uma sociedade, uma nova perspectiva.

6 APRESENTAÇÃO DOS VOCABULÁRIOS

O Vocabulário Bilingue das Festas de *Moros y Cristianos* (VBMyc) e o Vocabulário Bilingue das Cavalhadas (VBCav) são frutos desta pesquisa de doutorado, que se intitula: “Vocabulários bilíngues (português - espanhol) das festas de *Moros y Cristianos* e Cavalhadas: aplicação de princípios da Metalexicografia e da Tradução Funcionalista”. Estes vocabulários concretizam o resultado das vivências da autora, de suas buscas por informações sobre estas duas festas, a reflexão sobre os temas e o seu empenho por dar lugar às tradições e ao popular. Não apenas isto, mas ambos os vocabulários são a realidade de duas culturas que há tanto tempo são preservadas.

A proposta que apresentamos tem dois objetos: compilar um vocabulário bilíngue espanhol-português, que reúna vocábulos específicos das festas de *Moros y Cristianos*, das localidades de Alcoy e Ibi (Espanha), e outro um vocabulário bilíngue português-espanhol, que traz palavras que são parte das comemorações das Cavalhadas de Pirenópolis (Brasil).

A ideia de se abordar os dois temas surgiu a partir da surpresa que a autora deste trabalho teve ao perceber que uma festa tradicional realizada no interior do estado de Goiás, de que a autora deste trabalho tanto participou em sua infância, tem relação direta com uma festa, também bastante tradicional e interiorana, que ocorre, anualmente, em várias localidades da Espanha.

Desde os primeiros momentos da pesquisa foi possível perceber que a proximidade existente entre estas duas festas não era aleatória. Considerando que a história do Brasil está intimamente ligada à Portugal, devido à “descoberta” e, ao longo período de Império da Coroa Portuguesa, notamos que boa parte da cultura que temos na atualidade advém de outras regiões, especialmente deste país da Península Ibérica, além, naturalmente, de diversos países africanos que um dia foram a terra daqueles que foram trazidos ao Brasil à força para serem escravizados (destaque-se, porém, que esta é uma história para outro momento, quem sabe?).

A festa que hoje é celebrada em poucas localidades brasileiras, sendo a mais expressiva delas a cidade de Pirenópolis, teve a sua origem em um evento chamado de ‘Reconquista’. Em resumo, as Cavalhadas são uma representação das batalhas que ocorreram na Península Ibérica, entre os séculos VIII e XV, em que os reinos

cristãos buscaram a retomada da região que havia sido tomada pelos mouros e havia recebido o nome de *Al-Andalus*.

A colonização portuguesa trouxe muitas influências da cultura espanhola, visto que havia grande intercâmbio entre esses dois países que formam a Península Ibérica. Assim, se observarmos as construções territoriais e societárias daquela época, podemos compreender por que determinados aspectos se fizeram tão fortes em regiões que não sofreram colonização direta dos espanhóis, mas que receberam fortes influências dos mesmos durante todo o período de Brasil colônia.

Questões históricas à parte, os vocabulários que aqui estão sendo apresentados são decorrentes de um longo processo de investigação que buscou preservar e valorizar as identidades locais e questionar conceitos, costumes e hábitos. Iremos apresentar a seguir, os principais elementos que fazem parte da macro e da microestrutura desses dois vocabulários.

Cabe ressaltar que, apesar de serem dois materiais distintos em seu conteúdo *per se*, eles são provenientes de uma mesma proposta lexicográfica, por isso, serão apresentados de maneira conjunta. Nos casos em que se fizer necessário especificar um deles, serão utilizadas siglas, que ajudarão a uma melhor compreensão, sendo elas: VBMyC, para o Vocabulário Bilingue das Festas de *Moros y Cristianos* e VBCav, para o Vocabulário Bilingue das Cavalhadas.

6.1 Apresentação da macro e microestrutura dos vocabulários

Os vocabulários que estão sendo apresentados, VBMyC e VBCav, foram construídos com base nas unidades léxicas que fazem parte do contexto das festas e que se destacam por sua característica cultural, sendo, em sua maioria, palavras culturalmente marcadas.

Os verbetes que compõem estes materiais foram compilados a partir de fontes documentais, livros, visitas de campo, folhetos turísticos, páginas da internet, publicações em revistas científicas, entre outros.

Observamos que, em se tratando de festas que têm como sua característica principal o tradicionalismo, em diversos momentos foi difícil encontrar fontes confiáveis em formato de textos e obras publicadas. Há, certamente, livros, artigos e textos que já foram publicados sobre este assunto, no entanto, nem sempre foi possível encontrar em tais textos explicações claras para cada um dos elementos que

foram tomados aqui. Cabe ressaltar que durante toda a pesquisa, muitas novas fontes foram sendo descobertas e incorporadas para o *corpus* do trabalho, que possibilitou a construção dos dois vocabulários.

Justamente pela escassez de fontes de consulta e pela dificuldade de compilação de materiais para a elaboração dos vocabulários, optamos por realizar uma seleção manual das palavras mais significativas no âmbito das festas que iriam compor os dois materiais. Considerando que a Linguística de Corpus está intimamente ligada ao quantitativo de dados disponíveis para a composição do *corpus* da pesquisa, observamos que essa metodologia não poderia ser bem aplicada no caso aqui tratado, justamente porque não há uma quantidade robusta de fontes e de consulta e pela impossibilidade de sistematizar todas as fontes consultadas (folhetos, anotações, fotos, artigos etc.).

Outro ponto de relevância sobre a elaboração dos vocabulários é a ineditismo do trabalho. Após longas buscas em diversos idiomas e fontes de consulta, não foi encontrado por nós nada que fosse parecido com o trabalho aqui desenvolvido, no tocante a construções de definições claras para as unidades léxicas que fazem parte das festas. Essas definições, por sua vez, foram cuidadosamente construídas para que as questões identitárias fossem preservadas e para que o objetivo previsto para esta pesquisa fosse plenamente atingido.

A proposta para os vocabulários aqui em questão é abranger, dentro das possibilidades disponíveis, um léxico amplo com relação às etapas, personagens, locais e objetos. A seleção de cada lexia que compõe cada um dos vocabulários foi realizada de modo a contribuir para o entendimento das festas, trazendo informações claras sobre tais elementos. Sobre esta seleção, foram elaboradas duas tabelas: uma com os lemas que constam no VBMyc (quadro 6) e outra com os lemas do VBCav (quadro 7), cada uma delas separadas em colunas para as etapas da festa, os objetos, os locais e pessoas, grupos ou organizações.

Quadro 6 - Lemas do VBMyC

| Etapas da festa | Objetos | Personagens, grupos ou organizações |
|------------------------|--------------------|--|
| Gloria | Caballo | Moro |
| Diana | Arcabuz | Cristiano |
| Avís | Olleta | Alfárez |
| Procesiones | Revista de Fiestas | Capitán |
| Misa mayor | | Embajador |
| Entraete/ Retreta | | Filà |
| Contrabando | | Comparsa |
| Día del alardo | | Camarera de la Virgen |
| Embajada | | |
| Víspera | | |
| Estafeta | | |

Fonte: Elaboração própria

Quadro 7 - Lemas do VBCav

| Etapas da festa | Lugares | Personagens, grupos ou organizações |
|------------------------|----------------------|--|
| Argolinha | Campo das Cavalhadas | Mascarado |
| Embaixada | Camarote | Rei |
| Festa do Divino | Igreja Matriz | Imperador |
| Carreira | | Embaixador |
| Batismo | | Banda |
| Tira-cabeças | | Pastorinhas |
| Alvorada | | Catireiras |
| Novena | | Congado |
| | | Carlos Magno |

Fonte: Elaboração própria

O objetivo, portanto, é apresentar a maior quantidade de entradas possível, tomando como base as fontes consultadas e sua relevância nas festas.

Com relação ao propósito das obras, destacamos que o público-alvo de ambos os vocabulários são pessoas que têm interesse em conhecer mais sobre os países em que estão localizadas as festas, sobre as culturas locais e compreender melhor o desdobramento dos rituais típicos das festas. No caso do VBCav, se imagina como destinatário um leitor falante de português ou de espanhol que teve conhecimento sobre a festa das Cavalhadas e que quer compreender um pouco mais sobre os elementos ali presentes. Assim, ele irá encontrar as definições em português com sua

tradução para o espanhol. Similarmente, o VBMyC propõe servir de apoio para falantes dos mesmos idiomas (português e espanhol) que estejam interessados em conhecer mais sobre as festas de *Moros y Cristianos*. Contudo, ele traz em suas definições uma construção em língua espanhola e posteriormente a tradução para o português.

Imaginamos que os consulentes dos dois vocabulários são, em sua maioria, turistas que visitam as localidades em que ocorrem as festas e se interessam por conhecer mais sobre essas celebrações. Desta forma, as definições elaboradas buscam suprir as necessidades de conhecimento sobre os eventos desse público-alvo, mas não se restringem a apenas esta possibilidade, pois os vocabulários em questão podem também contribuir com os trabalhos de pesquisadores vinculados à Academia, assim como com tradutores e historiadores.

Após compreender que as entradas foram escolhidas por sua relevância no contexto das festas, cabe ressaltar que tal seleção buscou privilegiar os pontos cruciais e mais relevantes de cada uma delas. Assim, ressaltamos que não se pretendia é ser exaustivo no léxico das festas, mas ser o mais abrangente possível dentro deste universo.

Ao abrir os vocabulários podemos notar que os lemas foram dispostos em ordem alfabética e que sua lematização⁹¹ é peculiar. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que para a Lexicografia a lematização é atribuir uma forma canônica a uma palavra, no caso, às entradas. Em segundo lugar, gostaríamos de justificar a escolha de determinadas palavras que aparentemente fazem parte do léxico comum (como por exemplo ‘Embaixador’, ‘Camarote’ e ‘Rei’). Explicamos, anteriormente, que a seleção de palavras se deu principalmente por sua relevância no universo de cada uma das festas, deste modo, mesmo que determinadas palavras sejam parte do léxico comum da língua portuguesa ou da língua espanhola, dentro do contexto das festas, estas lexis assumem um papel representativo e passam a assumir uma definição específica para aquele contexto. A título de exemplo, citaremos novamente a lexis ‘embaixador’, lematizada em um dos vocabulários. Observe-se na figura a seguir uma imagem que traz a definição apresentada pelo dicionário Michaelis Online:

⁹¹ Correndo o risco de apresentar uma definição que é do conhecimento dos leitores desta tese, gostaríamos de complementar esta apresentação dos vocabulários trazendo uma definição que exprime nosso entendimento sobre o que é lematizar: “significa “arrolar no dicionário como lema, como entrada”, o que implica, ao mesmo tempo, dar ao lexema a forma que ele costuma ter como palavra-entrada, isto é, por exemplo, no caso dos verbos, a forma do infinitivo” (WELKER, 2004, p. 33).

Figura 7 - Definição da palavra embaixador segundo o dicionário Michaelis Online

The image shows a screenshot of the Michaelis Online dictionary entry for the word 'embaixador'. The word is written in blue at the top. Below it, the syllabification 'em·bai·xa·dor' is shown in black. Underneath, the abbreviation 'sm' is displayed. There are three numbered definitions: 1. 'DIPLOM' A graduação mais elevada de representante diplomático de um governo junto a outro. 2. 'DIPLOM' Título atribuído ao ministro de primeira classe. 3. Pessoa encarregada de missão pública ou particular. At the bottom, there is a section for 'ETIMOLOGIA' with the text 'fr *ambassadeur*'.

Fonte: Dicionário Michaelis Online⁹²

O sentido que a lexia ‘embaixador’ traz no contexto das festas de *Moros y Cristianos* ou das Cavalhadas, que significa ‘aquele que professa as embaixadas, isto é, o texto que propõe a rendição do bando oposto’, difere do significado que ‘embaixador’ tem no léxico geral do português, que se refere a um representante diplomático. No contexto das festas, faz menção a um emissário de um texto específico.

Ademais das escolhas léxicas feitas para cada um dos vocabulários, destaque-se uma especificidade com relação à tradução dos lemas de cada verbete. Usando o VBCav, observamos que na primeira parte do vocabulário estão dispostas as definições escritas em língua portuguesa para cada lema. Contudo, na segunda metade do vocabulário, observamos a presença de lemas em português acompanhados de definições que são traduções para o espanhol das definições originalmente escritas em português.

Explicando melhor, para o projeto tradutório dos vocabulários que aqui estão sendo apresentados, optamos por desenvolver a seguinte estratégia: os lemas só foram traduzidos quando havia um equivalente direto para aquela palavra. A título de exemplo, podemos citar a entrada ‘Embaixador’, cuja tradução para o espanhol foi ‘*Embajador*’, pois no contexto das festas ambas compartilham um mesmo significado. Por outro lado, podemos citar o caso da entrada ‘Argolinha’ que não foi traduzida para

⁹² Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/embaixador/>. Acesso em 25 de maio de 2022.

o espanhol, pois é específica da festividade brasileira. Sendo assim, é possível verificar ao longo dos textos que há a manutenção de palavras do idioma do texto base na tradução do texto meta.

O mesmo ocorre no VBMyC, onde é possível encontrar a entrada 'Filà' na parte das definições em espanhol e na tradução dos verbetes o português. Estas escolhas têm por objetivo manter a identidade de cada uma das festas e trazer um pouco mais da cultura local para os leitores dos vocabulários. Acreditamos que tais escolhas não irão interferir na compreensão dos leitores, haja vista que logo as entradas há um verbete explicativo o significado de cada lema e como ela está inserida no contexto de cada uma das festas.

Sobre as entradas, podemos observar a presença de lexias simples (como por exemplo as entradas 'Embaixada' e 'Avís') e lexias compostas (como é o caso das entradas '*Misa Mayor*' e 'Festa do Divino'). Estas escolhas de lexias simples e compostas se deu de modo a considerar que categorias selecionadas para compor estes vocabulários se trata de elementos e atos que denominam algo das festas, conseqüentemente, as entradas são compostas por substantivos.

Passando para a parte microestrutural dos vocabulários, isto é, para os verbetes, há alguns pontos que precisam ser destacados. O primeiro deles é o uso de negrito dentro do verbete para marcar o lema. Optamos por esta solução pensando principalmente na parte que figura o lema em uma língua e o verbete em outra. Essa escolha permite que o leitor reconheça o lema em questão, ademais de fornecer, em alguns casos, uma tradução aproximada do lema, como é o caso da entrada "Argolinha" do VBCav, em que ao longo do verbete em espanhol foi usado o negrito para a palavra "*anillo*", que faz referência ao objeto central do verbete em questão. Esta estratégia visa a facilitar a leitura do consulente, mas, ao mesmo tempo, ela não oferece uma tradução adaptada ou simplificada para o lema.

Outra questão microestrutural se dá pelo uso de notas explicativas. Ao longo da elaboração dos verbetes, observamos que havia informações consideradas relevantes por nós, mas que ao mesmo tempo não entram diretamente na definição do lema em questão. Por isso, uma possibilidade que encontramos foi utilizar notas, a exemplo do que acontece no DiFAPE (DURÃO, 2014), que foi tomado em muitos momentos como parâmetro. Essas notas são destacadas em itálico após o texto do verbete, onde se pode encontrar dados relacionados ao objeto da entrada. Dentre estas notas explicativas, encontram-se, por exemplo, o nome das *filaes* e *comparsas*

das festas de *Moros y Cristianos* de Alcoy e Ibi, com informações extra sobre alguns cargos das festas e curiosidades sobre determinados aspectos relacionados ao lema do verbete em questão.

Ademais da aplicação das notas explicativas, optamos por utilizar uma espécie de glossário para explicar determinadas palavras contidas no verbete. Ao desenvolver o texto dos verbetes, observamos que determinadas palavras relacionadas à festa apareciam com certa frequência, mas ao mesmo tempo elas não se apresentavam como palavras que pudessem compor o vocabulário, fosse por sua simplicidade ou por ser apenas tangente ao tema. Devido a estas questões, pensamos que uma das possíveis formas de esclarecer seu significado inserir uma breve explicação sobre cada uma delas e não apenas nos casos em que julgamos que não possível inseri-las dentro de notas explicativas ou dentro das definições em si para que não houvesse uma quebra na leitura e na compreensão de cada uma das definições apresentadas.

Outro componente da microestrutura dos verbetes são as fotos. Considerando que o objeto central dos dois vocabulários são festas folclóricas tradicionais, observamos, ao longo do desenvolvimento, uma necessidade de demonstrar de uma maneira mais visual determinados elementos que compõem as festas. Consequentemente, foram selecionadas imagens que exemplificam e traduzem de uma maneira visual o conteúdo daquele verbete. Esta seleção também se deu de maneira manual, com base na disponibilidade de imagens e da necessidade de inserir um elemento visual ou não naquele verbete. Ao longo dos vocabulários, podemos ver imagens relacionadas aos grupos festeiros, a personagens que fazem parte do enredo das festas, e, até mesmo locais, e alimentos relacionados às festas.

Observamos que uma das características principais na macro e microestruturas dos vocabulários é a orientação representativa de cada uma das manifestações que são descritas. Assim, em se tratando de um vocabulário cuja temática é especial e reduzida ao universo das festas, acreditamos que as escolhas feitas no projeto lexicográfico e no projeto tradutório visam à disseminação do conhecimento em questão e a contribuir para a preservação da identidade cultural de cada uma das festas.

Por fim, ressaltamos que os vocabulários que aqui foram apresentados têm como função principal contribuir para a preservação das festas e ampliar o conhecimento daqueles que desejam conhecer mais sobre estas manifestações

populares. Esperamos que as definições propostas, sejam uma leitura leve e proveitosa para cada leitor que se encontrar com elas. Boa leitura!

6.2 Vocabulário Bilingüe das Festas de *Moros y Cristianos* - VBMyC

ESPAÑOL

Aa

ALARDO Batalla de arcabucería que se realiza entre los bandos moro y cristiano. El **alardo** simboliza el momento en que los bandos luchan por la rendición de su oponente. En el municipio de Ibi son tres los momentos en que ocurre el **alardo**: el primero se pasa en el segundo día de fiestas y el bando moro sale como vencedor. Los otros dos tienen lugar en el último día de fiestas; uno por la mañana, cuando el bando cristiano sale vencedor, y el otro por la tarde, para conmemorar la toma del castillo. En Alcoy hay solamente dos momentos de **alardo**, que ocurren el tercer día de fiesta, simbolizando la lucha entre los bandos. En la primera, el bando moro sale vencedor, y en la segunda, el bando cristiano. Ver: Arcabuz.

ALFÉREZ Cargo festero que constituye el responsable por llevar la bandera de cada bando. El **Alférez** tiene como papel principal guiar los bandos y por eso, en las fiestas de Moros y Cristianos, hay dos **Alféreces**: uno del bando moro y el otro del bando cristianos. Los **Alféreces** son acompañados por las Abanderadas (en Ibi) o por las Favoritas (Alcoy).

Figura 8 - Alférez Cristiano acompañado por sus favoritas durante la Entrada de Alcoy de 2018



Fuente: Filà Tomasines, 2018

ARCABUZ Arma de fuego antigua que se asemeja a un fusil. En las fiestas de Moros y Cristianos el **arcabuz** tiene el papel de demarcar actos importantes de la fiesta, como por ejemplo el alardo y la estafeta además de funcionar como accesorio de los Caballeros que representan los bandos. Ver: Alardo, Estafeta.

Nota: En Ibi es obligatorio solicitar todos los años el permiso para utilizar arcabuces y comprar la pólvora. Hay también que devolver las armas y la pólvora que no fue utilizada al final de la fiesta. Todos los trámites que tiene relación con los arcabuces están bajo un rígido control de la Asociación de Fiestas.

AVÍS Etapa de la fiesta de Moros y Cristianos de Ibi que se celebra durante el mes de mayo. Las fiestas de Moros y Cristianos de Ibi son celebradas en septiembre, pero el segundo domingo de mayo conmemora el día de la Virgen de los Desamparados que es la patrona de Ibi. Este día es considerado un día oficial de las fiestas de Moros y Cristianos y se traduce como una antesala de las fiestas de septiembre. Al largo dese día se realizan las siguientes celebraciones: la diana despertà, la misa en honor a la virgen, el esmorzaret, el concurso de cabos y el desfile de l'**Avís**. Ver: Diana.

- › Esmorzaret: bocadillo que antecede la comida en los días festivos.

Cc

CABALLO Animal que sirve como medio de locomoción de los Caballeros. El **caballo** tiene una función fundamental en las fiestas de Moros y Cristianos, ya que cuando los Caballeros pronuncian las palabras que son proferidas, ellos están encima de un **caballo**. Se puede suponer que el **caballo** sirve como forma de accesorio de las prendas de los personajes. Los Reyes y Capitanes de cada bando reciben los animales más llamativos, mientras sus **caballos** reciben la mayor cantidad de ornamentos.

Nota: En el municipio de Caravaca de la Cruz, que está ubicado en la Comunidad Autónoma de Murcia, los caballos tienen un papel especial en las fiestas. Los Caballos del Vino constituyen un bando exclusivo de la localidad y representan el milagro de la Santísima Cruz de Caravaca. La historia cuenta que en el siglo XIII

hubo un momento en que la población fue apresada en el castillo. Después de algunos días, cuando el agua se agotó, parte de la población decidió salir del castillo para buscar agua, aunque solo ha sido posible encontrar vino. Gracias a que los que dieron con el vino pusieron las botellas sobre los caballos, debido a la fuerza del animal consiguieron superar la barrera. Cuando volvieron al castillo, el vino fue bendito por la Santísima Cruz de Caravaca y, gracias a un milagro, dejó de ser alcohólico. La bebida fue distribuida para todos los que tenían sed y para los que estaban enfermos, los cuales se curaron inmediatamente.

Figura 9 - Grupo de festeros con un caballo de la celebración



Fuente: Caballos del Vino de Caravaca de la Cruz, s/d

CAPITÁN Cargo festero que constituye la figura máxima en la representación festera, juntamente con el cargo de Abanderada (en Ibi) y de Favorita (en Alcoy). El **Capitán** es nombrado todos los años, uno para cada bando. Es posible repetir **Capitán**, pero hay que seguir el orden de las comparsas y filaes para que haya rotación entre los grupos. Para ser **Capitán** hay que tener más que dieciocho años y, también, ser socio de alguna comparsa o filà, además de ser miembro actuante en las fiestas. El **Capitán** es el responsable por guiar su bando y recibir las llaves del castillo. Ver: Filà, Comparsa.

Nota: El Capitán tiene un papel fundamental en las fiestas de Moros y Cristianos, no solamente en la parte festera, sino también en la cuestión social. Las fiestas son hechas por y para personas de la comunidad. Por eso, es común que el Capitán y otras figuras importantes de la celebración actúen durante todo el año para ayudar a los ciudadanos del municipio, especialmente en aquellas ubicaciones que siguen como pequeñas comunidades.

- › Abanderada: mujeres que acompañan las comparsas de Ibi y que llevan la bandera de cada respectiva comparsa.
- › Favorita: acompañante del Capitán moro o cristiano.

CAMARERA DE LA VIRGEN Cargo festero que hace de mujeres partes de la Cofradía de Nuestra Señora La Santísima Virgen de los Desamparados de Ibi. La **Camarera de la Virgen** tiene como principales obligaciones vestir la imagen de la Santísima Virgen y el niño, custodiar las joyas de la Virgen, participar activamente en la organización del rezo del Ángelus que ocurre todos los sábados del año, colocar y cambiar el manto de la Virgen, respetando la tradición y siguiendo lo que se indica en los archivos de la Cofradía. Al todo son catorce **camareras** y el cargo tiene una duración de cuatro años.

Nota: Las camareras de la Virgen deben disponer de tiempo para poder acudir a todas las actividades relacionadas con el cargo. Además de disponer de tiempo, la camarera tiene que ser mayor de edad, residir en Ibi y tener una situación canónica debidamente regulada.

Figura 10 - Camareras en el traslado de la Virgen



Fuente: Iváñez, 2013

COMPARSA Grupo de personas que se organizan para representar las fiestas de Moros y Cristianos de Ibi. Las **comparsas** de Ibi están regidas por la Junta Directiva, es decir, la organización más grande de las fiestas. Según el Libro Blando de la Fiesta de Ibi hay, actualmente, **catorce** comparsas, siete moras y siete

cristianas. Cada **comparsa** tiene su régimen de reuniones y realiza eventos benéficos para autofinanciarse.

Nota: Las comparsas moras son: Almorávides, Argelianos, Beduinos, Chumberos, Mudéjares, Piratas y Tuareg.

Las comparsas cristianas son: Almogávares, Cides, Contrabandistas, Guerreros, Maseros, Mozárabes y Templários.

Figura 11 - Traje oficial de la comparsa Cides de Ibi



Fuente: Bernabeu, 2015

CONTRABANDO Tipo de embajada con tono humorístico. Se puede considerar el **contrabando** como una mezcla entre la entrada y la embajada. En él, el bando Contrabandistas se acerca del castillo con el botín de contrabando e intentan atacar el fortín. Después de algunas palabras en valenciano el bando Maseros lucha contra los Contrabandistas los cuales, al percibir que no lograrían su empresa, huyen cobardemente. Al final, todos se agrupan y desfilan hacia sus barracas. Ver: Entrada, Embajada.

CRISTIANO Bando de las fiestas de Moros y Cristianos que representa los europeos de la Península Ibérica en las luchas por la Reconquista. Con la invasión de los árabes en el siglo VIII, los Reyes Católicos embarcaron en diversas batallas para retomar la región. A lo largo de ocho siglos se sucedieron diversas batallas en toda la Península Ibérica y especialmente en España. Poco a poco las regiones fueron reconquistadas por los **cristianos** hasta que en 1492 la última parte tomada por los moros, el Emirato de Granada, fue retomada por los Reyes Católicos Isabel y Fernando. La representación del bando **cristiano** es por medio del color azul y

con símbolos de cruces que remeten a la religión Católica, no obstante, el bando moro está representado por una luna creciente y el color rojo. Ver: Moro, Batalla.

Dd

DIANA Toque musical que tiene como objetivo despertar la ciudad para los actos festeros del día. No hay un horario específico para la **diana**, aunque normalmente suele ocurrir en las primeras horas del día. Para los festeros, la **diana** significa un tipo de sacrificio de toda la población local para dar la bienvenida al día de la fiesta.

Nota: En el municipio de Ibi, la primera diana ocurre el primer día de fiesta, el viernes, a las ocho de la mañana. En esta ocasión, cada escuadra selecciona un toque en estilo de pasodoble y actúa en frente a la Iglesia de la Virgen de los Desesperados.

- › Pasodoble: baile popular de España en que se baila en pareja. Tiene un ritmo rápido, vivo y peculiar ya que todos los movimientos funcionan para que se llegue al paso ordinario, es decir, 120 pasos por minuto.

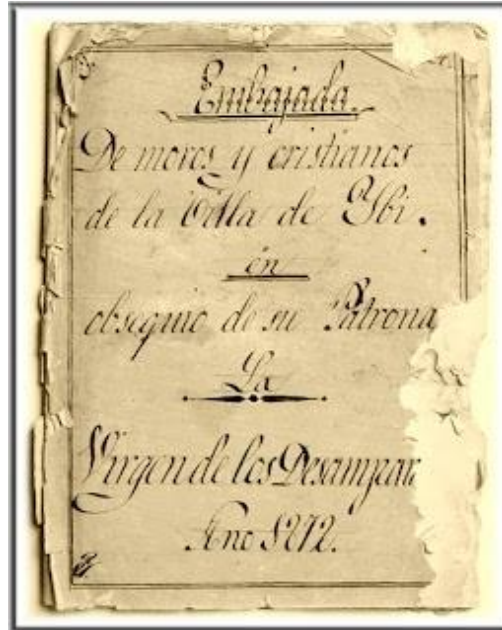
Ee

EMBAJADA 1. Etapa de la celebración en que son proferidos los únicos discursos de los Embajadores moros y de los cristianos, que sirven a modo de negociación por la rendición. Las **embajadas** dramatizan el único momento en que moros y cristianos hablan entre sí para que entreguen las tierras, aunque esta demanda es rechazada. Es el evento anterior a la batalla. **2.** Texto dramático en el cual el Capitán, el Embajador y el centinela de cada bando, el bando de los moros y el de los cristianos, presentan sus ideas y defensas, y declaran guerra contra los oponentes. Ver. Embajador.

Nota: La Comisión de Fiestas de Moros y Cristianos de Ibi (2015) afirma que el formato original de las embajadas viene de 1848, corresponde a la época en que Vicente Boix y Ricarte escribió el texto para el municipio de Onil, España. En

cambio, en la *Gran Enciclopedia de la Comunidad Valenciana* (2009) se informa que las embajadas surgieron en Alicante en 1715, por la ocasión del matrimonio de Felipe V con Isabel de Farnesio.

Figura 12 - Ejemplar de las Embajadas de 1872, que se conserva en el Museo de la Fiesta de Ibi



Fuente: M.R.B, 2009

EMBAJADOR miembro del bando moro y del bando cristiano que dicta las embajadas. El **Embajador** es el responsable por la negociación de rendición por parte ya del bando moro, ya del bando cristiano. El **Embajador** sirve como interlocutor de los capitanes de cada bando que representa. Ver: Embajada.

Nota: A cada nuevo año, el grupo de personas de la comunidad que representa el papel de embajador, como es común en otras fiestas, cambia.

Para representar cualquier papel central en esta fiesta es preciso actuar profesionalmente, pues hace falta memorizar el contenido de las embajadas, ya que este acto es el único en las fiestas en que se dice algo y este momento es vital pues lo que se dice introduce la primera batalla entre los bandos.

Figura 13 - Embajador cristiano en la fiesta de Ibi



Fuente: Moros y Cristianos Ibi, 2015

ENTRAETE/ RETRETA Desfile informal de los bandos de moros y de cristianos acompañados de bandas de música. Se pasa por la noche y admite la participación de la comunidad, que viste ropas o accesorios con símbolos que representan cada uno de los bandos. En este desfile, que es más despojado y unificador, los participantes realizan coreografías y juegos que aumentan la unión y cooperación entre todos los festeros.

ESTAFETA Momento de la fiesta en que el responsable por enviar el pedido de rendición e informa la negativa, mediante un mensaje, al bando opositor. La **estafeta** ocurre antes de las Embajadas de Alcoy, por la mañana, siendo la responsable por informar al bando moro que los cristianos no han se rendido. Lo mismo ocurre por la tarde, ya que los moros envían el mensaje al bando cristiano informando que no van a rendirse.

Ff

FILÀ Grupo de personas que organizan y dramatizan las fiestas de Moros y Cristianos de Alcoy. La palabra **filà** está relacionada con la palabra “cola” y se inserta en el contexto de las fiestas por ser una demostración de la unión de los festeros, algo que se refleja en la manera de vestirse, actuar y celebrar. Según la Asociación San Jorge hay, actualmente, 28 **filaes**.

Nota: Además de actuar en las fiestas, las filaes de Moros y Cristianos también funcionan como una especie de club donde los asociados se encuentran para distraerse y socializarse. Cada filà tiene autonomía administrativa, económica y festera, por ese motivo, cada filà realiza eventos de caridad para obtener sus recursos propios.

Las filaes de Bando Moro de Alcoy son: Llana, Judíos, Domingo Miques, Chano, Verdes, Magenta, Coorón, Ligeros, Mudéjares, Abencerrajes, Marakesch, Realistes, Berberiscos y Benimerines.

Las filaes del Bando Cristiano de Alcoy son: Andaluces, Asturianos, Cides, Labradores, Guzmanes, Vascos, Mozárabes, Almogávares, Navarros, Tomasinas, Muntanyesos, Cruzados, Alcodianos y Aragonesos.

Figura 14 - Trajes oficiales de la filà Cides – Alcoy



Fuente: Filà Cids Alcoi, 2020

Gg

GLÓRIA Primero acto de celebración de la trilogía festera. En Alcoy, la proclamación se realiza el domingo de Pascua, por la mañana y cuenta con un desfile de cada filà. Cada bando desfila, uno después del otro, en trajes oficiales y con sus banderas. En los últimos años, la **Glória** Infantil fue insertada en los actos oficiales; el desfile infantil ocurre por la tarde y está formado por niños festeros que portan trajes típicos con los colores similares a las filaes. En esta misma ocasión,

los niños participan de una misa llamada de Glorierets y reciben la Primera Comunión. Ver: Filà.

Mm

MISA MAYOR Celebración religiosa en forma de **misa** que ocurre después de la diana del segundo día de fiesta. Normalmente, la **misa** es celebrada por el cura o el obispo de la ciudad y transcurre en la Iglesia Mayor. La **misa** tiene una función especial en las celebraciones de Moros y Cristianos, pues confirma la basis católica de la festividad. Ver: Diana.

Nota: Es frecuente que algunas autoridades se hagan presentes en las misas y también hay gran participación de la comunidad, lo que implica en un hacinamiento en la iglesia. Debido a la gran afluencia de personas, en algunas ciudades se pasaron a poner pantallas de dimensión ampliada frente a la iglesia y también en la Plaza Mayor para transmitir la misa para que los fieles puedan acompañar la celebración religiosa, por no haber podido entrar en la iglesia.

Nota². Según el Libro Blanco de la Fiesta de Ibi (2015), durante la misa mayor los capitanes y las abanderadas se visten con el mismo traje de la entrada. Esta recomendación simboliza el respeto por la Virgen de los Desamparados.

MORO bando de las fiestas de **Moros** y Cristianos que representa los musulmanes. En el siglo VIII miles de árabes adentraron la Península Ibérica como forma de influencia religiosa. Allí, los **moros** se quedaron por ocho siglos hasta que en 1492 el Emirato de Granada fue reconquistado por los cristianos. A lo largo de este periodo ocurrieron diversas batallas entre los árabes y los reyes de la Península Ibérica. Estas batallas hacen parte de lo que se llama la Reconquista, así que los europeos (cristianos) expulsaron los árabes (**moros**) de esta región. Las fiestas de **Moros** y Cristianos buscan rememorar la conquista del pueblo cristiano por medio de una fiesta que dramatiza algunos de los momentos principales de esa lucha. En la fiesta, el bando **moro** es representado por el color rojo y batalla contra el bando cristiano que está representado por el color azul. Ver: Cristiano, Batalla.

Oo

OLLETA plato típico de la zona de Alicante y del interior de Valencia. Este plato es consumido especialmente en la época de Moros y Cristianos. La receta lleva arroz, blancas, lentejas, patatas, y trozos de varios tipos de carne de cerdo y pencas. La **olleta** se cocina de manera lenta y se asemeja a un potaje caldoso que se consume con pan.

Figura 15 - Plato de olleta alicantina



Fuente: Entre Nosotros, s/d

Pp

PROCESIÓN Traslado de las imágenes santas para el punto central del evento. Las procesiones son bien frecuentes en las fiestas de Moros y Cristianos. En Alcoy, por ejemplo, hay tres **procesiones** oficiales: la procesión de la reliquia, la **procesión** general y la **procesión** del San Jorge "El Xicotet". En Ibi, son apenas dos: la **procesión** del traslado, que se pasa en el Avís, y la solemne **procesión** que finaliza las fiestas. Ver: Avís.

Nota: Las procesiones son típicas de la religión católica. En ellas, los fieles suelen caminar ordenadamente tras la imagen de la virgen o de algún santo. En las fiestas de Moros y Cristianos, el traslado suele ocurrir antes de la trilogía festera, es decir, los fieles llevan la imagen sagrada al punto central de la celebración antes de la

dramatización de Moros y Cristianos. Esto se pasa con la Virgen de los Desamparados durante el Avís en Ibi y cinco días antes de las fiestas con la imagen de San Jorge en Alcoy.

Rr

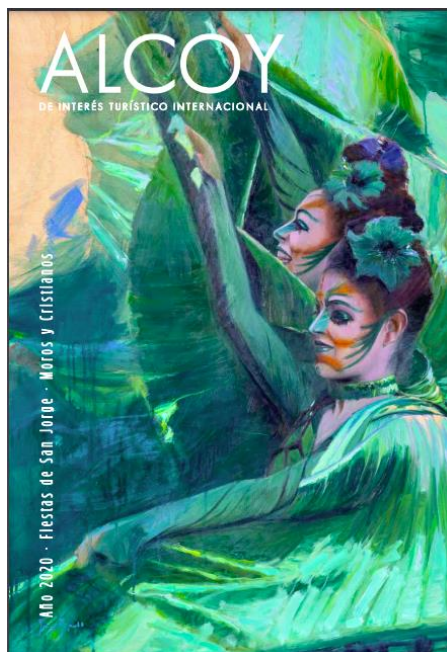
REVISTA DE FIESTAS publicación anual en que se comparte con el público las principales informaciones e imágenes de las fiestas de Moros y Cristianos. Las **revistas de fiestas** tienen como principal objetivo promover la difusión de las fiestas, compartir datos importantes y las fotos de los personajes principales. Algunas **revistas** también suelen compartir crónicas de las fiestas y también artículos de carácter académico.

Figura 16 - Portada de la revista de 2021 de Ibi



Fuente: Roca Bernabeu, 2021

Figura 17 - Portada de la revista de 2020 de Alcoy



Fuente: Ripoll Cantó, 2020

Vv

VÍSPERA celebración que se realiza el día anterior a la trilogía festera. La **víspera** ocurre en la Plaza Mayor del municipio y tiene como atracción principal las bandas que actúan los días de fiesta. El repertorio es variado, pero está basado en el estilo pasodoble. Después del desfile de las bandas, se toca el Himno de Fiestas, que tiene por tradición ser dirigida por el Director del Himno de la Fiesta, debiendo ser interpretada dos veces. Después del Himno, los participantes comen un plato típico, olleta, y hacen un último desfile llamado de entraetes. Ver: Entraete, Olleta.

PORTUGUÊS

Aa

ALARDO Batalha realizada com armas do tipo arcabuz entre os bandos mouro e cristão, que simboliza o momento de luta pela rendição de seu oponente. No município de Ibi, o **alardo** acontece em três momentos: o primeiro deles ocorre no segundo dia de festa, com o bando mouro saindo vencedor; os outros dois **alardos** ocorrem no último dia de festa, um pela manhã, em que o bando cristão sai vencedor, e o outro à tarde, para comemorar a tomada do castelo. Em Alcoy, são apenas dois momentos de **alardo**, ambos acontecem no terceiro dia de festa e simbolizam a luta entre os bandos. No primeiro momento, o bando mouro sai vencedor, e, no segundo, o bando cristão é o vencedor. Ver: Arcabuz.

ALFÉREZ Cargo festeiro constituído pelo responsável por carregar a bandeira de cada bando. O **alférez** tem como papel principal guiar os bandos e, por isso, nas festas de Moros y Cristianos, há dois **alféreces**: um do bando mouro e outro do bando cristão. O **alférez** é acompanhado pelas Porta-bandeiras, em Ibi, ou pelas Favoritas, em Alcoy.

ARCABUZ Arma de fogo antiga que se assemelha a um fuzil. Nas festas de Moros y Cristianos, o **arcabuz** serve como elemento que demarca atos importantes da festa, como, por exemplo, o alardo e a estafeta, além de funcionar como acessório dos cavaleiros que representam os bandos. Ver: Alardo, Estafeta.

Nota: Em Ibi, é obrigatório solicitar todos os anos a permissão para utilizar os arcabuzes e comprar a pólvora. Também é necessário devolver as armas e a pólvora que não tenham sido utilizadas ao final da festa. Todos os trâmites que circundam o uso de arcabuzes têm controle rígido por parte da Associação de Festas.

AVÍS Parte da festa de Moros y Cristianos de Ibi que é comemorada no mês de maio. As festas de Moros y Cristianos de Ibi são celebradas em setembro, porém, no segundo domingo de maio é comemorado o dia da Virgem dos Desamparados, isto é, a padroeira de Ibi. Este dia é considerado um dia oficial das festas de Moros y Cristianos e se traduz como uma antessala das festas de setembro. Durante esse dia

são realizadas as seguintes celebrações: a diana despertà, a missa em homenagem a virgem, o *esmorzaret*, o concurso de cabos e o desfile do Avís. Ver: Diana.

› Esmorzaret: lanche que antecede o almoço nos dias festivos.

Cc

CAVALO Animal que tem como função ser o meio de locomoção dos cavaleiros. O cavalo tem papel fundamental nas celebrações de *Moros y Cristianos*, pois quando os cavaleiros pronunciam as únicas palavras que são ditas, eles estão em cima de um **cavalo**. Pode-se presumir que os **cavalos** assumem um papel complementar às vestes dos personagens. Os animais mais vistosos são dados aos reis e aos capitães de cada bando, do mesmo modo, seus **cavalos** são os que recebem mais enfeites. Ver: Cavaleiro.

Nota: No município de Caravaca de la Cruz, localizado na comunidade autônoma de Múrcia, os cavalos têm um papel ainda mais especial nas celebrações. Os Caballos del Vino, como são conhecidos, constituem um bando próprio da localidade e representam o milagre da Santíssima Cruz de Caravaca. A história conta que no século XIII houve um momento em que a população ficou presa no castelo. Após alguns dias, quando a água acabou, parte da população decidiu sair do castelo em busca de água, porém as pessoas só encontraram vinho. Graças aos que buscaram o vinho e colocaram as garrafas nos cavalos, foi possível ultrapassar a barreira, dada a força do animal. Quando voltaram ao castelo, o vinho foi abençoado pela Santíssima Cruz de Caravaca e, milagrosamente, perdeu seu teor alcoólico. A bebida foi então distribuída aos que sentiam sede e aos enfermos, que se curaram imediatamente.

CAPITÃO Cargo festeiro que é a figura mais importante na dramatização das festas juntamente com o cargo de Porta-bandeira, em Ibi, e o cargo de Favorita, em Alcoy. Todos os anos, um **capitão** por bando é nomeado. É possível repetir o **capitão**, contudo deve-se seguir a ordem das comparsas e filaes para que haja uma rotatividade entre os grupos. Para tornar-se **capitão**, é preciso ser maior de dezoito anos e ser afiliado a alguma comparsa ou filà, ademais de ser membro atuante nas festas. O **capitão** é responsável por guiar seu bando e receber as chaves do castelo. Ver: Filà, Comparsa.

Nota: O capitão tem um papel fundamental nas festas de Moros y Cristianos, não apenas na celebração em si, mas também no quesito social. As festas são feitas por e para os membros da comunidade. Por isso, é comum que o capitão e outras figuras importantes da celebração atuem durante todo o ano para ajudar os cidadãos do município, especialmente nas localidades que se mantêm como pequenas comunidades.

- › Porta-bandeira: Mulheres que acompanham as comparsas de Ibi e levam a bandeira de cada respectiva comparsa.
- › Favorita: Acompanhantes do Capitão mouro ou cristão.

CAMARERA DE LA VIRGEN Cargo festeiro que denomina as mulheres que fazem parte da Congregação de Nossa Senhora da Virgem dos Desamparados de Ibi. A **auxiliar da Virgem** tem como principais obrigações vestir a imagem da Santa Virgem e do menino Jesus, costear as joias da Virgem, participar ativamente da organização das rezas do Ángelus, que ocorre em todos os sábados do ano, colocar e retirar o manto da Virgem, respeitando a tradição e seguindo o que está indicado nos arquivos da congregação. Ao todo são quatorze **auxiliares da Virgem** e o cargo tem uma duração de quatro anos.

Nota: As auxiliares da Virgem devem dispor de tempo para poder participar de todas as atividades relacionadas ao cargo. Além de dispor de tempo, a auxiliar deve ser maior de idade, residente de Ibi e estar em dia com as obrigações católicas.

COMPARSA Grupo de pessoas que se organizam para encenar as festas de Moros y Cristianos de Ibi. As **comparsas** de Ibi são regidas pelo Conselho Administrativo, isto é, a organização maior das festas. Segundo o *Libro Blanco de la Fiesta de Ibi* existem atualmente quatorze **comparsas**: sete mouras e sete cristãs. Cada **comparsa** tem seu próprio regime de reuniões e realiza os eventos beneficentes para financiamento próprio.

Nota: As comparsas mouras são: Almorávides, Argelianos, Beduinos, Chumberos, Mudéjares, Piratas e Tuareg.

As comparsas cristãs são: Almogávares, Cides, Contrabandistas, Guerreros, Maseros, Mozárabes y Templários.

CONTRABANDO Espécie de embaixada com tom humorístico. Pode-se considerar o **contrabando** como uma mistura entre a entrada e a embaixada. Nesse momento, o

bando Contrabandistas se aproxima do castelo com o espólio do contrabando e tenta atacar o forte. Depois de trocar algumas palavras em valenciano, o bando Maseros luta contra os Contrabandistas que, ao perceber que não obteriam sucesso em sua empreitada, fogem covardemente. Ao final, todos se agrupam e desfilam em direção a suas tendas. Ver: Entrada, Embaixada.

CRISTÃO Bando parte das festas de *Moros y Cristianos* que representa os europeus da Península Ibérica nas lutas da Reconquista. Com a invasão dos árabes no século VIII, os Reis Católicos tramaram várias batalhas para retomar a região. Ao longo de oito séculos ocorreram diversas batalhas em toda a Península Ibérica, especialmente na Espanha. Pouco a pouco as regiões foram reconquistadas pelos **crístãos** até que em 1492, a última parte tomada pelos mouros, o Emirado de Granada, foi retomada pelos Reis Católicos Isabel e Fernando. O bando **crístão** é representado pela cor azul e por cruces que representam a religião católica. Por outro lado, o bando mouro é representado por uma lua crescente e pela cor vermelha. Ver: Mouro.

Dd

DIANA Toque musical que tem como função despertar a cidade para os atos festeiros do dia. Não está regulamentado um horário específico para o toque da **diana**, porém, ela costuma ocorrer nas primeiras horas do nascer do dia. Para os festeiros, a **diana** significa um sinal de sacrifício de toda a população local para dar as boas-vindas ao dia de festa.

Nota: No município de Ibi, a primeira diana ocorre no primeiro dia de festa, sexta-feira, às 8h da manhã. Nesta ocasião, cada esquadra seleciona um toque no estilo pasodoble e performa em frente à Paróquia da Virgem dos Desesperados.

- › Pasodoble: Dança popular na Espanha em que se dança em dupla. Tem um ritmo rápido e animado já que todos os movimentos são elaborados para que se chegue ao passo comum, isto é, 120 passos por minuto.

Ee

EMBAIXADA 1. Momento do festejo no qual são proferidas as falas dos embaixadores mouros e dos cristãos como forma de negociação para a rendição. As **embaixadas** dramatizam o único contato de fala entre os mouros e os cristãos para que entreguem a terra, fato que é recusado. É o evento anterior à batalha. 2. Texto dramático em que o capitão, o embaixador e o sentinela de cada bando, o mouro e o cristão, apresentam as ideias e defesas e declaram guerra entre os oponentes. Ver: Embaixador, Capitão.

Nota: O Libro Blanco de la Fiesta de Ibi (2015), afirma que o formato original é datado de 1848, época em que Vicente Boix e Ricarte escreveu o texto para o município de Onil, na Espanha. Por outro lado, a Grande Enciclopédia da Comunidade Valenciana (2009) informa que as primeiras informações acerca das embaixadas surgiram em Alicante em 1715, por ocasião do matrimônio de Felipe V e Isabel de Farnesio.

EMBAIXADOR Membro do bando mouro e do bando cristão que profere as embaixadas. O **embaixador** é responsável pela negociação de rendição por parte do bando mouro ou cristão. O **embaixador** serve de interlocutor dos capitães de cada bando que representa. Ver: Embaixada.

Nota: A cada ano, o grupo de pessoas da comunidade que representa o papel do embaixador muda, bem como ocorre em outras festas. Para representar qualquer papel central na festa é preciso atuar de maneira aplicada, uma vez que é necessário memorizar o conteúdo das embaixadas. Este ato é o único nas festas em que é dito algo, portanto este momento tem muita importância no enredo, pois ele irá introduzir a primeira batalha entre os bandos.

ENTRAETE/RETRETA Desfile informal dos bandos mouro e cristão acompanhados com bandas de música. Ocorre no período da noite e admite a participação da comunidade, a qual porta vestimentas e/ou acessórios com símbolos que representam um dos bandos. Este desfile tem como característica seu valor despojado e unificador, visto que os participantes realizam coreografias e brincadeiras que elevam o espírito de união e cooperação entre os festeiros.

ESTAFETA Momento da festa em o emissário responsável por enviar o pedido de rendição e informa a negativa, por meio de uma mensagem, ao bando opositor. A **estafeta** ocorre antes das Embaixadas de Alcoy, na parte da manhã, e é a

responsável por informar ao bando mouro que os cristãos não se renderam. O mesmo ocorre na parte da tarde, em que os mouros enviam uma mensagem ao bando cristão informando que não irão se render.

Ff

FILÀ Grupo de pessoas que se unem para organizar e encenar as festas de Mouros e Cristãos de Alcoy. A palavra **filà** faz referência à palavra “fila” e se encaixa no contexto das festas como uma demonstração da união entre os festeiros que se reflete no modo de vestir, agir e celebrar. Segundo a Associação de São Jorge, atualmente existem 28 **filaes**.

Nota: Além de atuar na época das festas, as filaes também funcionam como uma espécie de clube onde os associados se encontram para distrair e socializar. Cada uma delas tem sua autonomia administrativa, econômica e festeira, por isso, é comum que cada filà realize eventos beneficentes para a arrecadação de fundos.

As filaes do bando Mouro são: Llana, Judíos, Domingo Miques, Chano, Verdes, Magenta, Coorón, Ligeros, Mudéjares, Abencerrajes, Marakesch, Realistes, Berberiscos e Benimerines.

As filaes do bando Cristão são: Andaluces, Asturianos, Cides, Labradores, Guzmanes, Vascos, Mozárabes, Almogávares, Navarros, Tomasinas, Muntanyesos, Cruzados, Alcodianos e Aragonesos.

Gg

GLÓRIA Primeiro ato de celebração da trilogia festeira. Em Alcoy, a proclamação ocorre na manhã do domingo de Páscoa e conta com um desfile de cada **filà**. Cada bando desfila em trajes oficiais, com suas bandeiras, um após o outro. Mais recentemente, a **Glória** infantil foi agregada aos atos oficiais; o desfile infantil ocorre no período da tarde e é constituído por crianças festeiras que se vestem com as cores

similares às das *filas*. Nesta ocasião, as crianças participam da missa *Glorierets* e recebem a Primeira Comunhão. Ver: Filà.

Mm

MISSA PRINCIPAL Celebração religiosa em formato de **missa** que ocorre logo após a diana do segundo dia de festa. A **missa** é celebrada pelo padre ou pelo arcebispo da cidade e ocorre na Igreja Matriz. A **missa** tem papel fundamental na celebração de *Moros y Cristianos*, ratificando a base católica da festividade. Ver: Diana.

Nota: É frequente a presença de autoridades nas missas e a ampla participação da comunidade, o que acarreta a lotação da igreja. Devido a esse fator, algumas localidades têm optado por instalar telões em frente à igreja e na praça central e projetar a missa para que os fiéis possam acompanhar a celebração religiosa mesmo que não tenham conseguido entrar na igreja.

Nota²: Segundo o Libro Blanco de la Fiesta de Ibi (2015), durante a missa principal, os capitães e as porta-bandeiras deverão vestir o mesmo traje da entrada, haja vista que é o traje que mais se destaca. Essa recomendação se dá em sinal de respeito à Virgem dos Desamparados.

MOURO Bando parte das festas de *Moros y Cristianos* que representa os árabes muçulmanos. No século VIII, milhares de árabes entraram na Península Ibérica como forma de estabelecer uma influência religiosa. Os **mouros** ficaram ali por cerca de oito séculos, até que em 1492 o Emirado de Granada foi reconquistado pelos cristãos. Ao longo desse período, ocorreram diversas batalhas entre os árabes e os reis da Península Ibérica. Essas batalhas fazem parte do que hoje se conhece como a Reconquista, de modo que os europeus (cristãos) expulsaram os árabes (**mouros**) desta região. As festas de *Moros y Cristianos* buscam lembrar a conquista do povo cristão por meio de uma festa que dramatiza alguns dos momentos principais dessa luta. Na festa, o bando **mouro** é representado pela cor vermelha e luta contra o bando cristão, que é representado pela cor azul. Ver: Cristão.

Oo

OLLETA Prato típico da região de Alicante e do interior de Valência. Este prato é especialmente consumido na época das festas de Moros y Cristianos. A receita leva arroz, feijão, lentilhas, batatas, pedaços variados de carnes de porco e talos de folhas. Seu preparo deve ser feito por meio de cocção lenta e se assemelha a um guisado consumido com pão.

Pp

PROCISSÃO Translado das imagens santas para o ponto central do evento. As **procissões** são frequentes nas festas de *Moros y Cristianos*. Em Alcoy, por exemplo, há três **procissões** oficiais: a **procissão** da relíquia, a **procissão** geral e a **procissão** de São Jorge “El Xicotet”. Em Ibi, são apenas duas: a **procissão** do translado, que ocorre na época do Avís, e a solene **procissão**, que finaliza as festas. Ver: Avís.

Nota: As procissões são tradicionais da religião católica. Nelas, os fiéis costumam caminhar em fila seguindo atrás da imagem da Virgem Maria ou de algum santo. Nas festas de Moros y Cristianos, o translado costuma acontecer antes da trilogia festeira, isto é, os fiéis levam a imagem sagrada ao ponto central da celebração antes de dar início à celebração de Moros y Cristianos. Isto ocorre com a imagem de Nossa Senhora dos Desamparados durante o Avís, em Ibi, e ocorre também cinco dias antes do início das festas com a imagem de São Jorge, em Alcoy.

Rr

REVISTA DE FESTAS Publicação anual em que se compartilha com o público as principais informações e imagens das festas de Moros y Cristianos. A **revista de festas** tem como principal objetivo promover a difusão das festas, compartilhar dados importantes e as fotos das personagens principais. Algumas **revistas** também costumam compartilhar crônicas das festas e artigos de caráter acadêmico.

Vv

VÍSPERA Celebração realizada no dia anterior à trilogia festeira. É um festejo que ocorre na praça central do município e tem como atração principal as bandas de música que atuam nos dias de festa. O repertório é variado, contudo há uma ênfase no pasodoble. Após o desfile das bandas, é performado o Hino das Festas, que tem por tradição ser regido pelo Diretor do Hino e ser interpretado duas vezes. Após o Hino, os participantes comem o prato típico chamado olleta e realizam um último desfile chamado de entraetes. Ver: Entraete, Olleta.

6.3 Vocabulário Bilingue das Cavalhadas - VBCav

PORTUGUÊS

Aa

ALVORADA Primeiro toque do dia de festa. Durante as Cavalhadas de Pirenópolis ocorrem diversas **alvoradas**. Estas, por sua vez, se caracterizam por serem realizadas no raiar do dia pela Banda de Couro que caminha pelas ruas principais da cidade tocando um ritmo sincronizado, convidando a todos para participar da festa. A **alvorada** também tem caráter religioso, pois ela chama os fiéis católicos para ir à missa na Igreja Matriz de Pirenópolis. Ver: Banda, Igreja Matriz.

ARGOLINHA Jogo que ocorre no terceiro dia das Cavalhadas. O jogo consiste em tirar uma **argola** que está presa em um arco enfeitado utilizando a lança dos cavaleiros. Aquele que consegue tirar a **argolinha**, a oferece a uma pessoa da plateia, que tanto pode ser uma autoridade quanto um afeto. Como retribuição da cortesia, a pessoa que recebeu a **argolinha** coloca algo na lança do cavaleiro (por exemplo, uma fita, uma flor etc.) e este desfila pelo campo para se mostrar vencedor.

Figura 18 - Cavaleiro cristão retirando a argolinha do arco



Fonte: Pirenópolis Tur, s/d

Bb

BANDA Grupo de músicos responsável por tocar as composições que animam a festa. São dois grupos que se apresentam: a **Banda** de Couro e a **Banda** Phoênix. É típico da tradição das Cavalhadas de Pirenópolis ter música ao vivo. Durante toda a encenação, a **banda** executa peças musicais tradicionais. Todas as peças que são apresentadas foram compostas especialmente para o festejo e fazem parte da tradição das Cavalhadas de Pirenópolis. As obras são separadas em quatro grupos e recebem os seguintes nomes: Galope: dos Mouros e dos Cristãos; Quadrilhas: Violeta, Flor da Noite, Três Sossegados, Noiva Encantada; Valsa: do Batismo e Galope Final: A Cavalhada acabou.

Nota: A Banda de Couro foi fundada em meados de 1814. Sua fundação se remete às antigas irmandades de negros escravos e forrós do período da mineração. A Banda de Couro recebe este nome por utilizar o material em suas caixas e instrumentos artesanais. Ela é parte fundamental das Novenas, Alvoradas e dos Reinados da tradicional Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

Nota2: A Banda Phoênix, também conhecida como Banda de Música Phoenix do Mestre Propício, teve seu início em 1893. A banda, que é uma das mais antigas do estado de Goiás, foi criada pelo maestro Joaquim Propício de Pina e atua especialmente na cidade de Pirenópolis, oferecendo um repertório majoritariamente tradicional e atuando em serviços religiosos e festividades, como ocorre nas Cavalhadas.

BATISMO Ato de conversão dos mouros muçulmanos em cristãos católicos. O **batismo** ocorre após a batalha em que o bando mouro é derrotado. Esta etapa acontece no Campo das Cavalhadas, onde os mouros se ajoelham enfileirados, sem os seus capacetes, e são batizados com água benta. Os membros do bando cristão apoiam suas espadas sobre os ombros dos recém-convertidos enquanto o padre local dirige o ofício religioso. Após o **batismo**, os mouros montam novamente em seus cavalos, recebem suas espadas e encerram o dia com a Carreira Ouvidor, na qual os cavaleiros correm em fila indiana e saem do campo pelo lado cristão. Ver: Batalha, Campo das Cavalhadas e Carreira.

Nota: No momento que antecede o batismo dos mouros, há um breve diálogo que consagra o momento:

– Bárbaro, não lhe mandei avisar que hoje, sob as minhas ordens, e a esta mesma hora, tu e os teus estariam presos ou mortos. Pela fé que professo a Santa Doutrina de Cristo e às Três Pessoas da Santíssima Trindade, diz se aceita ou não as águas do Santo Batismo. – Diz o Rei Cristão.

– Sim! Aceito as águas do Santo Batismo e reconheço o seu Deus como o único e verdadeiro! – Responde o Rei Mouro.

Cc

CAVALEIRO Cargo que representa nas Cavalhadas de Pirenópolis o exército de mouros e cristãos. Há ao todo 24 **cavaleiros**: 12 mouros (vestidos de vermelho) e 12 cristãos (vestidos de azul). Nesses números estão incluídos também um Rei e um embaixador para cada bando. Este número faz remissão ao exército de Carlos Magno, conhecido como “Os 12 Pares da França”. O **cavaleiro** tem o papel de representar os principais atos das Cavalhadas, como as batalhas, as carreiras e os desfiles. É um cargo de bastante prestígio e que demanda uma certa destreza em cima do cavalo, pois neles são realizados diversos tipos de movimentos durante a encenação. Para tornar-se um **cavaleiro** é preciso que um dos 24 da ativa desista de seu posto. É comum que a escolha do próximo **cavaleiro** seja feita por indicação de algum dos participantes. De todos os modos, o novo membro deve passar por “provas”, como, por exemplo, ter seu caráter e histórico familiar avaliados, além de necessitar da aprovação dos demais. Caso este seja aprovado em todas as etapas ele entrará como “cerra-fila”, isto é, o 12º **cavaleiro** e poderá subir na hierarquia à medida que os outros postos vão sendo desocupados. Ver: Rei, Embaixador, Carlos Magno, Batalha, Carreira.

Figura 19 - Cavaleiros Mouros e Cristãos em batalha



Fonte: Pirenópolis Tur, s/d

CAMAROTE Espaço particular localizado no Campo das Cavalhadas que permite uma boa visualização da apresentação. Há diversos **camarotes** no Campo das Cavalhadas de Pirenópolis os quais são direcionados às autoridades da cidade e a convidados especiais. Os **camarotes** facilitam o acompanhamento da dramatização, pois estão localizados ao redor do campo. São espaços separados das arquibancadas e são feitos de maneira bastante rudimentar, com paus e telhados de palha, semelhantes às palafitas, mas que têm cobertura para proteger do sol e alguns dispõem ainda de espaço para uma churrasqueira portátil. Os **camarotes** com melhor localização são aqueles destinados às autoridades e à banda, que fica situado na parte superior da arquibancada e é feito de alvenaria. Ver: Campo das Cavalhadas.

Figura 20 - Vista dos camarotes localizados no lado mouro do Campo das Cavalhadas



Fonte: Buso, 2019

CAMPO DAS CAVALHADAS Espaço onde são realizadas as Cavalhadas de Pirenópolis. Pode também ser chamado de “Cavalhódromo”, fazendo referência ao

Sambódromo do Rio de Janeiro. O **Campo das Cavalhadas** está localizado próximo à região central da cidade de Pirenópolis, e consiste em uma arena com arquibancadas e camarotes onde são encenadas as etapas da dramatização da festa. Para ingressar no **Campo das Cavalhadas** não é preciso pagar, o acesso é gratuito, no entanto, algumas famílias tradicionais, comerciantes e autoridades dispõem de camarotes cobertos com acesso controlado. A época em que ocorrem as Cavalhadas de Pirenópolis é uma época de seca e de muito sol, por isso é recomendável levar algo para se proteger do calor e se hidratar ao longo do dia no **Campo das Cavalhadas**. Ver: Camarote.

CARLOS MAGNO⁹³ Imperador romano do final do século VIII que foi um dos principais responsáveis por investir na luta contra os muçulmanos que ocupavam o sul da França e da Península Ibérica. **Carlos Magno** teve sua fama reconhecida principalmente por sua tropa de elite chamada “Os 12 Pares da França”, que era liderada pelo Conde Rolando. Esta tropa foi a responsável por expulsar os mouros, isto é, os muçulmanos, da Europa e instaurar o cristianismo de volta como religião. Assim, a hoje conhecida Reconquista da Península Ibérica é fruto da luta do Imperador **Carlos Magno** e ponto central da celebração da festa de Mouros e Cristãos na Espanha e das Cavalhadas no Brasil.

CARREIRA Conjunto de movimentos que sucedem as Embaixadas nas Cavalhadas de Pirenópolis. A **carreira** é uma corrida realizada a cavalo em que os participantes de cada bando realizam manobras previamente ensaiadas e batalham contra o bando oposto. As **carreiras** estão separadas em dois grupos: as **carreiras de guerra** e as **carreiras de confraternização**. As **carreiras de guerra** ocorrem nos dois primeiros dias de festa e nelas os bandos disparam tiros de festim para o alto, simulando uma luta contra os oponentes. As **carreiras de confraternização** ocorrem logo após a rendição dos mouros e simulam a celebração da paz entre os bandos. Neste momento, são realizados os jogos, como, por exemplo, a argolinha. Ver: Embaixada, Argolinha.

Nota: Um fato curioso sobre as carreiras das Cavalhadas de Pirenópolis é que cada uma delas tem uma organização dos cavaleiros e leva um nome específico, alguns

⁹³ Aparentemente esta palavra não deveria fazer parte do Vocabulário Bilingue das Cavalhadas, contudo, sua inserção aqui se dá por ela fazer parte da celebração e, conseqüentemente, tomar um significado específico para este contexto.

deles bem curiosos, como é o caso da Carreira 10 de Maio, da Carreira do Castelinho e da Carreira da Novata.

Figura 21 - Cavaleiros em carreira de guerra



Fonte: Pirenópolis Tur, s/d

CATIREIRAS Grupo de dança que se apresenta no Campo das Cavalhadas. As **Catireiras** dançam de forma sincronizada batendo os pés, fazendo movimentos também sincronizados e ordenados. Elas trajam roupas de estilo tradicional gaúcho, conhecidas como “pilcha”, e botas que se diferenciam por fazer um som especial quando batem no chão. Ver: Campo das Cavalhadas.

Figura 22 - Grupo de Catireiras das Cavalhadas de Pirenópolis



Fonte: Félix, 2016

CONGADO Manifestação cultural e religiosa de matriz africana que teve sua origem no Congo. Teve sua introdução no Brasil durante o longo período de escravidão e foi

agregado à Festa do Divino de Pirenópolis em 1819. O **congado** é uma dramatização em três atos: Ato 1: a vida de São Benedito; Ato 2: o encontro de Nossa Senhora do Rosário submergida nas águas; Ato 3: a representação da luta de Carlos Magno. Nas Cavalhadas de Pirenópolis, o **congado** é representado por um grupo de pessoas que se apresentam no Campo das Cavalhadas, tocam instrumentos de percussão, portam bandeiras e realizam danças tradicionais. Sua inserção neste contexto se deu, especialmente, pela representação da luta de Carlos Magno, ligada à dramatização das Cavalhadas. Ver: Festa do Divino, Carlos Magno, Campo das Cavalhadas.

Ee

EMBAIXADA 1. Momento da festa em que os embaixadores propõem a conversão religiosa dos membros do bando oposto. Nas Cavalhadas, ocorrem três **embaixadas**: a primeira acontece quando o bando mouro propõe a conversão do bando cristão à religião muçulmana; a segunda é a **embaixada** cristã, que ocorre imediatamente após a embaixada moura e propõe a conversão dos mouros ao cristianismo; a terceira e última **embaixada** ocorre ao final do primeiro dia, após as carreiras, e é chamada de **embaixada** de trégua, pois nela os bandos concordam em cessar as batalhas e dar trégua ao bando oposto. 2. Texto declamado por parte dos embaixadores em que se propõe a conversão do bando oposto ou o pedido de trégua. Ver: Embaixador.

Figura 23 - Embaixador cristão professando a embaixada cristã



Fonte: Agita Pirenópolis, 2017

EMBAIXADOR Cargo das Cavalhadas que representa o porta-voz do Rei. O **embaixador** tem um papel fundamental nas Cavalhadas, pois ele é o responsável por

professar as Embaixadas na busca da rendição do bando oposto. Há sempre dois **embaixadores**, um que é mouro e outro que é cristão. A escolha desse **embaixador** se dá de modo hierárquico, assim como ocorre com os Reis. Os participantes começam como o último cavaleiro e ao longo dos anos vão subindo de posição. O **embaixador** se destaca por suas vestes e cavalo bem decorados, além de receber boa parte da atenção na dramatização.

Ff

FESTA DO DIVINO Manifestação católica, popular e religiosa. A **Festa do Divino** ocorre 50 dias após a celebração da Páscoa e simboliza a celebração pelas bênçãos concedidas pelo Divino Espírito Santo. Os símbolos utilizados na festa são as cores branca e vermelha e uma mandala de fogo com uma pomba branca no centro. Dentre as solenidades que ocorrem durante a **Festa do Divino**, podemos destacar as missas, as novenas e as Cavalhadas. É possível notar que há uma forte junção entre o sagrado e o profano nas festas, de modo que toda a população local e os turistas participam desta manifestação como forma de agradecimento ao Divino, ou como parte da tradição, ou, ainda, como forma de entretenimento.

Nota: Apesar de ser uma festa declaradamente católica, a Festa do Divino conta com alguns atos que não apresentam um caráter religioso. A título de exemplo, podemos mencionar os chamados Ranchões do Forró, salões de baile onde a população se reúne para beber e dançar, e a Feira de Camelôs, momento muito esperado pela população em que os visitantes compram artesanatos, comidas típicas e encontram os amigos.

Figura 24 - Mandala símbolo da Festa do Divino



Fonte: Pirenópolis Tur, s/d

li

IGREJA MATRIZ Congregação católica localizada no centro da cidade de Pirenópolis que tem grande importância nas Cavalhadas. A **Igreja Matriz** de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis foi construída entre 1728 e 1732, de tal forma que, a qualquer hora do dia, o sol ilumina sua fachada. Em 1997, ela passou por uma grande restauração e foi totalmente revitalizada. Contudo, em setembro de 2002, a **Igreja** pegou fogo e ficou completamente destruída. Em 2005 a **Igreja** foi completamente reconstruída de modo a replicar seu formato e as estruturas originais. A **Igreja Matriz** é o ponto de encontro para os festeiros das Cavalhadas, recebe os fiéis para as novenas e realiza missas diversas das quais algumas fazem parte da celebração da Festa do Divino e das Cavalhadas. Ver: Festa do Divino.

Figura 25 - Vista frontal da Igreja Matriz de Pirenópolis



Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Rosário, s/d

IMPERADOR Cargo da Festa do Divino que corresponde ao responsável por simbolizar a Corte Portuguesa e organizar a festa. O cargo de **Imperador do Divino** é selecionado mediante um sorteio que acontece um ano antes do começo da festa, no Domingo de Pentecostes. O **Imperador** tem papel fundamental na Festa do Divino e, também, nas Cavalhadas, pois é o responsável por ser o guardião dos símbolos da festa, a bandeira e a coroa, representar o império e organizar os principais preparativos do festejo. Qualquer morador da cidade pode se candidatar ao cargo de **Imperador**, desde que seja católico praticante. Essa ressalva se dá especialmente pelo fato de a festa ser genuinamente religiosa e, além disso, durante o período das festas, o **Imperador** recebe um poder de intermediação correspondente ao do padre.

Nota: Nos primeiros anos da festa, o Imperador tinha o dever de financiar os custos da Festa do Divino e das Cavalhadas, além das demais obrigações já mencionadas. O dever do financiamento se estendia, inclusive, à alimentação dos cavaleiros que ensaiavam para a dramatização.

Mm

MASCARADO Personagem das Cavalhadas de Pirenópolis cuja característica principal é usar uma fantasia que leva uma espécie de máscara em formato de cabeça de boi e roupas extravagantes. O **mascarado**, também conhecido como Curucucú, passeia pelas ruas da cidade de Pirenópolis e pelo Campo das Cavalhadas, a pé ou a cavalo, fazendo algazarra, bebendo e dançando. A história conta que a origem dos

mascarados em Pirenópolis se deu na época em que os negros não tinham permissão para participar das festas do divino, assim, eles passaram a colocar máscaras para tentar fazer parte da festa. A principal função dos **mascarados** é divertir os moradores e os turistas e, para isso, além de eles se vestirem com máscaras e fantasias chamativas, modificam sua voz, adotando um timbre mais grave ou mais agudo para fazer brincadeiras e conversar com as pessoas. Os **mascarados** são um dos principais símbolos da cidade de Pirenópolis, onde é possível ver diversas esculturas e suvenires que fazem remissão a estes personagens. Ver: Campo das Cavalhadas e Festa do Divino.

Figura 26 - Mascarado de Pirenópolis



Fonte: Agita Pirenópolis, s/d

Nn

NOVENA⁹⁴ Prática religiosa de rezar durante nove dias. Durante a Festa do Divino, são realizadas várias **novenas** em prece ao Divino Espírito Santo. As primeiras começam dias antes do começo da festa, ainda em maio, e seguem até o último dia das Cavalhadas. A **novena** faz parte do lado religioso das festas, além de também fazer parte do cotidiano da população local. Ver: Festa do Divino.

⁹⁴ Aparentemente esta palavra não deveria fazer parte do Vocabulário Bilingue das Cavalhadas, contudo, sua inserção aqui se dá por ela fazer parte da celebração e, conseqüentemente, tomar um significado específico para este contexto.

Pp

PASTORINHAS Grupo de garotas que se apresentam em uma peça teatral cantada, do tipo opereta, que representa a anunciação do nascimento de Jesus. O teatro das **Pastorinhas** é um auto natalino bastante conhecido na região nordeste, onde também é conhecido como Pastoril. Em Pirenópolis, o grupo começou a se apresentar em 1922 durante a Festa do Divino e desde então se tornou parte da celebração. As **Pastorinhas** se apresentam também em teatros e no Campo das Cavalhadas. Neste último, a peça tem sua duração reduzida para dar lugar aos demais grupos que se apresentam. Ver: Festa do Divino, Campo das Cavalhadas.

Nota: Em geral, as garotas que entram para o grupo das Pastorinhas têm entre 10 e 15 anos e são escolhidas para participar dos eventos durante um período. Ser escolhida como uma das participantes do grupo é algo que dá grande orgulho para as jovens perante a comunidade, pois se trata de um tipo de rito de passagem. Elas são distribuídas entre o cordão vermelho e o cordão azul. Além delas, também participam outras personagens como a Fé, a Esperança, a Caridade, a Cigana, o Anjo, a Diana e a Religião. Há também uma pequena participação de personagens masculinos, como é o caso dos papéis de Simão (o velho), Benjamin (o menino) e Luzabel (o capeta).

Figura 27 - Grupo das Pastorinhas se apresentando nas Cavalhadas de Pirenópolis em 2015



Fonte: Conde, 2015

Rr

REI Capitão do bando que representa. Nas Cavalhadas há dois **Reis**, um **Rei** mouro e um **Rei** cristão, que funcionam como uma espécie de comandantes dos bandos. Juntamente com o embaixador, o **Rei** organiza as tratativas de rendição do grupo oposto, com a recusa, ele guia as batalhas em busca da vitória. A definição do **Rei** ocorre de maneira hierárquica. Nela, o participante começa como o último soldado, dos 12 no total, e vai sendo promovido até chegar à posição de **Rei**. Naturalmente, o mandato é longo e somente se substitui um **Rei** quando o atual abdica do cargo. Ver: Embaixador.

Tt

TIRA-CABEÇAS Jogo que forma parte das carreiras de despedida. O **tira-cabeças** se joga logo após o jogo da argolinha e funciona da seguinte maneira: uma cabeça de papel é espetada em troncos de bananeiras e deve ser retirada a galope pelos cavaleiros, utilizando a pistola, a lança ou a espada. O **tira-cabeças** precede a carreira de despedida, que finaliza o terceiro e último dia das Cavalhadas. Ver: Argolinha, Carreira

ESPAÑOL

Aa

ALBORADA Primero toque del día de fiesta. A lo largo de los días las Cavalhadas de Pirenópolis se hacen diversas **alboradas** que se caracterizan por ocurrir al romper del alba por la Banda de Couro que camina por entre las calles principales de la ciudad en un ritmo sincronizado, invitando a todos para participar de la fiesta. La **alborada** también tiene carácter religioso, pues llama a los fieles católicos para ir a la misa en la Iglesia Matriz. Ver: Banda.

ARGOLINHA Juego suele ocurrir el tercer día de las Cavalhadas. El juego consiste en sacar un pequeño **anillo** que está pegado a un arco adornado utilizando la lanza de los caballeros. El caballero que logra sacar el **anillo** lo ofrece a una persona de la audiencia, que tanto puede ser una autoridad como una persona querida. Como manera de retribuir la cortesía, la persona que recibió el **anillo** pone algo en la lanza del caballero (por ejemplo, una cinta, una flor, etc.) y este desfila por el campo para mostrarse como un vencedor.

Bb

BANDA Grupo de músicos que son responsables por animar la fiesta. Son dos los grupos que se presentan: la **Banda** de Couro y la Banda **Phoênix**. Es típico de la tradición de las Cavalhadas de Pirenópolis tener música en vivo. A lo largo de toda la dramatización, la **banda** ejecuta piezas musicales tradicionales. Todas las piezas que se presentan fueron compuestas especialmente para la fiesta y forman parte de la tradición de las Cavalhadas de Pirenópolis. Las obras están separadas en cuatro grupos y reciben los siguientes nombres: Galope: de los Moros y de los Cristianos; Cuadrillas: Violeta, Flor de la Noche, Tres Sosegados, Novia Encantada; Valsa: del Bautismo y Galope Final: La Cavalhada acabó.

Nota: La Banda de Couro fue fundada por vuelta de 1814. Su fundación remite a las antiguas hermandades de negros esclavos y “forrós” del período de la minería. La

Banda de Couro recibe este nombre por utilizar este material en sus cajas e instrumentos musicales. Ella forma parte fundamental en las Novenas, en las Diana y de los Reinados de la tradicional Fiesta del Divino Espiritu Santo de Pirenópolis.

Nota2: La Banda Phoênix, también conocida por Banda de Música Phoenix do Mestre Propício, tuvo su comienzo en 1893. La banda, que es una de las más antiguas del estado de Goiás, fue creada por el maestro Joaquim Propício de Pina y actúa especialmente en la ciudad de Pirenópolis, ofreciendo un repertorio, en su mayor parte, tradicional y actuando en servicios religiosos y en fiestas, como es el caso de las Cavalhadas.

BAUTISMO Acto de conversión de los moros musulmanes al cristianismo católico. El **bautismo** ocurre en seguida de la batalla en que el bando moro sale derrotado. Esta etapa se pasa en el campo de las Cavalhadas y los moros se ponen de rodillas en una cola, sin cascos, y se les bautiza con agua bendita. Los miembros del bando cristiano ponen sus espadas en los hombros de los recién convertidos mientras que el cura local conduce el oficio religioso. Después del **bautismo** los moros suben de nuevo en sus caballos, reciben sus espadas y finalizan el día con la 'Carrera Olvidor', en que los caballeros corren en forma de una línea y todos los participantes salen del campo por la parte del bando cristiano. Ver: Batalla, Campo de las Cavalhadas y Carrera.

Nota: En el momento que antecede el bautismo de los moros, hay un breve diálogo que consagra el momento:

- Bárbaro, ¿no le mandé avisar que hoy, bajo mis órdenes, y a esta misma hora, tú y los tuyos estarían presos o muertos? Por la fe que profeso a la Santa Doctrina de Cristo y a las Tres Personas de la Santísima Trinidad, diga si acepta o no las aguas del Santo Bautismo. – Dice el Rey Cristiano.

- ¡Sí! ¡Acepto las aguas del Santo Bautismo y reconozco su Dios como el único y verdadero! – responde el Rey Moro.

Cc

CABALLERO Cargo que en las Cavalhadas de Pirenópolis representa el ejército de moros y cristianos. El total de **caballeros** son 24 [12 moros (en trajes rojos) y 12

cristianos (en trajes azul)]. También están incluidos un rey y un embajador en cada bando. Este número se remonta al ejército de Carlomagno lo cual era conocido por “Doce Pares de Francia”. El **caballero** tiene la función de representar los principales actos de las Cavalhadas, como las batallas, las carreras y los desfiles. Este es un cargo de gran prestigio, por ello, el **caballero** necesita tener destreza en el caballo, pues sobre ese animal se realizan diversos tipos de movimientos a lo largo de la dramatización. Para tornarse un **caballero** es necesario que uno de los 24 que esté en activo renuncie de su puesto. Es común que la elección del próximo **caballero** se haga por indicación de uno de los actuales. De todos modos, el nuevo miembro tiene que pasar por “pruebas”, como, por ejemplo, tener su carácter e histórico familiar evaluados, además de necesitar ser aprobado por los demás. Caso sea positiva la aprobación, el candidato entrará como “cerra-fila”, es decir, el 12º **caballero** y podrá subir en la jerarquía en la medida en que los demás puestos vayan siendo desocupados. Ver: Rey, Embajador, Carlomagno, Batalla, Carrera.

CABINA Espacio particular ubicado en el Campo de las Cavalhadas que permite una buena visualización de la presentación. Hay varias **cabinas** en el Campo de las Cavalhadas de Pirenópolis los cuales son direccionados a las autoridades de la ciudad e invitados especiales. Las **cabinas** facilitan que el público acompañe la dramatización pues están ubicadas alrededor del campo. Forman espacios separados de las graderías y están hechos de manera rudimentaria con madera y techo de paja, muy semejantes a las casas de zanco, pero que tienen cobertura para la protección contra los excesos del sol, algunas tienen una parrilla portátil. Las **cabinas** que están mejor ubicadas son las destinadas a las autoridades y la de la banda, la cual está en la parte superior de las graderías y está hecha de albañilería. Ver: Campo de las Cavalhadas.

CAMPO DE LAS CAVALHADAS Espacio en donde se celebran las Cavalhadas de Pirenópolis, Goiás. Lleva también en nombre de “Cavalhódromo”, inspirándose en el nombre ‘Sambódromo’, lugar en que las Escuelas de samba desfilan en Carnaval del Rio de Janeiro. El **Campo de las Cavalhadas** está ubicado próximo a la región central de la ciudad y consiste en una arena con graderías y cabinas, como las de las toradas en España, donde se representan todas las etapas de la dramatización de la fiesta. Para ingresar en el **Campo de las Cavalhadas** no se necesita pagar, es gratuito, pero, hay algunas familias tradicionales, comerciantes y autoridades que disponen de

cabinas cubiertas con acceso controlado. La época en que se realizan las Cavalhadas de Pirenópolis es en la estación de sequía y hay mucho sol, por eso, se recomienda que se use algo para protegerse del calor e hidratarse a lo largo del día. Ver: Cabina.

CARLOMAGNO⁹⁵ Imperador romano del final del siglo VIII que fue uno de los principales responsables por investir en la lucha contra los musulmanes que ocuparon el sur de Francia y la Península Ibérica. **Carlomagno** tuvo su reconocimiento principalmente por su escuadrón de élite llamado los “Doce Pares de Francia”, que fue liderado por el Conde Roland. Este escuadrón fue responsable por expulsar los moros, es decir, los musulmanes, de Europa e instaurar el cristianismo como la religión. Así, la que hoy se reconoce como la Reconquista de la Península Ibérica es fruto de la lucha del Imperador **Carlomagno, de ahí que sea** punto central en la celebración de las fiestas de Moros y Cristianos en España y de las Cavalhadas en Brasil.

CARRERA Movimiento que ocurren después de las Embajadas en las Cavalhadas de Pirenópolis, Goiás. La **carrera** es una corrida que se realiza en caballos en que los participantes de cada bando hacen maniobras previamente ensayadas y batallan contra el bando opositor. Las **carreras** están separadas en dos grupos: las **carreras de guerra** se pasan en los dos primeros días de fiesta y en ellas los bandos disparan con balas de fogueo al alto, simulando una lucha contra los oponentes. El segundo grupo se caracteriza como las **carreras de confraternización**. Ellas ocurren después de la rendición del bando moro y simulan la celebración de la paz entre los bandos. Allí se realizan los juegos, como, por ejemplo, la “argolinha”. Ver: Embajada y Argolinha.

Nota: Un dato curioso acerca de las carreras de las Cavalhadas de Pirenópolis es que cada una de ellas tiene una organización de caballeros propia y lleva un nombre específico, algunos de ellos muy curiosos, como es el caso de la carrera 10 de mayo, el Castillito y la Novata.

CATIREIRAS Grupo de danza que se presenta en el Campo de las Cavalhadas durante las Cavalhadas, además, de otras fiestas, con una danza sincronizada mientras baten los pies, movimientos sincronizados y ordenados. Las **Catireiras**

⁹⁵ Aparentemente esta palabra no debería hacer parte del Vocabulario bilingüe de las Cavalhadas, no obstante, ella se inserta aquí por ser parte de la celebración y, consecuentemente, tomar un nuevo significado específico de este contexto.

portan ropas de estilo gaucho, conocidas como “pilchas”, y botas que se distinguen por el sonido especial que se da cuando tocan el suelo. Ver: Campo de las Cavalhadas.

CONGADO Manifestación cultural religiosa de origen africana, que tuvo origen en el Congo. Se dio a conocer en Brasil debido a la manutención por un longo período de la esclavitud. El **congado** fue agregado a la Fiesta del Divino de Pirenópolis en 1819. Es una dramatización en tres actos: acto 1: la vida de San Benedito; acto 2: el encuentro con Nuestra Señora del Rosario sumergida en las aguas; acto 3: la representación de la batalla de Carlos Magno. En las Cavalhadas de Pirenópolis, el **congado** se representa mediante la actuación de un grupo de personas que se presentan en el Campo de las Cavalhadas, tocan instrumentos de percusión, llevan banderas y bailan danzas tradicionales. Su inserción en este contexto está relacionado especialmente a la representación de la batalla de Carlos Magno, que está relacionada a la dramatización de las Cavalhadas. Ver: Fiesta del Divino, Carlos Magno, Campo de las Cavalhadas.

Ee

EMBAJADA 1. Etapa de la fiesta en la que los embajadores proponen la conversión religiosa por parte de los miembros del bando opositor. Hay tres **embajadas** en las Cavalhadas: la primera, se desarrolla cuando el bando moro propone la conversión a la religión musulmana del bando cristiano; la segunda es la **embajada** cristiana, que propone la conversión de los moros al cristianismo; la tercera y última **embajada** se pasa al final del primer día, después de las carreras, y se llama **embajada de tregua**. En ella, los bandos entran en acuerdo para cesar las batallas y dar una tregua al bando opositor. 2. Texto en que los embajadores en que se proponen la conversión del bando contrario o el pedido de tregua. Ver: Embajador.

EMBAJADOR Cargo de las Cavalhadas que representa el portavoz del Rey. El **embajador** tiene un papel fundamental en las Cavalhadas, pues él es el responsable por proferir las Embajadas en la busca de la rendición del bando opositor. Hay siempre dos **embajadores**, un que es moro y el otro que es cristiano. La elección del **embajador** funciona de modo jerárquico, bien como acontece con los Reyes. Los

participantes empiezan su participación como el último caballero y a lo largo de los años ellos van subiendo de cargo. El **embajador** se destaca por sus trajes y por el caballo bien adornado, además de recibir gran parte de la atención en la dramatización.

Ff

FIESTA DEL DIVINO Manifestación católica, popular y religiosa. La **Fiesta del Divino** ocurre 50 días después de la celebración de la Pascua y tiene como significado la celebración de las bendiciones recibidas del Divino Espíritu Santo. Los símbolos utilizados en la fiesta son los colores blanco y rojo y la mandala de fuego con una paloma blanca en el centro. De las ceremonias de la **Fiesta del Divino** se destacan las misas, las novenas y las Cavalhadas. Se puede notar también que hay una junción entre lo sagrado y lo profano en las fiestas, de modo que toda la población local y los turistas participan de esta manifestación como forma de agradecimiento al Divino o, simplemente, como parte de la tradición o, aún, como forma de entretenimiento.

Nota: Aunque la Fiesta del Divino es claramente católica, ella cuenta con actos que no son religiosos. Como ejemplo, se puede mencionar los “Ranchões do Forró”, que son salones de fiesta donde las personas bailan a este ritmo llamado “forró” que se baila en parejas y tiene un ritmo acelerado. La población se reúne allí para beber y bailar. El otro ejemplo es la “Feria de Camelôs” que son quioscos de vendedores ambulantes puestos en la calle, donde se vende todo tipo de artesanía y comidas típicas, algo que es muy esperado por la población local que aprovecha para comprar artesanías, comidas típicas y reencontrar los amigos.

li

IGLESIA MATRIZ Congregación católica ubicada en el centro de la ciudad de de Pirenópolis. Tiene gran importancia en las Cavalhadas. La **Iglesia Matriz** de la Virgen del Rosario de Pirenópolis fue construida entre 1728 y 1732 de tal forma que, a cualquier hora del día, el sol ilumina su portada. En 1997, ella pasó por una gran

restauración, siendo completamente revitalizada. No obstante, en septiembre de 2002, la **Iglesia** prendió fuego y se quedó completamente destruida. No se sabe qué causó ese incendio, pero toda la población sufrió con esta pérdida. En 2005, la **Iglesia** fue completamente replanteada de modo a replicar su formato y sus estructuras originales. La **Iglesia Matriz** es punto de encuentro de los festeros de las Cavalhadas, recibiendo fieles para las novenas y celebrando misas diversas de las cuales algunas forman parte de la celebración de la Fiesta del Divino y de las Cavalhadas.

IMPERADOR Cargo de la 'Fiesta del Divino' que corresponde a quien es responsable por simbolizar la Corte Portuguesa y organizar la fiesta. El cargo de **Imperador del Divino** es seleccionado mediante un sorteo que se hace un año antes de comienzo de la fiesta, en el domingo de Pentecostés. El **Imperador** tiene una función muy importante en la Fiesta del Divino y, también, en las Cavalhadas, pues es el responsable por ser el guardián de los símbolos de la fiesta, la bandera y la corona, representar al imperio y organizar los principales preparativos de la celebración. Cualquier residente de la ciudad puede postularse al cargo del **Imperador**, pero es necesario que se sea católico practicante. Esta reserva se da porque la fiesta es genuinamente religiosa. Además de eso, durante el período de fiestas, el **Imperador** recibe un poder de intermediación correspondiente al de un cura.

Nota: En los primeros años de la fiesta el Imperador tenía la obligación de costear la Fiesta del Divino y de las Cavalhadas, además de las demás obligaciones ya mencionadas. Este deber del costeo se ampliaba también a la alimentación de los caballeros que ensayaban para la dramatización.

Mm

MASCARADO Personaje de las Cavalhadas de Pirenópolis cuya característica principal es el disfraz. Ese disfraz es compuesto por un tipo de máscara de cabeza de buey y prendas extravagantes. El **mascarado**, también conocido por Curucucú, pasea por las calles de la ciudad de Pirenópolis y por el Campo de las Cavalhadas, a pie o a caballo, haciendo alboroto, bebiendo y bailando. La historia cuenta que la aparición de los **mascarados** en Pirenópolis empezó en la época en que los negros no tenían permiso para participar de las Fiestas del Divino, por eso, ellos pasaron a poner

máscaras para así poder participar de esas fiestas. La principal ocupación de los **mascarados** es divertir a los ciudadanos y los turistas, para tanto, ellos se ponen máscaras y ropas llamativas y cambian sus voces, adoptando un timbre más grave o agudo para gastar bromas con todos. Los **mascarados** son uno de los símbolos principales de la ciudad de Pirenópolis. En esta localidad, se encuentran varias esculturas y recuerdos que remiten a estos personajes. Ver: Campo de las Cavalhadas y Fiesta del Divino.

Nn

NOVENA⁹⁶ Práctica religiosa de rezar durante nueve días. A lo largo de la Fiesta del Divino se realizan varias **novenas** al Divino Espíritu Santo. Las primeras empiezan días antes del comienzo de la fiesta, en mayo, y siguen hasta el último día de las Cavalhadas. La **novena** forma parte del lado religioso de las fiestas, además de también formar parte del cotidiano de la población local. Ver: Fiesta del Divino

Pp

PASTORINHAS Grupo de chicas que se presentan en una pieza teatral musical, de tipo “opereta”, que representa la anunciación del nacimiento de Jesús. El teatro de las **Pastorinhas** es un auto navideño muy conocido en la región noreste de Brasil. Allí también lleva el nombre de Pastoril. En Pirenópolis (Goiás), el grupo empezó a presentarse en 1922 en el período de la Fiesta del Divino y desde aquel momento pasaron a hacer parte de la celebración. Las **Pastorinhas** se presentan también en teatros y en el Campo de las Cavalhadas. En este último lugar, la pieza tiene una duración más corta para dar lugar a todos los otros grupos que se presentan. Ver: Fiesta del Divino, Campo de las Cavalhadas.

⁹⁶Aparentemente esta palabra no debería hacer parte del Vocabulario bilingüe de las Cavalhadas, no obstante, ella se inserta aquí por ser parte de la celebración y, consecuentemente, tomar un nuevo significado específico de este contexto.

Nota: En general, las chichas que entran para el grupo de las Pastorinhas tienen entre 10 y 15 años, que son elegidas para participar de los eventos por un período. Ser escogida como una de las participantes del grupo es algo que les da gran orgullo a las jóvenes ante la comunidad, pues es como un rito de paso. Ellas son divididas entre el cordón rojo y el cordón azul. Además de ellas, también forman parte de la pieza otros personajes como la Fe, la Esperanza, la Caridad, la Gitana, el Ángel, la Diana y la Religión. Hay, también, una pequeña participación de personajes masculinos, como es el caso de Simón (el viejo), Benjamín (el chico) y Luzabel (el demonio).

Rr

REY Capitán del bando que representa. En las Cavalhadas hay dos **reyes**, un rey moro y un rey cristiano, que actúan como una especie de comandantes de los bandos. En conjunto con el embajador, el **rey** organiza las negociaciones para la rendición del grupo opositor, como no son contestadas positivamente, ellos guían las batallas para la victoria. La definición del **rey** ocurre de manera jerárquica. Los participantes empiezan su participación como el último soldado, de los 12 en total, y van recibiendo promociones hasta que llegan a la posición del **rey**. Naturalmente, el mandato es muy largo y solo se sustituye a un **rey** cuando el actual se renuncia de su cargo. Ver: Embajador.

Ss

SACA-CABEZAS Este juego forma parte de las carreras de despedida. El **saca-cabezas** se juega después del juego “argolinha” y funciona de la siguiente manera: se espeta una cabeza de papel en un tronco de banano una cabeza de papel que debe sacar a galope los caballeros, utilizando la pistola, la lanza o la espada. El **saca-cabezas** precede a la carrera de despedida que finaliza el tercer y último día de las Cavalhadas. Ver: Argolinha, Carrera.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já exposto na introdução, este trabalho tem por objetivo unir três grandes áreas das ciências humanas: Folclore, Estudos da Tradução e Lexicografia. Para cumprir com os objetivos que foram propostos e indicados no começo deste trabalho, buscamos abordar em cada etapa os elementos essenciais que constituem cada uma destas disciplinas, visando a identificar unidades léxicas específicas das festividades de *Moros y Cristianos*, das localidades de Alcoy e Ibi, na Espanha, e as Cavalhadas celebradas em Pirenópolis, estado de Goiás.

No primeiro capítulo propusemos um levantamento dos fatos históricos que contribuíram para o surgimento de ambas as festas. A pesquisa que desenvolvemos, levou-nos a confirmar que elas compartilham a mesma origem, sendo importante destacar que as Cavalhadas, de origem mais recente, não são um mero desdobramento, como poderia se deduzir, das festas de *Moros y Cristianos*, celebradas há muito mais tempo. Ambas são configuradas como celebrações congêneres, embora específicas, recebendo nome diverso nos diferentes locais de celebração. Observamos através dos elementos componentes das festividades que as relações entre elas são estreitas, o que corrobora para a afirmação acima: as celebrações são elementarmente a mesma festa, com diferenças pontuais em cada um dos locais onde são realizadas.

Ademais de sua gênese e das motivações para a festa, observa-se que os elementos representativos de *Moros y Cristianos* e das Cavalhadas são, em grande parte, iguais. Como por exemplo, podemos citar as embaixadas, os bandos mouro e cristão, a presença de capitães ou reis e o enfoque em uma entidade religiosa católica, seja Nossa Senhora dos Desesperados, São Jorge ou o Divino Espírito Santo. É possível ressaltar também, que o desdobramento da festa, isto é, os atos que fazem parte dos dias de festa, se concretizam de maneira igual ou muito semelhante. Sobre isto, podemos citar as batalhas entre os bandos, o momento das embaixadas, a rendição do bando mouro e a celebração final.

Dando continuidade, no primeiro capítulo, tenhamos evidenciado algumas possibilidades que o estudo do Folclore como disciplina proporciona. A ciência do saber popular, como o folclore pode ser interpretado, é a materialização pura da

cultura popular, englobando as mais diversas manifestações dos povos, como a culinária, a música, a dança, os ritos e os mitos. Assim, buscamos fundamentar as celebrações típicas das localidades celebrantes de *Moros y Cristianos* e das Cavalhadas como forma de levar à compreensão dos elementos que movimentam o imaginário local e despertam o interesse dessas comunidades que as realizam. Fazendo uma leitura das duas festas objeto de estudo deste trabalho como folguedos, em outras palavras, danças dramáticas, observamos os critérios seguidos pelos participantes e as movimentações que culminam nesses atos que sobreviveram ao tempo e às gerações.

O segundo capítulo buscou, a partir da perspectiva da tradução cultural, compreender as possibilidades de tradução que pudessem melhor se adequar ao contexto das festas objeto de estudo deste trabalho. Primeiramente, estabelecemos alguns dos conceitos sobre o que é a tradução cultural e como são realizadas as abordagens do tradutor ao levar a cultura inserida no texto base para o texto meta. Após esta leitura inicial, destacamos o conceito de palavras culturalmente marcadas e, para isto, realizamos um cotejo entre as principais terminologias sobre este assunto trazendo os conceitos de: *cultural terms* (NEWMARK, 2001), unidades lexicais culturalmente marcadas (BARBOSA, 2005), *culturemas* (VERMEER, 1983; MOLINA MARTÍNEZ, 2006) e *realia* (LEPPIHALME, 2011).

No quarto capítulo buscamos apresentar o conceito de tradução que guiou o projeto de tradução estabelecido para este trabalho, ou seja, a Tradução Funcionalista (REISS; VERMEER, 1996; NORD, 2009). Tomando como base a premissa da Tradução Funcionalista que considera o texto como uma “oferta informativa” que tem como propósito contemplar as necessidades do leitor daquele material e, também, o modelo de tradução apresentado em Durão (2017), buscamos compreender os pontos principais deste tipo de tradução, de modo que eles pudessem ser aplicados aos produtos finais desta pesquisa, isto é, os vocabulários bilíngues das festas.

Destaque-se neste capítulo procuramos trazer à luz o conceito e as metodologias da tradução de textos turísticos. Considerando a proposta dos vocabulários bilíngues, buscamos relacionar a Tradução Funcionalista no âmbito da tradução de textos turísticos, haja vista que, as festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas são notoriamente turísticas. Na verdade, ambas as festividades movimentam grandemente o turismo dos locais em que elas são celebradas.

Consequentemente, a compreensão dos conceitos acerca da tradução de textos turísticos se fez fundamental para o projeto de tradução proposto para os vocabulários que elaboramos como produto aplicado desta pesquisa.

O quarto capítulo, por sua vez, teve um enfoque nas teorias da (Meta)Lexicografia que definem desde as tipologias dos dicionários até o detalhamento de suas macro e microestruturas. Tomando como alicerce as propostas apresentadas por Dubois e Dubois (1971), Zgusta (1971), Haensch et al. (1982), Landau (1989) e Martínez de Sousa (1995) realizamos um breve levantamento dos elementos que compõem os produtos lexicográficos. Inicialmente, foram apresentados os elementos gerais da macro e microestrutura dos dicionários, para posteriormente trazer uma visão mais direcionada aos dicionários bilíngues.

No tocante aos dicionários bilíngues, procuramos estudar as suas principais características organizacionais e as suas dificuldades para melhor compreender como se dá a construção deste tipo de material. Naturalmente, a elaboração de um dicionário bilíngue costuma demandar os esforços conjuntos de uma equipe de especialistas, no entanto, em se tratando de um trabalho acadêmico desta natureza, buscamos analisar os principais pressupostos desse tipo de material e aplicá-los neste produto final. Neste sentido, também realizamos um levantamento das propostas de tratamento de elementos culturalmente marcados nos dicionários bilíngues, tomando como base algumas das principais discussões de obras que versam sobre este tema.

Por último, apresentamos as principais características do Vocabulário Bilíngue das Festas de Moros y Cristianos e do Vocabulário Bilíngue das Cavalhadas. Nesta seção, elencamos a fundamentação para a construção dos dois materiais, evidenciando, com bastante clareza, os consulentes pensados como público-alvo de tais vocabulários, além de descrever as características macro e microestruturais que guiaram a elaboração dos materiais.

Nesta tese, que sintetiza a pesquisa que realizamos, não temos a pretensão de abarcar todas as teorias de cada uma das áreas envolvidas na tese como fundamentação teórica, mas sim oferecer uma modesta contribuição para os Estudos da Tradução, para a (Meta)Lexicografia e, especialmente, colaborar para os estudos sobre as festas de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas. Conforme foi indicado na introdução, entendemos que se as condições sanitárias do período em que esta tese foi elaborada tivessem permitido o período de doutorado sanduíche na Espanha,

a pesquisa poderia ter tido um maior aprofundamento e os vocabulários poderiam também contar com um maior número de vocábulos. No entanto, dadas as circunstâncias, afirmamos que fizemos tudo o que foi possível realizar dentro das possibilidades.

Esperamos que as discussões realizadas ao longo deste texto possam, de alguma forma, contribuir para o avanço dos estudos linguísticos das áreas envolvidas no processo.

Por fim, desejamos ainda que os materiais fruto desta pesquisa, isto é, os vocabulários, possam servir como material de consulta para aqueles que têm interesse nas festas em questão, sejam eles turistas, tradutores, pesquisadores, ou mesmo pessoas comuns interessadas em aprender um pouco mais sobre a manifestação folclórica que circunda as celebrações de *Moros y Cristianos* e as Cavalhadas.

8 REFERÊNCIAS

- ALCARAZ VARÓ, Enrique. Anisomorfismo y lexicografía técnica. In: **Las palabras del traductor: actas del II Congreso "El Español, Lengua de Traducción"**. 2004. p. 201-219.
- ALVARENGA, Oneyda. **Oneyda Alvarenga**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
- ASSOCIAÇÃO DE SÃO JORGE (Alcoy). **Historia de la fiesta de moros y cristianos de Alcoy**. [2016]. Disponível em: <<http://www.asjordi.org/fiestas/58/historia.html>>. Acesso em: 24 maio 2019.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, jun. 2006. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2019.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. **Revista de Letras**, Ceará, v. 1/2, n. 27, p.103-107, jan/dez 2005. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2017/6266-1536934296.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. **Translation, history and culture**. Londres: Pinter, 1990.
- BÉJOINT, Henri. **Tradition and innovation in modern English dictionaries**. Nova York: Clarendon Press - Oxford, 1994.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. Tradução de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini.
- BIDERMAN, M. T. C. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, [S. l.], v. 7, p. 153-181, 2001. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49147. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia. **Tradução e Relações de Poder: algumas reflexões introdutórias**. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia. (Orgs.). **Tradução e Relações de Poder**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013
- BOGAARDS, Paul. Uses and users of dictionaries. In: VAN STERKENBURG, Piet. **A practical guide to lexicography**. Amsterdam/filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 26-34.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O que é macroestrutura no dicionário de língua. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 3, p. 261-272, 2007.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CATALÁ PÉREZ, Daniel. **La Fiesta de Moros y Cristianos**: herencia cultural compartida entre España y américa latina. Madrid: Ediciones del Orto, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265906926_La_fiesta_de_Moros_y_Cristianos_herencia_cultural_compartida_entre_Espana_y_America_Latina. Acesso em: 06 jul. 2019.

COHEN, Erik; COOPER, Robert L. Language and tourism. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 13, n. 4, p.533-563, jan. 1986.

COMISSÃO DE FESTAS 2013-2016. Federación de Comparsas de Moros y Cristianos. **Libro blanco de la fiesta de Ibi: Moros y Cristianos**. Alicante: Diputación de Alicante, 2015. 495 p.

CÔRTEZ, Gustavo. **Dança, Brasil: Festas e danças populares**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. **Introduction à la lexicographie: le dictionnaire**. Canadá: Librairie Larousse, 1971.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 23, p. 203-222, 2007.

DURÁN MUÑOZ, Isabel Durán. Caracterización de la traducción turística: problemas, dificultades. **Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.103-113, 12 jul. 2012.

DURANTI, Alessndro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; AZEVEDO, Diego Napoleão Viana; ORGADO, Gisele Tyba Mayrink Redondo; KLOEPPEL, Paulo Roberto. **A tradução nos horizontes de um conto infantil**. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri. **De horizonte a horizonte: traduções comentadas**. Florianópolis: Insular, 2017. p. 33-81.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Conduzindo um texto dialogado (conversação) de um cenário a outro**. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri. **De um**

cenário a outro: os bastidores de um laboratório de tradução. Cascavel: Edunioeste, 2016. p. 57-96.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; SASTRE RUANO, María Ángeles. Percursos seguidos para a delimitação do tratamento a ser aplicado a palavras culturalmente marcadas em três tipos de obras de referência hipotéticas. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri; SASTRE RUANO, María Ángeles (org.). **(Meta)Lexicografia e Terminografia**. Campinas: Pontes, 2020. Cap. 1. p. 17-76.

ECO, Umberto. *Mouse or Rat? Translation as Negotiation*. G.B: Phoenix, 2003.

ESPÍ VALDÉS, Adrián. Texto de las embajadas de la fiesta de Moros y Cristianos de Alcoy: Patrimonio Inmaterial. El gesto y la palabra. **Revista de la CECEL**, n. 4, p. 153-172, 2006.

ESPÍ VALDÉS, Adrián. ¿Corre peligro la fiesta de moros y cristianos? Sí y muchos. **Revista de Moros y Cristianos de San Blas**, Alicante, 1995.

FISCHER, Martin B. **Sprachgefühl und weiterfahrung:** la traducción inversa de textos turísticos como ejercicio para fomentar la competencia lingüística. 2000. Disponível em: <<https://webs.ucm.es/info/especulo/ele/alcala.html>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

FRADE, Cáscia. **Folclore**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1997.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. A MÁSCARA DE BOI E OS MASCARADOS: PIRENÓPOLIS E O CARNAVAL EM PENTECOSTES. **rth**, v. 18, n. 2, p. 130-152, 2017.

GARCÍA ALMIÑANA, Eugenio (org.), **Geografía e historia, 2 ESO (Castilla y León)**. **Ecir**, 2003.

GARCÍA FITZ, Francisco. **La Batalla De Las Navas De Tolosa:** El Impacto De Un Acontecimiento Extraordinario. Las Navas De Tolosa, 1212-2012. Miradas Cruzadas, Ed. Patrice Cressier y Vicente Salvatierra, 2014.

GELPÍ ARROYO, Cristina. **Mesures d'avaluació lexicogràfica de diccionaris bilingües**. Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2003.

GOLD, David L. **The ordering of lexemes in a dictionary**. Dictionary Society of North America, p. 51-80, 1979.

GONZÁLEZ PASTOR, Diana María. **Análisis descriptivo de la traducción de culturemas en el texto turístico**. 2012. Tese de Doutorado. Universitat Politècnica de València.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía:** de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, Reinhard R.K; JAMES, Gregory. **Dictionary of Lexicography**. Londres/ Nova York: Routledge, 1998.

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques. **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología**. Madri: Cátedra, 2001.

I CONGRESO INTERNACIONAL DE EMBAJADAS E EMBAJADORES DE LA FIESTA DE MOROS Y CRISTIANOS, 2010, Onteniente. **Libro de Actas**. Valencia: Societat de Festers del Santíssim Crist de l' Agonía, 2010. 557 p.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KELLY, Dorothy. The Translation of Texts from the Tourist Sector: Textual Conventions, Cultural Distance and Other Constraints. **Trans2**, 33-42, 1997.

LANDAU, Sidney I. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. Cambridge: CUP, 1989.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. [Tradução de João Manoel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho]. São Paulo: Terceira margem, 2004.

LAROUSSE. **Dicionário prático para o aprendizado da Língua Inglesa (Avançado)**. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.

LEPPIHALME, Ritva (Ed.). Realia. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 126-130.

MACEDO, José Rivair. **Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo**. **Bulletin Du Centre D'études Médiévales D'auxerre**, [s.l.], n. -2, p.1-12, 10 jan. 200. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/cem.8632>. Acesso em 05 de jun. 2022.

MACKENZIE, Rosemary. VIENNE, Jean Vienne. **Resource research strategy: a key factor in teaching translation into non-mother tongue**. In: GROSMAN, Meta; KADRIC, Mira; KOVACIC, Irena; SNELL-HORNBY, Mary (eds.) *Translation into non-mother tongues in professional practice and training*. Tubinga: Stauffenburg Verlag, 2000. Pp. 125-132.

MARELLO, Carla. Ellipsis between connexity and coherence. **Text and Discourse Connectedness**, p. 119-135, 1989.

MARELLO, Carla. Chapitre 2. Les différents types de dictionnaires bilingues. In: **Les dictionnaires bilingues**. De Boeck Supérieur, 1996. p. 31-52.

MARINETTI, Cristina (Ed.). Cultural Approaches. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 26-30.

MARTÍNEZ DE SOUZA, José. Dicionario de lexicografía práctica. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MARTINS, Sabrina de Cássia. A variação denominativa na terminologia da Fauna e da Flora: (as)simetrias linguístico-culturais. **Cadernos de Tradução**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.241-262, 11 maio 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p241>

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados e fatos**: turismo no Brasil. 2019. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **El otoño del pingüino**: análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castellón de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2006.

MONTENEGRO VALENTÍN, Julia; CASTILLO ÁLVAREZ, Aracadio del. **En torno a la conflictiva fecha de la Batalla de Covadonga**. Anais da Universidad de Alicante. Historia Medieval. N. 8 (1990-1991). pp. 7-18

MORÁIS FILHO, Alexandre José de Meló. **Os Ciganos no Brazil**: Contribuição ethnographica. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1886.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. [Tradução Heloysa de Lima Dantas]. São Paulo: Cultrix, 1975.

NASCIMENTO, Braulio do. **Euro-América: uma realidade comum?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEUBERT, Albrecht; SHREVE, Gregory M. **Translation as text**. Kent State University Press, 1992.

NEWMARK, Peter. **Approaches to translation**. Xangai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2001.

NOBS, Marie Louise. **La traducción de folletos turísticos**. ¿Qué calidad demandan los turistas? Pról. de Christiane Nord. Granada: Comares, 2006.

NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam/ Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Manchester: St. Jerome, 1997.

NORD, Christiane. Quo vadis, functional translatology?. Target. **International Journal of Translation Studies**, v. 24, n. 1, p. 26-42, 2012.

PAYO PEÑA, Leyre. La traducción de referencias culturales en un texto turístico. **Puentes**, Granada, v. 1, n. 1, p.33-47, jan. 2002.

PEDERSEN, Viggo Hjørnager. **Translation into L2 – in practice, and in the classroom**, In: GROSMAN, Meta; KADRIC, Mira; KOVACIC, Irena; SNELL-HORNBY, Mary (eds.) *Translation into non-mother tongues in professional practice and training*. Tubinga: Stauffenburg Verlag, 2000. Pp. 109-116.

PIRENÓPOLIS, Secretaria de Turismo de **As Cavalhadas de Pirenópolis**. Disponível em: <https://pirenopolis.tur.br/>. Acesso em: 05 maio 2022.

PONTES, Valdecy. PEREIRA, Livya Lea. **A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord**: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras. *Tradterm*, 28, 2017. Pp. 338-363. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/125566/122492>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. Londres: Routledge, 2010.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Akal. 1996.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained**. Londres/ Nova York: Routledge, 2014.

REY-DEBOVE, Josette. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français**. Gruyter Mouton, 1971.

RIQUELME-QUIÑONERO, María-teresa. **La singularidad de las fiestas de Moros y Cristianos como patrimonio cultural inmaterial**. Alcoi como paradigma de esta celebración en la provincia de Alicante. *Revista Ewali de Investigación Antropológica, Histórica, Cultural Y/o Social En El Entorno Mediterráneo*, Alcoy, v. 1, n. 1, p.1-11, 2019. Disponível em: http://www.asjordi.org/upload/files/noticias/eWali-final_v1-2_compressed.pdf. Acesso em: 27 maio 2019.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Dos diferentes métodos de traduzir. Tradução de Mauri Furlan. In: *Scientia Traductionis*, nº 9. Florianópolis: UFSC, 2011. p.03- 70.

SILVA, Maria Cândida Figueiredo Moura da. **Traduzir bolos do Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo**: etnoterminologia e tradução etnográfica. Brasília: Departamento de Língua Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 141 f. Dissertação de mestrado.

SILVA, Mônica Martins da. As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em Goiás (1940-1980). **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, p. 212-230, 2007.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?** Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

SOTO ALMELA, Jorge. La traducción de términos culturales en el contexto turístico español-inglés: recepción real en usuarios anglófonos. **Quaderns**, Barcelona, v. 1, n. 20, p.235-250, 2013.

SOTO ALMELA, Jorge. Referencias culturales en el ámbito de la flora: estrategias traslativas en folletos turísticos de la Región de Murcia (España). **Cadernos de Tradução**, [s.l.], v. 2, n. 34, p.142-166, 4 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v2n34p142>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p142>. Acesso em: 11 ago. 2019.

SPINELLI, Céline. Cavalhadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de goiás. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 30, p.59-73, jun. 2010.

SVENSÉN, Bo; SVENSÉN, Terminologist Bo. **Practical lexicography: principles and methods of dictionary-making**. Oxford University Press, USA, 1993.

SZENDE, Thomas. **Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues**. In: THOIRON, P.; BÉJOINT, H. Les dictionnaires bilingues. Bruxelles, Belgique: Duculot, 1996.

TURESPAÑA, Secretaría de Estado de Turismo. **Fiestas de Interés Turístico Nacional e Internacional**. Disponível em: <https://turismo.gob.es/desarrollo-sostenibilidad/fiestas/Paginas/fiestas-interes-turistico.aspx>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ULLMANN, Stephen. **Semantics: An Introduction to the Science of Meaning**. Oxford: Blackwell, 1959.

STERKENBURG, Piet Van. 'The' dictionary: Definition and history. In: STERKENBURG, Piet Van. **A practical guide to lexicography**. Amsterdam/filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 3-18.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia; PAGANO, Adriana. Explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus. **Competência em tradução: cognição e discurso**, p. 177-207, 2005.

VAUGELAS, Claude Favre de. **Remarques Sur La Langue Française Utiles A Ceux Qui Veulent Bien Parler Et Bien Ecrire**. Paris: Pierre Le Petit, Imprimeur&Libraire ordinaire Du Roy, 1647. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31548981f>. Acesso em: 30 mai 2022.

VERMEER, Hans. J. Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie. In: VERMEER, Hans. J. (ed). **Aufsätze zur Translationstheorie**. Heidelberg. 48–88. 1983.

VINAY, Jean-Paul. DARBELNET, Jean. **A methodology for translation**. [Tradução de Juan C. Sager e M. J. Hamel]. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The translation studies reader*. London & e New York: Routledge, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

UNWTO, World Tourism Organization. **Tourism Highlights**: 2018 Edition, UNWTO, Madrid, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284419876>.

ZGUSTA, Ladislav. **Manual of Lexicography**. Paris: Mouton, 1971.

9 REFERÊNCIAS DAS IMAGENS DOS VOCABULÁRIOS

- Moros y Cristianos

Alférez

FILÀ TOMASINES (Espanha). **Alférez**. 29 abr. 2018. Fotografia. Disponível em em: <https://filatomasines.blogspot.com/2018/04/alferez-favoritas-damas-y-caballeros.html>. Acesso em 3 jun. 2022.

Caballo

CABALLOS DEL VINO DE CARAVACA DE LA CRUZ (Espanha). **Caballo**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://caballosdelvino.org/portfolio-view/la-carrera/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Camarera de la Virgen

IVÁÑEZ, Manolo. **Camarera de la Virgen**. 2013. Fotografia. Disponível em: <https://www.morosycristianosibi.com/libro/libro-blanco/>. Acesso em: 3 jun. 2022. p. 83

Comparsa

BERNABEU BERNABEU, Olegario. **Traje oficial da filà Cides de Ibi**. 25 mar. 2015. Fotografia. Disponível em: <https://www.morosycristianosibi.com/libro/libro-blanco/>. Acesso em: 3 jun. 2022. p.30

Embajada

M.R.B. **Embajada**. 23 dez. 2009. Fotografia. Disponível em: <https://fotosantiguasdeibi.blogspot.com/2009/12/cartel-de-la-embajada-de-moros-y.html>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Embajador

MOROS Y CRISTIANOS IBI (Espanha). **Embajador**. 13 abr. 2015. Fotografia. Disponível em: <https://www.morosycristianosibi.com/fiesta/las-embajadas/embajad1/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Filà

MOROS Y CRISTIANOS IBI (Espanha). **Embajador**. 13 abr. 2015. Fotografia. Disponível em: <https://www.morosycristianosibi.com/fiesta/las-embajadas/embajad1/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Olleta

ENTRE NOSOTROS (Espanha). **Olleta**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://entrenosotros.consum.es/olleta-alicantina>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Revista de Fiestas

RIPOLL CANTÓ, Rosa. **Portada de la Revista de Fiestas de Alcoy de 2020**. 2020. Fotografia. Disponível em: <http://revista.asjordi.org/public/pdf/2020.pdf#page=1>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ROCA BERNABEU, Sergio. **Portada de la Revista de Fiestas de Ibi de 2021**. 2021. Fotografia. Disponível em: <https://www.morosycristianosibi.com/libro/revista-2021/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

- Cavalhadas

Argolinha

PIRENÓPOLIS TUR (Goiás). **Argolinha**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas/a-encenacao-das-cavalhadas>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Camarote

BUSO, Eliria. **Camarote**. 22 maio 2019. Fotografia. Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/em-junho-pirenopolis-em-goias-realiza-suas-tradicionais-cavalhadas/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Carreira

PIRENÓPOLIS TUR (Goiás). **Carreira**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas/a-encenacao-das-cavalhadas>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Catireiras

FÉLIX, Tarcísio. **Catireiras**. 16 maio 2016. Fotografia. Disponível em: <https://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2016/05/a-catireiras.html>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Cavaleiro

PIRENÓPOLIS TUR (Goiás). **Cavaleiro**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Embaixada

AGITA PIRENÓPOLIS (Goiás). **Embaixada**. 9 jun. 2017. Fotografia. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/falam-os-cavaleiros-nas-cavalhadas-20576>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Festa do Divino

PIRENÓPOLIS TUR (Goiás) (ed.). **Festa do Divino**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Igreja Matriz

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (Pirenópolis - Goiás). **Igreja Matriz**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://www.paroquiadorosario.org.br/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Mascarado

AGITA PIRENÓPOLIS (Goiás). **Mascarado**. s/d. Fotografia. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/cidade-de-pirenopolis/mascarados-de-pirenopolis-goias>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Pastorinhas

CONDE, Renato. **Pastorinhas**. 24 maio 2015. Fotografia. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/magazine/batalha-de-f%C3%A9-e-de-folclore-1.857438>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ANEXO A - LOCAIS QUE CELEBRAM OU JÁ CELEBRARAM A FESTA DE MOROS Y CRISTIANOS ⁸¹

| País | Provincia/Estado | Población |
|-------------|-------------------------|-------------------------------------|
| Bolivia | Oruro | Oruro |
| Brasil | Acre | Sena Madureira |
| Brasil | Alagoas | Cha da Jaqueira - Barrio de Maceió |
| Brasil | Alagoas | Cha de Bebedouro - Barrio de Maceió |
| Brasil | Alagoas | Fernao Velho - Barrio de Maceió |
| Brasil | Alagoas | Maceió |
| Brasil | Alagoas | Pao de Açucar |
| Brasil | Amapá | Macapá |
| Brasil | Amazonas | Manaos |
| Brasil | Bahía | Alcobaça |
| Brasil | Bahía | Arembepe |
| Brasil | Bahía | Barra |
| Brasil | Bahía | Gamboá do Morro |
| Brasil | Bahía | Jacobina |
| Brasil | Bahía | Mucuri |
| Brasil | Bahía | Prado |
| Brasil | Bahía | San Jorge de Ilhéus |
| Brasil | Bahía | Sao Jorge |
| Brasil | Bahía | Saubara |
| Brasil | Espírito Santo | Conceição de Barra |
| Brasil | Espírito Santo | Itacibá |
| Brasil | Espírito Santo | Itaúnas |
| Brasil | Espírito Santo | Mucuri |
| Brasil | Espírito Santo | San Mateo |
| Brasil | Espírito Santo | Vitoria |
| Brasil | Goiás | Goiânia |
| Brasil | Goiás | Pirenópolis |
| Brasil | Mato Grosso | Poconé |
| Brasil | Minas Gerais | Alpinópolis |
| Brasil | Minas Gerais | Amarantina |
| Brasil | Minas Gerais | Bonfim |
| Brasil | Minas Gerais | Divinésia |
| Brasil | Minas Gerais | Januária |
| Brasil | Minas Gerais | Mateus Leme |
| Brasil | Minas Gerais | Morro Vermelho |
| Brasil | Minas Gerais | Nova Ponte |
| Brasil | Minas Gerais | Passos |
| Brasil | Minas Gerais | Santa Bárbara |
| Brasil | Minas Gerais | Santana do Jacaré |
| Brasil | Minas Gerais | Tijuco |
| Brasil | Paraíba | Campina Grande |
| Brasil | Paraná | Guarapuava |
| Brasil | Paraná | Lapa |
| Brasil | Pernambuco | Isla de Itamaracá |
| Brasil | Pernambuco | Sao José do Belmonte |
| Brasil | Rio Grande del Norte | Natal |
| Brasil | Rio Grande del Sur | Cazuza Ferreira |

| | | |
|-------------|--------------------|---------------------------|
| Brasil | Rio Grande del Sur | Santo Antonio da Patrulha |
| Brasil | Rio Janeiro | Campos dos Goytacazes |
| Brasil | Sao Paulo | Brumal |
| Brasil | Sergipe | Canhoba |
| Brasil | Sergipe | Canindé de Sao Francisco |
| Brasil | Sergipe | Carmópolis |
| Brasil | Sergipe | Itabaiana |
| Brasil | Sergipe | Itabi |
| Brasil | Sergipe | Japarutuba |
| Brasil | Sergipe | Lagarto |
| Brasil | Sergipe | Laranjeiras |
| Brasil | Sergipe | Sao Cristovao |
| Brasil | Tocantins | Taguatinga |
| Chile | Chiloé | Quenac |
| Chile | Tarapacá | La Tirana |
| Colombia | Boyacá | Tunja |
| Colombia | Meta | San Martin |
| Costa Rica | Cartago | Puebla de los Pardos |
| Croacia | Dalmacia | Curzola |
| Cuba | Santiago de Cuba | Santiago de Cuba |
| Ecuador | Azuay | Cañaro |
| Ecuador | Azuay | Challauabamba |
| Ecuador | Azuay | San Joaquín |
| Ecuador | Azuay | Sígsig |
| Ecuador | Cotopaxi | Latacunga |
| Ecuador | Cotopaxi | San Juan de Guaytacama |
| El Salvador | Ahuachapán | Ahuachapán |
| El Salvador | Ahuachapán | Concepción de Ataco |
| El Salvador | Ahuachapán | Guaymango |
| El Salvador | Ahuachapán | Jujutla |
| El Salvador | Ahuachapán | San Pedro Puxtla |
| El Salvador | Ahuachapán | Tacuba |
| El Salvador | Chalatenango | Arcatao |
| El Salvador | Chalatenango | Chalatenango |
| El Salvador | Chalatenango | San Miguel Arcángel |
| El Salvador | Chalatenango | Tejutla |
| El Salvador | La Libertad | Jayaque |
| El Salvador | La Paz | San Miguel Tepezontes |
| El Salvador | La Paz | San Pedro Masahuat |
| El Salvador | La Paz | San Pedro Nonualco |
| El Salvador | La Paz | Santiago Nonualco |
| El Salvador | La Unión | Conchagua |
| El Salvador | San Miguel | Moncagua |
| El Salvador | San Salvador | Panchimalco |
| El Salvador | San Salvador | San Antonio Abad |
| El Salvador | San Salvador | San Salvador |
| El Salvador | San Salvador | Santiago Texacuangos |
| El Salvador | San Salvador | Santo Tomás |
| El Salvador | San Vicente | Apastepeque |
| El Salvador | San Vicente | San Vicente |
| El Salvador | Santa Ana | Texistepeque |
| El Salvador | Sonsonate | Cuisnahuat |

| | | |
|-------------|-----------|-------------------------|
| El Salvador | Sonsonate | Izalco |
| El Salvador | Sonsonate | Nahuizalco |
| El Salvador | Sonsonate | San Julián |
| El Salvador | Sonsonate | Santa Isabel Ishuatán |
| El Salvador | Sonsonate | Santo Domingo de Guzmán |
| España | A Coruña | Bergondo |
| España | A Coruña | Betanzos |
| España | A Coruña | Teo |
| España | Albacete | Abengibre |
| España | Albacete | Almansa |
| España | Albacete | Caudete |
| España | Albacete | Cubas |
| España | Albacete | Jorquera |
| España | Albacete | La Gineta |
| España | Albacete | Pozocañada |
| España | Albacete | Tarazona de la Mancha |
| España | Albacete | Villamalea |
| España | Alicante | Adsubia |
| España | Alicante | Agost |
| España | Alicante | Agres |
| España | Alicante | Aigués |
| España | Alicante | Albatera |
| España | Alicante | Acalá de la Jovada |
| España | Alicante | Alcocer de Planes |
| España | Alicante | Alcoy |
| España | Alicante | Alfara |
| España | Alicante | Algars |
| España | Alicante | Alicante |
| España | Alicante | Almoradí |
| España | Alicante | Almudaina |
| España | Alicante | Alquería de Aznar |
| España | Alicante | Altea |
| España | Alicante | Aspe |
| España | Alicante | Banyeres |
| España | Alicante | Barrio Altozano |
| España | Alicante | Barrio San Agustín |
| España | Alicante | Barrio San Antonio |
| España | Alicante | Barrio San Blas |
| España | Alicante | Barrio Villafranqueza |
| España | Alicante | Benejama |
| España | Alicante | Benejúzar |
| España | Alicante | Beniaia |
| España | Alicante | Benialí |
| España | Alicante | Benidorm |
| España | Alicante | Beniloba |
| España | Alicante | Benillup |
| España | Alicante | Benimarfull |
| España | Alicante | Benisanó |
| España | Alicante | Benissa |
| España | Alicante | Benitachell |
| España | Alicante | Biar |
| España | Alicante | Busot |

| | | |
|--------|----------|----------------------------|
| España | Alicante | Callosa del Segura |
| España | Alicante | Callosa d'Ensarriá |
| España | Alicante | Calpe |
| España | Alicante | Camp de Mirra |
| España | Alicante | Cases del Senyor (Monóvar) |
| España | Alicante | Castalla |
| España | Alicante | Castell de Castells |
| España | Alicante | Catral |
| España | Alicante | Ciudad de Asís |
| España | Alicante | Cocentaina |
| España | Alicante | Confrides |
| España | Alicante | Cox |
| España | Alicante | Crevillente |
| España | Alicante | Denia |
| España | Alicante | Dolores |
| España | Alicante | Ebo |
| España | Alicante | El Campello |
| España | Alicante | El Rebolledo |
| España | Alicante | El Verger |
| España | Alicante | Elche |
| España | Alicante | Elda |
| España | Alicante | Els Poblets |
| España | Alicante | Facheca |
| España | Alicante | Forna |
| España | Alicante | Fuencaliente |
| España | Alicante | Gorga |
| España | Alicante | Granja de Rocamora |
| España | Alicante | Guardamar del Segura |
| España | Alicante | Ibí |
| España | Alicante | Jalón |
| España | Alicante | Jávea |
| España | Alicante | La Romana |
| España | Alicante | La Vall d'Ebo |
| España | Alicante | Lorcha |
| España | Alicante | Monforte del Cid |
| España | Alicante | Moraira |
| España | Alicante | Muro de Alcoy |
| España | Alicante | Mutxamel |
| España | Alicante | Novelda |
| España | Alicante | Onil |
| España | Alicante | Orba |
| España | Alicante | Orihuela |
| España | Alicante | Pedreguer |
| España | Alicante | Pego |
| España | Alicante | Penáguila |
| España | Alicante | Petrer |
| España | Alicante | Pilar de la Horadada |
| España | Alicante | Planes de la Baronía |
| España | Alicante | Rafal |
| España | Alicante | Redován |
| España | Alicante | Relleu de la Marina |
| España | Alicante | Rojales |

| | | |
|--------|----------|--------------------------------|
| España | Alicante | Salinas |
| España | Alicante | San Vicente del Raspeig |
| España | Alicante | Santa Pola |
| España | Alicante | Sax |
| España | Alicante | Villajoyosa |
| España | Alicante | Villena |
| España | Alicante | Xixona |
| España | Almería | Adra |
| España | Almería | Aguamarga (Urracal) |
| España | Almería | Albanchez |
| España | Almería | Alcóntar |
| España | Almería | Alcubillas (Gérgal) |
| España | Almería | Alcudia de Monteagud |
| España | Almería | Aldeire (Alcóntar) |
| España | Almería | Alhabía |
| España | Almería | Alhama |
| España | Almería | Angosto (Serón) |
| España | Almería | Antas |
| España | Almería | Armuña de Albánchez (Cantoria) |
| España | Almería | Armuña de Almanzora |
| España | Almería | Arroyo Albánchez |
| España | Almería | Bacares |
| España | Almería | Bayarcal |
| España | Almería | Bayarque |
| España | Almería | Bédar |
| España | Almería | Benejí (Berja) |
| España | Almería | Benínar (Berja) |
| España | Almería | Benizalón |
| España | Almería | Bentarique |
| España | Almería | Cabrera (Turre) |
| España | Almería | Campillo (Purchena) |
| España | Almería | Canata (Serón) |
| España | Almería | Canjayar |
| España | Almería | Cantoria |
| España | Almería | Carboneras |
| España | Almería | Castro Filabres |
| España | Almería | Cobdar |
| España | Almería | Cuevas de Almanzora |
| España | Almería | El Hijate (Alcontar) |
| España | Almería | El Marchal (Lubrín) |
| España | Almería | El Valle (Serón) |
| España | Almería | Fuencaliente (Serón) |
| España | Almería | Gafarillos (Sorbas) |
| España | Almería | Gergal |
| España | Almería | Higueral (Tijola) |
| España | Almería | Huebro (Níjar) |
| España | Almería | Huecija |
| España | Almería | Huércal de Almería |
| España | Almería | Illar |
| España | Almería | Jauca (Serón) |
| España | Almería | La Alquería (Adra) |
| España | Almería | La Carrasca (Chirivel) |

| | | |
|--------|-----------|------------------------------|
| España | Almería | La Carrasca (Turre) |
| España | Almería | La Cinta (Arboleas) |
| España | Almería | La Loma (Serón) |
| España | Almería | La Rambla (Oria) |
| España | Almería | Laroya |
| España | Almería | Las Checas (Alcántar) |
| España | Almería | Los Álamos (Oria) |
| España | Almería | Los Cabrerías (Vélez Rubio) |
| España | Almería | Los Cerricos (Oria) |
| España | Almería | Los Gallardos |
| España | Almería | Los Pardos (Cantoria) |
| España | Almería | Lucainena |
| España | Almería | Lúcar |
| España | Almería | Macael |
| España | Almería | María |
| España | Almería | Mojácar |
| España | Almería | Ocaña |
| España | Almería | Olula de Castro |
| España | Almería | Olula del Río |
| España | Almería | Oria |
| España | Almería | Partaloa |
| España | Almería | Paterna del Río |
| España | Almería | Pechina |
| España | Almería | Senés |
| España | Almería | Sierro |
| España | Almería | Somontín |
| España | Almería | Turrillas |
| España | Almería | Urracal |
| España | Almería | Veleftique |
| España | Almería | Vera |
| España | Almería | Virgen de las Huertas (Vera) |
| España | Asturias | El Entrego |
| España | Asturias | San Martín del Rei Aureliu |
| España | Baleares | Calviá |
| España | Baleares | Ciudadela |
| España | Baleares | Ibiza |
| España | Baleares | Pollença |
| España | Baleares | Sóller |
| España | Barcelona | Bagá |
| España | Barcelona | Barcelona |
| España | Barcelona | Berga |
| España | Barcelona | Igualada |
| España | Barcelona | La Llacuna |
| España | Barcelona | Pontóns |
| España | Barcelona | Sant Martí Sarroca |
| España | Barcelona | Vilafranca del Penedés |
| España | Barcelona | Vilanova i la Geltrú |
| España | Cáceres | Cáceres |
| España | Cáceres | Zarza de Montánchez |
| España | Cádiz | Benamahoma |
| España | Cádiz | Cádiz |
| España | Cádiz | Grazalema |

| | | |
|--------|-------------|---------------------------|
| España | Castellón | Alcalá de Xivert |
| España | Castellón | Alcossebre |
| España | Castellón | Almassora |
| España | Castellón | Almenara |
| España | Castellón | Castellón de la Plana |
| España | Castellón | Forcall |
| España | Castellón | Gai Biel |
| España | Castellón | Grau de Castelló |
| España | Castellón | Jérica |
| España | Castellón | Peñíscola |
| España | Castellón | Sorita |
| España | Castellón | Vilanova de Alcolea |
| España | Ciudad Real | Alcázar de San Juan |
| España | Cuenca | Alberca de Zán cara |
| España | Cuenca | Almendros |
| España | Cuenca | Canalejas del Arroyo |
| España | Cuenca | Cañada del Hoyo |
| España | Cuenca | Cañete |
| España | Cuenca | Carboneras de Guadazaón |
| España | Cuenca | Cardenete |
| España | Cuenca | Castejón |
| España | Cuenca | Cuenca |
| España | Cuenca | El Herrumblar |
| España | Cuenca | Fuentes |
| España | Cuenca | Mariana |
| España | Cuenca | Mota del Cuervo |
| España | Cuenca | Paracuellos de la Vega |
| España | Cuenca | Reillo |
| España | Cuenca | Tinajas |
| España | Cuenca | Torrejoncillo del Rey |
| España | Cuenca | Valera de Abajo |
| España | Cuenca | Valverde del Júcar |
| España | Cuenca | Villaconejos de Trabaque |
| España | Cuenca | Villalba del Rey |
| España | Cuenca | Villagordo del Marquesado |
| España | Cuenca | Villanueva de la Jara |
| España | Cuenca | Villarejo de Periesteban |
| España | Gerona | Creixells de Mar |
| España | Gerona | Sant Feliu de Pallerots |
| España | Granada | Albondón |
| España | Granada | Alhama de Granada |
| España | Granada | Alquife |
| España | Granada | Atalbeitar |
| España | Granada | Bacor (Cortijo de Freila) |
| España | Granada | Balax (Caniles) |
| España | Granada | Benamaurel |
| España | Granada | Bérchules |
| España | Granada | Beznar |
| España | Granada | Bubión |
| España | Granada | Caniles |
| España | Granada | Capileira |
| España | Granada | Cherín (Ugijar) |

| | | |
|--------|-------------|--|
| España | Granada | Cogollos de Guadix |
| España | Granada | Cojayar (Murtas) |
| España | Granada | Cúllar |
| España | Granada | El Moro |
| España | Granada | Granada |
| España | Granada | Iznalloz |
| España | Granada | Jorairatar (Ugijar) |
| España | Granada | Juviles |
| España | Granada | Lanteira |
| España | Granada | Laroles (Nevada) |
| España | Granada | Las Juntas (Gor) |
| España | Granada | Los Olmos (Caniles) |
| España | Granada | Los Pulidos (Gorafe) |
| España | Granada | Mecina Bombarón (Alpujarra de la Sierra) |
| España | Granada | Mecina Tedel (Murtas) |
| España | Granada | Molvizar |
| España | Granada | Montejicar |
| España | Granada | Murtas |
| España | Granada | Nevada |
| España | Granada | Nieles (Cástara) |
| España | Granada | Orce |
| España | Granada | Pampaneira |
| España | Granada | Picena (Nevada) |
| España | Granada | Pozo Iglesias (Cúllar Baza) |
| España | Granada | Quéntar |
| España | Granada | Rejano (Caniles) |
| España | Granada | Talará (Lecrín) |
| España | Granada | Timar |
| España | Granada | Trévez |
| España | Granada | Turón |
| España | Granada | Valcabra (Caniles) |
| España | Granada | Válor |
| España | Granada | Vélez Benaudalla |
| España | Granada | Zújar |
| España | Guadalajara | Albalate de Zorita |
| España | Guadalajara | Guadalajara |
| España | Guadalajara | Hinojosa |
| España | Guadalajara | Molina de Aragón |
| España | Guipúzcoa | Anzuola |
| España | Huesca | Ainsa |
| España | Huesca | Almudévar |
| España | Huesca | Anciles-Benasque |
| España | Huesca | Castejón de Monegros |
| España | Huesca | Graus |
| España | Huesca | Gurrea de Gállego |
| España | Huesca | Huesca |
| España | Huesca | Jaca |
| España | Huesca | Lanaja |
| España | Huesca | Pallaruelo de Monegros |
| España | Huesca | Robres |
| España | Huesca | Roda de Isábena |
| España | Huesca | Salillas |

| | | |
|--------|----------------------------|-----------------------------|
| España | Huesca | Sariñena |
| España | Huesca | Sena |
| España | Huesca | Tardienta |
| España | Huesca | Torres del Obispo |
| España | Jaén | Alcalá la Real |
| España | Jaén | Aldea de Bélméz |
| España | Jaén | Andújar |
| España | Jaén | Bélméz de la Moraleda |
| España | Jaén | Campillo de Arenas |
| España | Jaén | Carchelejo |
| España | Jaén | Cortijada de Bélméz |
| España | Jaén | Jaén |
| España | Jaén | La Guardia |
| España | Santa Cruz de Tenerife | Barlovento - La Palma |
| España | Las Palmas de Gran Canaria | La Isleta |
| España | León | La Baña |
| España | León | León |
| España | León | Nogar |
| España | Lleida | Cervera |
| España | Lleida | Gerri de la Sal |
| España | Lleida | Lleida |
| España | Logroño | Santo Domingo de la Calzada |
| España | Logroño | Sorzano |
| España | Madrid | Madrid |
| España | Málaga | Alfarnate |
| España | Málaga | Algatocín |
| España | Málaga | Atajate |
| España | Málaga | Benadalid |
| España | Málaga | Benalauria |
| España | Málaga | Benalmádena |
| España | Málaga | Benamocarra |
| España | Murcia | Abanilla |
| España | Murcia | Caravaca de la Cruz |
| España | Murcia | Cieza |
| España | Murcia | Jumilla |
| España | Murcia | Lorca |
| España | Murcia | Mazarrón |
| España | Murcia | Murcia |
| España | Murcia | Santomera |
| España | Navarra | Lesaca |
| España | Navarra | Torraiba del Río |
| España | Orense | La Franqueira |
| España | Orense | La Sainza |
| España | Orense | Laza |
| España | Orense | Rairir de Veiga |
| España | Orense | Retorta |
| España | Orense | Trez |
| España | Pontevedra | A Cañiza |
| España | Pontevedra | A Franqueira |
| España | Pontevedra | Mondariz |
| España | Pontevedra | Villanueva de Arosa |
| España | Soria | Acrijos |

| | | |
|--------|-----------|-------------------------|
| España | Soria | Almenar de Soria |
| España | Soria | Iruecha |
| España | Soria | Matasejún |
| España | Soria | Peroniel del Campo |
| España | Soria | San Pedro Manrique |
| España | Soria | Sarnago |
| España | Soria | Tañiñe |
| España | Soria | Ventosa de San Pedro |
| España | Soria | Villarijos |
| España | Tarragona | Bítem |
| España | Tarragona | Garidells |
| España | Tarragona | Reus |
| España | Tarragona | Sant Jaume dels Domenys |
| España | Tarragona | Selva del Camp |
| España | Tarragona | Tarragona |
| España | Tarragona | Tortosa |
| España | Tarragona | Vallespinosa |
| España | Tarragona | Valls |
| España | Tarragona | Vila-Seca |
| España | Tenerife | Valle de Guerra |
| España | Teruel | Albalate del Arzobispo |
| España | Teruel | Alcalá de la Selva |
| España | Teruel | Calamocha |
| España | Teruel | Castellar |
| España | Teruel | Castellas |
| España | Teruel | Cella |
| España | Teruel | Cutanda |
| España | Teruel | Ferreruela de Huerva |
| España | Teruel | Hijar |
| España | Teruel | Odón |
| España | Teruel | Urrea de Gaén |
| España | Toledo | Consuegra |
| España | Toledo | Maqueda |
| España | Toledo | Quintanar de la Orden |
| España | Valencia | Ademuz |
| España | Valencia | Ador |
| España | Valencia | Adzaneta de Albaida |
| España | Valencia | Agullent |
| España | Valencia | Aielo de Malferit |
| España | Valencia | Alaquas |
| España | Valencia | Albaida |
| España | Valencia | Albal |
| España | Valencia | Albalat de la Ribera |
| España | Valencia | Alfarrasí |
| España | Valencia | Anna |
| España | Valencia | Antella |
| España | Valencia | Aras de Alpuente |
| España | Valencia | Barxeta |
| España | Valencia | Bellreguard |
| España | Valencia | Bellús |
| España | Valencia | Benetuser |
| España | Valencia | Beniarrés |

| | | |
|--------|----------|------------------------|
| España | Valencia | Beniganim |
| España | Valencia | Bicorp |
| España | Valencia | Bocairent |
| España | Valencia | Bolbaite |
| España | Valencia | Buñol |
| España | Valencia | Campo Arcis (Requena) |
| España | Valencia | Carcaixent |
| España | Valencia | Carcer |
| España | Valencia | Castelló de les Gerres |
| España | Valencia | Catarroja |
| España | Valencia | Corbera |
| España | Valencia | Daimús |
| España | Valencia | Enguera |
| España | Valencia | Fontanars |
| España | Valencia | Fuente la Higuera |
| España | Valencia | Godella |
| España | Valencia | Guardamar de la Safor |
| España | Valencia | Jaraguas |
| España | Valencia | La Font d'en Carrós |
| España | Valencia | La Pobla Llarga |
| España | Valencia | Llaurí |
| España | Valencia | Liria |
| España | Valencia | Llocnou de Sant Jeroni |
| España | Valencia | Llucent |
| España | Valencia | L'Olleria |
| España | Valencia | Los Santos |
| España | Valencia | Manises |
| España | Valencia | Mas de Jacinto |
| España | Valencia | Mas del Olmo |
| España | Valencia | Miramar |
| España | Valencia | Mislata |
| España | Valencia | Moncada |
| España | Valencia | Montaverner |
| España | Valencia | Montesa |
| España | Valencia | Oliva |
| España | Valencia | Ontinyent |
| España | Valencia | Paiporta |
| España | Valencia | Paterna |
| España | Valencia | Piles |
| España | Valencia | Pobla del Duc |
| España | Valencia | Potries |
| España | Valencia | Puebla de San Miguel |
| España | Valencia | Quart de Poblet |
| España | Valencia | Quatretonda |
| España | Valencia | Quesa |
| España | Valencia | Rafelcofer |
| España | Valencia | Real de Gandia |
| España | Valencia | Requena |
| España | Valencia | Rocafort |
| España | Valencia | Rótova |
| España | Valencia | Sagunto |
| España | Valencia | Salem |

| | | |
|--------|------------|---------------------------|
| España | Valencia | San Antonio (Requena) |
| España | Valencia | San Juan - Requena |
| España | Valencia | Senyera |
| España | Valencia | Sesga |
| España | Valencia | Silla |
| España | Valencia | Sumacárcer |
| España | Valencia | Torrent |
| España | Valencia | Tuéjar |
| España | Valencia | Valencia |
| España | Valencia | Vallada |
| España | Valencia | Villanueva de Castellón |
| España | Valladolid | Simancas |
| España | Zaragoza | Ainzón |
| España | Zaragoza | Alagón |
| España | Zaragoza | Albeta |
| España | Zaragoza | Alcalá de Moncayo |
| España | Zaragoza | Almonacid de la Cuba |
| España | Zaragoza | Ambel |
| España | Zaragoza | Añón de Moncayo |
| España | Zaragoza | Ateca |
| España | Zaragoza | Borja |
| España | Zaragoza | Bujaraloz |
| España | Zaragoza | Cabañas de Ebro |
| España | Zaragoza | Cinco Olivas |
| España | Zaragoza | Codo |
| España | Zaragoza | El Burgo de Ebro |
| España | Zaragoza | Encinacorba |
| España | Zaragoza | Escatrón |
| España | Zaragoza | Fuentes de Ebro |
| España | Zaragoza | Gallur |
| España | Zaragoza | Garrapinillos |
| España | Zaragoza | Gelsa |
| España | Zaragoza | Herrera de los Navarros |
| España | Zaragoza | La Almolda |
| España | Zaragoza | La Almunia de Doña Godina |
| España | Zaragoza | La Zaida |
| España | Zaragoza | Lécera |
| España | Zaragoza | Litago |
| España | Zaragoza | Longares |
| España | Zaragoza | Lucena de Jalón |
| España | Zaragoza | Lumpiaque |
| España | Zaragoza | Magallón |
| España | Zaragoza | Mainar |
| España | Zaragoza | Monzalbarba |
| España | Zaragoza | Paniza |
| España | Zaragoza | Pedrola |
| España | Zaragoza | Peñaflor |
| España | Zaragoza | Pina de Ebro |
| España | Zaragoza | Plasencia de Jalón |
| España | Zaragoza | Pradilla de Ebro |
| España | Zaragoza | Quinto |
| España | Zaragoza | Remolinos |

| | | |
|----------------|-------------------|---------------------------|
| España | Zaragoza | Roden |
| España | Zaragoza | Rueda de Jalón |
| España | Zaragoza | Salillas de Jalón |
| España | Zaragoza | San Mateo de Gállego |
| España | Zaragoza | Sástago |
| España | Zaragoza | Tabuena |
| España | Zaragoza | Tauste |
| España | Zaragoza | Torres de Berrellén |
| España | Zaragoza | Urrea de Jalón |
| España | Zaragoza | Velilla de Ebro |
| España | Zaragoza | Vera de Moncayo |
| España | Zaragoza | Zaragoza |
| España | Zaragoza | Zuera |
| Estados Unidos | California | Fresno |
| Estados Unidos | Nuevo México | Arroyo Hondo |
| Estados Unidos | Nuevo México | Arroyo Seco |
| Estados Unidos | Nuevo México | Chimayó |
| Estados Unidos | Nuevo México | San Juan |
| Estados Unidos | Nuevo México | Santa Cruz de la Cañada |
| Estados Unidos | Nuevo México | Santa Fe |
| Filipinas | Albay | Legaspi |
| Filipinas | Cabecera Nacional | Manila |
| Francia | Córcega | Balagna |
| Francia | Córcega | Cerviore |
| Francia | Córcega | Córcega |
| Francia | Córcega | L'Île-Rousse |
| Francia | Córcega | Santa Reparata de Balagna |
| Francia | Córcega | Vescovato |
| Francia | Córcega | Ville di Parasso |
| Francia | Provenza | Provenza |
| Francia | Provenza | Saint Tropez |
| Guatemala | Alta Verapaz | Cobán |
| Guatemala | Alta Verapaz | San Juan Chamelco |
| Guatemala | Alta Verapaz | San Pedro Carchá |
| Guatemala | Alta Verapaz | Santa Catalina la Tinta |
| Guatemala | Alta Verapaz | Senahú |
| Guatemala | Alta Verapaz | Tactic |
| Guatemala | Baja Verapaz | Tamahú |
| Guatemala | Baja Verapaz | Chiticoy |
| Guatemala | Baja Verapaz | Chococ |
| Guatemala | Baja Verapaz | Cubulco |
| Guatemala | Baja Verapaz | El Chol |
| Guatemala | Baja Verapaz | Granados |
| Guatemala | Baja Verapaz | Potrero Grande |
| Guatemala | Baja Verapaz | Rabinal |
| Guatemala | Baja Verapaz | Santa Cruz El Chol |
| Guatemala | Chimaltenango | Chimaltenango |
| Guatemala | Chimaltenango | Patzún |
| Guatemala | Chimaltenango | San Bartolomé |
| Guatemala | Chimaltenango | San Martín Jilotepeque |
| Guatemala | Chimaltenango | Tecpán Guatemala |
| Guatemala | Chiquimula | Chiquimula |

| | | |
|-----------|---------------|-----------------------------|
| Guatemala | Chiquimula | Esquipulas |
| Guatemala | Chiquimula | Ipala |
| Guatemala | Chiquimula | Jocotán |
| Guatemala | Chiquimula | Quetzaltepeque |
| Guatemala | Escuintla | La Gomera |
| Guatemala | Escuintla | Palín |
| Guatemala | Escuintla | Puerto de San José |
| Guatemala | Escuintla | Siquinalá |
| Guatemala | Guatemala | Carolingia |
| Guatemala | Guatemala | El Milagro |
| Guatemala | Guatemala | Las Charcas |
| Guatemala | Guatemala | Lo de Bran I |
| Guatemala | Guatemala | Lo de Bran II |
| Guatemala | Guatemala | Mixco |
| Guatemala | Guatemala | San Francisco |
| Guatemala | Guatemala | San José La Comunidad |
| Guatemala | Guatemala | San Raymundo |
| Guatemala | Huehuetenango | Aguacatán |
| Guatemala | Huehuetenango | Chiantla |
| Guatemala | Huehuetenango | Cuilco |
| Guatemala | Huehuetenango | Huehuetenango |
| Guatemala | Huehuetenango | San Miguel Acatán |
| Guatemala | Huehuetenango | San Sebastián Coatán |
| Guatemala | Huehuetenango | San Sebastián Huhuetenango |
| Guatemala | Huehuetenango | San Antonio Huista |
| Guatemala | Izabal | Morales |
| Guatemala | Jutiapa | Tiúcal |
| Guatemala | Petén | Dolores |
| Guatemala | Petén | Flores |
| Guatemala | Petén | Poptún |
| Guatemala | Petén | San Luis |
| Guatemala | Qetzaltenango | Cantel |
| Guatemala | Qetzaltenango | Concepción Chiquirichapa |
| Guatemala | Qetzaltenango | Huitán |
| Guatemala | Qetzaltenango | Olintepeque |
| Guatemala | Quiché | Joyabaj |
| Guatemala | Quiché | San Bartolomé Jocotenango |
| Guatemala | Retahuleu | San Sebastián Retahuleu |
| Guatemala | Sacatepéquez | Alotenango |
| Guatemala | Sacatepéquez | Antigua Guatemala |
| Guatemala | Sacatepéquez | Ciudad Vieja |
| Guatemala | Sacatepéquez | Jocotenango |
| Guatemala | Sacatepéquez | San Antonio Aguas Calientes |
| Guatemala | Sacatepéquez | San Lucas Sacatepéquez |
| Guatemala | Sacatepéquez | San Miguel Dueñas |
| Guatemala | Sacatepéquez | Santo Domingo Xenacoj |
| Guatemala | Sacatepéquez | Sumpango |
| Guatemala | San Marcos | San Marcos |
| Guatemala | San Marcos | San Pedro Sacatepéquez |
| Guatemala | San Marcos | Sibinal |
| Guatemala | San Marcos | Soche |
| Guatemala | San Marcos | Tejutla |

| | | |
|-----------|-------------------|-----------------------------|
| Guatemala | Santa Rosa | Guazacapán |
| Guatemala | Sololá | Concepción |
| Guatemala | Sololá | San Andrés Semetabaj |
| Guatemala | Sololá | Santa Catarina Ixtahuatán |
| Guatemala | Sololá | Sololá |
| Guatemala | Suchitepéquez | Cuyotenango |
| Guatemala | Suchitepéquez | Mazatenango |
| Guatemala | Suchitepéquez | Samayac |
| Guatemala | Suchitepéquez | San Antonio Suchitepéquez |
| Guatemala | Suchitepéquez | San Bernardino |
| Guatemala | Suchitepéquez | Santo Tomás la Unión |
| Guatemala | Totonicapán | Momostenango |
| Guatemala | Totonicapán | San Andrés Xecul |
| Guatemala | Totonicapán | San Bartolo Aguas Calientes |
| Guatemala | Totonicapán | San Cristobal Totonicapán |
| Guatemala | Totonicapán | San Francisco el Alto |
| Guatemala | Totonicapán | San Miguel Totonicapán |
| Guatemala | Totonicapán | Santa Lucía la Reforma |
| Guatemala | Totonicapán | Santa María Chiquimula |
| Guatemala | Totonicapán | Totonicapán |
| Honduras | Atlántida | La Ceiba |
| Honduras | Colón | Cristales |
| Honduras | Colón | Santa Fé |
| Honduras | Colón | Trujillo |
| Honduras | Comayagua | Comayagua |
| Honduras | Comayagua | Lejamani |
| Honduras | El Paraiso | Yauyupe |
| Honduras | Francisco Morazán | Lepaterique |
| Honduras | Francisco Morazán | Ojojona |
| Honduras | La Paz | Yarumela |
| Honduras | Lempira | Gracias |
| Honduras | Lempira | Mexicapa |
| Honduras | Ocotepeque | Antigua Ocotepeque |
| Italia | Sicilia | Scicli |
| México | Aguascalientes | Aguascalientes |
| México | Aguascalientes | Calvillo |
| México | Aguascalientes | Jesús María |
| México | Chiapas | Acapetahua |
| México | Chiapas | Ocozocoautla |
| México | Chiapas | San José El Edén |
| México | Chihuahua | Bocoyna |
| México | Chihuahua | Matachic |
| México | Coahuila | Matamoros |
| México | Coahuila | Ramos Arizpe |
| México | Coahuila | Saltillo |
| México | Coahuila | Villa Francisco 1. Madero |
| México | Distrito Federal | Chimalcayotl |
| México | Distrito Federal | Ciudad de México |
| México | Distrito Federal | Ixtapalapa |
| México | Distrito Federal | La Natividad Tetelpan |
| México | Distrito Federal | México D.F. |
| México | Distrito Federal | Milpa Alta |

| | | |
|--------|------------------|----------------------------|
| México | Distrito Federal | Nativitas |
| México | Distrito Federal | San Andrés Ahuayucán |
| México | Distrito Federal | San Andrés Totoltepec |
| México | Distrito Federal | San Antonio Tecomilt |
| México | Distrito Federal | San Bartolo Ameyalco |
| México | Distrito Federal | San Francisco Tlalnepantla |
| México | Distrito Federal | San Gregorio Atlapulco |
| México | Distrito Federal | San Juan |
| México | Distrito Federal | San Lorenzo Tlacoyucán |
| México | Distrito Federal | San Lucas Xochimanca |
| México | Distrito Federal | San Luis Tlaxialtemalco |
| México | Distrito Federal | San Martín Xochinahuac |
| México | Distrito Federal | San Mateo, Milpa Alta |
| México | Distrito Federal | San Miguel Topilejo |
| México | Distrito Federal | San Pablo Oxtotepec |
| México | Distrito Federal | San Pedro Atocpán |
| México | Distrito Federal | San Pedro Martir |
| México | Distrito Federal | Santa Cruz Acalpíxca |
| México | Distrito Federal | Santa María Nativitas |
| México | Distrito Federal | Santa Úrsula Xitla |
| México | Distrito Federal | Santiago Tepalcatlalpán |
| México | Distrito Federal | Santiago Zapotitlán |
| México | Distrito Federal | Tepepán |
| México | Durango | Rosario |
| México | Durango | San Juan del Río |
| México | Durango | Vicente Guerrero |
| México | Guanajuato | Acámbaro |
| México | Guanajuato | Coroneo |
| México | Guanajuato | León |
| México | Guanajuato | San Felipe-Torres Mochas |
| México | Guanajuato | San Miguel de Allende |
| México | Guerrero | Acapetlahuaya |
| México | Guerrero | Acatlán |
| México | Guerrero | Altamirano |
| México | Guerrero | Atzacualoya |
| México | Guerrero | Ayutla |
| México | Guerrero | Azoyu |
| México | Guerrero | Chilapa |
| México | Guerrero | Coyuca de Benítez |
| México | Guerrero | Florencio Villarreal |
| México | Guerrero | Huitzucó |
| México | Guerrero | Iguala |
| México | Guerrero | Igualapa |
| México | Guerrero | Ixcateopán |
| México | Guerrero | Mezcala |
| México | Guerrero | Mochitlán |
| México | Guerrero | Olinalá |
| México | Guerrero | Quechultenango |
| México | Guerrero | Santa Bárbara |
| México | Guerrero | Taxco |
| México | Guerrero | Teloloapán |
| México | Guerrero | Tlacoachistlahuaca |

| | | |
|--------|----------|-----------------------------|
| México | Guerrero | Tlacoapa |
| México | Guerrero | Zumpango del Río |
| México | Hidalgo | Almoleya |
| México | Hidalgo | Santuario Mapethe |
| México | Hidalgo | Tulancingo |
| México | Jalisco | Atemajac |
| México | Jalisco | Jamay |
| México | Jalisco | Jesús María de Jalisco |
| México | Jalisco | Juanacatlán |
| México | Jalisco | Lagos de Moreno |
| México | Jalisco | San Pedro Pescador |
| México | Jalisco | Tapalpa |
| México | Jalisco | Tuxpán |
| México | Jalisco | Zacoalco de Torres |
| México | México | Acambay |
| México | México | Acuexcomac |
| México | México | Almoleya de Alquisiras |
| México | México | Almoleya del Río |
| México | México | Amatepec |
| México | México | Atenco |
| México | México | Atzacmulco |
| México | México | Atlautla |
| México | México | Calimaya |
| México | México | Capulhuac |
| México | México | Chalco |
| México | México | Chapultepec |
| México | México | Chiautla |
| México | México | Chiconcuac |
| México | México | Coatepec Harinas |
| México | México | Colonia Francisco I. Madero |
| México | México | Donato Guerra |
| México | México | Ecatzingo |
| México | México | El Oro |
| México | México | Guadalupe Chico |
| México | México | Ixtapán de la Sal |
| México | México | Ixtapán del Oro |
| México | México | Ixtlahuaca |
| México | México | Jilotepec |
| México | México | Jiquipilco |
| México | México | Jocotitlán |
| México | México | Joquicingo |
| México | México | Juchitepec |
| México | México | Malinalco |
| México | México | Mexicaltzingo |
| México | México | Naucalpán |
| México | México | Ocoyoacac |
| México | México | Ocuilán |
| México | México | Ozumba |
| México | México | Papalotla |
| México | México | San Bartolo Cuautlalpán |
| México | México | San Bartolo Naucalpán |
| México | México | San Cristóbal Nexquipayac |

| | | |
|--------|-----------|--------------------------------|
| México | México | San Felipe del Progreso |
| México | México | San José de Villa de Allende |
| México | México | San Juan Teotihuacán |
| México | México | San Martín de las Pirámides |
| México | México | San Nicolás Guadalupe |
| México | México | San Sebastián |
| México | México | Santa Cruz Tepexpán |
| México | México | Santa Isabel Ixtapán |
| México | México | Sultepec |
| México | México | Temascalcingo |
| México | México | Temoaya |
| México | México | Tenancingo |
| México | México | Tenango del Aire |
| México | México | Tenango del Valle |
| México | México | Teoloyucán |
| México | México | Teotihuacán |
| México | México | Tepetlaoxtoc |
| México | México | Tepetlaxpa |
| México | México | Tepotzotlán |
| México | México | Tequixquiac |
| México | México | Texcaltitlán |
| México | México | Texcalyacac |
| México | México | Texcoco |
| México | México | Tonatico |
| México | México | Valle de Bravo |
| México | México | Villa Victoria |
| México | México | Zacualpán |
| México | México | Zinacantepec |
| México | México | Zumpahuacán |
| México | México | Zumpango |
| México | Michoacán | Ahuirán |
| México | Michoacán | Arantepakua |
| México | Michoacán | Azajo |
| México | Michoacán | Caltzontzin |
| México | Michoacán | Camachuén |
| México | Michoacán | Capacuaro |
| México | Michoacán | Isla la Pacanda |
| México | Michoacán | Jarácuaro |
| México | Michoacán | Jiquilpán |
| México | Michoacán | La Cuiría de Cárdenas |
| México | Michoacán | Nahuatzén |
| México | Michoacán | Nuevo San Juan Parangaricutiro |
| México | Michoacán | Nurio |
| México | Michoacán | Ocumicho |
| México | Michoacán | Ostula |
| México | Michoacán | Patambán |
| México | Michoacán | Patzcuaro |
| México | Michoacán | San Felipe de los Herreros |
| México | Michoacán | Santa Fé de la Laguna |
| México | Michoacán | Sevina |
| México | Michoacán | Tanaco |
| México | Michoacán | Tingambato |

| | | |
|--------|------------|-----------------------|
| México | Michoacán | Tuxpán |
| México | Michoacán | Uruapán |
| México | Michoacán | Zacán |
| México | Morelos | Achichipico |
| México | Morelos | Axochiapán |
| México | Morelos | Cuernavaca |
| México | Morelos | Galeana |
| México | Morelos | Ixcatepec |
| México | Morelos | Tepalcingo |
| México | Morelos | Tetecala |
| México | Morelos | Tetelpa |
| México | Morelos | Tlaquiltenango |
| México | Morelos | Totolapán |
| México | Morelos | Xochicalco |
| México | Morelos | Xochitepec |
| México | Nayarit | Acaponeta |
| México | Nayarit | Ixtlán del Rio |
| México | Nayarit | Rosamorada |
| México | Nayarit | Santiago Ixcuintla |
| México | Nuevo León | Ciudad Anahuac |
| México | Oaxaca | Oaxaca de Juárez |
| México | Oaxaca | San Juan Yaé |
| México | Oaxaca | Santa María Zacatepec |
| México | Oaxaca | Santiago Jamiltepec |
| México | Oaxaca | Santiago Juxtlahuaca |
| México | Puebla | Acatlán |
| México | Puebla | Altepeixi |
| México | Puebla | Amatitlán |
| México | Puebla | Amozoc |
| México | Puebla | Aquixtla |
| México | Puebla | Atempán |
| México | Puebla | Atoluca |
| México | Puebla | Atoyatempán |
| México | Puebla | Camocuaulia |
| México | Puebla | Chietla |
| México | Puebla | Chignahuapán |
| México | Puebla | Cholula |
| México | Puebla | Cuetzalán |
| México | Puebla | Ecatlán |
| México | Puebla | Eloxochitlán |
| México | Puebla | Huatlatlauca |
| México | Puebla | Huachinango |
| México | Puebla | Huehuetla |
| México | Puebla | Huejotzingo |
| México | Puebla | Hueyapán |
| México | Puebla | Izúcar de Matamoros |
| México | Puebla | Lacapán Camallagne |
| México | Puebla | Las Cañas |
| México | Puebla | Mexcalcuautla |
| México | Puebla | Nactanca |
| México | Puebla | Olintla |
| México | Puebla | Puebla |

| | | |
|--------|-----------------|--------------------------|
| México | Puebla | San Cristóbal Xochimilpa |
| México | Puebla | San Lucas Atzala |
| México | Puebla | San Luis Temalacayuca |
| México | Puebla | San Miguel Tzinacapán |
| México | Puebla | San Pedro Petlacotla |
| México | Puebla | Santa Inés Ahuatempan |
| México | Puebla | Santa María Tonanzintla |
| México | Puebla | Santiago |
| México | Puebla | Tehuizingo |
| México | Puebla | Tepeixco |
| México | Puebla | Tepetzintla |
| México | Puebla | Tetela de Ocampo |
| México | Puebla | Teteles |
| México | Puebla | Tlamanca de Hernández |
| México | Puebla | Tlapanala |
| México | Puebla | Tonalmeyaco |
| México | Puebla | Tzinacapán |
| México | Puebla | Xicotepec de Juárez |
| México | Puebla | Zacapoaxtla |
| México | Puebla | Zacatipán |
| México | Puebla | Zinacatepec |
| México | Querétaro | Amealco |
| México | San Luis Potosí | Tancanhuitz |
| México | Sinaloa | Capirato |
| México | Sinaloa | Capomos |
| México | Sinaloa | Choix |
| México | Sinaloa | Cosala |
| México | Sinaloa | El Fuerte |
| México | Sinaloa | La Cruz |
| México | Sinaloa | Mochicahui |
| México | Sinaloa | San Juan de Jacobo |
| México | Sinaloa | Tehueco |
| México | Sonora | Cocorit |
| México | Sonora | Guaymás |
| México | Sonora | Los Limones |
| México | Sonora | Magdalena |
| México | Sonora | Navojoa |
| México | Sonora | Potam |
| México | Tamaulipas | Altamira |
| México | Taumulipas | Aguayo |
| México | Taumulipas | Güemez |
| México | Tlaxcala | Calpulalpán |
| México | Tlaxcala | San Juan Totolac |
| México | Tlaxcala | Tepeyanco |
| México | Tlaxcala | Tlaxcala |
| México | Tlaxcala | Zacatelco |
| México | Veracruz | Acatlán |
| México | Veracruz | Amatlán de los Reyes |
| México | Veracruz | Atlahuilco |
| México | Veracruz | Atzacán |
| México | Veracruz | Atzalán |
| México | Veracruz | Ayahualulco |

| | | |
|--------|-----------|-----------------------|
| México | Veracruz | C. Reforma |
| México | Veracruz | Calcahualco |
| México | Veracruz | Chiconquiaco |
| México | Veracruz | Chumatlán |
| México | Veracruz | Coahuatlán |
| México | Veracruz | Coatzintla |
| México | Veracruz | Córdoba |
| México | Veracruz | Cosautlán de Carvajal |
| México | Veracruz | Coxquihui |
| México | Veracruz | Coyutla |
| México | Veracruz | Espinal |
| México | Veracruz | Filomeno Mata |
| México | Veracruz | Huatusco |
| México | Veracruz | Huichila |
| México | Veracruz | Ixhuatlán |
| México | Veracruz | Ixtaczoquitlán |
| México | Veracruz | Jalacingo |
| México | Veracruz | La Laja |
| México | Veracruz | La Palma |
| México | Veracruz | Magdalena |
| México | Veracruz | Mariano Escobedo |
| México | Veracruz | Mecatlán |
| México | Veracruz | Miahuatlán |
| México | Veracruz | Naolinco |
| México | Veracruz | Necoxtla |
| México | Veracruz | Ozuluama |
| México | Veracruz | Papantla |
| México | Veracruz | Platón Sánchez |
| México | Veracruz | Sabanas de Xalostoc |
| México | Veracruz | San Andrés Tenejapán |
| México | Veracruz | San Juan Atlanca |
| México | Veracruz | San Pedro Coyutla |
| México | Veracruz | Santiago Tuxtla |
| México | Veracruz | Soconusco |
| México | Veracruz | Tecolutla |
| México | Veracruz | Teocelo |
| México | Veracruz | Tepatlixco |
| México | Veracruz | Texistepec |
| México | Veracruz | Tlacolulán |
| México | Veracruz | Tonayán |
| México | Veracruz | Tuxpán |
| México | Veracruz | Tuxpanguillo |
| México | Veracruz | Xico |
| México | Veracruz | Zapotitlán |
| México | Veracruz | Zozocolco de Hidalgo |
| México | Zacatecas | Adjuntas del Refugio |
| México | Zacatecas | Apozol |
| México | Zacatecas | Barrio Los Santiagos |
| México | Zacatecas | Buenavista |
| México | Zacatecas | Calera |
| México | Zacatecas | Casa Blanca |
| México | Zacatecas | Casa de Cerros |

| | | |
|--------|-----------|-------------------------------------|
| México | Zacatecas | Chalchihuites |
| México | Zacatecas | Ciénaga de los Dolores |
| México | Zacatecas | Concepción del Oro |
| México | Zacatecas | Cuauhtémoc |
| México | Zacatecas | El Bordo |
| México | Zacatecas | El Cuidado |
| México | Zacatecas | El Jagüey |
| México | Zacatecas | El Llano de las Virgenes |
| México | Zacatecas | El Salto |
| México | Zacatecas | El Socorro |
| México | Zacatecas | Estancia de los Berumen |
| México | Zacatecas | Fresnillo |
| México | Zacatecas | General Enrique Estrada |
| México | Zacatecas | General Joaquín Amaro |
| México | Zacatecas | General Pánfilo Natera |
| México | Zacatecas | Gral. Emiliano Zapata (La Cocinera) |
| México | Zacatecas | Guadalupe |
| México | Zacatecas | Hacienda Nueva |
| México | Zacatecas | Jalpa |
| México | Zacatecas | Jerez |
| México | Zacatecas | Jiménez del Teúl |
| México | Zacatecas | Juanchorrey |
| México | Zacatecas | Juchipila |
| México | Zacatecas | La Encarnación |
| México | Zacatecas | La Tinaja |
| México | Zacatecas | La Zacatecana |
| México | Zacatecas | Laguna del Carretón |
| México | Zacatecas | Laguna Grande |
| México | Zacatecas | Las Pilas |
| México | Zacatecas | Loreto |
| México | Zacatecas | Los Haro |
| México | Zacatecas | Luis Moya |
| México | Zacatecas | Malpaso |
| México | Zacatecas | Mazapil |
| México | Zacatecas | Miguel Auza |
| México | Zacatecas | Milpiés de la Sierra |
| México | Zacatecas | Monte Escobedo |
| México | Zacatecas | Morelos, Zacatecas |
| México | Zacatecas | Moyahua de Estrada |
| México | Zacatecas | Noria de Gringos |
| México | Zacatecas | Noria de los Ángeles |
| México | Zacatecas | Noria de San Juan |
| México | Zacatecas | Ojocaliente |
| México | Zacatecas | Pánuco |
| México | Zacatecas | Pinos |
| México | Zacatecas | Pozo de Gamboa |
| México | Zacatecas | Rio Grande |
| México | Zacatecas | Sain Alto |
| México | Zacatecas | San Antonio de Pádua |
| México | Zacatecas | San José de la Era |
| México | Zacatecas | San Juan Capistrano |
| México | Zacatecas | San Mateo, Valparaiso |

| | | |
|-----------|--------------|-------------------------|
| México | Zacatecas | Sauceda de la Borda |
| México | Zacatecas | Sombrerete |
| México | Zacatecas | Susticacán |
| México | Zacatecas | Tacoaleche |
| México | Zacatecas | Tarasco |
| México | Zacatecas | Tayahua |
| México | Zacatecas | Tepetongo |
| México | Zacatecas | Tlaltenango |
| México | Zacatecas | Trancoso |
| México | Zacatecas | Valparaiso |
| México | Zacatecas | Vetagrande |
| México | Zacatecas | Viboras |
| México | Zacatecas | Villa de Cos |
| México | Zacatecas | Villa Gacia |
| México | Zacatecas | Villa Hidalgo |
| México | Zacatecas | Villanueva |
| México | Zacatecas | Villarreal |
| México | Zacatecas | Zacatecas |
| Nicaragua | Barcelona | Jijonga |
| Nicaragua | Boaco | Boaco |
| Nicaragua | Boaco | San José de los Remates |
| Nicaragua | Carazo | Diriamba |
| Nicaragua | Carazo | Jinotepe |
| Nicaragua | León | León |
| Nicaragua | Managua | Managua |
| Nicaragua | Masaya | Nindirí |
| Nicaragua | Masaya | Niquinohomo |
| Panamá | Chiriquí | Chiriquí |
| Panamá | Colón | Villa de Acla |
| Panamá | Los Santos | Villa de los Santos |
| Panamá | Panamá | Ciudad de Panamá |
| Paraguay | Guairá | Villarrica |
| Paraguay | Asunción | Asunción |
| Perú | Ancash | Ancash |
| Perú | Ancash | Chavín de Huántar |
| Perú | Ancash | Nepeña |
| Perú | Apurímac | Apurímac |
| Perú | Arequipa | Arequipa |
| Perú | Chapín | Huarás |
| Perú | Cusco | Cusco |
| Perú | Cusco | Virú |
| Perú | Huancavelica | Huancavelica |
| Perú | Ica | Chincha |
| Perú | Lima | Cajatambo |
| Perú | Lima | Cañete |
| Perú | Lima | Chaupis |
| Perú | Lima | Huamatanga |
| Perú | Lima | Huáncayo |
| Perú | Lima | Lima |
| Perú | Lima | Pampacocha |
| Perú | Lima | Pirca |
| Perú | Lima | Quipán |

| | | |
|----------------------|------------------|-----------------|
| Perú | Lima | Rauma |
| Perú | Lima | Sumbilca |
| Perú | Piura | Chulucanas |
| Perú | Piura | Colán |
| Portugal | Castelo Branco | Covilha |
| Portugal | Covilha | Vale Formoso |
| Portugal | Madeira | Isla de Madeira |
| Portugal | Ponte de Lima | Crasto |
| Portugal | Porto | Sobrado |
| Portugal | Viana do Castelo | Neves |
| Portugal | Porto | Peñafiel |
| Puerto Rico | Loíza | Loíza |
| República Dominicana | La Vega | La Vega |
| República Dominicana | Santo Domingo | Santo Domingo |
| Sao Tomé y Príncipe | Isla Príncipe | Santo Antonio |
| Sao Tomé y Príncipe | Isla Sao Tomé | Sao Tomé |
| Venezuela | Lara | Barquisimeto |
| Venezuela | Lara | Carora |
| Venezuela | Lara | Curarigua |
| Venezuela | Lara | El Tocuyo |
| Venezuela | Lara | San Antonio |
| Venezuela | Lara | San Miguel |
| Venezuela | Lara | Sanare |
| Venezuela | Mérida | La Parroquia |

ANEXO B - EMBAIXADAS DE PIRENÓPOLIS⁹⁷

Embaixada moura

A primeira embaixada parte do Rei Mouro, que chama seu representante oficial e diz:

Meu fiel embaixador, à minha presença!

Monarca, Rei e Senhor ! (diz apresentando-se o Embaixador).

Vá às partes do poente, onde se encontra acampado o exército Cristão, e diz ao Rei que deixe a lei de Cristo e abrace a de Mafoma; que se isso fizer terá paz, honras e, sobretudo, a minha amizade. Mas, se esse partido não quiser abraçar, verá a terra tremer, os clarins romperem os ares, o bronze gemer, o sangue correr aos mares e o meu Mafoma vencer!

Senhor, enquanto em meu peito conservar alento, hei de fiel cumprir vosso régio intento!

Acompanhado por dois soldados, o Embaixador Mouro sai rumo às terras dos Cristãos, sendo recebido na fronteira por dois soldados contrários. Diz-lhes o Embaixador:

Sou o Embaixador dos Mouros e levo mensagem ao Rei Cristão!

Um soldado fica vigiando o emissário Mouro, enquanto outro volta ao seu castelo e se apresentando diante do Rei Cristão e diz:

Monarca, Rei e Senhor! Nas nossas balizas tem um cavaleiro que se diz Embaixador!

⁹⁷ Texto retirado de <<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas/a-encenacao-das-cavalhadas>> Acesso em 01 de junho de 2019.

Como Embaixador, pode entrar! – responde o Rei.

Apresentando-se diante do Rei Cristão, o representante oficial dos Mouros diz o seguinte:

Oh! Monarca esclarecido, o poderoso Sultão, que tal raio, qual trovão, neste mundo é tão temido, te comete por partido, que deixeis a lei de Cristo e abraceis a de Mafoma; que se fizeres isto terás paz, honra e, sobretudo, a sua amizade em quanto é visto, mas, se este partido não quiseres abraçar, verás, oh Rei atrevido, a terra tremer, os clarins romperem os ares, o bronze gemer, o sangue correr aos mares e o meu Mafoma vencer.

Responde-lhe o Rei Cristão:

Atrevidas e arrogantes foram as palavras que acabaste de pronunciar perante minha alta soberania e fidedignos vassallos de minha corte. Não fossem as leis do meu império, consagradas às três pessoas da Santíssima Trindade, aplicar-vos-ia o merecido castigo. Entretanto, voltai e dizei ao vosso Rei que não me assustam inimigas tropas, nem as terríveis ameaças com que pretende intimidar os fiéis e destemidos soldados do meu esquadrão e que em campo estou e em campo espero.

Retruca o Embaixador:

Oh! Rei do juízo vário, outro acordo tomas! Abraça a lei de Mafona e não sejas temerário, pois se fizeres o contrário, já toda a paz se desterra, e eu serei na mesma, qual raio fulminante, que te reduz ao mesmo instante em pó, cinza e mesmo terra!

Retirai-vos, desumano, antes que de vosso peito fraudulento o coração arranque.

Atrevidamente, o Embaixador encerra o diálogo com as seguintes palavras:

Retiro-me sim, para não te ver, mas não por te temer!

Retornando ao seu castelo, o Embaixador apresenta-se diante de seu Rei Mouro e conta o resultado de seu contato com os Cristãos:

Monarca, Rei e Senhor: mandaste-me às partes do poente. E lá, em um cavalo ricamente enfeitado, encontrei o Rei montado. Recebeu-me muito irado e disse todo indignado, que no campo de Marte está e no campo de Marte espera, onde vereis uma fera toda cheia de furor, qual raio abrasado, que vos fará cair por terra.

Recolhe-te, Embaixador amado, que em breve serás vingado! – diz o Rei Mouro.

Concluída essa parte, o Rei Cristão toma as mesmas iniciativas do Rei Mouro, enviando-lhe um Embaixador, com as seguintes propostas:

Vá àquele exército de Mouros e diga ao Rei que, por ti, saudá-lo mando e a dizer-lhe envio-te, para que deixe de Mafoma, desta vil seita infame e dos diabólicos ídolos, que tão firmemente idolatra; que se isto fizer, mediante as águas do Santo Batismo e pequeno tributo, ser-lhe-ei amigo. Vá e diga!

Apresentando-se diante do Rei Mouro, o Embaixador Cristão começa a transmitir a mensagem enviada por seu Rei:

O glorioso Monarca Carlos Magno, Senhor de todo o Ocidente, protetor do Mar Sírio, do Magno Alexandre, do invencível Vaticano, a quem o vasto Império da Mauritânia deverá consagrar, oferecer e render culto, é o Rei Cristão, que por mim saudar-te manda e dizer-te envia-me para que deixes Mafona, essa vil seita infame e dos diabólicos ídolos, que tão firmemente idolatras; que se isso fizeres, mediante as águas do Santo Batismo, um pequeno tributo, será teu amigo e te concederá grandes honras. Mas se este partido tu não quiseres abraçar, verás, hoje mesmo, bárbaro, a tua soberba humilhada e abatida.

Com violência repele a proposta o Rei Mouro:

Injuriosas foram as palavras com que te referiste ao Grande Profeta. Vale-te, entretanto, o indulto de Embaixador. Não fora isso, mandar-te-ia cortar a cabeça e colocá-la na mais alta torre de meu castelo, para servir de exemplo aos teus. Voltai e

dizei ao teu Rei que rejeito as suas vis propostas e que desejo ter a sós, com ele, uma conferência, nas linhas de nossos domínios.

A resposta do Embaixador Cristão é a seguinte:

Bárbaro! Enquanto a minha mão apertar a espada e o sangue nestas veias circular, nem tu, nem os teus me prenderão.

–Retira-te de minha presença, desumano, não queiras em mim causar o teu dano! Na saída o representante Cristão repete as mesmas palavras do Embaixador Mouro:

Retiro-me sim, para não te ver, mas não por te temer!

Voltando à presença de seu Rei, o Embaixador Cristão diz:

Monarca, Rei e senhor, fui às partes do nascente, onde me mandaste, e lá encontrei o Rei mouro que, rejeitando vossas propostas, convida-vos a terdes à sós com ele uma conferência nas linhas de suas divisas.

Recolhe-te, meu fiel Embaixador! A tua vingança a mim compete.

O encontro dos reis⁹⁸

Cavalhadas, cada um em terra do outro, quando se dá o seguinte diálogo, iniciado pelo Rei Mouro:

⁹⁸ Texto retirado de <<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas/a-encenacao-das-cavalhadas>> Acesso em 01 de junho de 2019.

De muito distantes terras me conduz, pelo meu Império e valor, para dizer-te um só passo não dê à frente, sem que primeiro me digas quem és, que lei professas e o que buscas pelas terras da Turquia.

A figura que se me apresenta é, sem dúvida, a de um grande monarca. Mas as tuas perguntas te desmentem, pois não me mandaste dizer há pouco que desejavas ter uma conferência a sós comigo, nas margens dessas balizas? Como perguntas agora quem sou, que lei professo e o que busco pelas terras da Turquia? Não te satisfarei as exigências sem que primeiro me digas quem és, que Lei professas e o que buscas pelas terras do meu domínio.

Eu sou o Grande Sultão, Senhor da Mauritânia, Senhor de meio Sol, meia luz e de todo o Mar Vermelho. Já disse quem sou, digas quem és!

Eu sou Alexandre, dos heróicos príncipes da Europa o mais poderoso. Professo a Santa Doutrina de Cristo e adoro as Três Pessoas da Santíssima Trindade. És tu mesmo, Bárbaro, a quem eu busco. Vem comigo. Recebe as águas do Santo Batismo e, mediante um pequeno tributo, serei teu amigo e conceder-te-ei grandes honras.

Encolerizado com a proposta, retruca o Rei Mouro:

Eu não quero tuas honras e nem troco as minhas pelas tuas. Só tenho a dizer-te que vieste neste campo para morrer e acabar a vida!

Jogando o animal contra o Rei Mouro, o Rei Cristão começa a desembainhar a espada e diz:

Essa tua arrogância, soberba e fantasia, não se acaba com palavras, mas com o duro fio de minha espada!

Mostrando-se temeroso quanto ao ataque do Rei Cristão, o Rei Mouro encontra uma saída:

Detém-te, oh Rei Cristão. Vou te cometer um partido!

Diga qual é?

Vamos ao campo de batalha pelejar. A lei do vencedor será firme e valiosa. A do vencido, falsa, infame e mentirosa.

Muito me custa esclarecer-te uma verdade que tenho por certa, pela fé do Deus que adoro. Mas, como conto com a vitória, Bárbaro, toma campo, aperta a lança e faça por sem bom cavaleiro, que em breve te arrependerás. E tu morrerás! – concluiu o Rei Mouro, acabando com a conferência.

De volta aos seus respectivos castelos, os reis fazem preleção aos seus soldados, começando pelo Cristão:

Amigos e fiéis companheiros, estamos empenhados no campo da batalha. A fé do vencedor será firme e valiosa. A do vencido, falsa, infame e mentirosa. Não temais que a vitória será nossa!

O Rei Mouro diz o seguinte ao seu exército:

Fiéis e valentes companheiros: vamos ao campo da batalha pelejar. Chegou a hora de mostrarmos o nosso valor. Mauritanos, sigam-me que a vitória será nossa!

Embaixadas de trégua⁹⁹

Após a carreira denominada “10 de Maio”, o Rei Mouro manda pedir tréguas ao castelo Cristão por 24 horas, com a finalidade de recompor suas tropas e ao mesmo tempo estudar as propostas das primeiras embaixadas. Chamando o seu embaixador, diz o seguinte:

Vai ao acampamento Cristão, e diz ao Rei, que por minha alta clemência, mando propor-lhe tréguas por 24 horas.

⁹⁹ Texto retirado de <https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavallhadas/a-encenacao-das-cavallhadas>. Acesso em 01 de junho de 2019.

Diante do Rei Cristão, o Embaixador Mouro começa a transmitir a mensagem de seu

Rei:

O meu Soberano, por sua alta clemência, manda propor-te tréguas pelo espaço de 24

horas, para ver se nesse lapso de tempo reconcilie melhor, sujeitando-se assim, às condições de [...].

Basta! – interrompe o Rei Cristão – já te entendo. Volte e diz ao teu Monarca que lhe concedo a trégua que me propõe e que, amanhã, por estas horas, ele, tu e os teus, debaixo de minhas armas, estarão mortos ou prisioneiros.

ANEXO C - EMBAIXADAS DE ALCOY

Ambaxada mora¹⁰⁰

EMBAJADOR MORO. -Fortuna favorable, pon en tu rueda un clavo, y mantente involuble, constante siempre y firme en ampararnos. Sigán, deidad hermosa, de tus benignas manos las gracias que franqueas a los felices héroes mahometanos. Nuestras armas dichosas se ven por vos triunfando, ufanas y altaneras del infeliz e y mísero Cristiano. Vuestro favor, auspicio y benéfico amparo, nos asiste, protege y a miles las victorias nos ha dado. Mi monarca invencible, Mahomad, a cuyo brazo no hay poder que se oponga en todos los demás reinos hispanos. Aquél que ya vencidos numera pueblos tantos, que no se halla guarismo para poder siquiera registrarlos; aquél ante quien gime el cristiano postrado, y estremecido teme el valor invencible de su brazo; aquél, en fin, insigne y valiente soldado, de cuyo nombre tiembla el aragonés como azorado. Esto os pide sumiso; que en la empresa en que estamos nos deis vuestra asistencia para hollar y rendir al alcodiano. ¡De valiente y guerrero se jacta muy ufano, pero, necio, no piensa; que el famoso Al-Azraq es su contrario! Será su resistencia un valor muy incauto, una osadía imprudente, un esfuerzo falaz y temerario. Llorarán cuanto antes, sus hierros, aherrojados, arrastrando cadenas bajo el yugo y poder mahometano. Serán a nuestras plantas, vencidos y humillados, ¡alfombras de honor nuestro a pesar de su orgullo necio e insano! Los héroes musulmanes, en su valor fiados, impacientes esperan el momento feliz de dar asalto. Dífíciles empresas vencen a cada paso, ¿y esta pequeña villa habría de servirles de embarazo? No así lo conceptúo; antes creo que, tanto tardarán en rendirse, cuanto tarden en vernos acampados. Cuando vean al moro con el sable en la mano, tan marcial, tan airoso, tan bizarro, tan fiero y tan ufano, temblarán esos pocos miserables cristianos, ya voz en grito entonces clemencia pedirán, no hay que dudarlo. A la plaza me acerco; dirige Alá mis pasos y pon tanta energía a las voces que salgan de mis labios, que convencidos queden, que estén desengañado sy eviten el que se haga en sus vidas y hacienda un estrago. (El Embajador se acerca al castillo.) ¡Ah del muro!

¹⁰⁰ Texto retirado <https://moroscristiansdealcoi.blogspot.com/2009/10/text-de-les-ambaixades-mora-i-cristiana.html>. Acesso em 01 de junho de 201903 jun 2022.

CENTINELA. - ¿Quién me llama?

EMBAJADOR MORO. -Quien desea ser tu amigo, un moro que te saluda.
CENTINELA. -De tu nación no he tenido amigos ni me acomodan.

EMBAJADOR MORO. -Si no conoces lo fino de los pechos mahometanos, los desprecias sin motivo.

CENTINELA. -Cuando vosotros tratáis al cristiano con cariño, algún interés os llama.

EMBAJADOR MORO. -Engañado has discurrido, pues hoy vengo solamente a buscar tu beneficio.

CENTINELA. -Beneficios de tu mano los detesto y abomino.

EMBAJADOR MORO. - ¡Ah, que engañado vives! Tú mudarás de designio cuando sepas mi intención. Di al jefe de ese castillo que salga, que quiero hablarle.
(Salen el Capitán, Alférez y boato cristiano)

CENTINELA. -Aquí llega ya el caudillo. CAPITÁN CRISTIANO. -¿Quién me llama?

EMBAJADOR MORO. - Quien te estima; quien desea ser siempre vuestro amigo. Alá prospere, valiente alcodiano, tus glorias, tu salud y brazo invicto, El insigne Alamar, rey de Granada, cuyos dominios vastos y extendidos por límites tan sólo reconocen su libre voluntad, me ha distinguido entre tantos campeones musulmanes, para enviarte salud; y así te digo en su nombre, que está determinado a colmarte de dones exquisitos, conservar tus honores y grandezas, respetar los hogares y los ritos, de este pueblo esforzado y aliviarle las penurias feudales en que oprimido se encuentra el alcodiano, que escasea el preciso sustento de sus hijos. Si me entregas las llaves de esta villa, si depones el loco desvarío de proclamar por rey injustamente a ese aragonés tan fementido; si a Alamar Mahomad, rey invencible, mi estimado monarca, dais oídos, veréis luego lo fino de su pecho, lo amable, lo leal, lo compasivo.

El, vuestro estado mísero conoce, él advierte y repara el gran conflicto en que estáis, ¡miserables alcodianos! Y es sólo su intención daros alivio. ¡Ah! si supieseis de su amor lo fino, ni un instante tan sólo os retardarais en hacerle señor de ese castillo. El os defenderá de todo riesgo, él será vuestro escudo en los peligros, en las desgracias será vuestro consuelo, en penas y zozobras el asilo; será vuestro tutor en las angustias y será vuestro amparo en los conflictos.

En él encontraréis no un vil tirano, sino un conquistador y rey benigno. No será él un déspota orgulloso, sí padre cariñoso con sus hijos. Yo no creo penséis en resistirle, pues será tal pensar vuestro exterminio. Son muy pocas y cortas vuestras fuerzas para hacer resistencia al brazo invicto de Al-Azraq, su caudillo, que ha aplastado los héroes valientes y aguerridos que a su valor quisieron oponerse, y ya su torpeza lloran vencidos. Es su poder sin límites ni cotas y su fuerza avasalla cuanto ha visto. Véncelo todo con su solo nombre, tal es el miedo y pasmo que ha infundido, que en oyendo decir: ¡Al-Azraq viene! se le rinden las plazas y castillos. Nunca acabar sería si intentase sus proezas y hazañas referiros. Ya vista de esto, ¿intentaréis vosotros sus fuerzas resistir? ¡Ah!, no confío penséis tan poco cuerdos, pues sería buscaros la ruina y precipicio. No os detengáis, y pronto resolveos, pues conozco que estáis aún indecisos. Mirad qué respondéis, pues mis soldados el resultado del mensaje mío en los montes esperan impacientes, ansiosos de llegar pronto a este sitio.

CAPITÁN. -He oído tu arrogancia y me displace tu soberbia vana; no es valor la jactancia; en la guerra el que menos habla, gana, pues la lengua apreciada en la escuela de Marte es la espada. Rendidos miramientos afectas con tus muchas expresiones, pero es por cumplimiento sin que pasen a más tus intenciones. Mucho prometes ahora, más nada cumplirás llegada la hora. (Dirigiéndose a su Embajador.) Embajador, contesta, aunque no creo merezcan respuesta.

EMBAJADOR CRISTIANO. -Al que te envía di, que pocas veces el cristiano tuvo la villanía de entregar los castillos y las plazas, sorprendido de dichos y amenazas. Con la espada en la mano, defendiendo los fueros del monarca, vertiendo muy ufano su sangre noble a golpes de la Parca rinde el aragonés las fortalezas, pero no seducido de promesas.

EMBAJADOR MORO. - ¡Ah, deslumbrado! ¿Mi oferta despreciáis? Sobre vosotros al instante mismo, va a caer el rigor del rey mi amo; el crudo golpe del fatal

cuchillo que con felina rabia, mis soldados descargarán en el marcial conflicto sin perdonar edad, sexo ni estado.

EMBAJADOR CRISTIANO. -Basta, moro, no más; obra a tu arbitrio, que yo he resuelto derramar mi sangre por Dios, la patria y por el rey que sirvo.

EMBAJADOR MORO.-Pues ya que sordo estás a mis promesas, ya que te burlas del esfuerzo mío, ya que no te intimidan mis guerreros, ya que desprecias los funestos filos de mi alfanje, que tienen por costumbre rendir al paso que se ven sus brillos, llegó ya el lance; el aciago día, en que, para mi gloria y tu castigo, bajen los torreones de ese muro, los altos capiteles y edificios de esa villa, a besar con vilipendio mi planta victoriosa, demolidos. Esa será la gloria de este pueblo, gloria que no dispenso a los vecinos, porque en cuanto entre en él, sin quedar uno, serán todos pasados a cuchillo. Consumirá el incendio vuestras casas, devastará vuestros hogares ricos, todo será pavor, susto y espanto, desolación, saqueo y exterminio.

EMBAJADOR CRISTIANO. - ¡Ciego, desventurado ismaelita! Si tú hubieras tenido otros principios, te diría que en mí obra una fuerza superior a la tuya, pues confío en el brazo invencible del Eterno; tengo el carácter de su Hijo ungido; llevo en mis triunfadores estandartes la augusta insignia en que sufrir. El quiso la muerte más atroz e ignominiosa, derramando el licor, licor divino de su sangre, y salvar al mundo todo que gemía esperando, aunque cautivo, en la horrenda opresión de su pecado. Con esta insignia quebrantó sus grillos, rompió con esta insignia sus Cadenas, fue el reino del infierno destruido, triunfó de Lucifer. venció a la muerte, cambió los ayes en alegres himnos. Pues con la misma insignia en este día, espero yo triunfar de tu atrevido, de tu bárbaro e indómito coraje, con general aplauso y regocijo. Espero ver tus africanas huestes alternando con quejas y suspiros detestar, maldecir la infatuada empresa de su pérfido caudillo; espero, en fin, ver a mi pueblo triste, libre de las penurias de este sitio, cantar alegres salmos y alabanzas, al Dios Santo, al Dios fuerte, agradecido, y adornar los dinteles de sus templos, con los trofeos que haya conseguido en la victoria que impaciente espera.

EMBAJADOR MORO. - Sella tu labio y no tan presumido cuentas por hecho aquello que la suerte de las armas dará por decidido. Tu orgullosa arrogancia me ha enseñado....

EMBAJADOR CRISTIANO. -Yo apoyo mi arrogancia en Jesucristo.
EMBAJADOR MORO. -Es un falso profeta!!!

EMBAJADOR CRISTIANO. - ¡Ah blasfemo! Teme los rayos, teme los castigos de su poder invicto e insuperable. El tornará en venganza de sus hijos y sembrará el terror, el susto y desorden sobre tus huestes...

EMBAJADOR MORO. - ¡Ah soldados míos! ¡Alarma, al arma! y sientan los cristianos el cruel estrago, los agudos filos de vuestras impertérritas cuchillas. ¡Viva Al-Azraq! Tomemos el castillo.

EMBAJADOR CRISTIANO. - ¡Alcoyans! Per Sant Jordi i Aragó a defensar la fé de Jesucrist!!!

Ambaxada cristiana

EMBAJADOR CRISTIANO: (El embajador cristiano, a la vista del castillo, exclama): Mon cor pels sofriments tan combatut, torturat de tristesa i desengany; l'angoixa i el dolor del bé perdut mostrar em fan als ulls el més trist plany. La desgràcia fereix el meu afany i em causa horror el vore'm caigut, i és tan forta la veu del meu lament, que de dol s'encapota tot el vent. A la vora del Serpis, riu tranquil que Alcoi, ma patria, generosament banya, i amb la seua corrent bella i gentil que matissa de verd vall i muntanya, pensatiu l'alcoià plora febril del funest desconsol sa pena estranya, i mil llàgrimes tristes ha vessat en vore's del seu poble desterrat. L'angúnia amb que hui plora l'alcoyà en contemplar sa pàtria, dolça amada, en poder del cruel mahometa; la mítja lluna ufana i exaltada, posseint els seus bens tan inhumà; la llei de Jesucrist aruïnada, victoriós l'Alcorà i la secta mora, és dolor que asfíxia i el devora, ¿Permitíreu, oh Déu i Sobirà; quede Senyor d' Alcoi el moro altiu, derrotat vostre fill que és bon cristià i de l'ara el ministre fugitiu? No així, ¡oh gran Déu!, estel de l'alcoyà, Pare clement, pietós i compassiu; feu que cobren de nou els seus fogars i torne el culte a Crist en els altars. Vostre temple Senyor, s'ha profanat amb la falsa creença de Mahoma: el moro sacrilegis forja i la creu al seu pas trista es desploma. No puc veure ja tanta malvestat on l'himne ressonava i, ple d'aroma, perfumava les ares de Mariola

i les vostres, gran Déu, amb alegria. ¡No permetiu, Senyor, que més s'allargue aquesta opressió del moro sense llei, i que la força als alcoyans embargue de mals que no tendrien ja remei. No permetiu Senyor que ara ens amargue el tedi i l'abandó en este servei! Feu-nos vèncer la musulmana escòria i assolirem el llor de la victòria. Vostre poder diví, incommensurable, que al Mar Roig a milers enfonsà un dia, aquell quin poder incontrastable pot fer pols l'atrevida gosadia. ¡Vine en nostra defensa, oh Déu amable! Nostra ferma esperança en Vós confia! Sigau escut i espasa en esta guerra, la mitja lluna enderroqueu per terra! Protegiu-nos, sagrada Verge Pura! Doneu alé a ma gent intimidada, perquè va sa constància poc segura amb les despulles de sa pàtria amada. Ha augmentat de les penes l'amargura a on la voluntat, desanimada, força al greu fàstic, fa por pels rigors, temença al dany i odi a les clamors! Envieu-nos, Senyor, a Jordi amat, nostre insigne Patró, flama sagrada, i que ens done en la lluita el bon costat. Quede a les seues plantes espoliada la mitja lluna, quede arruïnat el perfid Alcorà, secta malvada, i veja's l'alcoyà lliure i en pau de l'enemic que vol tornar-lo esclau. (Acercándose al Castillo, continúa):! Ah del Castillo ¡ ! Ah del fuerte !

CENTINELA. - ¿Quién vive?

EMBAJADOR CRISTIANO. - Valencia, mi patria. CENTINELA. - ¿Y qué pretendes, cristiano?

EMBAJADOR CRISTIANO. -Vengo a dar una embajada al jefe de ese Castillo; avísale, di que salga.

CENTINELA. - ¿Aún insistís, infelices, con importunas demandas? ¿Aún no estáis desengañados? ¿Aún queréis pruebas más claras, testimonios más patentes del poder de nuestras armas? Confesaos inferiores, humillad vuestra arrogancia, deponed vuestra soberbia, cese ya vuestra jactancia; buscad otro domicilio, que en Alcoy ya no hay entrada, pues necios la despreciasteis cuando con paz se os brindaba. Vuestra inútil resistencia ha sido causa de que ahora sólo halláis en Alcoy puertas cerradas.

EMBAJADOR CRISTIANO. -No es tu misión, centinela, más que el pasar la palabra; cumple con tu obligación para atender mi embajada; mi demanda observa bien, porque si no, a voces altas yo mismo le llamaré. ¿Qué respondes, di? ¿Qué aguardas? (Salen el Capitán, Alférez,

EMBAJADOR MORO y séquito.)

CAPITÁN MORO. -No te impacientes, cristiano, y mira que la desgracia va en pos de todos vosotros. No es tiempo ya de esa insana, infatuada altivez; sí de venerar las altas vencedoras Medias Lunas y banderas musulmanas.

EMBAJADOR CRISTIANO. -Es verdad, pero al vencido nunca, señor, se le trata ni menos se le recibe con tal desprecio. Mi patria trata a los embajadores como a personas sagradas y como a tales les mira. No un centinela, el monarca es quien les recibe afable, les venera y agasaja. A más de esto, mi impaciencia procedía y dimanaba del deseo que tenía de ponerme a vuestras plantas y cumplir mi comisión.

CAPITÁN MORO. - Dila, pues, pronto.

EMBAJADOR CRISTIANO. - Escuchadla. Alcaide insigne, grande y valeroso, cuyas proezas y heroicas hazañas preconiza y publica por el orbe el sonoro clarín de inmortal fama. Oye atento, señor, para bien vuestro, mi comisión, mi encargo, mi embajada. Digresiones e hipérboles fingidas, adulaciones y lisonjas vanas excusaré en un todo, pues empleo, cual buen aragonés, pocas palabras. Mas si acaso lo vivo de mi genio, agregado al dolor que me acompaña, me hiciere prorrumpir en expresiones desatentas y poco moderadas, desde ahora, para entonces, os suplico, que procuréis, señor, disimularlas. Esta villa que estáis ahora ocupando es mi madre, señor, pues es mi patria; y al mirarla en poder de ajenos dueños, de tristeza y dolor se oprime mi alma. De mis padres y abuelos es sepulcro, pues sus huesos en paz aquí descansan; esta memoria triste devora con dolor indecible las entrañas. ¿Y juzgaréis poder desentenderme con criminal olvido de esta causa? De una parte, el amor que la profeso; de otra, el derecho a ella, me coartan a defenderla a costa de mi sangre, y a costa de mi vida, a rescatarla. Lo mismo que yo digo dicen todos mis hermanos y amados camaradas; ellos desean lo que yo deseo, que es el ver nuestra patria restaurada, y todas sus familias restituidas a sus propios hogares, a sus casas. Esto, sumiso, os pide el alcodiano, sólo a esto se reduce mi demanda; en paz dejadnos; ésta es nuestra tierra, nuestra cuna feliz, nuestra morada. Marchad a vuestro suelo originario, que el derecho de gentes ya declara que cada cual habite aquella tierra que del Cielo heredó. Esa infundada ambición y codicia que os domina en querer sojuzgar

la tierra hispana, soy de sentir y creo no equivocarme, que os tienen que costar sobrado caras. Mis amados patricios, impacientes, de mi mensaje la respuesta aguardan, y en caso de no hacer lo que yo os pido, un terrible escarmiento se os prepara. ¿Visteis acaso un río caudaloso, cuyas corrientes las detiene y para un fuerte malecón y, apenas éste es roto por la fuerza de las aguas, su curso detenido con violencia e indecible furor por donde pasa todo lo arrolla, destruye y aniquila, y tras sí con rigor todo lo arrastra? De esta suerte vendrán sobre vosotros los alcodianos con fiereza tanta, que seréis de su ira vil trofeo, mísero estrago de su furia y saña. Esto os prevengo para que, prudentes, procuréis precaver vuestra desgracia. De nuestra parte está el Omnipotente, Aquél cuyo poder nadie contrasta; vuestra injusticia la conoce y mira y es preciso defienda nuestra causa. El enviará al Walí triunfante, ya me entendéis, a Jorge, cuya espada con fuerza irresistible y formidable cortará, cual segur, moras gargantas.

No os preciéis de invencibles, pues ya visteis al Walí en Huesca, en la feroz batalla de Alcoraz; en la toma de Mallorca; en Valencia, de nuevo hecha cristiana tras la acción del Puig de Santa Maria y en la gloriosa batalla de Alfama, donde os derrotó en fuga vergonzosa. ¿En qué fundáis, decid, la confianza? ¿Qué será de vosotros con tal Jefe, si los alcoyanos en unida alianza esfuerzan su coraje y arremeten al asalto con leonina rabia? ¿Qué caudillos os quedan sarracenos? Fenecida ya está la noble casta de Almanzor, de Yusuf, de Abderramán, héroes de la furia musulmana. No blasones con Al-Azraq, Zulema, Abrahim, Alabés, Reduán y Alba; os han de ser de muy poco remedio, pues son mezquinos de poder y alma. Si los anales de la historia antigua con reflexión leyeráis y estudiarais, sabrías las victorias conseguidas en nuestra Reconquista, iluminada por un poder celeste en el combate venciendo a toda fuerza mahometana. En la cueva triunfal de Covadonga una hueste asturiana muy escasos venció, destrozó y os puso en fuga a pesar de ser pocos en batalla, pues por cada cristiano en dicha guerra cien moros por lo menos se contaban. El poder del gran Dios allí se vio y quedó por los nuestros la cruzada. Pelayo en Covadonga y en Asturias, Alfonso en tierras de León, hollaban vuestro furor; también Fernán González os venció en la llanura castellana; Sancho el Mayor opuso a vuestro embate su poder en el suelo de Navarra; Wifredo y Ramón Berenguer rompieron vuestro ataque a la tierra catalana, y en Aragón, Ramiro os venció a todos juntando con la Cruz su noble espada. El héroe burgalés, el Cid insigne, ¿cuántas banderas holló mahometanas?

Todos fueron vuestra ruina y azote! Y, sobre todos, el que Dios depara en nuestros días para ser, sin duda, feliz restaurador de un Reino en marcha, el inmortal, invicto Rey Don Jaume, feliz aragonés de excelsa fama, cuyos triunfos igualan por entero el número que ha dado de batallas. Treinta y nueve hasta el día son sus triunfos, el Gran Conquistador todos le llaman, temedle pues, temedle, musulmanes, que apenas sepa que esta villa se halla en vuestro poderío, cual saeta vendrá a este campo a consumir venganza. Pero qué es lo que digo yo, cobarde! Antes que sepa nueva tan infausta vengaremos nosotros el agravio; que el marcial alcodiano aún se halla con valor, con esfuerzo y ardimiento para eclipsar las lunas mahometanas. Gustoso verterá su noble sangre por su Dios, por su rey y por su patria. Resueltos a ello están; esto supuesto, mirad qué respondéis a mi demanda. Si acaso resolvéis aquí quedaros, la ruina y la muerte se os prepara; mas si queréis, pensando con cordura, volvemos a entregar la villa y plaza, os saldréis sin lesión; y en fe de ello desde ahora os empeño mi palabra. Mirad qué respondéis, pues impacientes mis compatriotas la respuesta aguardan.

CAPITÁN MORO. -Si no te indemnizare de embajador el nombre, te aseguro que puede que llegare mi cólera y furor a tanto apuro, que en mis fuertes y membrudos brazoste hiciere, aragonés, cien mil pedazos. Responde a la embajada (dirigiéndose a su embajador), di a esa mísera gente. que la espero cuanto antes, pues parécenme siglos los instantes.

EMBAJADOR MORO. - Os hacen muy poca fuerza vuestra ruina y desgracia. ¡ Aún os mostráis altaneros, con despreciable arrogancia! No merecía respuesta tu embajada temeraria, mas ve y dile al que te envía que aquí Al-Azraq aguarda. Di a Pelayo que resurja, dile al gran Cid que renazca, invoca a Fernán Gonzàlez y a los demás que decantas, que se unan a ese rey aragonés de alta fama. Vengan con todas sus huestes y sus victoriosas armas, que de escabel servirán a las invencibles plantas del gran Mahomat que es terror de vuestra vencida patria. Si Don Jaume sus victorias numera por sus batallas, según ufano nos dices, puede que sea llegada la hora en que ha de empezar sólo a enumerar desgracias. Van a fenecer sus dichas y una terrible mudanza conocerá cuanto antes, que ese orgullo, esa arrogancia, esa insufrible altivez, esa molesta y pesada vanagloria, Al-Azraq es el que tiene que ajarla. Si nosotros le buscamos, tú con él nos amenazas! Nuestro gran gusto sería que ahora mismo se avistara por la cumbre de esos montes y a estos valles bajara a vindicar, como dices, vuestra vejación e infamia, para que vieses, cristiano, su altivez pronto

humillada. No arguyas sobre el derecho de posesión de tu patria; es quimérica disputa e invención sólo soñada. Si vosotros despreciasteis las ofertas tan honradas con que se os brindó, id ahora a llorar vuestra desgracia a otro sitio, que en Alcoi no hay cabida, no hay entrada. Si con armas pretendéis desalojarnos, qué infaustas desgracias se os esperan y sin remedio os aguardan! Cristiano, piénsalo bien, di a tu gente que se vaya, que busque amparo y retiro en las cuevas o montañas; que viva en paz algún tiempo si es que la vida le agrada; mas si acaso, aborrecido, la muerte gustoso abraza, di que venga, que en el sable mahometano ha de hallarla.

EMBAJADOR CRISTIANO. - Vengaremos nuestra injuria y si acaso en la campaña morimos, será con honra, que el honor es lo que abraza en toda acción el cristiano, no ambición desordenada, como domina a vosotros.

EMBAJADOR MORO. - Modera locas palabras, refrena tus locos dichos, que tu libertad se pasa a ser una desvergüenza muy punible y temeraria.

EMBAJADOR CRISTIANO. - ¿Desvergüenza es la verdad? De esa suerte, moro, hablas porque el muro te defiende, yo vengaré tu arrogancia. ¿De desvergonzado y loco me vilipendias y tratas? ¿Necios, dices, son mis dichos porque vindico mi fama? Hablas con tal libertad porque el castillo te ampara!

EMBAJADOR MORO. -También en medio del campo, con la lengua de la espada hablaré cuando tú gustes.

EMBAJADOR CRISTIANO. -Pronto será.

EMBAJADOR MORO. - ¡ Ea! Marcha. y ven luego, que te espero. EMBAJADOR CRISTIANO. -Vendré a humillar tu arrogancia.

EMBAJADOR MORO. -Vendrás a exaltar mi honor. EMBAJADOR CRISTIANO. -Vendré a vindicar mi fama.

EMBAJADOR MORO. -Vendrás a ser el tapiz de las huestes mahometanas. EMBAJADOR CRISTIANO. -Aborrezco tanto orgullo...

EMBAJADOR MORO. -Me fastidian tus palabras!

EMBAJADOR CRISTIANO. -Callemos y en la ocasión hablen sólo las espadas.

EMBAJADOR MORO. -Di a los tuyos: ¡guerra, guerra!

EMBAJADOR CRISTIANO. -Di a los tuyos: ¡armas, armas!.

ANEXO D - EMBAIXADAS DE IBI

Embajada cristiana¹⁰¹

EMBAJADOR:

Tu, en poder del musulmà castell que fon de l'Espanya, subjecte a les rudes patranyes d'un infidel muslim capità,
que a la meua Patria enganya.

Castell que fon algun jorn noble alberg de cristians,
hui subjecte als tirans
que deixaren en desconhort la nostra Patria tan estimada.

Torna a la fi al nostre poder, i allà dalt en els merlest
onetjen desde ara els gallardets que en l'orbe fon com un roquer de bravesa i
la nostra guía.

Molt de temps desconsolats i sense Pàtria vagant pels camins,
a tostemps Déu Meu, ens vérem patetjant els camps desolats,
tots famolencs, plorososo i dolorits.

Ah! Que preciós és el cel d'Ibi, tan pur como una dolça flor,
que al sol tot son resplandors en aquest volgut i aspre sol es mostra el gran
Criador.

Bell és el sol d'aquestes praderies que inunda en sa llum d'or
la somrrís dels nostres xiquets aquestes menudes criatures que son la nostra
millor joguina.

Pelegrins d'arreu el mon, els cristians sucumbiren
i ens vérem com en terra estrangera, els infidels escupiren
la nostra amorosa Senyera.

¹⁰¹ Texto retirado de <https://www.morosycristianosibi.com/wp-content/uploads/2015/03/EMBAJADA-CRISTIANA-1.pdf>. Acesso em 03 jun. 2022.

Embaixada moura¹⁰²

CENTINELA:

¡Ah del Moro!

EMBAJADOR:

¡Ah del Castillo!

CENTINELA:

¿Qué suplica?

EMBAJADOR:

Parlamento.

(Suena el clarín).

EMBAJADOR:

Tal vez dentro de un momento vendrá a tierra ese rastrillo.

Nuestra la almena será donde flota ese pendón; pues del moro el corazón ninguno resiste ya.

Que no hay un muro en España guardado por infanzones
que no abatan los peones del profeta con su saña.

Mal haya quien porfiado osa su sangre verter
sin que pueda recoger
el lauro que ha suspirado.

Mal haya quien la esperanza fió del Cristo al favor,
creyendo que su valor sobre nosotros alcanza.

¹⁰² Texto retirado de <https://www.morosycristianosibi.com/wp-content/uploads/2015/03/EMBAJADA-MORA-1.pdf> Acceso em 03 jun. 2022.

La Media Luna triunfante lleva el moro donde quiera
al paso que lastimera
la Cruz cae ante el Turbante.

Nuestro es el mundo, cristianos.
Mahoma el profeta es donde pisen nuestros pies, seremos los soberanos.

Guay del que intente oponer su fuerza a nuestra valía,
pues doquier nuestra gumía sin tregua sabe vencer.

Guarde Alá nuestro valor, y a su noble soberano
postrado vea el cristiano los pendones de su honor.

Medita bien, Capitán, lo que vas a responder,
pues tu palabra ha de ser paz o muerte a tu desmán.

Triunfadores de la tierra, los árabes del desierto,
no perdonan, no, por cierto, los estragos de la guerra.

apenas hollan las flores si les ceden la victoria;
consiguen prez y gloria marchando entre los horrores.

llenarán las almenas de esa torre de ruinas,
con flores peregrinas llevaréis nuestras cadenas.

Señores del mundo ya nuestro pie debéis besar,
esclavos veréis rodar las cabezas por Alá.

CAPITÁN:

¿Viene de paz?

EMBAJADOR:

Guarde el Cielo
al noble adalid cristiano...

CAPITÁN:

¡Salud al mahometano!

EMBAJADOR:

¡Bendiga Alá vuestro suelo!

CAPITÁN: Guerrero y embajador vuestra palabra oiré
porque bien cabe en mi fe respetar vuestro valor.

EMBAJADOR:

Yo os he visto y admirado en cien combates luchar,
yo os he visto pelear como caudillo esforzado.

Sois la prez de esta comarca, sois valiente por demás;
y en vuestras huestes jamás mi bandera oprobio marca.

Pero adversa la fortuna hoy humilla esos pendones; que a pesar de sus leones,
los rinde la Media Luna.

Vencido me viera ayer, bien lo llora el corazón;
y la enseña de Aragón flotando se vio doquier.

Y al brillo de esas espadas, que empuñáis con bizarría, confusas y en triste día
se postraron mis mesnadas.

Pero Alá con sus favores, hoy nos vuelve la victoria;
y ha dado por fin la gloria a sus fieles servidores.

¿Ni quién osa resistir entre los pueblos de España de mis gentes a la saña
ni su esfuerzo combatir?

Volved vos en derredor, Capitán, vuestra mirada,
y contemplad, ¡ah!, desolada, esta tierra de valor.

¿Qué se hicieron sus guerreros?
Sus caudillos, ¿dónde están?
¿Qué se hicieron, Capitán, en sus manos los aceros?

Pelearon cual valientes,
y murieron como bravos; los restantes son esclavos,
aunque no abatan sus frentes.

Luto eterno y luengo llanto se observan en torno de vos, tened compasión, por
Dios,
de tanto horror y quebranto.

Prosternadas las cristianas el pie besan de las moras
y son las vuestras señoras esclavas de las paganas.

Los niños, desde su cuna, pasaron a mi poder,
y con el tiempo han de ser la prez de la Media Luna.

¿No escuchasteis los gemidos de sus madres doloridas,
que enlutadas y afligidas, os vieron huir vencidos?

¿No escucháis ese clamor de los pueblos incendiados,
que en los templos profanados se eleva a Dios con terror?

Las llamas brillan doquier, caminamos entre hogueras, quemamos vuestras
banderas, sabemos por fin vencer.

Vuestra patria ya no existe, no tenéis ni aun un altar,
ni tierra donde cavar una huesa pobre y triste.

Ya no hay asilos seguros desde el uno al otro mar;
¿y aún pretendéis conservar de Ibi los débiles muros?

Cayó Toledo en su pujanza altiva del árabe al furor ya desquiciada;
y Córdoba y Sevilla las preciadas
en vano luchan contra el hado esquivo.

Saldaña se rindió, Murcia y Valencia al árabe triunfante se rindieron,
y en Játiva mis huestes recogieron de los godos impávidos la herencia.

Desde el desierto triste del Sahara hasta Cantábrica indómita, luchando,
las huestes del profeta, conquistando atónita la Europa contemplara.

Del rudo golpe la feroz valía revuelta en sangre se perdió abismada y en un
indómito cuello mi pisada
sus huellas destructoras imprimía.

¿Qué os resta, ¡vive Alá! de su grandeza?
Ni altar ni patria os reservó el destino; y vos alucinado en su camino,
del Califa insultáis la fiereza.

¿Qué es esa torre miserable y leve para el furor que guía mi algarada?
Hueco ruin que el águila elevada hará servir para su nido en breve.

Fuisteis bravos, lo sé; mas ya en el día cumpliendo vuestro honor, no será
mengua; que atento a las promesas, de mi lengua rindáis el torreón a mi valía.

Preguntad, oh soldado, al pueblo entero a quien el luto con dolor oprime;
y oíd cuál llora y en su angustia gime la paz pidiendo al adalid guerrero.

Mas si obstinado en la defensa intentas mi brío resistir, por Alá juro
que de escala a mi pie para ese muro
me han de servir cabezas mil sangrientas.

En mi poder los niños, las esposas yacen llorando esa arrogancia fiera;
la muerte si os negáis ya les espera aunque tiernos lo son y azás hermosas.

Responded Capitán que Ibi sucumba y acepte del Califa el poderío;
 encontrareis abierto por mi brío
 para el pueblo de Ibi una ancha tumba.

(Rumores del pueblo)

UN HOMBRE CRISTIANO:

¡Nuestros hijos, señor! ¡Piedad por ellos!

CAPITÁN:

¡Silencio os digo y escuchad ahora lo que un cristiano a la arrogancia mora
 responde con honor por protegeros!

Y vos moro que, valiente, sabéis tan bravo luchar;
 vos que sabéis apreciar; aunque enemigo inclemente, del adversario el honor,
 vos soldado y caballero,
 le aconsejáis a un guerrero que sea al fin un traidor...

Yo traidor, ¡oh!, vive el cielo, que si fuera otro que vos,
 os llamara, ¡vive Dios! el más villano del suelo.

¡Yo traidor! ¡Yo de mi fe, desgraciado, renegar!
 ¡Yo mi castillo entregar para ollarlo vuestro pie!

Sin duda que habéis creído al hablarme vos así,
 que pensáis hallar aquí a un vil esclavo rendido.

La España tuvo un traidor y si el conde don Julián
 cometió su atroz desmán en su inicuo deshonor,
 recordad que en esta almena a un Guzmán de nuevo halláis; a quien dispuesto
 encontráis a no arrastrar la cadena.

Si habéis en vuestro poder nuestros hijos desolados;
 si a fuer de malos soldados los hicieran perecer;

y si con sangre inocente mancháis así los blasones
que los fieros corazones repugnan tan noblemente;

matarles, moro, podéis a la vista de este muro;
que nuestra fe, yo lo juro, por eso no doblaréis.

Nobles mártires al cielo por su patria se alzarán;
y a nuestro Dios rogarán por sus padres en el suelo.

Peleáis hoy con los bravos, con cristianos de valor,
y sepa el Embajador
que aquí no alientan esclavos.

Por la patria y religión, por el Rey y por la fe;
florando altiva se ve esa enseña de Aragón.

Si alcanzarla apeteceís y arrancarla deseáis,
o entre escombros la encontraréis
o por Dios pereceréis.

Y tú, pueblo, que a temblar no hace mucho aquí empezabas,
y por tus hijos llorabas, dispuesto a capitular,

¿verás con inicua calma, profanados tus altares
y elevar entre cantares
de impío triunfo la palma?

Espanoles y cristianos; teniendo el antiguo valor
¿no tembláis ante el horror de servir a esos tiranos?

¿Juráis perecer aquí?
¿Juráis defender la fe? Yo en vosotros confié
¿Debemos morir?

PUEBLO:

Sí, Sí.

CAPITÁN:

¿Soldado y cristiano yo, admirando ese denuedo,
de Ibi el castillo puedo al moro entregar?

PUEBLO:

No, no.

CAPITÁN:

Lo oísteis ya, Embajador, ya mi respuesta tenéis;
pues aquí encontrado habéis españoles con honor.

Guerra a muerte entre los dos.

Guerra a muerte al Musulmán: esto os dice el Capitán;
su causa la juzgue Dios.

EMBAJADOR:

Bien el orgullo se advierte de vuestra sangre española,
en esa respuesta sola
que dais a un caudillo fuerte.

Bien conozco al español que altivo en sus mismas penas, desde sus pobres
almenas

alza su orgullo hasta el sol.

¿Guerra a muerte declararéis?

Pues guerra a muerte os haré y en polvo convertiré
las murallas que guardáis.

Caiga Ibi destrozada al choque de mis guerreros; confúndanla sus aceros
y húndala al fin mi mirada.

¿Quién os podrá salvar de mi venganza y furor?
En vuestro inútil valor,
¿a quién osáis invocar?

CAPITÁN:

Al que Dios de tierra y Cielo hoy protege nuestra fe;
y cristianos hoy nos ve sostener la fe con celo.

Y a la Virgen soberana que oculta bajo su manto
de los suyos el quebranto contra vuestra fuerza insana.

Dispéñanos tu favor madre de Desamparados,
y libra hoy a tus soldados del Mahometano furor.

Si en la demanda morimos, como cumple a los cristianos,
y valientes a las manos con vosotros hoy venimos;
¡San Jaime! ¡Y a la pelea! Nuestra causa es la de Dios;
y el que venza de los dos coronar su triunfo vea.

Si perdemos los altares por los moros derribados,
y en los templos incendiados no resuenan los cantares;
de Cristo la bendición doquiera nos seguirá y para Dios servirá
de altar nuestro corazón.

Y a la falta de altares de oro, las tumbas serán el ara
donde el cristiano prepara por sacrificio su lloro.

¡Cristianos! ¡A pelear!
¡Mis guerreros, a morir!
Y antes hoy que sucumbir, luchemos para triunfar.

EMBAJADOR:

Luchemos, pues, Capitán, bandera contra bandera,
que ya la victoria espera

por su esfuerzo al musulmán.

¡Mahoma por el creyente!

¡Guerra a Cristo y a su fe!

CAPITÁN:

Yo al impío arrojaré la sangre sobre su frente.

PUEBLO:

¡Guerra! ¡Guerra contra el moro!

CAPITÁN:

¡Guerra! ¡A las armas volemós y a ese pendón conservemos
su brillantez y decoro!

Y vos, Embajador,

por respuesta os llevaréis las cabezas que veréis palpar en derredor.

EMBAJADOR:

¡Guerra, pues! ¡Guerra y venganza!

CAPITÁN:

¡Guerra a muerte al Islamismo!

EMBAJADOR:

¡Cadenas al Cristianismo!

CAPITÁN:

¡Al pueblo fiel la esperanza!

Mes... preguérem de nou el batoll a través de muntanyes i de planes, farcides
d'espines i escombralls,

fins arribar a posar el genoll davant l'Altar que és taula de pau.

Llarga lluita ha precedit d'aquest trionf l'alta glòria, sempre trastejant la victòria.

Amb sang i ferro s'ha construït la brillant senda de la història.

L'àrab a la fi llançarem de la nostra Pàtria i llar davant del Senyor entonarem un
rítmic i agraït cantar
per l'ineludible triomf final.

Abaix el terrible bastió d'oprobri per el cristià.
Abaix el ramat mahometà que ha cobert d'indignació la nostra gent, inhumà.

Si sang demanen, en donarem tanta, per aplacar son furor,
que molt be podrà l'opressor amb la sang que li brindàrem ofegar son rancor
obtús i afrós.

El valor no ens ha de mancar en aquesta definitiva empenta,
la valenciana host ha de lluitar fins ofegar la greu ofensa
del muslim, que hem d'extirpar.

Un petit esforç no més i la victòria serà nostra,
lesa Barres lluiten, fent patent la força del seu orgull
amb la seguretat de l'intent.

Però... sense Vos, nosaltres qui som Verge Maria, apiadeu-vos Senyora,
doneu-mos la vostra alta bendició concedint als teus fills el valor.

Reina i Mare dels Desemparats, impetra per a Ibi bendicions,
derrama ta bondad en ses legions i prega per elles al Senyor.
Mare de Déu dels Desemparats escolta el prec d'aquest poble
que davant Vos queda postrat i amb el teu favor esperançats.

No ens abandoneu Verge Maria, no ens llanceu a l'horror
de la esclavitud, de l'agonia, ni al refús de la fe verdadera.

Prega davant del Criador

¡Oh Mare dels Desemparats!

Per els teus fills d'ardent cor i valor, que et prometen un Altar en ton honor.

Acolliu-nos Mare, amb pietat i dolcesa per la glòria de Déu i sa ventura doncs trionfarà la nostra intrepidesa o jeurem trobant ací la sepultura.

(Se acerca al Castillo y dice)

¡Ah del moro!

CENTINELA:

¿Quién va allá?

EMBAJADOR:

Un cristiano.

CENTINELA:

¿De paz vino?

EMBAJADOR:

Con las armas, el camino hasta aquí se ha abierto ya.

CENTINELA:

¿Qué suplica?

EMBAJADOR:

Yo no ruego;
quien pueda debe mandar.

CENTINELA:

¿Vino acaso a platicar?

EMBAJADOR:

Y al Bajá hablar quiero luego.

BAJÁ:

Alá os guarde, Embajador,

¿Invocáis en esta tierra,
en vez de lances de guerra, la mano de un protector?

¿Conocisteis que expirante de España yace el león?
¿U os sentís el corazón
ya débil ante el turbante?

¿Qué suplica vuestro Rey?
¿Rendido el aragonés os envía a nuestros pies aceptando nuestra ley?

EMBAJADOR:

Mal pensasteis del valor de este pueblo endurecido,
y sepa el Bajá atrevido
que sobran hombres de honor.

Y sepa que la bandera que el cristiano levantó,
ni el moro la destrozó ni confundirla pudiera.

Hoy os ofrezco, Bajá, la paz que habéis menester, y pensad al responder
que ese fuerte caerá.

Dueños de España, Señor, donde quiera hemos plantado
la alma Cruz, que entusiasmado el orbe la dio esplendor.

Y sólo en ese peñón hoy se alza la Media Luna,
y fuera asaz importuna vuestra fe en ese pendón.

Vuélveme a Ibi, Capitán, vuélveme la patria mía;
donde ledos algún día mis restos descansarán.

Y deja, al fin, que adoremos al Dios que adoraba el Cid;
y pues sois noble adalid cual cumple capitulemos.

¿Qué esperáis en esta tierra ya hundido vuestro poder?

¿Qué podéis apetecer
si os es contraria la guerra?

Ya no encontráis, Capitán, un pueblo que vuestro sea;
ni un castillo donde lea vuestros libros un imán.

Errantes de breña en breña caminan vuestros hermanos,
y doquiera a los cristianos se humilló su altiva enseña.

Al África que os lanzó, moros valientes, volved,
y allá en el desierto sed
lo que aquí el cielo os negó.

si entre el pueblo cristiano gustáis más permanecer,
el Rey que sabe vencer, os dará su amiga mano.

Mas si fieros y obstinados con peligro os resistís,
y en la defensa insistís, porque sois bravos soldados;

recordad bien que el león de España no vuelve atrás
y que sus garras jamás las rompió duro peñón.

Nuestra patria conquistamos con sangre morisca a fe;
y do llegó nuestro pie, nuestra bandera plantamos.

Vos que sois buen adalid, o abandonáis esta tierra,
o entre la paz y la guerra, valiente Bajá, elegid.

Y ay de vos si mis leones en la lucha sucumbieran
y en Ibi no consiguieran levantar hoy sus pendones.

Hoy os ofrecen, Bajá la paz que habéis menester, y pensad al responder
que ese fuerte caerá.

BAJÁ:

Por demás está valiente,
mi señor Embajador, pues consulte a su valor y no a mi atrevida gente.

Nuestras conquistas perdimos perdimos nuestra grandeza,
y doquier nuestra cabeza ante vosotros rendimos.

Todo al fin desapareció cuando cayó mi mesnada
sólo me resta la espada
y el fuerte que mando yo.

Vuestra la España será, vuestro el triunfo es casi cierto; volveremos al desierto
y esta gloria os quedará.

¡Mas ceder yo la fortuna sin disputar la victoria!
eso no; por la alta gloria que ciñe la media luna.

Como buenos peharemos si a Ibi queréis ocupar,
pronto lo vais a lograr; nosotros os lo daremos.

Pero entre escombros marchad; sobre muertos pasaréis,
y entre muertos cantaréis vuestra nueva libertad.

Decid esto a vuestro Rey, que los moros caballeros
no mancharon sus aceros ni acataron otra ley.

Vuestro Ibi habrá de ser, y si en él queréis entrar,
o nos habéis de matar
o en el trance perecer.

EMBAJADOR:

¿En la defensa insistís?

BAJÁ:

Nuestras armas guarde Alá.

EMBAJADOR:

Vuestro orgullo caerá.

BAJÁ:

¡Altivo, señor, venís!

EMBAJADOR:

¡Nuestras armas acompaña Virgen de Desamparados!

BAJÁ:

Del poder de mis soldados

María no libra a España.

EMBAJADOR:

Ella alienta del cristiano con su bondad el valor...

BAJÁ:

Será el oprobio mayor

si hoy os vence nuestra mano.

EMBAJADOR:

¿Queréis guerra?

BAJÁ:

¡Guerra a muerte!

EMBAJADOR:

¡Santiago por Ibi! ¡Guerra!

BAJÁ:

¡Oprobio sobre esa tierra!

EMBAJADOR:

Maldición sobre ese fuerte.

BAJÁ:

¡Musulmanes! Guerra a España

EMBAJADOR:

¡Cristianos! Valor y fe; que por Cristo humillaré
de ese bárbaro la saña.

Suene al punto de la trompa el eco marcial, cristianos;
y a los rudos mahometanos la Cruz por nosotros rompa.

¡Sus! Valientes, que este día o ante Ibi perecemos
o tumba aquí encontraremos hoy mártires de María.

Y el que cobarde se vea vertiendo menguado lloro,
que en poder del rudo moro esclavo por siempre sea.

Y a ti moro, en tu fiereza por mi Dios sagrado juro
que a mi vez sobre ese muro iré a buscar tu cabeza.

BAJÁ:

La tuya al Rey de Aragón
con los tuyos mandaré, y en respuesta le daré
de sus huestes el baldón.

EMBAJADOR:

Que resuena la trompa guerrera, y al asalto, valientes, volemós,
y a la Virgen María invoquemos si desmaya en la lucha el valor.

Si morimos, la fe nos reserva otra patria más grata en el cielo,
hoy salvemos del moro este suelo para gloria de España y honor.